sweet fall

A Sweet Home Novel

TILLIE COLE

TRT e PL

Staff

Disponibilização: Soryu

Tradução: Claudia Silva

Revisão Inicial : Angeli

Revisão Final: NYorkerGirl

Leitura Final: Alessandra

Formatação: Dadá

Informações da Série

Sweet Home, by Tillie Cole

Distribuídos **Lançamento** **Próximo**

Sinopse

Todos temos segredos

Segredos bem enterrados.

Até que encontramos a alma que faz o peso desses segredos um pouco mais fácil de suportar.

Lexington "Lexi" Hart está em seu último ano na Universidade de Alabama. Rodeada de suas melhores amigas, sua família carinhosa, e tendo realizado o sonho de toda sua vida de estar na equipe de animadoras de torcida dos Crimson Tide, tudo caminha exatamente como ela sempre sonhou. Mas debaixo de sua fachada de felicidade, os demônios a espreitam, ameaçando tudo o que ela tanto se esforçou para ter. Quando os acontecimentos de sua vida se tornam terríveis demais para enfrentar, Lexi se encontra cara a cara com seu maior medo. Lexi se apaixona profundamente, vítima, mais uma vez, da única coisa que pode destruí-la e, no caminho, se vê nas perigosas mãos de um homem tatuado que anda do lado equivocado das vias.

Austin Carillo, receptor estrela do Alabama Crimson Tide, deve ser escolhido no draft da NFL deste ano. Precisa disso. Seus irmãos precisam. Mais importante ainda, sua mãe precisa desesperadamente. Criado em um mundo onde os pobres são esquecidos, os doentes são deixados por conta própria e onde nenhum herói aparece milagrosamente para tirá-lo do inferno, Austin não tinha outra opção alem de ganhar a vida no lado errado da lei,

até que o futebol ofereceu a Austin o bastante para leva-lo ao caminho certo. Mas quando uma tragédia familiar o coloca novamente nas garras da gangue podre que ele acreditava ter deixado para trás, Austin se encontra caindo de novo no caminho dos delitos e se envolvendo na escuridão sufocante. Até que um espírito cheio de conflitos tropeça em seu caminho.

Austin rapidamente descobre que está se apaixonando por uma moça, uma moça que simplesmente poderia ter o poder para salvá-lo de seu pior inimigo: ele mesmo.

Duas almas opostas poderiam encontrar uma paz duradoura se permanecerem juntas? Ou sucumbirão aos demônios que ameaçam destruí-los?

Fala-me cada manhã,

O amanhecer de cada novo dia,

impedindo de comer,

Minha cabeça esta onde permanece.

Despoja-me de minhas cargas,

Da sensação de fome, de dor,

Guia-me à perfeição,

Tome livremente o controle.

Estará comigo para sempre,

Disto não tenho escolha,

Minha amiga, minha inimiga, minha consciência,

É Ana, essa é a voz...

Tillie Penetre

Prólogo

Querida Daisy,

Peso: 44.500 kg

Calorias: 2000

Esta é minha primeira carta para você - bom, o primeiro registro em meu diário, quero dizer.

Desde que me deixou, realmente não sei com quem posso falar, assim decidi continuar falando contigo... Por meio de caneta e papel. Em lugar de nossas conversas noturnas no telefone sobre nosso progresso do dia, vou desabafar aqui. Contarei meu peso, a quantidade de calorias que comi.... Como era antes.

Mas isto não é como antes, certo?

Não é o mesmo. O contato não é suficiente, mas é tudo o que tenho... Tudo o que restou, Daisy[1], minha melhor amiga.

[1] Daisy aqui pode ser traduzido como margarida.

Estou sentada aqui agora, sob o sol abrasador do verão e à sombra de um enorme pinheiro... junto a sua tumba. Você morreu, Daisy! Como chegou a isto?

Estou deslizando minha mão pela lápide de granito escuro, maravilhosamente brilhante, meus dedos contornando as letras de seu epitáfio:

"Ela ocultou suas lágrimas, mas compartilhou seus sorrisos."

Assim foi você, Daisy, sorridente na superfície, mas muito frágil para este mundo em seu interior. Nunca deixou que essa fragilidade se mostrasse, entretanto - estava sempre sorridente através da dor. Usava uma máscara, que dizia ao mundo que estava tudo bem, mas o tempo todo você esteve morrendo por dentro.

Sei disso, pois levo essa máscara também.

Você sempre foi minha rocha, a única pessoa em quem eu podia confiar. Mas me deixou aqui, só e perdida sem você. Não sei qual é o meu lugar sem a tua presença neste mundo aterrador, um mundo cheio de dor, exigindo constantemente que sejamos perfeitos.

Pensei que nunca seria desta maneira. Estávamos destinadas a caminhar juntas por esta vida, sobreviver juntas. Mas assim como a flor da qual herdou seu nome, você prosperou por um tempo - no entanto, delicada demais para durar, murchou e morreu.

Suas últimas palavras para mim foram: “viva por nós duas”. Fazê-lo me assusta e atrai mais a cada segundo. Eu vou tentar. Prometo-lhe isso; este ano, eu vou tentar. Mas pensamentos ruins já infestam minha mente. As inseguranças me perseguem a cada dia.

Não sei como purgar tais pensamentos horríveis... ou suas palavras apavorantes.

A voz é tão poderosa em minha mente, e só você podia entender o que é isto. Temo que sem sua presença aqui, essa voz vá ganhar. Temo que sem você aqui, eu vou perder esta luta sem tréguas. Tenho medo que sem você, eu vá ouvir suas palavras, e acabarei caindo nas garras de ferro de meu maior medo.

Oh, Daisy, enquanto estou sentada aqui neste cemitério silencioso e pacífico, uma parte de mim deseja estar no céu contigo! Não estou certa de ser forte o suficiente para continuar e, nesse mesmo instante, a voz me provoca e zomba de mim, vinda da parte mais escondida de minha mente.

— É repugnante. É um monstro —.

A voz sussurra sem pausa, dia e noite, destruindo meus sonhos e me obrigando a ceder.

Daisy, tenho medo de que sem sua presença em minha vida, eu cairei... De novo.

Capítulo 01

Lexi

Universidade de Alabama,

Tuscaloosa, Estados Unidos da América

Três meses depois...

Milhares de pés batiam nos degraus, soando como trovões agressivos no Bryant-Denny. O aroma de grama em um dia de verão, de suor e de adrenalina pairava para o túnel do campo.

O jogo. O jogo do Alabama Crimson Tide. O jogo de abertura dos famosos Crimson Tide contra os Chattanooga Mocs.

Meu coração bate forte, minhas mãos suam, e eu ajeito meu uniforme vermelho só para ocupar minhas mãos tremulas. Um dedo estala a frente do meu rosto, e eu levanto o olhar para encarar a chefe de torcida, Shelly Blair.

—Estão preparados? — Ela pergunta bruscamente, os longos cabelos vermelhos perfeitamente arrumados sobre seus ombros. Assinto e me aprumo, e um sorriso presunçoso se abre em seus lábios. - É melhor que o esteja mesmo, gótica. Há oitenta mil pessoas lá fora hoje, e vamos voar. — ela se aproxima mais. — Não estrague as coisas. Tem que mostrar que é digna deste lugar.

Gótica. Shelly se refere a meu cabelo negro até o queixo, maquiagem em meu rosto pálido e olhos delineados de cor escura.

—Não se preocupe — digo com os dentes serrados. Um brusco assentimento é a única resposta que eu recebo antes dela se virar e tomar seu lugar à frente de nossa grande equipe mista.

—Tudo dará certo, Lexi. — Lyle, outro membro da equipe e base da minha equipe de acrobacias me diz enquanto toca meu braço em apoio.

Eu tinha esperado quatro anos por este dia. Quatro anos para estar de volta à equipe. A maioria dos animadores se perguntava por que eu só tinha tentado no ano passado, e não antes, mas uma vez que eu mostrei a eles o meu triplo-giro-de-costas, não houve mais dúvidas a meu respeito, e me colocaram diretamente na equipe Crimson, a melhor equipe, a equipe que animava todos os jogos de futebol, em casa e fora dela. A equipe em que todos ansiavam ficar.

—Eu sinto náuseas — disse a Lyle quando vislumbrei o pensamento de enfrentar todo o corpo estudantil e mais, só em

meu minúsculo uniforme. — Me passa uma garrafa do Gatorade azul.

—Bebe isto, em seguida, concentre-se no jogo, mocinha. Saímos em dois minutos.

Faço o que ele me disse para fazer, tomando uma respiração profunda.

Dois minutos.

Cento e vinte segundos.

Até tudo pelo que trabalhei durante anos se tornar realidade.

Toda a minha reabilitação. Todo meu trabalho duro - tudo era para isso.

Este momento.

Esta é a única oportunidade de recuperar o controle de meus demônios.

De enfrentar meu maior medo.

De lidar com o que me levou à minha área escura.

Para superar o que quase me matou.

A Banda Million Dollar começa a tocar. Observo sua complexa formação do meu lugar. Os tambores rodam. Com um crescente da seção de trombeta, Big Ao, o elefante mascote da escola, passa

entre a equipe e derrapa na quadra de esportes, e sua entrada teatral incentiva à multidão ainda mais.

Os fãs dos Tide enlouquecem.

Minhas pernas estão pesadas enquanto salto no lugar, me preparando para correr para a quadra de esportes. Você pode fazê-lo, Lex. Já não há um gatilho, eu digo, repetindo meu mantra em minha mente.

Tem certeza disso, Lexington? Todo mundo vai te ver. Cada giro, cada salto, cada acrobacia.

Congelando no lugar, aperto os olhos para a voz familiar, tentando conter seu caminho para meus pensamentos, tentando desesperadamente silenciá-la.

Sinto-me bem e saudável, eu me asseguro, me esforçando ao máximo para neutralizar seus comentários maldosos. Você é uma boa atleta, a melhor líder de torcida, a melhor ginasta aqui.

Umm... Eu não penso assim. Olhe para Shelly. Ela é perfeita. Magra, bonita. Tudo o que você não é.

Cale-se! Exijo mentalmente enquanto aperto a ponte do meu nariz entre meus dedos, respirando ritmicamente para rebater as palavras avassaladoras da voz.

Você é muito pesada para ser a trapezista. As bases de acrobacias pensarão que você está muito gorda. Elas ridicularizam você, fazem piada... riem de você, a voz zomba.

Não! Está errada. Não vou deixar de fazer isso! Você não vai ganhar. Não vou cair em sua armadilha novamente! Grito mentalmente, e um silêncio feliz envolve minha mente. Com um suspiro de alívio, abro os olhos. A voz se foi. Eu ganhei esta batalha - mas sei que a guerra ainda não tinha terminado.

Lançando um olhar rápido ao redor do túnel, eu relaxo quando percebo que só se passaram alguns segundos.

Lyle de repente está na minha frente.

—Você está preparada, mocinha? — Pergunta com sua voz animada. Uma excitação nervosa passa por mim enquanto concordo.

Era para isto que eu vivia.

O dia do jogo.

A atmosfera.

Fazer o que amava.

Eu tinha sentido saudades disso.

Ansiava por isso.

Queria desesperadamente tudo de volta.

A multidão estala quando Shelly sai da fila e salta para a quadra de esportes. Meus pés se movem com nervosismo quando começo a correr, deixando que minhas pernas se animem com a

experiência, levando-me para frente para a ribalta, e para o meu tempo no centro das atenções no sol escaldante.

Meu coração se contrai com a visão: a gama de vermelho e branco da multidão, a magnitude da banda, a equipe de líderes de torcida vestidas de branco do lado oposto do campo, as garotas animadas entre a multidão, os megafones... a emoção.

Ao chegar à linha lateral, tomo meu lugar enquanto Shelly grita a canção de abertura.

—Crimson Tide, Roll Tide, Roll Tide. - Oitenta mil pessoas cantam juto com ela, em perfeita sintonia.

Os poderosos movimentos de dança fluem pelo meu corpo com precisão perfeita, minha voz é clara e forte, e a resposta da multidão alimenta minha energia.

O apresentador pega o microfone e, em voz alta, chama a equipe. O ruído no Bryant-Denny é ensurdecedor, e meu coração bate em uníssono com o pisotear da multidão. Então, a partir do túnel, Jimmy-Dom, defesa meio-campista e namorado de minha melhor amiga Cass, lidera o caminho, seguido por Austin Carillo, o receptor estrela extremamente tatuado.

O resto da equipe irrompe fora do túnel como se estivessem saindo de uma fortaleza. Era uma irmandade. O último a sair é Rome "Bullet" Prince, o quarterback estrela do SEC, e então o lugar enlouquece.

A multidão se silencia, os jogadores tomam suas posições, e o apito para o saque inicial soa ruidosamente.

Três horas mais tarde nós tínhamos ganhado o jogo. Carrillo marcou três touchdowns, e os Tide se levaram a W dos Mocs, com uma abertura de temporada perfeita.

Em poucos minutos a multidão começou a deixar o estádio, e a equipe de animadoras correu de volta para o túnel, comemorando a vitória.

Vagando na parte de trás, simplesmente observando a cena, eu fiquei sozinha. Era estranho ver o estádio tão silencioso – era até um pouco apocalíptico, como o rescaldo de um grande evento catastrófico. Copos de plástico vermelhos estavam espalhados nas arquibancadas, confetes estavam espalhados no gramado, e o espesso cheiro de cerveja velha agarrava-se ao ar úmido.

—Um pouco estranho, né? — Disse uma voz com um profundo sotaque do Alabama a meu lado.

Deixando cair meus pompons pela surpresa, coloco uma mão sobre meu peito. Captando o brilho de uma camiseta do Crimson,

olho para cima, bloqueando o sol que estava cegando meus olhos com a mão, e de repente perco o fôlego.

—D... Desculpe, mas o que? — Pergunto em voz baixa, inclinando meu pescoço para ver o rosto do menino.

Quando chegou à sombra, ele apareceu. Austin Carillo, o receptor, o número oitenta e três.

Carillo se aproxima mais de mim, de seu lugar isolado junto ao túnel dos jogadores e as arquibancadas.

—Isso. A calma após a tempestade. — Ele faz um gesto para o estádio vazio com a mão. — É a minha parte favorita do jogo.

Eu sigo o movimento de sua mão.

—Sua parte fovorita não são os três touchdowns que marcou?

Os cantos de seus lábios se curvam em um sorriso relutante. Eu tinha visto Carillo pelo campus ocasionalmente pelos últimos três anos, mas acho que esta foi a primeira vez que tinha visto ele fazer algo parecido com um sorriso. Eu não estava surpresa, porem. Ele era como eu: muito oculto, muito tranquilo, introvertido.

Austin Carillo era o menino italiano mau da UA[2]: um metro noventa e três, bonita pele oliva, muitos piercings, brincos pretos em suas orelhas, tatuagens do pescoço aos pés, cabelo preto e olhos marrons muito escuros.

[2] UA: Universidade de Alabama

Sinto-me corar. Se eu tivesse um tipo de menino, seria como ele. Mas eu não tenho encontros, e pelo que ouvi, ele também não.

—Nah. É isso. O replay da partida em minha mente, as lembranças neste campo.

Uma sensação de paz flutua sobre mim pela maneira como ele descreve.

—Sei exatamente o que quer dizer — respondo melancolicamente e inalo o cheiro da comida gordurosa, esmagada na grama... a vitória.

Austin olha para trás para dentro do túnel, e sem outra palavra, ele começa a se afastar. Fico olhando a quadra de esportes e suspiro de alívio... eu tinha feito. Realmente sobrevivi ilesa ao jogo.

A voz interior não tinha tido a força para me arruinar.

—Já era hora de pelo menos uma vez, de fato! —De repente escuto e olho atrás de mim, diretamente para Carillo.

—Você está falando comigo? — Pergunto confusa, olhando a nosso redor para ver se há alguém mais aqui.

Austin sorri de uma maneira deliciosamente obscura e faz um gesto em direção ao meu cabelo e rosto.

—Sim, estou falando com você. Já era hora de que uma garota pompom aqui que quebrasse o padrão. É bom ter uma pessoa extravagante como nós nesta equipe.

Pessoa extravagante como nós? Penso, mas tudo que posso fazer é olhar como ele desaparece nos vestiários. Meu coração bate forte em meu peito, e levanto minha mão, passado os dedos por meu cabelo e batom preto, e sinto uma vibração no peito... extravagante como nós...

Vendo a equipe de limpeza entrar em estádio, rapidamente me abaixo, arranco uma parte de grama do campo, e pego uma folha. Era minha tradição. Uma pequena lembrança de cada jogo que tinha animado... mas este seria o primeiro em quatro anos.

O símbolo da minha nova vida.

Recolhendo meus pompons, me dirijo aos vestiários. Não podia esperar para chegar em casa e escrever, contando tudo a Daisy.

Capítulo 02

Austin

—Vá, rapaz! Quatro ponto dois no tabuleiro de quarenta jardas! Segue tendo esses tempos e estará na primeira ou segunda ronda do draft, certamente — Grita o treinador Cline, meu treinador de atletismo, enquanto cruzo a linha de quarenta jardas.

Foi poucos dias após da partida contra os Mocs, e a prática de futebol estava chutando minha bunda.

Curvo-me, recuperando o fôlego, quando ouço:

—Carillo, escritório do treinador, agora!

Me endireito, dando uma olhada para o campo para ver o treinador de defesa Moore gesticulando em direção ao escritório.

Olho para o treinador Cline.

—O que foi que eu fiz?

Suas sobrancelhas se franzem e balança a cabeça.

—Eu não tenho ideia, filho. Agora vá lá e descubra. Temos mais exercícios para executar.

Em menos de dois minutos, estava na porta do escritório do treinador, e bato duas vezes na porta de madeira polida.

—Entra Carillo — diz o treinador desde atrás de sua mesa. Se não estava no campo, sempre o encontrava atrás de sua mesa.

Entro na sala e me sento em frente a ele. O treinador olha para cima da pilha de papéis em sua mesa, tira os óculos e esfrega suavemente ao redor dos olhos.

Isso não parece bom. Ele estava ansioso.

—Por que estou aqui, treinador? — Pergunto com cautela.

Deixando cair suas mãos, se inclina para frente, com os cotovelos sobre a mesa, olhando diretamente em meus olhos.

—Recebi um telefonema do reitor hoje.

—Está tudo bem. E por que isso me preocupa? —Pergunto duramente. Não tinha feito nada de errado em mais de três anos aqui nos Tide. Não tinha nada a esconder. Especialmente do treinador.

—Temos um problema no campus, e me pediu para falar com você, ver o que sabe.

—Que tipo de problema? —Pergunto, confuso.

—Um problema com drogas — Responde diretamente e espera que eu diga alguma coisa.

Um problema de drogas. As drogas aparecem no campus e imediatamente pensam em mim.

—Não tenho nada a ver com isso —Digo com firmeza.

O treinador apenas balança a cabeça.

—Eu não acho que você fez isso. —Enfatiza.

Meu estômago torce.

—E por que você diz isso? Quem você acha que está envolvido?

Eu sabia, é claro, mas queria ouvir de sua boca. Eu queria ouvir sua acusação contra meu sangue em voz alta.

—Houve alguns rumores de que alguém que se parece com você foi visto no campus, traficando com cocaína. —Ele suspira. —Parece com você, Austin. Está me ouvindo? Sei de apenas uma pessoa que poderia ser. —Faz uma pausa e espero, simplesmente espero. Precisava escutar o de sua maldita boca.

—Está bem, filho. Eu vou dizer. É Axel. Eu acho que é seu irmão.

Eu ri com descrença e Bulletnço a cabeça.

—Você não treinador. Você também não! Não faça isso comigo, caramba! Algum imbecil aparece no campus, traficando, e imediatamente pensam que é o menino da caravana com bolsa e conexões em Heighters. É isso?

O treinador faz um gesto para falar.

—Aust...

—Não é ele. Ele não faria isso. Não traga essa merda no meu caminho. Ele é da família. A família não se fode mutuamente. — Minha voz era fria e dura enquanto o interrompo.

Porra, eu estava zangado.

O treinador fica de pé e levanta as mãos, tentando me acalmar.

—Austin, não estou dizendo que ele seja, só que alguns alunos foram capazes de identificar a gangue envolvida. O traficante tinha uma estrela tatuada em sua bochecha esquerda, igual à que você tem. Todos nós sabemos que as estrelas são a marca de...

—Os Heighters. Minha gangue.

O treinador balança a cabeça em exasperação e se move ao redor da mesa e para diante de mim.

—Agora vou pará-lo aí mesmo. Já não é sua gangue. Você saiu...

—Nunca sai. Só os tolos pensam isso, — Digo sem rodeios.

O treinador agarra meu ombro.

—Saiu. Você veio aqui. No fim do ano, será chamado para a NFL e você vai. Você vai deixar tudo para trás.

O treinador retira a mão sob minha cabeça. Tomando um longo suspiro, eu olho em seus olhos.

—Sei que ele passou um tempo no reformatório, e sei que tem uma má reputação, mas a família vem em primeiro lugar para nós. Sempre foi. Somos italianos, treinador. A família sempre vem em primeiro lugar. Axel pode não tomar boas decisões na vida, mas não faria isso. Não faria... não para mim.

O treinador olha para o chão durante vários segundos antes de concordar.

—Então eu acredito em você. Vou deixar o reitor saber que não é ele, que não sabe nada sobre isso, e que deve procurar em outro lugar.

A escalada de tensão em meu estômago começa a relaxar lentamente. Sinto que eu posso respirar novamente.

—Austin, sei que é o homem da casa, que seu pai não fez o certo para você, tiveram um tratamento áspero e teve que fazer uma vida para sua mãe da melhor maneira que soube. Eu entendo que eles são duros... Axel, Levi evocê mesmo. Mas você tem a chance de uma vida melhor, filho. Então poderá dar o mundo a sua

mãe. Guiar Levi pelo caminho certo. Caramba, estou esperando para ver esse menino começar nos Tide no futuro.

Uma dor física cortou meu peito. Uma vida melhor para minha mãe o que, nove ou dez meses? Quando me contratassem e conseguisse meu primeiro grande cheque? Ela não tinha meses, a dura verdade que o treinador não sabia uma merda.

Como resposta, apenas pergunto:

—Estou livre para ir agora, treinador?

O treinador caminha para sua mesa e se senta novamente, colocando os óculos em seu lugar.

—Você está liberado.

Assim que estava prestes a sair, eu olho para trás, minha mão se congela na fechadura.

—Compreendo que decline para treinador, mas desta vez todos vocês estão errados.

O treinador inclina o queixo em reconhecimento, mas eu posso ver a dúvida em seus olhos. Saio, fechando a porta atrás de mim, e apoio a cabeça contra a madeira grossa.

—Bem, porra, homem, o que foi tudo isso?

Respiro lentamente pelo nariz e me viro para ver Jimmy—Dom Smith e Rome Prince, meus melhores amigos, encostados na parede oposta. Jimmy—Dom era um grande jogador da linha ofensiva do

Texas, e o cara realmente mais agradável que já conheci. Rome Prince era como meu irmão. Caramba, combinava melhor com ele do que com meus próprios irmãos, pelo amor de Cristo. Ele é o cara mais talentoso com quem eu tinha jogado. No entanto, ele não via. O cara mais humilde que conhecia. E com seu comprido cabelo loiro e bonitão, também era um sucesso com as garotas. Na superfície, tudo parecia perfeito, mas era exatamente como eu, muito fodido, e a única pessoa que conhecia o meu verdadeiro eu.

Quando não disse nada sobre a questão JD e Rome ambos olharam para frente com preocupação em seu rosto.

—Você está bem, cara?

Passando as mãos pelo meu rosto, indico com um movimento de queixo que se movam fora de vista e para a sala dos jogadores. Uma vez dentro, Rome faz um gesto a Jimmy—Dom para fechar a porta, e nos deixamos cair nos sofás.

—Então? —Insiste Rome. A paciência não era seu forte. Por isso eu gostava de Rome, direto ao ponto e não joga conversa fora. Jimmy—Dom, no entanto, era tão tranquilo como grande, o que era muito.

—Drogas, cocaína no campus. O treinador pensa que pode ser Axel e os Heighters.

Rome se recostou na cadeira e apertou os dentes em frustração.

—Droga. Esta merda de novo, não.

Conheço Rome por quase toda minha vida. Porra, praticamente vivia com minha família quando éramos criança, o filho do multimilionário magnata do petroleiro acampava no chão do meu quarto em meu trailer porque o seu pai gostava de usá-lo como saco de pancada. Quando éramos adolescentes Rome nos viu, meu irmão mais velho e a mim, sendo recrutados pela gang, e ficou atônito. Também foi uma das principais motivos pelo que eu saísse. Ele se recusou a assinar com os Tide a menos que fôssemos um pacote. O cara mudou a minha vida, e odiava Axel.

—E o que você disse? — Pergunta Jimmy—Dom. Era uma das poucas vezes que tinha visto o grandalhão sério. Sem fazer brincadeiras. Sem comentários estúpidos. Ele sabia que está merda era realmente muito ruim para mim. Sabia o que poderia significar para minha carreira... para minha vida.

—Eu disse a maldita verdade. Não é Axel. Ele não me faria isso. Não aqui. Não agora. Não estava indo foder meus sonhos quando os tinha no centro das atenções.

Jimmy-Dom olha para Rome, quem balança a cabeça.

— Porra você está viajando, oitenta e três — diz enfaticamente, usando o número de minha camiseta em lugar do nome. Sempre fazia, desde que éramos crianças.

—Rome, não. Não posso escutar essa merda de você também —digo o mais calmo possível.

—Bem, mas vai escutar. Conheço Axel tanto tempo quanto a você, e seu irmão é um problema, Aust.

—Rome — Rosno.

—Não lhe deve nada —espeta de volta.

Afundo-me mais no sofá e jogo a cabeça para trás.

—Sim.

—Bobagem! Se não fosse por esse idiota, nunca teria sido recrutado pelos Heighters em primeiro lugar!

—E se não fosse por esse idiota, tampouco teria saído. Eu devo, cara. E tem meu apoio, até o final. Esta merda aqui no campus não é dele. Apostaria minha vida nisso.

Rome bufa uma gargalhada de descrença, mas não diz nada. O silêncio entre nós apenas traz mais tensão, por isso, sem olhar para meus dois amigos, digo:

—Podem me deixar sozinho porra? Eu preciso de um minuto.

Escutei-os se retirar, depois Rome puxa a porta fechada.

Finalmente olho para baixo, só para olhar fixamente o carpete vermelho.

Sabia que Rome apenas se importava, mas ele não podia entender como era ser tão pobre que mal podia sobreviver a cada dia. Não entendia como uma criança podia ter tanta fome que tinha

que abrir os potes de lixo dos restaurantes para parar as dores de fome no estômago. Ele não entendia que quando essa criança estava doente, não havia luxuosas pílulas para fazê-lo se sentir melhor. Não havia nenhum plano ou seguro de saúde que cobrisse os medicamentos do parque de reboques na parte da cidade que até mesmo Deus tinha esquecido. E certamente não podia entender a vida dentro de uma gangue. Que uma vez que entrava, era para toda a vida... e não podia entender por que devia tudo a Axel por me tirar quando eu tinha dezessete anos.

Me inclinando, as lágrimas enchem meus olhos. Com os cotovelos sobre os joelhos, ponho minha cabeça entre minhas mãos e sussurro em voz alta:

—Axel. Por favor... por favor, me diga que não fez esta merda...

Capítulo 03

Lexi

—Você ainda vai às reuniões na universidade querida?

—Sim, papai.

—Você ainda está comendo bem? Você ainda vai as consultas com o doutor Lund?

—Papai! Não faltei a nenhuma consulta! Nenhuma em anos. Podemos parar de falar desta questão cada vez que me chama? — Rosno.

Meu pai fica em silêncio um momento, depois fala com calma.

—Lexi, é seu último ano. Entrou nesta equipe de animadoras da faculdade, que sabe que foi um gatilho para você, e a pressão simplesmente acadêmica é cada vez mais forte. E desde que Daisy morreu... —Cada musculo em meu corpo se tenciona imediatamente. — Bem, não pode culpar a mamãe e a mim por nos preocupar sobre como o está levando.

Suspirando, belisco a ponte de meu nariz entre meu indicador e o polegar.

—Sei. Mas estou bem papai, eu prometo.

—Está bem, querida. —A linha fica em silêncio e meu pai sussurra: — Estou muito orgulhoso de você. Que tenha passado, lutou contra todos os seus medos, e retomou sua vida. Só quero que você entenda.

Minha garganta obstrui enquanto escuto a força da emoção proveniente de meu pai. Eu não o ouvi assim desde o dia que saí o hospital.

—Eu entendo, pai. Tem seus pacientes para preocupar com por eles. Eles são mais importantes que me animar.

Bufa uma pequena risada.

—Eles são importantes, querida. Mas não acho fico tão feliz como quando te vejo animada. Tem esse olhar em seu rosto, que me diz que sua alma está feliz. Já faz muito tempo desde que te vi assim.

—Eu sei — disse suavemente.

—Nos ligue logo. E lembre-se, estamos sempre aqui se tiver um dia ruim.

—Está bem. Diga a mamãe que a amo.

—Seja forte, querida.

Com isso, pendurada, e minutos mais tarde, ainda estou segurando o meu celular. Que me diz que sua alma está feliz. Eu não me tinha percebido que o pai pensava dessa forma. Mas, novamente, eu não me importava muito sobre alguém ou alguma coisa quando a voz me tinha em suas garras. Quando meus dias tentando contar gramas de gordura e negar minha própria comida... sobre lutar pela perfeição, magra e perfeitamente maravilhosa. Era tudo sobre mim. Era tudo sobre comida.

Não era invejosa; a terapia me ensinou isso. Estava doente e não podia ver além de minha meta... minha... bagunça.

Eu odiava pensar sobre esse momento. É difícil lembrar como me sentia, não pela culpa, mas sim porque poderia ser tentada a voltar. Essa tentação sempre estaria lá. Sempre haverá a possibilidade de cair de novo. Mas eu vim de muito longe e era muito doloroso pensar sobre a menina que foi quebrada na época.

Deixo-me cair em mim cama preta acolchoada, e olho para os patrões no teto de meu quarto na fraternidade, depois meu calendário na parede.

Passaram quase mil dias.

Quatro anos hoje.

Quatro anos, neste mesmo dia, disseram que estava curada, e meus pais me deram permissão para ir à faculdade. Local, obviamente. Não havia nenhuma maneira para que eles me

deixassem mudar para outro estado onde não poderiam intervir se tivesse uma recaída.

Curada. Uma palavra estranha. Sabia que não estava curada, pelo menos não realmente. Brigava diariamente, cada hora contra a necessidade de voltar a esse tempo. Ainda considerava o alimento como meu inimigo; meus amigos eram o exercício extremo e fome. Mas não voltaria. Não podia. Era mais forte. Renovada. Tinha novos amigos, amigos que não sabiam nada de meu passado problemático. Tinha uma vida de novo e não me renderia. Tinha que seguir adiante, não voltar, não me render.

Lexington, ganhou peso... interrompeu a voz que lutou tanto para sufocar, um eco que me atormentava nos cantos de minha mente. Seus quadris estão mais amplos... você tem celulite em suas coxas. Você sabe como melhorar. Apenas me deixe entrar, se renda a mim...

Ela nunca me deixou. Sempre estava lá, esperando o momento ideal para atacar. Esperando para me enfraquecer o suficiente para deixa-lo assumir o controle.

Balançando a cabeça, empurro o pensamento de volta para sua caverna. Não vai escapar novamente. Se o fizesse, finalmente ganharia, e eu não poderia seguir continuar. Conseguiria finalmente me matar.

Uma batida soa em minha porta, e se abre de repente, me tirando de meus pensamentos escuros. Cass, minha melhor amiga

loira do Texas, a garota que fala sem filtro. O dito é verdadeiro: Tudo é maior no Texas, incluindo Cass. Mas a invejo. Ela é sua própria dona. Vive. Carrega com orgulho do seu tamanho.

Assim que a vejo, eu me ajeito reta, sorrio amplamente, interpretando o papel de garota de sorte e feliz que está sempre sorrindo. A menina que se esconde atrás de sua maquiagem, a garota reinventada que veio a UA para escapar de seu passado. Essa garota inventada é a única "Lexi" que meus amigos realmente conheceram.

—Você, cadela! Como está? —Cass entra no quarto, vestindo uma calça com lantejoulas com seu habitual Top preto apertado, e cai em meu sofá de veludo preto do outro lado da sala.

—O que está fazendo na cama às cinco da tarde? —Seus olhos azuis de repente se ampliam. — Oh merda! Você estava esfregando a lâmpada para que obtenha um gênio? Precisa de algo...? —Inclina sua cabeça e sussurra atrás de sua mão: — Tempo para necessidades de Lexi?

Pegando meu travesseiro, gemi e jogo-o contra a cabeça de Cass quando ela levanta seu dedo meio da mão esquerda, girando-o como um vibrador, e lambeu os lábios. O travesseiro bateu-lhe no rosto, e franze a testa.

—Bem, mas você não deve estar envergonhada de dar prazer a si mesma.... Apenas diga! Eu faço isso pelo menos duas vezes ao dia. Bem, eu fazia até que Jimmy-Dom começou a fazer essa merda

por mim. Deus, o que pode fazer esse cara apenas com a ponta de sua língua!

—Obrigado por me contar, Cass. -Digo secamente. Ela apenas move suas sobrancelhas em resposta.

—Então, onde estão Ally e Molls? —Pergunto. Ally, a garota mais bonita que já vi, cortesia da aparência exótica de sua mãe espanhola, e Molly, nosso gênio britânico de intercâmbio que acaba de chegar aqui a UA há alguns meses para obter seu mestrado. Ela era linda debaixo dessa massa de cabelo negro e grossos óculos de nerd. E Molly, a garota mais calada que conheço, conseguiu captar a atenção do cara mais popular no campus, Rome Prince, o primo de Ally e quarterback[3] do Tide.

—Estudando, acredita? — Responde Cass finalmente.

Cass se move em seu assento, e olha através da porta entreaberta, e aproxima-se.

—O que está errado com Molls e Rome?

—Eu não sei. O cara jamais se preocupava com ninguém mais que seus amigos, e então chega Molls e de repente sempre a está observando, tentando falar com ela.

—Os caras tem falando.

—Molly te disse alguma coisa sobre isso? — Eu pergunto.

---

[3] Posição de ataque no Futebol Americano. São geralmente as estrelas do time.

Cass me dá sua expressão clara.

—Nah, minha querida. Você sabe que essa garota não fala sobre seus sentimentos. Mas, porra, Rome Prince! O que eu não daria para ser notada por esse tipo?

Meus olhos disparam para o movimento da porta.

—Olá, Molls! Olá, Ally!

Molly entra timidamente na sala, empurrando seus óculos de lentes grossas em seu nariz. Ally a segue por trás, franzindo a testa para Cass em reprimenda.

—Do que estão falando? Ouvi que mencionaram meu nome — pergunta Molly cautelosamente.

Engulo e dou um olhar para Cass, que está acomodada no sofá.

—Umm... —gaguejo, felizmente minha maquiagem branca cobre o rubor vermelho de minha vergonha. Cass revira os olhos.

—Estávamos falando sobre você se empapando por Rome Prince! O homem que faz que qualquer buceta se torne uma torneira de água!

Ally fez um ruído como se fosse vomitar.

—Cass! É meu primo! Jesus Cristo! Ele é como um irmão para mim, porra!

Os olhos do Molly arregalaram por trás de seus óculos, e cospe:

—Maldito inferno, Cass! Poderia ser mais cruel!

Cass pisca os olhos.

—Está bem, estávamos falando de como "Bullet" Prince tem uma queda por você. —Olha para Molls. — Isso é melhor para a sua majestade?

Molly agora estava um vermelho brilhante, e Ally coloca um braço ao redor de seus ombros.

—Não aconteceu nada entre nós —murmura Molly. Mesmo Ally parece que não acredita nessa declaração.

—Mentira! — Cospe Cass.

Molly solta seus livros sobre minha cômoda e suas mãos vão para seus quadris.

—Cass, já chega!

Cass dá de ombros.

—Ouça o que digo, Molls. Estará montando esse trem em pouco tempo; marque minhas palavras.

Molly suspira e belisca a ponte de seu nariz.

—Por que me incomodo? — Sussurra

—Assim como eu estou com meu lindo cowboy JD, Molls vai estar atirando-se para Bullet e Ally, bem, ela é muito bonita para permanecer solteira por muito tempo. De modo que só resta você, sexy Lexy, minha pequena princesa gótica. —diz Cass, inclinando-se no banco.

Molly e Ally caminham e se sentam ao meu lado. Molly olha fixamente o chão de madeira. Cass tende a induzir esse comportamento nervoso em nossa tímida amiga inglesa.

—Eu não acho, Cass. Não estou interessada nos rapazes, obrigado. — Eu afirmo.

Cass assente e franze os lábios.

—Ahh... você gosta de buceta, não de pênis. A maquiagem, a roupa estranha, a música metal, finalmente fazem sentido.

—Cass...

—Não, Lex, eu entendo. Eu vi como olhou meus seios. Está tudo bem. Deve haver algum buceta com que possa foder. Já sei, começaremos com a equipe feminina de futebol. Essas cadelas amam...

—Cass! Não sou lésbica! Pode parar!

—Está bem, se tranquilize garota! Não tenha vergonha de lamber clitóris.

—Bom Deus! Molly, Ally, podem fazê-la entender? —Eu digo, obviamente muito exasperada.

Molly põe sua mão em minhas costas, fazendo com que minha respiração pare e aperte meus dentes.

Detesto que me toquem nas costas.

Molly encara Cass.

—Acho que ela simplesmente está dizendo, que ainda não está pronta para um namorado, Cass. Deixa-a em paz. Não é da sua conta.

Cass fica séria de repente.

—Por que Lex? Você nunca trouxe um cara em todo este tempo. Eu conheço você. O que está acontecendo?

Meu coração provoca estrondos em meu peito e minhas palmas começam a suar. A mão do Molly congela em minhas costas, e sei que sentiu minha reação. Pelo menos ela era a única pessoa discreta e que ficou mais tranquila do que eu; não diria nada.

—Simplesmente não quero, Cass. Deixemos esta conversa pra lá, está bem?

Cass suspira e levanta suas mãos, mas deixa espaço quando me movo para verificar a hora em meu telefone.

Caramba, é tarde!

Salto da cama e agarro minha bolsa.

—Você está bem, querida? — pergunta Ally preocupada, e confirmo com entusiasmo memorizado.

—Eu... eu... eu tenho um ensaio que tenho que ir —gaguejo evasivamente e começo a procurar as chaves de meu carro ao redor de meu quarto. Na verdade, eu tinha minha sessão com o doutor Lund, meu psiquiatra, e ultimamente, eram essenciais. Meus pensamentos foram se aproximando do território perigoso.

As sobrancelhas do Ally baixam.

—As líderes de torcida não tem ensaio esta noite. — Eu congelo, me mantendo de costas para minhas amigas, e tento inventar uma desculpa. Estraguei tudo. Ally acaba de sair do grupo de líderes de torcida para concentrar-se em seus estudos. Ela sabia do horário de cor.

—Eu... eu tenho uma sessão privada com Lyle. Vamos praticar nossos duplos. Até mais tarde garotas.

Enquanto saía pela porta, Cass toma minha mão.

—Você tem certeza que está bem, Lex? Você está muito distraída ultimamente. Não está sendo você mesma.

Desenhando meu sorriso mais falso, concordo e adoto meu personagem de vamos ser felizes fingindo.

—Óbvio que estou bem, Cass. Minha vida só está sendo insanamente agitada agora. Estou bem, querida. Eu prometo.

Com isso eu corro da minha porta, deixando a atuação e me tornando o meu eu verdadeiro por um momento.

Capítulo 04

Austin

—E então esta menina fica em seus joelhos e abre meu fecho...

—Foda-se, Reece, cale a porra da sua boca! —Rome atira os pesos que está levantando e fica olhando Reece, o calouro, segundo quarterback que tinha começado a nos seguir como um maldito filhote de cachorro.

—O que? Não é como se você não obteve suficientes bucetas, Bullet. Alguns de nós somos felizes com as suas sobras. Era a ruiva que fodeu uns meses atrás. A gostosa com grandes seios. — Ele levanta as mãos e as move em torno de seu peito.

—Reece, cara, traz 2 Gatorades. Agora —Eu mando. Balançando a cabeça, o calouro que se parece com um surfista sai correndo para a sala de descanso.

Rome caminha para mim, contraindo seus punhos.

—Vou terminar matando aquele maldito muleque antes do final do ano —diz com firmeza.

— Relaxa, muito jovem. Você foi assim uma vez.

Rome então me fulmina com o olhar, e não posso deixar de rir.

—Nunca estive tão malditamente desesperado. —Solta — Quero dizer, porra! Esperando por minhas sobras?

Levanto-me e dou um tapinha nas costas.

—Você nunca teve que ser como ele. Nasceu sendo um ímã para bucetas, mesmo quando criança. Não há dúvida de que você será recrutado este ano e vai se casar com uma porra de supermodelo. —Um olhar estranho passou por seu rosto, mas eu ignoro. Seja o que fosse que o estava fodendo, era seu problema.

Meu celular lhe dá um rápido apito enquanto vibra no bolso de minha bermuda de treino. Tirando-o, leio a tela:

Axel: No campus. No Denny Chimes. Temos negócios. Você está perto?

Meu coração afunda em meu estômago.

Não pode ser. Não pode ser ele quem está traficando. Ele não me faria isso. Não Axel. O bastardo era melhor do que eu, não estava fazendo isso!

—Devo ir. — Digo a Rome e agarro minha toalha, arrojando-a sobre meu ombro.

—Precisa que vá com você? — Pergunta Rome tristemente.

Parando no meio, sem olhar para trás, digo.

—Nah, cara, eu estou bem.

Uma mão segura meu braço, e deixa escapar um suspiro frustrado e olho sobre meu ombro. Rome me encara com preocupação em seus olhos.

—Cara, não tome porra está merda você sozinho. Eu vou te cobrir. Axel não vai foder seu momento com os Tide. Não vou deixar que aconteça esta merda. Não a você. Não agora que chegou tão longe.

Passando minha mão sobre minha cabeça, puxo meu braço de volta e me retiro.

—Rome, não faça. Eu cuidarei disso.

Antes que ele tivesse uma oportunidade para discutir comigo, escapei pela porta para o ar quente da noite. Eu olho ao redor, começo a correr a toda velocidade para o lado sul do pátio. Porra, eu estava voando, precisava parar meu irmão de traficar nos terrenos da escola.

Levou menos de dois minutos ver movimento atrás do Denny Chimes, a maior torre no pátio, protegida pela sombra das árvores.

Um menino que parecia perturbado aparece com toda pressa, introduzindo um pequeno pacote branco em seus shorts. Mantenho a cabeça para baixo, para que não me reconheça, mas vejo o que comprou.

Coca.

Maldita cocaína.

Coca no campus...! Droga! O treinador estava certo.

—Austin, aí está, cara. Eu tinha pensado que não ia aparecer.

Voei para frente, pronto para quebrar o meu irmão mais velho, um idiota, quando vejo alguém saindo das sombras.

Meu coração acabava de cair.

Não.

Não... não... não... não, não, não, não, não, não!

Era Levi.

—Olá, Austin! —Diz Levi, acenando, e meu estômago se torce até o ponto de me causar nauseia. Meu irmão mais novo vinha cheio da marra, com calças e camiseta muito grandes para seu corpo adolescente e todos seus bolsos carregados de pacotes de neve perfeitamente medidos. Ele estava mais pálido que Axel e eu, quem francamente, poderia passar por meu irmão gêmeo. Levi era nosso irmão mais novo... o malditamente inocente. Que ainda tinha uma oportunidade de ficar longe do lado errado da lei.

Eu sabia que estava trabalhando com a gang, obviamente. Todos as crianças fizeram, mas era estar fazendo coisas como ser o vigia no estacionamento de trailers ou contando o dinheiro e juntando pacotes, mas, porra, não havia mencionado que estava traficando.

Movo meu queixo em saudação, e o aproximo de meu peito para encontrar os olhos do Axel sobre seu ombro. O rosto do Axel se transforma e gira. Sabia que eu estava chateado, mas Axel não dava a mínima.

— Fizemos bem esta noite, irmão. Quase temos o suficiente para o próximo tratamento da mamãe —disse Levi, com orgulho em sua voz enquanto me olha.

Fechando os olhos, respiro longa e profundamente.

—Austin? — Pergunta Levi, e sinto seus olhos focados em mim. — Você está bem?

Abro meus olhos, aproximo-o agarrando sua camiseta dois tamanhos maiores.

—Quando começou a traficar com a gangue? — Eu assobio, e Levi engole em seco com o sangue drenando de seu rosto.

Os olhos cinzas do Levi voltam para Axel, que caminha para um outro grupo de meninos que vão para nós. Ótimo. Mais meninos da fraternidade procurando drogas, drogando-se por meu fodido dublê... em meu campus!

Puxando Levi para trás, situo-nos atrás da proteção de uma árvore, muito longe da vista. Não podem me ver traficando ou mesmo me associar com os traficantes, ou minha bolsa de estudos será revogada rapidamente. O reitor já suspeitava. Caramba, ele nunca me quis nesta universidade. Foi a persistência do treinador e as exigências de Rome Prince que o fizeram ceder. Nunca quis o menino na folha de pagamento da gangue do parque no lado errado da estrada.

Jogaram está merda bem em suas mãos.

Verifico se estávamos bem escondidos e balanço Levi pelo pescoço, que estava ocupado olhando o terreno.

—Levi! Quando porra lhe recrutaram para traficar cocaína? — Eu assobio.

—Cerca de um mês atrás —admite com relutância.

—Um mês —digo em descrença.

Um maldito mês de merda.

Ele assente, e pego sua cabeça em minhas mãos.

—Porra, Levi. Por quê? Eu disse que você nunca seguiria esse caminho. Fazer as coisas fáceis para a gangue, está bem. Mas não isso! Nasceu sendo um receptor[4] como eu, mas tem que obter as melhores notas, manter o foco na escola para chegar aqui a UA. A

[4] **Wide Receivers** (Recebedores) são jogadores rápidos que se deslocam em rotas curtas e longas para receber ou corrigir passes.

gang, Lev, a maldita gang! Gio nunca deixará você ir. Não há nenhuma maneira de sairmos os dois!

Levi se inclina para trás e descansa suas costas contra a árvore, os braços cruzados sobre seu peito desafiadoramente, franzindo o cenho.

—Mamãe está piorando, Aust. O seguro de saúde não paga nada. Queremos que não tenha dor, precisamos pagar por isso. Precisa todo o tempo de ajuda. Não deixou o trailer em semanas. Não pode caminhar sem tremer e cair no chão.

Os olhos do Levi se enchem de lágrimas, e minha garganta se obstrui fortemente diante da imagem. O menino tinha quatorze anos. Quatorze malditos anos. Não deveria estar se preocupando com pagar os recibos médicos, vendendo drogas ou cuidando de mamãe.

—E por que esta merda foi escondida de mim? — Pergunto através de meus dentes cerrados, com minha mandíbula doendo da pressão.

Levi deixa cair sua cabeça.

—Mamãe não queria que soubesse. Diz que você já tem suficiente com o que se preocupar. E sabia que não aprovaria que eu estivesse com os Heighters.

Porra, se isso não me fazia sentir como merda.

—Olhe, Aust, temos que fazer dinheiro de alguma forma. Axel sozinho já não faz suficiente, não agora que há uma guerra de território com os Kings. Está fora todo o maldito tempo, tentando obter mais ingressos. Você está aqui, tentando entrar na NFL... o que só resta a mim. Tenho que me oferecer, cuidar dos negócios, ser o homem da casa. Estou bem. Os irmãos na gangue cuidam de mim, especialmente Gio. São a minha famiglia[5], meus irmãos.

Cristo, se suas palavras não me atravessarem. O maldito Gio não cuida de ninguém mais além dele mesmo.

Dou um passo à frente e bato no peito de Levi contra a árvore.

—Não são sua família, Lev. A polícia virá para você e não farão nenhuma merda. Eu sou seu famiglia. Sou a porra do seu irmão! Sou seu sangue! Io sôo IL tuo sangue![6]4

Os olhos do Levi aumentam com meu tom de irritado, e deslizo a mão por minha cabeça, tentando respirar realmente devagar.

—Olha, não é sua responsabilidade, Levi. Você é uma criança. É o orgulho e alegria de mamãe, foda-se. Axel e eu, ela sabe como estamos ferrados. Você. Você é a porra de seu favorito. Faça-nos orgulhosos! Droga! Faz que ela se sinta orgulhosa de um de nós antes de que seja tarde demais, por favor!

---

[5] Famiglia: família.

[6] Eu sou seu sangue em italiano

Nada mais que silêncio se interpõe entre nós até que Levi sussurra:

—Ela está morrendo, Austin. Não serei o favorito de ninguém por muito tempo. Não vou fazer ninguém orgulhoso. Devo ter certeza que passe seus últimos dias sem dor. Não suporto vê-la gritar com agonia um dia mais. Você não está por perto. Axel nunca está lá. Está me matando...

Lanço-me para leva-lo em meus braços quando a voz forte de Axel rompe o silêncio.

—Cadela, é melhor que fique fora do meu caminho se sabe o que é fodidamente bom para você!

—Merda! — Cuspo, apanhando o olhar do ford da polícia fazendo suas rondas na distância, vindo em nossa direção. O reitor advertiu ao departamento de polícia do campus nas últimas semanas.

Enfiei a cabeça ao redor da árvore, só para ver Axel juntando alguns estudantes contra a torre.

Merda, merda, merda!

As luzes começam a se aproximar, e tenho que tirar o idiota do meu irmão daqui. E Levi também. A última coisa que a criança precisa é um registro e um período no reformatório.

Virando-me para Levi, digo:

—Vá embora. Alcance a caminhonete de Axel. Vou trazer Axel.

Sua boca se move para discutir, mas vendo que não ia tomar sua merda, sai rápido através do pátio.

Respirando fundo, saio de trás da árvore e vou direto para Axel. Ele ainda tinha à garota contra o tijolo da torre.

—Não viu uma merda, certo? Você não vai mencionar o que viu esta noite a ninguém. Está me ouvindo cadela? Precisa manter a porra da boca fechada! — Ele diz entre dentes.

—N... N... não... eu prometo... por favor... deixe-me ir...eu imploro. —A voz da garota era fraca e trêmula, obviamente com medo.

Tinha que parar Axel antes de que fosse muito longe. Porra, não ia adicionar agressão também a sua lista de mau comportamento.

Caminhando atrás de Axel, agarro seus braços e o torço.

—Vá para a merda, Axel — Ordeno a Axel enquanto tropeçou. Olhando por cima do ombro do Axel, um par de grandes olhos verdes olham para mim, e eu congelo.

Porra. Era uma líder de torcida. Com quem tinha falado depois do jogo.

Eu levanto minha cabeça para o céu. Alguém lá em cima realmente me odeia pra caralho.

Axel de repente estava em meu rosto.

—A cadela viu muito. Precisa saber que não pode falar. Tenho que corrigir esta merda agora! Não pode haver pontas soltas — sibila com as mãos em punhos aos lados enquanto a líder de torcida parece afundar seu pequeno corpo ainda mais contra a parede, com os olhos olhando em qualquer lugar, menos em nós. Ela está chorando, caramba. Sua maquiagem negra estava em todo seu pálido rosto.

—Não falará. —Olho para a garota. — Você vai fazer isso? — Rosno virtualmente. Estava congelada de medo. — Droga, diga!

Mais água encheu seus olhos e começou a negar.

—Eu... eu... eu não vou.

Virando Axel pelo braço, eu digo:

—Os policiais estão vindo para cá. Precisamos nos separar. Vou me certificar que ela não nos traia.

—Axel cospe no chão a seus pés antes de passar me empurrando, mas não antes que eu segurasse novamente seus bíceps, minha boca perto de seu ouvido. — Você e eu precisamos conversar. Você, fodido irmão, Levi traficando com a gangue, trazendo isso para a minha universidade, tudo! Não vou permitir essa merda!

Zombando de minha ameaça com uma risada, Axel arranca seu braço de minha mão e se afasta em direção ao estacionamento.

Eu assisto enquanto se afasta, e os pêlos de minha nuca se levantam. Não tenho um bom pressentimento sobre isso. Como se um grande fodido pressagio estivesse seguindo meus irmãos. Era óbvio que Axel estava se colocando cada vez mais na gangue, escalando, aproximando-se do Gio, e pela aparência das coisas, arrastando Levi com ele.

Arrastando-o direto ao inferno.

Um som arrastado atrás de mim me chamou a atenção.

Merda. A garota. Eu quase tinha esquecido dela.

Apenas quando me viro, eu peguei ela na calçada, tentando escapar. Isso é, até que ela me vê observá-la e se congela, como um maldito cervo apanhado nas luzes. Tinha que arrumar esta merda rápida, proteger a minha família. Independente do preço.

—Que porra você viu? — Repreendo friamente.

—N... nada, eu não vi nada... —murmura, com olhos grandes em seu pequeno rosto. Deveu estar a pelo menos um metro e meio de distância.

—Você está mentindo —digo friamente.

—Não... na verdade... —sussurra. Posso ver o seu pulso em seu pescoço magro.

Que merda ela estava fazendo aqui no pátio, sozinha, a esta hora da noite afinal? A única razão pela que Rome e eu estávamos

tão tarde levantando pesos, era porque fazíamos sessões extra, mais do que qualquer outra pessoa.

Empurro meu peito sobre seu corpo e ouço uma forte inalação curta.

—Você viu meu irmão. O que ele estava fazendo? E não minta para mim.

Eu sabia que ela sabia o que estava acontecendo, é claro, mas eu precisava que tivesse medo, para não dizer nenhuma merda a seus amigos mais próximos. Tinha que fazer para manter a sua boca fechada. Ela não podia andar espalhando rumores pelo campus.

Com a queda de seus ombros, vi a luta ir de seu corpo.

—Drogas. Eu acho que estava vendendo drogas. — Sussurra derrotada — Não, eu sei que estava vendendo drogas.

Respirando pelo nariz, olho para baixo.

Droga.

Adeus, bolsa de estudos.

—Não direi a ninguém, eu prometo... apenas... deixe-me ir, por favor — pede, sua suave voz se rompe com medo. Eu fico olhando para ela, vestida toda de roupa preta, magra como um maldito palito. E era uma líder da primeira equipe. Eu a vi em cada jogo, cada maldito jogo da temporada. Em casa e fora.

—Caralho, por favor, deixe-me ir.

Capturo-a contra a parede com os braços, me inclinando para pôr minha boca em seu ouvido.

—Esquece o que viu esta noite. Se fizer isso, nós seremos bons, não haverá consequências. Mas mesmo se disser uma palavra disso a alguém, e eu quero dizer qualquer um, você não vai gostar do monte de merdas que vão acontecer. Não tem ideia de com quem está lidando. Com pessoas que farão de tudo para mantê-la calada. E quero dizer qualquer coisa.

Escuto-a fungando e acena com a cabeça obedientemente, escutando minha advertência tão clara como a água. Me retirando, eu cruzo meus braços sobre meu peito e movo meu queixo.

—Vá embora. Saia daqui.

Um segundo depois, a líder começa a correr pelo pátio, suas pernas voando sobre a grama seca. Eu me sinto como o maior idiota que já andou na Terra. Eu estava me petrificando.

Maldita seja, agora era um dano colateral.

Há mil dias.

Há mil dias que deixei a gangue para trás, eu construí uma nova vida para mim aqui na UA e deixei atrás o lixo do tráfico.

E então, cerca de mil dias depois retorna e vem me morder a bunda.

Esfregando uma mão ansiosa sobre minha testa, encaminho-me para o Dennis Chinas.

Axel vai estar zangado pelo fato de que ela o tinha visto traficando coca, e ele não é alguém que esqueça.

Nunca deixa testemunhas sem garantir que não falem. Os Heighters não toleram que alguém se meta em seus negócios, ordens do Gio.

Percebendo as luzes de um carro de polícia a distância, observo enquanto param não muito longe de onde estou. Eu congelo e prendo a respiração.

Logo quando ia fugir, o policial sai do veículo, desaparecendo ao virar a esquina. Depois de um minuto, reaparece, caminhando com uma garota de volta a seu carro... a garota magra que poderia nos afundar.

Maldição!

Vendo que o carro fica na rua, começo a correr atrás dele, me mantendo na parte escura da calçada para seguir seu rastro.

Capítulo 05

Lexi

Minha respiração se torna mais difícil e rápida enquanto corro através do pátio. Virando a esquina, eu bati de volta contra o amplo tronco de uma árvore, a cabeça caindo para trás roçando contra a casca áspera aranhando meu couro cabeludo.

Não podia correr mais; minhas pernas não me deixavam.

Ele tinha estado traficando com drogas. Aquele menino tinha estado traficando drogas tão descaradamente no campus. O irmão de Austin Carillo.

Austin Carillo, o número oitenta e três para Alabama Crimson Tide, um dos receptores mais promissores de toda a SEC. Austin Carillo, com piercings e tatuado, o bad-boy-agora-bom, o cara do lado errado das trilhas... traficando drogas no campus. Imaginei que talvez não fosse o menino-tão-bom como todos pensavam.

O som da porta de um carro batendo me faz quase saltar para fora de minha pele.

—Senhorita? Está tudo bem?

Batendo minha mão sobre meu coração que pulsa furiosamente, exalo um suspiro de alívio quando percebo que era do departamento de polícia do campus.

—Sim... sim, estou bem. Só me assustou. — Digo sem fôlego.

O policial se ajoelhou diante de mim.

—Senhorita...? — Ele fez uma pausa, querendo saber meu nome.

—Hart. Lexington Hart.

—Senhorita Hart, se quiser vir comigo, por favor —disse o policial e estendeu sua mão para levá-la.

—Estou em apuro? — Eu pergunto em voz baixa.

Seu sorriso me acalma.

—Não. Vamos apenas levar você para casa em segurança. Uma garota jovem como você não deveria estar sozinha tão tarde.

Ficando de pé com as pernas bambas, faço o que me pede e entro no banco de trás do carro, perdida em meus pensamentos enquanto olho pela janela, ignorando o apito e o som do rádio da polícia.

Cinco minutos mais tarde, nós paramos fora do escritório do reitor. Meu estômago imediatamente cheio de medo.

O oficial se vira para mim, com uma expressão de desculpas em seu rosto.

—Senhorita Hart, se vier comigo, o reitor gostaria de vê-la. — Diz e abre a porta do carro.

Sabendo que não tinha escolha, entro no edifício do reitor e sigo o oficial diretamente para o escritório. Ele estava esperando por mim atrás de sua mesa e me cumprimenta com um sorriso. Imediatamente me sinto desconfortável.

—Senhorita Hart, por favor, sente-se.

Dou um olhar cauteloso ao redor da sala luxuosamente decorada. Nervosamente me sento diante dele.

Como sabe meu nome?

O reitor toma uma jarra de água sobre a mesa e se serve um copo. Ele olha para mim e levanta a sobrancelha, me perguntando se queria um também. Nego.

—Então, Lexington, entendo que você estava no lado sul do pátio, agora? Meu funcionário me informou que te encontrou perturbada.

Meu coração começa a bater no peito e uma gota de suor corre a partir do pescoço para baixo.

—Sim, senhor, estava no pátio.

—E... você viu acontecer algo suspeito?

Seus olhos azuis se trancam nos meus, e faço uma pausa, sem saber o que fazer. Devo dizer a verdade? Ou me protejo de Austin e seu irmão?

O aviso de Austin soou claro em minha cabeça.

Se você disser sequer uma palavra disto a qualquer um, e quero dizer ninguém, você não gostará da tonelada de merda ruim que encontrará em seu caminho.

Antes que eu percebesse, estava balançando minha cabeça novamente.

O reitor levanta as sobrancelhas em surpresa.

—Não viu alguns homens no pátio? Homens que não pertenciam a esta escola? — Ele se inclina para diante. — Homens que estão lidando com drogas, talvez? Não foi por isso que correu?

—Não, senhor — Eu respondi em voz baixa, com um ligeiro tremor indicando minha falácia. — Simplesmente eu não gosto de estar sozinha no escuro. Estava com pressa para chegar em casa.

—E onde esteve tão tarde na noite?

Sob os olhos envergonhada.

—O hospital... tenho que assistir a terapia por um transtorno que tive a anos atrás. É parte de minha recuperação.

O decano pisca enquanto pensa sobre o que eu disse, e se inclina para frente para que só eu possa lhe ouvir.

—Se tiver medo do que você testemunhou, podemos garantir sua segurança. Não podemos tolerar este tipo de problemas em nosso campus. Só precisamos de uma prova de quem é o responsável. Qualquer pessoa nesta escola, por exemplo?

Olhando para ele com os olhos arregalados, eu digo.

—Sinto muito, senhor, não vi nada nem ninguém. Eu não posso ajudar.

Não sabia porque naquele momento não confessei o que vi, Austin Carrillo estando ligada a tudo, sua clara ameaça contra minha segurança. Mas eu só queria ir a casa. Só queria esquecer esta noite. Minhas sessões de aconselhamento sempre me faziam sentir como se tivesse sido arrastada através da sujeira e estava cansada.

—Tudo bem, senhorita Hart. Se você lembrar de qualquer coisa, é só me avisar. — Diz o reitor desanimado.

Assentindo, eu me levanto, e o oficial me leva para fora da sala e do edifício para o ar úmido da noite de verão.

—Vamos, senhorita, a levarei para casa. —Oferece o oficial.

—Prefiro caminhar se você não se importa — eu respondo, e o oficial encolhe os ombros, sobe em seu carro e vai embora.

Envolvendo meus braços ao redor de meu peito, rapidamente me dirijo para a casa da fraternidade de garotas. Estava no meio do caminho pela trilha pouco iluminada quando alguém sai da sombra das árvores em minha frente.

Surpreendida abafei um grito de minha boca, detenho-me. A pessoa dá um passo para frente e seu rosto fica visível... Austin Carillo.

Ele me olhava fixamente, todas tatuagens e piercings, com raiva em seu olhar, e eu recuo em pânico.

—Tem desejos de morrer ou algo assim? — Pergunta friamente. — Não estava brincando quando disse que a gente viria detrás de você se os delatasse. E descubro que foi ao reitor? Está fodidamente brincando comigo neste momento?

—Não! Eu... entendi a ad... advertência muito bem. N...não lhe disse nada. Eu juro! —Saio correndo, minha voz tremendo de medo. A expressão de Austin permanece dura e insensível.

Virando para frente há uma rota alternativa para casa, meus pés começam a bater no asfalto. Rezando para que Carillo não me seguisse, eu corro todo o caminho até a casa da fraternidade de garotas, correndo direto para o meu quarto e batendo a porta ao fechá-la.

Capítulo 06

Austin

Merda, merda, merda, merda, merda!

Que porra estava fazendo, pulando sobre ela como um perseguidor depois de vê-la sair do escritório do reitor? Vi seu rosto; estava apavorada.

MERDA!

O que deve pensar de mim?

Virei-me na estrada rural que conduz ao parque de trailers, o cascalho range sob os pneus da caminhonete do Rome. Ele me deixou usar sua caminhonete para fazer uma visita improvisada em casa.

Quatro quilômetros até chegar ao final da estrada.

Quatro quilômetros até que cheguei à casa de minha infância.

E quatro quilômetros até ver o quão longe minha mãe realmente tem ido.

Passando o sinal antigo e enferrujado sinal do Trailer Park, Westside Heights, balançando para trás e para frente do lado de onde tinham saído as dobradiças, eu nego.

Paraíso ferrado.

Dois quilômetros, e não passa muito tempo antes de que comece a ver os rostos familiares do grupo sobre o lugar isolado. E todos olham para cima, é obvio. Só descia neste caminho, por duas razões: A, vivia aqui, ou B, queria fazer uma dose. Estes caras sabiam que eu era o primeiro.

Vários acenos de queixo me saúdam enquanto aproximo minha caminhonete ao trailer vinte e três. Parando a caminhonete e correndo pelas escadas, bato duas vezes na porta de metal e me permito entrar.

—Mamma? — Chamo, absorvendo a bagunça do lugar: pratos sujos, comida estragada, seringas vazias, e... Que diabos era esse cheiro?

Levi sempre tinha tido este lugar arrumado muito agradável, limpo, desinfetado, pelo menos, mas olhando ao redor, estava claro que estava passando a maior parte de seu tempo com a gangue, deixando de lado suas tarefas. O lugar era um buraco de merda. Minha mandíbula apertou com raiva.

—Mamma? —Chamo de novo e escuto um pequeno som saindo de seu quarto. Minhas pernas tremem enquanto me aproximo da velha porta decrépita. Cada vez que vinha, ela sempre parecia pior.

O som de vidro quebrando me fez entrar em pânico, e atravesso a porta, só para ver mamãe inclinando-se para baixo, seu torso pendurando da cama, um copo quebrado no chão que deve ter lhe escapado da mão. Ela geme de dor, e é claro que não pode voltar para cima novamente.

Atirando-me para frente, pego o pequeno corpo de minha mãe pelos braços e a levanto gentilmente para a cama, quase me engasgando ante seu cheiro. Enquanto a endireito, estremeço diante da dor gravada em seu rosto. Seus dentes estavam cerrados e suas narinas se dilatam enquanto respira ofegando pelo desconforto.

Me sentando na cama a seu lado, passado a mão por sua testa, empurrando os fios suados de cabelo castanho de seu rosto.

—Calma, Mamma, Calma — falo em italiano, sua língua materna, relaxando-a para acalmá-la. Uns grandes, olhos castanhos afundados olham para mim, e seu lábio se enrugam. Sabia que era Mamma me dando um sorriso agradecido.

—Stai bene, Mamma? Você está bem? - Pergunto, na esperança de fazê-la sentir um pouco melhor.

Suas pálpebras se fecham, e sei que é sua tentativa de um assentimento. Estava, ou esgotada ou muito dolorida para tentar falar.

Olho ao redor do quarto e percebo as suas roupas sujas espalhadas por todo o chão de madeira e garrafas de medicamentos cinzas alinhadas em sua penteadeira. Minhas entranhas se apertaram quando percebi que eram dessas garrafas e de onde veio o cheiro horrível. Eram garrafas de urina.

Fecho meus olhos, lutando contra impulsiono de perder minha mente pelo estado em que se encontra. Outra coisa porque rasgar Axel.

Um toque leve como uma pena, deixa um rastro através da palma de minha mão, e logo olho para baixo. Mamma tinha posto sua mão sobre a minha, com seus olhos cheios de lágrimas.

Inclinando-me para frente, pressiono um beijo em sua cabeça e lhe sussurro:

—Ti voglio bene, Mamma. Eu te amo mãe

—Anche... a você... mio caro — sussurrou de volta, me dizendo que ela também me amava. Sorrio com orgulho enquanto ela luta com a dor ao responder.

Ficando de pé, esfrego minhas mãos.

—Está bem, Mamma, vou trazer te um copo de água. Em seguida, é hora de deixar este lugar limpo, e em seguida será sua vez, certo?

—Tão... bom menino... —Ela conseguiu dizer.

Não era. Nós dois sabíamos, mas então, eu nunca tinha me sentido mais abençoado que eu a tinha feito suficientemente feliz para que ela dissesse essas palavras para mim.

Uma hora mais tarde, coloquei o último dos pratos recém lavados no armário e fui ao banheiro para abrir o chuveiro. Tinha verificado a Mamma a cada cinco minutos, e seus olhos estavam expressivamente tristes enquanto me olhava esfregar e limpar todos os cantos de nosso velho trailer. A mulher era uma maldita Santa. Ela merecia mais que esta merda.

—Tudo bem, mamãe, vou leva-la para um banho. —Eu digo, tentando ignorar o piscar de mortificação em seu bonito rosto. Ela odiava não ser capaz de fazer isso sozinha. Antes que esta maldita doença a derrubasse, Chiara Carillo tinha mantido três empregos e amou meus irmãos e a mim o suficiente para dois pais, uma vez que nosso preguiçoso pai nos deixou por alguma cadela do outro lado do estado. Mamma nunca nos deixou passar fome, sempre se assegurou de que estávamos no caminho certo, e nos manteve longe de problemas quando todos os outros meninos no parque começaram a juntar-se aos Heighters.

Então a sete anos atrás, tudo mudou. A causa: Ela. A doença de Lou Gehrig. Uma forma de doença neuromuscular. A maldita doença que debilitou pouco a pouco seus músculos. A enfermidade incurável que minou sua liberdade dia a dia, hora a hora, minuto a minuto.

Um suave gemido escapa dos lábios da Mamma enquanto levanto seu leve corpo em meus braços, e finjo ignorar os lençóis encharcados de suor e sujeira que tinha sido deitada durante sabe Deus quanto tempo.

A levo para o banheiro, coloco-a no assento do vaso e começo a tirar sua camisola suja. Um filete de água atinge minha mão, e quando olho para cima, as lágrimas correm pelas bochechas de mamãe. Ela não podia me olhar nos olhos.

A dor atravessa meu peito.

Tossindo para limpar a emoção entupida em minha garganta, verifico a temperatura da água e, em silêncio, levanto a Mamma em meus braços e nós estamos sob o jato da água. Minhas roupas estavam encharcadas, mas não dava a mínima.

A água faz um bom trabalho de esconder sua vergonha enquanto se agarra aos meus ombros como uma menina assustada e tímida.

Depois de lavar o corpo e o cabelo de mamãe, envolvo-a na última das toalhas limpas, a embrulho em seu roupão, e a sento no sofá desgastado.

—Tenho que trocar a roupa em sua cama, Mamma, assim você pode dormir realmente bem esta noite. Já volto, está bem? — Eu digo. Ela fecha os olhos, balançando a cabeça ligeiramente. Mesmo algo tão simples como um chuveiro a tinha esgotado.

Maldita esta porra de doença.

Uma vez encontro a última limpa, embora descolorida, roupa de cama, coloco-a na cama, acrescentando um travesseiro debaixo para a incontinência, para salvar o colchão de qualquer acidente. Tento esconder o máximo possível; Mamma odiaria saber o que eu tinha feito. Ela não é incontinente; podia ir ao banheiro, mas sem ajuda não podia fazer isso sozinha.

Caminho para a sala de estar, inclino-me no batente da porta e tento parar a devastação de merda absoluta ao ver minha mamãe, a melhor pessoa que conheço, tão quebrada, seu pequeno corpo caído, seus músculos debilitando-se diariamente. Tem sido assim há sete anos. Com a ALS, tem sorte se lhe derem dez anos. Meu estômago se sente como um poço. A forma como as coisas parecem, não tinha certeza de que ela dure mesmo os próximos doze meses.

Um gemido de dor rasga de seus lábios, e suas sobrancelhas se juntam com a dor. Vou correndo para seu lado, a pego em meus braços e a levo a cama. Um suspiro feliz escapa de seus lábios enquanto ele deita entre a roupa fresca e limpa, e uma vez mais sento ao seu lado.

—Posso te trazer qualquer outra coisa, Mamma? — Pergunto-lhe e fico sem fôlego enquanto ela estende a mão para mim mais uma vez.

—Não, grazie, mio caro — Diz suavemente, e seus olhos começam a encher-se de lágrimas novamente.

—Porra, Mamma, por favor, não chore. Não posso suportar isso. — Eu digo, e até mesmo para meus ouvidos, minha voz parecia tensa.

—Eles... o... têm, Austin —Mamma conseguiu dizer, e fiz uma careta.

—Quem, mamãe? Quem tem quem?

Seu lábio inferior começou a tremer e ela tenta apertar minha mão com a sua, mas não pode.

—Levi... eles... chegaram A... ele. Precisa... salvá-lo... —A voz da Mamma se quebra na última palavra, e arrepios percorrem minha coluna.

Minha cabeça afunda.

—Eu sei, Mamma. Acabo de descobrir esta noite. —Ela me olhe como se eu fosse Superman, como se eu fosse a resposta, como se pudesse tirá-lo. Seus grandes olhos castanhos estão me implorando, pedindo para que eu o salve.

—Axel... ele está muito... dentro. Levi... você... ambos precisam sair. —Mamma de repente grita e suas costas se tensiona enquanto a dor atormenta seu corpo. Engoli em seco, seguro sua mão com força na minha enquanto esperamos que a insuportável dor diminua.

Mamma ofega fortemente e finalmente se calma o suficiente para dizer:

—Austin... estou muito orgulhosa... de... você. Prom... me prometa... que vai salvar... A... Levi.

Roçando sua mão sobre meus lábios, pressiono um beijo em seus dedos e assento.

—Te lo guiro, Mamma. Eu juro. Vou encontrar uma maneira de salvá-lo.

Suas pálpebras caem enquanto luta contra o sono, e, me levantando, beijo sua testa, sussurrando:

—Buona notte, e dormi bene, Cara Mia.

Boa noite e durma bem, meu amor. As palavras que minha Mamma me sussurrava cada noite antes de dormir desde que nasci. As palavras que levaram meus medos, bloqueando toda a maldade no mundo.

Depois do diagnóstico da doença do Lou Gehrig, quando seus medos se tornaram muito para suportar, comecei a sussurra-las

para ela também. Isso a fazia sorrir, e como Mamma sempre dizia, o homem dos sonhos sempre deve te encontrar sorrindo.

Caminho para o velho toca-discos de 1930, que pertenceu a sua nonna, uma lembrança que trouxe com ela da Itália; tirei um disco de vinil desgastado de sua canção favorita da prateleira no outro extremo da sala. Colocando o pino em seu lugar, o som do vinil gira e começa a crepitar através do alto-falante, e segundos mais tarde, o "Ave Maria", interpretado pelo Andrea Bocelli enche a sala.

Por um momento, eu paro. Esta canção foi a minha infância. Foram como afagos enquanto estava na cama, tentando desesperadamente dormir. Mamma estava tomando nossas mãos e nos girando ao redor, nos fazendo rir no dia de Natal, tentando nos fazer esquecer que não tínhamos presentes, nem peru e recheio para comer. É uma dolorosa lembrança do que Mamma poderia ter sido. Ela era uma cantora de ópera, uma soprano. Mamma era de Florência. Os pais de meu pai tinham sido sicilianos, mas se mudaram para os Estados Unidos, Alabama nos anos cinquenta. Meu pai foi ver seus avós em uma visita, Mamma estava em turnê em sua companhia de ópera, e terminou em Verona no Teatro di Verona. Naquela noite, enquanto viajava pela Itália, meu pai a viu cantar. Luca Carrillo se apaixonou perdidamente por Chiara Stradi com um olhar: os olhos de cor castanho escura, o cabelo longo e escuro.... Ela era linda. Em questão de semanas, tinha feito ela se apaixonar por ele também. Ela deixou seu canto e família para trás, e papai retornou aos Estados Unidos com uma mulher exótica a

reboque. Mamma tinha desonrado a sua família; eles nunca falaram com ela novamente.

Mas Chiara Stradi de dezenove anos de idade, não sabia do problema com a bebida de Luca Carillo de vinte e seis anos. Ela não sabia que ele era uma raposa. Ela não sabia que anos mais tarde, ela iria acordar extremamente pobre, em um duplex na pior parte da cidade, com seu marido desaparecido, depois de ter fugido de suas responsabilidades, seus sonhos destroçados, sem família para ajudá-la, e com três filhos crescendo para vestir e alimentar.

Esta canção tinha levantado seu ânimo.

Esta canção tinha mantido sua inquebrável fé católica intacta.

Esta canção a tinha mantido forte.

Eu pedi a Deus que a fizesse forte agora.

Voltando a vê-la deitada pacificamente, quase entrei em colapso enquanto seu lábio superior se curvo em um sorriso de satisfação, mesmo durante o sono.

Colocando o edredom descolorido ao redor de seu corpo adormecido, inclinei minha cabeça para frente a minhas mãos curvadas, fechei os olhos, e fiz uma oração em silêncio,

—Deu ti benedica, Mamma.

Que Deus abençoe você, mamãe

Recolho a roupa suja do quarto de mamãe, e vou para fora do trailer, para a lavanderia. Passando por vários de minha antiga gangue, mantendo a cabeça baixa, ignorando os olhares de ódio que eles estão lançando em minha direção. A única coisa que os impede de chutar a minha bunda é o fato de que Gio me deixou sair sem repercussão. Isso e o fato de que todos os irmãos estão com medo pelo que lhes faria Axel se eles sequer se atrevessem a tocar um cabelo de minha cabeça.

Entro na lavanderia, ignorando o drogado pirado na fila de cadeiras de plástico vermelho na mesa da máquina de lavar roupa, colocando uma lavagem rápida. Eu me inclino contra a pesada parede de grafites, tentando conter a intensa raiva que está se formando em meu interior.

Como pode Axel deixar a mamãe assim? Enquanto ele está fora com sua "família", ocupado com neve e fazendo anotações, a Mamma reside encharcada em sua própria urina, fedendo a suor de uma semana.

E Levi! Onde diabos estava o merdinha quase a meia-noite? Ele tinha certeza de uma coisa. Ele não tinha ido ao colégio. O que significava: pura merda... queria dizer: não futebol... Isso significava: nenhuma chance para ele conseguir uma bolsa de estoudos para jogar com os Tide na UA.

Minhas unhas afundam nas palmas das minhas mãos, enquanto meus punhos estão cerrados tão forte que tinha certeza

que derramei sangue. Que porra de banda era a maldição infeliz de minha vida. Primeiro Axel, depois eu, agora Levi.

Era Gio.

Tudo era culpa do Gio.

Ele voltou suas atenções para Carrillo desde que fomos crianças. Todos nós éramos altos e naturalmente fortes— intimidantes. Perfeitos para a vida do Heighter. Perfeitos para a proteção pessoal do Gio, e todos nós caímos nisso como suas fodidas ovelhas devotas, seguindo o lobo para o abate.

Tudo pelo que minha mamãe tinha lutado tão duro se foi. Ela ia morrer vendo seus filhos caindo diretamente no inferno.

—Porra, Carillo. Se o futebol não funcionar, você sempre poderia se tornar uma maldita empregada — Disse alguém a minha direita.

Rangendo os dentes, levanto minha cabeça para encontrar ao Gio na porta, sorrindo. Como uma chama brutal em uma lata de gasolina, explodo e me encontro puxando Gio ao chão, imobilizando-o no piso pegajoso, e começo a bater em seu rosto com meus punhos.

—Filho de puta! — Eu grito uma e outra vez enquanto Gio levanta seus braços para se proteger de meus golpes.

Braços me agarraram e me puxam de volta para trás. Me libertando, viro-me contra o idiota que tinha me levado e fico cara a cara com o Axel.

Estava furioso.

Batendo em seu peito com minhas mãos, os grandes olhos do Axel me olhavam enquanto caia em cima das cadeiras de plástico, o drogado dormindo mal tinha notado o que está acontecendo logo acima dele, muito dopado com qualquer porcaria que injetou em suas veias.

Axel se levanta. Vejo como cerrou seu punho e sorrio. Vamos, filho de puta, penso. Eu precisava disso. Estava esperando a muito tempo isso entre ele e eu. Já estava farto de suas idiotices.

—Vou dar-lhe uma chance, garoto, mas tente novamente e o jogo vai acabar. —Adverte Axel.

Um soco vem pela minha direita de repente, batendo-me contra a secadora. Endireito as costas, esfrego meu queixo e me viro para ver o Gio retido por Axel.

—Acaba de assinar sua morte, homem. —Gio cospe, sangue de seus dentes salpica o chão.

Levantando minha mão, giro meus quatro dedos sob meu queixo e silvo.

—Vaffanculo — Disse em uma dolorosa voz monótona. Os olhos do Gio quase saem ao ver que eu disse que fosse a merda em italiano, e praticamente luta com Axel para chegar em mim.

—Merda Gio! Se acalme de uma vez! —Axel grita enquanto empurrava ao Gio fora da porta. Começo a andar como um maldito touro brincando com uma bandeira vermelha. Queria esse filho de puta morto. Estava muito zangado com o Axel, zangado com o Levi, zangado com o Gio; zangado com Deus!

A porta se abre de repente e Axel passa varrendo através dela. Assim quando estava a ponto de voar através dela mais uma vez, Levi corre atrás do Axel, refletindo o terror em seu rosto adolescente. Eu não tinha nenhuma simpatia pelo merdinha agora.

—Aust... — Tenta falar, mas o golpeio com minha mão, apontando um dedo e lhe ordenando: — Casa. AGORA!

Levi olha Axel como se esperando sua permissão. Isso só serve para me incomodar mais, atravesso a sala até que me elevo sobre ele. Seus olhos tornam-se enormes e cai atrás em direção a porta com medo.

—Não olhe para ele e me ignore! Você e eu temos um monte de merda para discutir, mas agora, se você não correr para casa para cuidar da Mamma, eu vou moer-te a golpes e te arrastei até lá!

Levi corre para a porta, e olho até que vejo que entra no trailer. Olhando através do parque, não há sinal do Gio, então fecho a porta da lavanderia e me viro para enfrentar Axel.

—Em primeiro lugar, eu te defendi contra o treinador, apenas para perceber que ele estava certo. Você está traficando em minha universidade. O reitor está atrás de meu traseiro, pela neve que está por toda parte em campus! Então descubro que recrutou Levi para os Heighters, lhe arrastando ao inferno com você. Mas o pior de tudo, deixou a Mamma atirada em sua própria urina e merda, o trailer como uma fodida área de explosão, tudo isto para que possa ser o cão de Gio!

Axel parece tremer de raiva e se estende para alcançar uma cadeira de plástico, começou a lança-la contra a parede até que se quebre em pedaços.

Axel aponta em minha direção.

—Você, todo poderoso, toda essa conversa sobre o homem, mas onde porra você estava? Vivendo a boa vida em algum colégio de traseiros-ricos, oitenta mil pessoas semanalmente estão agindo como se fosse um maldito messias e com apertadas cadelas como o fodido Rome Prince, bichas com mais dinheiro que Deus! — Ele caminha para ficar de frente para mim.

—Onde está você, menino? Aqui a cada dia cuidando da Mamma, limpando seu vômito, ou você está sentando em uma cômoda sala da fraternidade, bebendo cervejas fodendo uma fila de putas fanáticas dos Tide? —Pressiona o dedo em meu peito e sussurra. — Estou mantendo a esta famiglia, não você, superestrela. Basta lembrar isso quando estiver pisando em território Heigher, deixando a sua boca frouxa.

Suas palavras também poderiam ter sido um punhal sangrento. Eu caio para trás até que bato com a máquina de lavar roupa e passo as mãos pelo meu rosto.

Ele tinha razão. Eu não estava fazendo uma merda para ajudar.

Uma mão de repente envolve em meu pescoço, e me encontro esmagado no peito do Axel. Ele estava me abraçando...

Porra.

Caio para frente, e deixo que minha cabeça cair em seu ombro, e fiquei lá, respirando, me acalmando de uma vez. Posso ser maior e mais alto agora, mas ele ainda é meu irmão mais velho. No entanto, o único capaz de me derrubar.

—Olha, garoto. Precisa estar nessa universidade eu goste ou não. Você é nosso bilhete para sair daqui, sair deste maldito parque de trailer que nós chamamos paraíso. Você é nossa oportunidade de uma vida melhor.

Eu começo a sacudir minha cabeça.

—Merda, cara, tem toda a razão. Não estou fazendo uma merda pela Mamma. Eu não estou contribuindo. Está tudo sobre você e Levi, e essa merda está me despedaçando.

Axel dá um passo atrás, e coloca suas mãos em meu rosto, me obrigando a olhar para ele.

—Cara, você é tudo sobre o que a Mamma fala. Você, superestrela, o futebol, os Tide. Porra seu rosto se ilumina cada sábado quando te vê na tela. Ela fala sobre como você vai ser um grande sucesso, sobre como ela não pode acreditar que você seja seu filho, sobre como talentoso você é. Diz que lembra a ela quando era jovem. —Axel sacode sua cabeça. — Não, cara. Você vai ficar nessa condenada universidade de traseiros-elegantes, mesmo se tenho que jogar de novo lá eu mesmo, e você será escolhido pela NFL.

Levantando o braço, tiro as mãos de Axel de meu rosto e dou um passo atrás.

—Não pode traficar no campus, Axe — Eu digo firmemente. — Isso tem que parar.

—Eu tenho, cara. Os King tomaram a metade de nosso território. Temos que ampliar, nos expandir. Sei que te prometi que nunca colocaria esta merda em seu caminho, mas essa sua universidade é uma condenada mina de ouro. Muitos idiotas ricos pagam altas quantidades por coca diluída, ou qualquer que seja a erva que infernos possam conseguir entre suas mãos estragadas.

—Axe, você poderia passar por meu maldito irmão gêmeo. Somos exatamente iguais. Se o reitor descobre sobre você e as drogas no campus, vai colocar essa merda sobre mim. Então nós podemos dizer adeus ao sonho da NFL.

Ele para, como se ele estivesse pensando sobre está merda.

—Vou ficar fora do seu caminho, eu permanecerei baixo, sem problemas para você. Que tal? Nada vai voltar para você, cara. Eu juro.

Ele jura isso. Pelo menos tinha que contar sobre o reitor arrastando aquela garota a seu escritório ontem à noite depois de que ele quebrasse, mas o medo do que faria estava segurando minha língua. E não conseguia tirar de minha mente a seu pequeno rosto assustado.

—E Levi? — Pergunto, derrotado. Eu me senti drenado por toda a luta. Se eu pudesse ganhar esta, só teria que resistir e ficar em silêncio.

Axel dá de ombros.

—Ele fica comigo. Na gangue. Eu estarei atento a ele.

—Axel, tem que tirá-lo. Esta não deveria ser sua vida. Tem só quatorze anos. Não tem a coragem, nem a mentalidade para viver este tipo de vida.

—Precisamos do dinheiro, cara. Todos temos nossos deveres no cuidado da mamãe. O teu é o futebol, o do Levi e o meu o tráfico. Não é o ideal, mas se queremos manter os remédios para a dor, temos que conseguir o dinheiro de alguma forma. Essa merda é cara. Porra, certamente que ir pelo caminho reto e empilhar prateleiras no Piggly-Wiggly[7] não vai obtê-lo.

[7] Nome de uma rede de mercado

Tão fodido como tudo se tornou, Axel tinha razão. Eu não podia ver outra saída para nós, e, depois de ver a Mamma esta noite, ela precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir... mesmo se a única forma de conseguir para ela fosse corrupta.

—Olhe. E sobre manter Lev tentando até que... —Axel olha para longe, segurando sua tristeza. Tossindo, finalmente diz: — Até que Mamma já não esteja aqui mais. Então conseguirei tirá-lo.

—Como você vai fazer isso?

Axel sorri.

—Conseguiu sair, certo?

Exalando, Bulletncei a cabeça. Sim eu fiz.

Axel colocou uma mão em meu ombro.

—Pensa que isto não vai durar muito tempo agora, cara. Sei que Lev e eu não estivemos aqui tanto como deveríamos ter estado, mas cuidar da Mamma agora mais ou menos e em tempo integral. Ela mal pode caminhar, comer. Porra, ela não pode mesmo tomar uma merda se um de nós não a apoiar. É ruim, cara. Realmente merda mau.

Pelo que vi esta noite, isso era dolorosamente verdade.

—Então vamos nos alternar. Farei o tempo entre a universidade e o futebol para minha parte, me sentar com ela um

pouco, limpá-la, lhe dar de comer, leva-la aos compromissos. Só estar lá.

Axel sorri e seu grosso braço se envolve ao redor de meu pescoço.

—Feito. E será bom vê-lo por aqui novamente. Desde que não se volte contra minha outra vez. — Diz e sorri. Mas seu humor de repente cai. — E Gio. Eu consegui apaziguar ao filho de puta, mas não o pressione muito. A última coisa que precisamos é que ele queira você morto. Há muitos bastardos estúpidos na gangue querendo ganhar sua aprovação. Eles não pensariam duas vezes antes de fazer isso. Então teria que terminar com eles.

Relutantemente, eu concordei.

Axel ri por minha fria e silenciosa resposta e esfrega suas mãos sobre minha cabeça.

—Sentia saudades de meu fodido irmão grudando como marisco atrás de mim e dos meninos. Seria como nos velhos tempos antes que nos abandonasse pela fama.

Isso me deixou morto.

—Não vou a nenhum lado perto da gangue, Axe. Eu nunca vou traficar novamente. E quando vierem os dias em que Mamma... já não necessite de medicamentos — não me atrevo a dizer "morra." Não posso nem expressar em voz alta essas palavras. — Conseguiremos tirar essa merda de nossa vida. Funcionando legal.

Não me importa como vamos conseguir que isso aconteça, mas é assim que isso vai funcionar. Capisci? Entendido?

Axel não responde nada, então caminhamos de volta ao trailer em silêncio. Pela primeira vez em anos, os três irmãos Carillo estavam sob o mesmo teto, fazendo que a merda funcionasse.

Capítulo 07

Lexi

Querida Daisy,

Peso: 44 quilos

Calorias: 1600

Estou aterrorizada.

Não estou comendo, nem dormindo, e estou perdendo o controle do meu plano de alimentação.

Austin Carillo é perigoso. Eu sei disso agora.

Minha cabeça não está centrada. Você já sabe que eu preciso de controle, mas neste momento, tudo está disperso e não tenho nenhuma rotina. A minha ingestão de calorias diminuiu e tenho

um aumento de ansiedade. Também perdi meio quilo. O doutor. Lund não estará contente.

Eu gostaria que estivesse aqui.

Não estou em um bom lugar.

—Yoo—hoo! Agita o que sua mamãe te deu, menina! —Cass grita das arquibancadas do Bryant-Denny enquanto culminava em incentivar a canção de luta dos Crimson Tide. Estava sentada com o Ally e uma muito envergonhada Molly. Não pude deixar de sorrir para Cass enquanto dançava ao redor do assento do Molly, gritando e aplaudindo, jogando beijos. Rome Príncipe acabava de beijá-la em público, no meio do jogo, surpreendendo a todos pra caramba, fazendo que Molly fosse o foco da tela gigante, e fazendo que todo o estádio acreditasse que era seu amuleto da sorte. Jogou como um maldito Peyton Manning[8] depois daquele beijo.

[8] Peyton Williams Manning (nascido em 24 de março de 1976) é um esportista profissional da NFL americano. Joga futebol americano na posição de quarterback. Atualmente é o quarterback do Denver Broncos.

Eu acho que é seguro dizer que Cass estava certa; algo definitivamente estava acontecendo entre os dois.

Os Tide estavam jogando contra os Panteras do Estado da Geórgia e tinha três minutos restantes para o final no quarto tempo. Eles se levariam a vitória facilmente.

—Aí, ele está fazendo isso novamente. — Disse Lyle, um tom irritado pendurado em sua voz quando deu uma cotovelada em meu braço, movendo o queixo em direção a Austin Carrillo. Carrillo se senta no banco enquanto a defesa sai ao campo. Ele estava me olhando fixamente, com raiva, a maior parte do jogo.

Eu gelei ao ouvir as palavras do Lyle, mas não o olho mais. Eu tinha conseguido evitar Austin por duas semanas. Os Tide tinham estado ausentes em Arkansas, me mantive mais ou menos escondida, bem longe do Denny Chimes. Não queria mais ver o tráfico de drogas, tinha muito medo das consequências se o fizesse.

—Ei, você está me escutando? — Pergunta Lyle.

—Sim! Posso ouvir você. Só estou escolhendo ignorá-la. Não me importo se está me olhando. Eu não estou preocupa. —Digo com firmeza.

A banda começa sua próxima música, um ritmo de quatro, e Shelly pede a dança quadrada rotina dezoito. Saltando de um lado para o outro, balançando nossos pompons em conjunto com os tambores, Lyle grita:

—Bem, deveria estar preocupada. Não sabe de onde ele vem?

Isso quase me faz vacilar, e dou uma olhada em Lyle.

—Não. Por que? O que você sabe?

Dando um passo à frente, jogaram um chute alto com a perna direita e cantamos em voz alta.

—VAMOS, TIDE, VAMOS. — Rapidamente caímos para trás em um movimento de lado a lado para repetir a rotina uma vez mais.

Lyle se inclina para trás para sussurrar.

—Bem, como já sabe, eu estive nesta equipe desde o primeiro ano, e, bem, ouve-se coisas.

—Que coisas?

Estava desesperada para conhecer o passado de Austin. Tinha ouvido falar que eram más notícias, é claro. O boato era abundante disso. Não tinha detalhes, no entanto.

—Você já ouviu falar da gangue do Westside Height?

Meus olhos se arregalaram e meus pés vacilaram, fazendo-me tropeçar. Olho através das filas de líderes envergonhada, só para ver Shelly me olhando. Faço uma careta enquanto ela aperta os olhos para mim e murmura:

—Se concentre!

Assim que ela se vira, enfrento Lyle.

—A gangue do West Tuscaloosa que sempre está no noticiário da noite por tiroteios e drogas não autorizadas? Essa gangue do Westside Height? Os italianos?

Lyle assente com os olhos arregalados.

—Sim, essa mesma.

—Você quer dizer... ? —Minha voz falha e quase perco o sinal para o salto duplo com giro para frente.

Quando pousamos, Lyle continua como se não tivesse que fazer uma pausa.

—Sim. Carrillo é um bandido total. Sua família está em sérios problemas. Seu irmão passou um tempo no reformatório, no condado do Shelby, eu acho. Ouvi dizer que Austin tinha sido preso algumas vezes também, Lexi querida. O irmão de Carrillo é perigoso pra caramba, e, honestamente, acredito que Austin pode ser igualmente mau.

Desta vez eu paro. Deixando totalmente de dançar.

Austin e seu irmão eram Heighters? Isso significava... Senhor! Seu irmão era o traficante... dos Heighters! Meu coração retumba como um canhão em meu peito, e sinto como se não pudesse respirar.

Por que tive que passar por eles naquela noite? Por que tomei aquela rua? Já tinha muito em minha mente. Não precisava desta mega ameaça também. Tinha sido um naufrágio durante semanas.

Depois de uma manobra perfeitamente polida, Lyle percebeu que eu não me movia e me pegou pelo braço, me tirando da linha central e para fora do campo.

—Lexi querida, você está bem? Está pálida.

Eu dou um aceno para indicar que estou bem, mas ainda estava tentando respirar ao lembrar da ameaça de Austin. Ele tinha muito mais sentido agora...

Esqueça o que viu esta noite. Se o fizer, seremos bons, não haverá consequências. Mas mesmo se disser uma palavra sobre isso para alguém, me refiro a qualquer pessoa, você não vai gostar do monte de merdas que acontecerão com você. Não tem ideia de com quem se meteu. Com pessoas que farão qualquer coisa para te manter calada. Eu quero dizer qualquer coisa.

—Lexi! Você está passando mal ou algo assim? — Pergunta Lyle, chamando a atenção de algumas das outras garotas do pelotão de partida que começam a me olhar estranho. Gradualmente balanço a cabeça e sinto o arrepiar os pêlos de minha nuca.

Foi como um puxão, uma força magnética, encontro-me atraída a olhar para os bancos dos jogadores do Tide. E imediatamente, desejo não o ter feito. Austin Carillo, ao ver minha

cara de horror, deixa o banco, apenas para ficar de pé na linha lateral, me olhando, com os olhos castanhos escuros estreitos e seus punhos apertados ao lado do corpo. Era grande, musculoso, imponente... Ele era o medo e a ameaça encarnados.

Era como se Austin estivesse comunicando sua advertência só pela sua expressão severa. A mão do Lyle congela em meu braço, e diz entre dentes:

—Sério, por que Carillo olha como se quisesse te matar? Estou ficando muito nervosa.

Austin estava vendo Lyle falar comigo com preocupação e Austin sacode lentamente a cabeça. Compreendo sua advertência.

Mas mesmo se disser uma palavra sobre isso para alguém, me refiro a qualquer pessoa, você não vai gostar do monte de malditas merdas que acontecerão com você.

Me recompondo, viro para Lyle.

—Não é nada, Lyle.

Ela zomba.

—Garanto que não se parecem com na...

Agarrando os dois braços de Lyle em minhas mãos tremulas, retruco:

—Disse para você parar!

Imediatamente me sinto culpada. Tinha ferido a minha única amiga verdadeira da equipe. Lyle ia se virar, mas seguro sua mão. Ela para e se vira para mim, seu rosto cheio de sardas ruboriza.

—Sinto muito. Não quis ser tão dura. Mas...

Um apito soa, assinalando o final do jogo, me cortando.

Os ombros de Lyle desabam.

—Lexi, entendo o que quer dizer, mas me acredite em mim quando te digo para que permaneça o mais longe possível desse cara. É um problema com P maiúsculo. Seja o que for que fez, chamou sua atenção, só reze para que o esqueça muito, muito rápido.

Com isso, Lyle corre para a multidão de fãs invadindo o campo para comemorar a vitória. Viro—me para o túnel que leva ao vestiário. Necessitava de espaço. Mas quando parti em meu caminho para correr, vi Carrillo ainda me olhando fixamente, com um olhar de pedra, o resto dos jogadores correndo por ele na vitória.

Abaixando a cabeça e engolindo meu medo, passo através da massa palpitante de fãs eufóricos e me dirijo para o vestiário para me esconder.

—Rome Prince está dando uma festa esta noite na casa da fraternidade. Ally acaba de passar a mensagem. —Escuto Tanya, a vice—capitã das líderes de torcida, dizer a alguém nas duchas.

—Impressionante! Você já disse para as garotas? — Pergunta a segunda voz.

—Vou fazer isso agora. Não posso esperar para me embebedar! As festas de Rome sempre são impressionantes — Tanya responde com voz atordoada, e ela e a pessoa com a que falava deixaram banheiro.

É isso, Lexington. Ela permanece escondida. Não pode tomar banho com o resto da equipe. Não pode deixar que vejam quão imperfeita é. Acha que não verão a gordura? A celulite? Verão o quanto repugnante é enquanto caminham ao redor sem roupa com seus corpos perfeitos e bronzeados.

Apertando os olhos, eu ando para trás e para frente no frio chão de ladrilhos do banheiro, cobrindo os ouvidos com as mãos, tentando em vão, bloquear o tormento da voz.

Á distância, posso ouvir minhas companheiras rindo, brincando, e discutindo o que usar para a festa. Invejava elas. Eram tão despreocupadas.

Não sei quanto tempo tinha ficado aqui, me escondendo da equipe. Pelo horror de ter que estar nos chuveiros públicos. Por ter que mostrar meu corpo muito gordo. Poderia ter sido horas ou meros minutos; ela não sabia.

Sentando, me esforço para tentar capturar qualquer som de movimento e risos.

Agora tudo estava em silêncio, e me permito exalar de alívio.

De pé lentamente, abro a porta do box e enfio a cabeça para fora. Eles tinham ido embora, graças a Deus.

Ao entrar no vestiário vazio, o cheiro de spray de cabelo, perfume, e gel de banho com aroma de fruta parece pendurar como um véu no ar. Movo a minha caixinha, para tirar minha necessaire e meus demaquilante, voltando para um espelho.

Por um momento, fico me olhando. Meus olhos verdes estavam bordeados de negro, meu rosto pálido de meu pó compacto na luz, e meus lábios são vermelho brilhante, vermelho como uma amostra de sangue fresco. Esta sou eu agora. Esta maquiagem escura me define. Minha máscara. E tirá-la a noite é a pior parte de todos os dias.

Com cada passagem do tecido de algodão, minha força interior se desvanece. Minha maquiagem branca-e-negra deu lugar à pele de cor rosa do meu rosto natural. Todas as minhas inseguranças chegaram de repente. Elas sempre o fizeram.

Quando jogo o tecido usado em uma pequena lata de lixo a meus pés, inalo profundamente. Minha armadura desapareceu.

Meus olhos focados firmemente na bacia de porcelana branca brilhante, mas me obrigo a desviar o olhar. O doutor Lund tinha me ensinado que este processo era uma parte importante de minha recuperação.

No instante em que levanto a cabeça e olho meu reflexo, tenho a mesma reação que tive por muitos anos, meu coração cai em meu estômago e tudo que eu sinto é nojo.

Ali estava ela. Lexington. Lexington Hart. A garota com muitas imperfeições para ser bonita. Tudo sem atrativo, de sua tez menos que perfeita com essas feias sardas no nariz.

Ela era nojenta.

Ela era gorda.

Podemos melhorar isso, Lexington. Apenas me deixe entrar. Podemos chegar à perfeição.

Minhas mãos cerradas em punhos na borda do lavabo enquanto luto contra o demônio que se esconde dentro.

Alcançando atrás de mim, meus olhos caem quando desabotoo minha saia, lentamente baixando sobre meus quadris e meus pés. Em seguida a parte superior e minha roupa interior, até que estou de pé nua.

Até que me encontro de novo fraca.

As lágrimas caem dos meus olhos enquanto me mantenho de imóvel como uma rocha, olhando o chão de ladrilhos. Era a coisa mais difícil de fazer. Enfrentar a meu verdadeiro eu.

Meu corpo sarado.

Um... dois... três... quatro... contei internamente, me preparando para o que veria hoje. Será que vou me ver melhor? Mais gorda? Mais magra? Pior do que nunca?

Abrindo de repente meus olhos de cor verde pálida, encontro meu reflexo nu e apenas olho. Meus olhos se encheram de lágrimas e minha mão instintivamente se levantam para minha clavícula. Estava mais gordinha do que deveria estar. Uma vez foi a parte favorita de meu corpo, que sobressaía, definida... visível. Mas já não é.

Não mais...

Meus dedos se dirigem à parte superior de meu braço, e meu polegar e o dedo indicador beliscaram na carne de meus bíceps. Tenho que sufocar um soluço pela quantidade de gordura que poderia tirar.

Uma vez, tudo o que podia tirar era pele. Mas não mais.

Não mais...

De um nada, ouvi o leve sorriso e minha cabeça vira de repente ao redor para procurar pela sala. Não havia ninguém lá, e um arrepio percorre minha coluna quando me dou conta de quem era.

Isso é certo. Sou eu, Lexington. Não há ninguém mais aqui. Só eu, olhando a quantidade de peso que ganhei. E você, você está vendo o efeito desagradável de sua excessiva gulodice... Eu posso ver isso em seus olhos.

Eu congelo fisicamente.

Me permita te retornar onde deve estar. Onde sabe que quer estar. Só me deixe entrar. Dê-me as rédeas. Cede a mim. Se entregue à perfeição.

Como se controlada como uma marionete, minhas mãos percorrem minhas costelas. Um, dois, três, quatro, cinco, seis.... Meus dedos começam a tocar freneticamente a pele. Havia muita gordura. Deveria ser capaz de sentir até dez costelas, mas só podia sentir seis. Não! Eu só podia sentir seis.

Minha mão cai mais baixo, meus dedos cravam o excesso de carne em meu estômago. Mais abaixo ainda. Não, não, não! Meus quadris! Meus quadris não eram salientes, angular ou definidos. Havia muita gordura. Estou muito gorda. Não de novo! Por favor! Eu... eu paro!

Lexi... lute contra isso! Digo a mim mesma com urgência.

Ofegando, me viro com um solavanco. Minha pele pálida, nua está salpicada com marcas vermelhas aonde estive atingindo meus ossos. Uma erupção estalou em meu pescoço e meu peito, e meus olhos estão vermelhos com agravamento e estresse.

Sete minutos.

Sete minutos e trinta e dois segundos.

Sete minutos e trinta e dois segundos, até que possa me mover de novo.

Até que possa respirar de novo.

Até que possa lutar contra a voz em minha mente, tentando me fazer cair.

Sentia-me esgotada. Como se fosse David que acabava de vencer Golias. Mas meu Golias nunca morria. Nunca ia. Não podia ser derrotado, apenas, no melhor dos casos, mantinha-o na baia. E meu coração cai quando penso no que minha vida seria com ele sempre em minha mente.

Estava decidida a não deixá-lo ganhar.

Caminhando para as duchas vazias, os tubos gemem quando giro o botão e deixo que a água se deslize sobre a cabeça, lavando a falta próxima... lavando a negatividade.

Você é linda, Lexi. É forte. É perfeita tal como é, recito em minha mente. O doutor Lund tinha me ensinado a utilizar mantras

para manter uma atitude positiva. A positividade era a metade da batalha, ou assim havia dito o doutor Lund. E me esforcei bastante para apresentar essa lição. Caramba, me agarrei a ela com unhas e a sustentava como uma tábua de salvação.

Capítulo 08

Lexi

Dez minutos mais tarde, tomo banho e me visto. Sabendo que estava livre de tudo e todos; treinadores e jogadores se foram na noite, deixo do vestiário.

Apertando minha bolsa contra meu peito, ainda me sentindo vulnerável e exposta, caminho lentamente pelo corredor, arrastando os pés. Quando estou na metade de caminho, um enorme estrondo me faz quase tropeçar pelo susto. Minha cabeça se vira em direção ao som, em direção ao vestiário dos jogadores.

Meu coração batendo em meu peito com medo, e estou me virando para ir, quando um profundo som, um rugido de agonia ecoa pelo corredor e chama minha atenção. Quem gritava, estava ferido. Atormentado. Como se estivessem arrancando sua alma.

Imediatamente me sinto atraída pelo som. Afinal, dor atrai dor.

Mesmo antes de ter a oportunidade de perceber, meus pés estão me levando para o vestiário dos jogadores dos Tide... para a

pessoa que parece mais quebrada do que eu. Para alguém que pudesse entender.

Quanto mais me aproximo da porta, mais os ruídos aumentam, até que seguiu o silêncio e um grito de dor rasga a garganta de alguém, ricocheteando nos armários de metal. Quando chego à porta, me pergunto se deveria tomar mais medidas. Essa pessoa poderia querer ficar sozinha. Provavelmente eu a estava incomodando. Mas não era capaz de me afastar.

Eu fico olhando a porta do vestiário fechada.

Estou a três passos mais.

Três passos mais para girar a maçaneta e passar a porta para ver quem está ferido.

Três passos mais para que talvez, talvez, possa ajudar.

Aproximando mais a bolsa de ginásio para meu peito, como um escudo, dou o último passo e entro pela porta e imediatamente me congelo para quem está diante de mim.

Carillo.

Austin Carillo no chão, seu marcado e musculoso torso sem camisa, mostrando um intricado colagem de duas escuras e coloridas tatuagens. Ele está apoiado de costas contra a porta de um armário frio, com sua cabeça entre as mãos, respirando pesadamente.

Observo em silêncio enquanto luto com o que devo fazer. Carrillo está claramente sofrendo, mas sou eu. Ele me odeia, ameaçou-me. Provavelmente sou a última pessoa que gostaria de ver.

Resolvo deixa-lo silenciosamente com sua dor, levanto meu pé para virar quando a cabeça de Carrillo levanta e me encontro congelada em estado de choque.

Os olhos escuros de Austin estão injetados do estresse, suas escuras bochechas vermelhas sem barbear, obviamente, têm esfregado repetitivamente a pele. Mas sua tristeza diminui quando me vê, e sua mandíbula se apertam com aborrecimento.

OH, merda. Eu cometi um erro.

Um erro muito grande.

As mãos de Austin batem no chão de ladrilhos e bruscamente se impulsiona para levantar. Seu metro e noventa de altura parece pairar sobre mim, mesmo a partir de seu lugar do outro lado da sala. Nossos olhos estavam fixos, e minhas mãos e pernas começam a tremer.

Ele está zangado...

E eu assustada.

Era um membro da gangue Heighter. Ele tinha sido preso várias vezes. Seu irmão tinha estado no juizado de menores. E agora sozinha com ele. Sozinha com ele e ele estava furioso. Sua

raiva parece dirigida a mim. Não há ninguém mais aqui para me ajudar.

Carrillo começa a se mover para frente, mas para a poucos passos de distância. Ele irradiava perigo e escuridão da mesma forma que o sol irradia calor. É como um campo de força a seu redor, uma aura, e isso apenas serve para me assustar ainda mais.

Seus olhos castanhos, quase negros, se estreitam enquanto Austin estuda meu rosto, eu aperto minha bolsa de esporte com mais força. Mas algo em sua expressão muda quando suas sobrancelhas se levantam, e franze o cenho.

— O que está vendo que é tão lhe chocante?

E então me lembro. Não me maquiei novamente. Estive tão chocada pela facilidade com que a voz tinha chegado até mim que só queria fugir.

Sinto vergonha, uma vergonha intensa porque estava me vendo tão vulnerável e imperfeita. Ele não podia entender por que isso me incomodava tanto. Ele me odeia, e eu estou com medo. Mas eu me importava. Importava-me muito que tivesse visto meu verdadeiro eu profundamente. A garota que não está à altura. A menina com muitas falhas.

—Que porra está fazendo aqui? — Diz Carrillo friamente, quebrando meus pensamentos, com sua expressão impassível de novo firmemente em seu rosto.

—Eu... e... eu

Austin dá um passo para a frente. Com a sua proximidade, posso sentir seu perfume, um profundo almíscar amadeirado, o aroma de um jogo amplamente jogado. Apenas somado a sua escuridão.

—Eu... e... eu, jura? —Ele ri, sem sentimentos—. Por que sempre aparece aonde não lhe querem? Quando não lhe querem? Em lugares nos que não deveria estar?

Engulo nervosamente e tentando me afastar, mas ele estende sua mão, agarra meu braço e me puxa para frente.

Deixo escapar um pequeno grito. Seu toque não é doloroso. Na verdade, mal está me tocando, mas me surpreendeu, e relutantemente o olho fixamente.

— Você disse algo para umas das meninas hoje? — Sussurra suavemente.

Incapaz de encontrar minha voz, simplesmente balanço a cabeça freneticamente "não".

Os dedos de Austin apertam em meu braço. Instintivamente tento me afastar.

—Me responda! Esteve me olhando com medo todo o maldito jogo!

Inalando profundamente, me arrumo para ranger.

—Não, eu não disse nada.

Austin estreitou os olhos me dizendo que não acredita em mim.

—Prometo isso, não o fiz. Juro. Não disse ao reitor nada quando me chamou. E Lyle... Lyle percebeu que me olhava um par de vezes e me advertiu sobre você. Isso é tudo. —Arrancando de novo meu braço, esfrego a pele sensível.

Austin passa as mãos por seu cabelo escuro e exala um suspiro de alívio. Mas seus olhos não se separam de mim nem por um segundo.

Enquanto o olho, parece que está lutando contra algo em seu interior. Mas então seu rosto parece congelado. Sua máscara intimidante de Heighter está de volta em seu lugar.

—Será melhor que não conte o que viu — Adverte-me friamente. — Estou te vigiando.

Encontrando a força de algum lugar desconhecido, eu passo diretamente diante dele, e isso para o tempo.

—Eu disse que não ia falar nada, e não vou. Sei o que é ter um segredo, que alguém revela algo que deseja manter bem escondido. Acredite em mim, eu sei. Então não vou dizer nada a ninguém, mas você está fazendo que as pessoas falem. Você está estragando tudo, ao me olhar como se quisesse me matar, obtendo a atenção das pessoas quando o reitor já suspeita que vi algo. Não esconde com sucesso suas emoções.

Não responde nada, e afasto meus olhos de seu intenso olhar, só para me encontrar cara a cara com um enorme crucifixo tatuado em seu peito nu, uma Maria chorando, A mãe de Cristo em sua base, e Maria olhando para Jesus agonizando, com o rosto dilacerado pela dor ao ver seu filho pendurado na cruz... morrendo.

Eles estão em todas partes, as tatuagens religiosas, cobrem quase cada centímetro da parte superior de seu corpo, e tem os braços cheios. A maioria são religiosos, alguns em um idioma estrangeiro. Parece italiano.

Os enormes braços de Austin de repente se cruzam sobre seu peito e seu nariz se dilata pela raiva.

—Bastar sair daqui. — Ordena com frieza. Sem hesitar, eu me virei para ir embora, voltando apenas para dizer corajosamente:

—Aterroriza-me, Carillo. Tenho medo de você. Está feliz com isso? Sei quem é, de que família vem, de onde vem. Fui informada de forma confiável. Assim pode parar com as ameaças, olhares de reprovação. Entendi que você é uma pessoa ruim. Entendi. Sou incapaz de dormir à noite com medo. Sei que é perigoso e que provavelmente não teria nenhum remorso por me machucar, se eu falar. Não sou estúpida. Então, te peço, por favor, simplesmente me deixe em paz. Nunca vou falar sobre o que vi. Mas eu preciso que me deixe em paz.

Não fico para ver sua reação. Só corro todo o caminho de volta à casa da irmandade de garotas, para o meu quarto no quarto andar.

Logo ao passar pela porta aberta de Cass, a voz do Ally grita:

—Lexi! Vem aqui, querida!

Me parando abruptamente, deixo a bolsa e vou para o quarto, me colocando em meu habitual sorriso falso. Cass e Ally estavam sentadas em sua cama.

—Olá, garotas! — Cantei, olhando como a garota mais feliz do mundo.

—Aghh —Ally grita e salta para me abraçar. — Esteve incrível hoje, céu! Estou muito orgulhosa de você! —Enquanto Ally se retira, sua boca se abre.

Eu sou imediatamente lembro da maquiagem.

—O que? — Eu pergunto.

—Está linda, querida. Nunca te vi sem toda sua maquiagem escura antes.

—Caramba, sim você está, garota. Malditamente sexy! — Acrescenta Cass a partir de sua cama onde estava bebendo sua taça cheia de licor caseiro. Ela é uma caipira de cabo a rabo.

Brincando com meu cabelo úmido, murmuro ainda relutante.

—Obrigado.

Eu não sou bonita. Estão tentando ser agradáveis. Além de ser muito bonita, Ally sabe como ser agradável. Mas não podia

suportar a ideia de receber comentários injustos. Não poderia suportar que mentissem para mim.

—Então, o que estão fazendo? — Pergunto, indo me sentar na borda da cama de Cass e afastando a conversa de minha aparência. Aceno com minha mão negando a oferta do Cass de tomar um gole da bebida alcoólica ilegal.

—Rome dará uma festa em sua fraternidade, e vamos —diz ao Ally. Meu estômago se altera. Isso significa que Austin estará lá. Ele mora na mesma casa de fraternidade que Rome. O que significa que não seria bem-vinda.

—Acho que vou passar, garotas. Estou cansada — Tento dizer, mas Cass me interrompe saltando da cama, tropeçando enquanto seus pés tocam o chão de madeira.

Perfeito. Ela já estava a meio caminho de entrar em colapso, o que significa uma noite para cuidar dela.

—Nem sequer pense nisso! Você vai! Molly já escapou, decidiu ficar aqui e estudar. Nada do que Ally e eu digamos vai mudar sua obstinada mente inglesa. Então não vai nos deixar plantadas.

Ally cruza os braços sobre seu peito, sorrindo para Cass, que estende sua mão para a mesa de apoio.

Rodando meus olhos por seu estado de embriaguez, eu digo:

—Está tudo bem. Tenho que me preparar. —Levanto-me e me dirijo para a porta.

—Assim é, Sexy Lexi, não ponha gótico por pelo menos uma vez! Esta noite vai ser épica! —Cass grita em meu traseiro em retirada.

Recolho minha bolsa de ginástica, e vou para o meu quarto me preparar. Épico é uma merda, penso. Mas como uma porra de um maldito desastre esperando para acontecer.

Capítulo 09

Austin

Me assusta, Carillo. Eu tenho medo de você. Está feliz com isso?

O comentário dessa garota ronda minha cabeça enquanto estou atirado em minha cama, e me faz sentir enojado. Ela tem medo de mim e eu nem sequer sei o seu maldito nome. E eu odiava, toda essa porra de bagunça. Minha mãe ensinou a nunca fazer coisas más com uma mulher, e aqui estou, fazendo tudo errado na cara dessa animadora, observando seus movimentos, e agarrando seu braço. E tudo pelo bem da equipe! Minha vida está muito fodida.

Minha mãe certamente estaria envergonhada. Mas tenho que proteger minha família. A última coisa que minha mãe precisava era que um de nós fosse preso. Quem cuidaria dela então?

Logo depois do jogo, recebi uma chamada de Axel. Mamãe estava mal. Muito mal. Ele a levou para a clínica pública, e lhe

prescreveram mais medicamentos. Está tendo uma de suas crises e nós não tínhamos o dinheiro para cobrir os custos dos medicamentos, ainda assim, Alex teve que levá-la a clínica.

Esperei até que todos os jogadores se fossem do vestiário e logo destruí o lugar. E então ela entrou, a maldita líder gótica. Exceto que não o parecia agora. Eu gostava do estilo gótico; era escura como eu. Mas sem maquiagem, ela parecia muito diferente.... Ela parecia bonita, e meu coração quase explodiu em meu peito.

Mas ultimamente, estava vendo muito de mim e minha família. E tive que assustá-la. Era o preço de ser um Carillo.

Uma batida soa em minha porta e Rome entra. Ele me cumprimenta com cautela e se senta em meu sofá. Todos os calouros estavam lá embaixo na nossa casa da fraternidade, organizando-se para a festa, assim que nós como sêniores podíamos relaxar até que as pessoas começassem a chegar.

Rome assume o controle remoto e liga a TV; decide deixar no Sports Center. Com desinteresse, olho os apresentadores recapitulando os jogos da NFL do domingo passado.

—Você vai falar sobre a chamada que recebeu após o jogo? — Rome diz sem tirar os olhos da tela.

Olho em sua direção. Vestia sua habitual camiseta sem mangas dos Tide e jeans enquanto inclina-se sobre sua mão. Deve sentir meu olhar, porque olha em minha direção.

—Então? — Pressiona, sento na borda da cama com meus cotovelos sobre meus joelhos e passo minhas mãos por minha cabeça em frustração.

Não podia falar de minha mãe. Era muito doloroso.

—Carillo. Vamos lá homem, algo está acontecendo e está te consumindo. É sua mãe? —Suspirando, olho meu melhor amigo e o cenho franzido em seu rosto.

—Sim, ela está piorando.

O rosto do Rome se escurece. Ele amava a minha mãe até a morte. Ela tinha sido uma mãe para ele quando sua própria mãe não queria o conhecer. Cuidou dele, escutou seus problemas, e assistia a qualquer partida de futebol nos que ambos jogávamos.

—O que pode ser feito? — Pergunta diretamente.

Eu dou de ombros.

—Não sei, precisa de uma pílula milagrosa.

—Então a consiga. Qual é o problema? — Diz claramente.

Meu estômago dá voltas e o fulmino com o olhar.

Rome se inclina para frente e diz:

—Austin, se for questão de dinheiro, já sabe que eu poderia...

—Não. — Eu bati. — Nem sequer termine essa maldita frase. Não vou tomar nada de você. Sei que suas intenções são boas e tudo, mas isso não vai acontecer.

Rome se levanta e começa a caminhar pela sala.

—Merda, Carillo! Não seja tão teimoso! Sabe que tenho dinheiro para gastar. Meus avós me deixaram milhões... milhões, Oitenta e três! Merda, depois de tudo o que sua mãe fez por mim quando criança, daria de bom grado. Não tenho nada mais no que gastá-los. Se meu pai conseguir que eu faça à sua maneira, estarei dirigindo Princes Oil em pouco tempo, e me tornarei um maldito bilionário!

Caminho para o Rome, ponho minha mão em seu ombro, e ele para. Quando me olha pude ver a angústia por minha mãe em seu rosto. Por seu pai pressionando-o para rejeitar o recrutamento da NFL e assumir o negócio familiar, meu melhor amigo estava sofrendo também.

Os dois estávamos ferrados.

—Um: Você não vai dirigir Princes Oil. Vai ser recrutado e se transformar em um profissional. Sabe que será eleito na primeira ronda de recrutamento. Fique com esse plano. E dois: Por mais que aprecie o que está tentando fazer por mim, por mamãe, com seu dinheiro, não vai acontecer. Axel não aceitará. Ele, Levi e eu vamos lidar com esta merda. Conseguiremos.

Rome zomba e balança a cabeça.

—E como vai conseguir? Os Heighters? Essa é a resposta a seus problemas de dinheiro? Cocaína? É assim como vai obtê-lo?

Gelo percorre minhas veias.

—Não é seu problema, Bullet.

Rome planta sua mão em meu ombro.

—Aí é onde está errado. É meu maldito problema. Não quero ver meu melhor amigo, meu irmão, preso por tráfico de cocaína. Sua vida será arruinada. E eu estou dizendo isso agora, Carillo, se for por este caminho, não vou apoiá-lo. Não posso ver você rastejar de novo para essa vida. Agora tem a NFL em vista.

Afastando sua mão, volto para a cama e me deixo cair nela.

—Carillo? Que porra é essa? — Diz Rome com raiva.

—Não vou traficar, assim se acalme de uma vez porra.

—Mas Axel está — diz de propósito.

Assento para o Rome e ele se senta a meu lado, ambos olhamos ao longe.

Não dizemos nada durante vários segundos.

—E agora Levi. — Digo com relutância.

Imediatamente, Rome congela.

—Levi? O fodido Levi de quatorze anos? Cristo, Austin! Não! Você disse que ele estava apenas à margem dos Heighters. Não traficando para eles! — Grita, desta vez muito mais zangado. Rome gostava de meu irmão mais novo. Ele queria mais para ele.

—Sim, homem. Meu irmão mais novo. Levi é velho o suficientemente agora para ajudar. Axel vai tirá-lo quando tudo isso acabar. Os Carillo conseguem essa merda da única maneira que sabemos.

—Ilegalmente —murmura Rome.

Eu atirei-lhe um olhar de merda.

—Não importa como, Rome, sempre e quando mamãe se livre da dor. Ambos sabemos que não será para sempre. Um par de milhares de dólares agora, e logo eu trabalharei para tirar todos nós.

Rome se vira para mim.

—Austin, eu lhe peço isso. Deixe-me pagar pelo tratamento. Nada de empréstimos ou reembolso. Me deixe só lhe dar de presente...para o seu bem.

Dei-lhe um tapa nas costas, minha garganta estava bloqueada pela gratidão.

—Não vai acontecer, homem. Mas nunca esquecerei o que me ofereceu. É mais do que alguém já fez alguma vez por mim.

Pode parecer teimoso, mas não ia tomar nenhum dinheiro de meu melhor amigo. Nem um centavo. Mamãe não iria querer isso. Ela é uma mulher orgulhosa... e eu sou igualmente orgulhoso.

Rome e eu nos sentamos em uma silenciosa contemplação por um instante antes que ele se levantasse e caminhasse para a porta, a atmosfera entre nós agora era calma.

—Te quero lá em baixo em dez minutos, você e eu precisamos de uma bebida — Disse Rome, e eu relaxo sabendo que nossas diferenças passaram.

—Claro, homem.

Rome abre a porta. Assim quando ele está a ponto de sair, eu pergunto:

—Essa garota inglesa com quem esteve passando tempo...

—Molly? —Rome responde— O que tem ela?

—Essa pequena garota gótica com quem anda, a lider...

Os olhos do Rome estreitaram enquanto tentava criar uma imagem da garota a que me estou referindo, e um minuto depois, uma expressão de reconhecimento cruza por seu rosto.

—Sim?

Eu olho para baixo, não encontrando seus olhos.

—Você sabe o nome dela?

Rome ficou em silencio por um momento, e quando olho para cima, está pensando. Dando de ombros, responde:

—Lana, Lucy, Lizzi, algo assim. Talvez Lexi? Sim, eu acho que é Lexi. —Seu cenho se franze. — Você vai me dizer por que quer saber?

Eu fico olhando para ele. Rome ri e bate na porta duas vezes.

—Eu imaginava. Estou indo.

Uma vez estou sozinho em meu quarto. A primeira coisa em que penso foi em seu rosto, Lana, Lucy, Lizzi, Talvez Lexi? O que seja, e imediatamente me sinto como merda.

Você me assusta, Carillo. Eu tenho medo de você...

Uma hora depois a casa da fraternidade estava cheia de gente. Estou de pé vendo minha cerveja no canto da sala com o Rome. Rome é como um maldito drogado, nervoso, balançando de um pé para o outro enquanto se apoia na parede ao meu lado observando a porta. Já rejeitou todas as fãs que passaram por ele.

Rome era um jogador[9] de início ao fim, e acho malditamente hilariante seu repentino desinteresse pelo sexo oposto.

Essa garota inglesa, Molly, estava realmente impressionando ele.

Rome está me falando sobre temas sem importância quando de repente vejo Ally, a prima do Rome, entrando na casa seguida da garota do JD, Cass, que parece completamente bêbada.

Eu não me dou conta num primeiro momento, mas ela estava por trás. Lana, Lucy, Lizzi, talvez Lexi —como essa maldita se chama — vestida totalmente de preto: uma camiseta de mangas compridas que mostrava sua pequena cintura, tão pequena que provavelmente poderia caber em uma mão ao redor dela, uma minissaia preta, meias pretas, saltos altos, seu cabelo encaracolado de lado como Dita Von Teese[10], com os olhos delineados em preto e batom vermelho escuro.

Merda. Para minha irritação, ela estava linda.

Ela estava sorrindo para Cass movendo sua boca quando, de repente, olha para cima, seus olhos cor verde pálido olham em minha direção. Nós olhamos uns segundos antes de lembrar-me de

---

[9] Jogador é também como chamam galinha ou mulherengo. A autora está fazendo um trocadilho, dizendo que Rome não é apenas um jogador no campo mas também com as mulheres.

[10] Dita Von Teese: é uma modelo erótica, atriz e bailarina de neo—burlesque americano.

suas palavras de antes. Eu preciso que me deixe sozinha. Apertando minha cerveja, viro e abro caminho através da massa de jogadores dos Tide e fãs bêbados até que eu vá para o ar úmido da noite.

—Austin! — Escuto meu nome de um lado. Reece estava sentado em volta da fogueira com o resto dos jogadores de primeiro ano. Movo meu queixo e me dirijo para o quarterback suplente de estilo surfista de cabelo loiro e atitude relaxada, atirando minha agora vazia lata da Corona no lixo.

Assim que estou diante dele, Reece me entrega uma nova lata e o running back novato junto dele, Collins, afasta-se para me deixar sentar.

—Tudo bem, cara? —Reece pergunta sorrindo amplamente. O cara é realmente bom. Eu simplesmente não podia falar como Rome e JD faziam com ele. São necessárias pessoas realmente especiais para que as deixasse entrar, para contar sobre minha vida.

Batendo em seu ombro, concordo, lhe dizendo que estava bem. Reece se vira para falar com o Caleb Baker, um jovem receptor, sobre Tanya, a vice capitã das líderes de torcida que se pavoneava do outro lado do gramado. Os deixo, não quero falar sobre uma loira falsa cujo único problema é o que deveria usar para ir a classe na segunda-feira.

Encostado no banco, olho para o céu cheio estrelado, e inalo. Por que é que quando enfrenta a trilhões de pequenas luzes da galáxia, você sente uma reconfortante sensação de insignificância, como se seus problemas não fossem nada? O que mais há na vida, no mundo do que você pensa, como todos os seres humanos são parte de um grande plano que Deus desenhou para que o levemos a cabo. Mas, assim que olhar para longe dessa grande manta de diamantes, todos os seus problemas batem em casa uma vez mais, e toda a merda que está acontecendo te esmaga. Todos os problemas que tem te apunhalam no peito, e todo se ilumina.

—Onde ele vai? —Escuto Reece dizer enquanto olho a lima que flutua em minha cerveja Mexicana. Um cotovelo bate em meu lado. Levantando o olhar, vejo o Reece apontando para Rome atravessando a rua em direção a uma casa de fraternidade (feminina). Reece ainda está me olhando esperando uma resposta, então dou de ombros.

Eu olho através do pátio vejo Ally, Cass e JD passando o momento junto à churrasqueira. Mas a líder de torcida estava fora da vista.

Quando a conversa ao meu redor muda para os planos de fim de ano, sei que é hora de ir. Não podia permanecer aqui, falando da merda de um trailer pobre entre as rosas, enquanto que os meninos falam de suas casas luxuosas e de suas vidas perfeitas, compartilhando presentes e toda a fodida alegria do natal.

—Estou indo —digo a Reece enquanto levanto e caminho para o jardim da casa do verão da fraternidade. Apenas Rome e eu tínhamos a chave deste lugar. Bastante fodido para nós, sei, mas até para o membro graduado dos Tide, como da fraternidade, nossa palavra era lei. Rome poucas vezes vinha por aqui, de modo que isto era na maioria só meu. Cristo sabia que tinha que me afastar algumas vezes.

Alcançando as chaves em meu bolso, o pego e abro a porta de madeira, decidi não acender as luzes. Se o fizesse, os estudantes bêbados virão tentando usá-la para ficar com alguém, não quero lidar com isso esta noite.

A casa de verão era pequena, mas impressionante, com paredes e pisos de madeira, grossas cortinas vermelhas nas janelas, dois sofás de couro marrom, uma lareira, uma pequena cozinha, uma televisão, e a joia da coroa, uma grande fodida claraboia no telhado, inundando apenas o centro da casa com luz. Outro exemplo de como os jogadores de futebol são tratados nesta cidade.

Que garoto de vinte e um anos da fraternidade necessita de uma maldita casa do verão? Mas eu passo muito tempo aqui. Não podia suportar festas como esta, vendo os meninos jogar e tentar colocar o amor para às garotas quando sua mãe poderia estar em seu trailer, tombada de dor ou meus irmãos poderiam estar levando um tiro em um tiroteio. Tinha que tentar se manter

desapercebido concentrar-se sobre o projeto. Esse era meu papel neste desastre. Me concentrar no projeto de nos salvar a todos.

Sem pressão.

O futebol era minha saída.

Era minha resposta.

Era a resposta a todas as orações dos Carillo.

Sentado no sofá, puxo o telefone. Axel escreveu-me:

Axel: Consegui suficiente dinheiro para os remédios de mamãe esta noite. Levi está indo bem nas ruas, pegando boa mercadoria. Mamãe está melhor do que a algumas horas atrás. Arrumando as coisas para leva-la para a cama. Estamos conseguindo que se faça à maneira dos Carrillo, Aust. vamos mantê-lo em marcha.

Ponho meu telefone de volta em meu bolso, me sentindo dormente. O inferno começou. Ao ver brilhos de sombras nas paredes de madeira da casa do verão, levanto-me de um salto e fecho as cortinas, deixando suficiente espaço para ver através delas o que estava acontecendo. Esta casa estava bastante longe e escondida entre a sombra das árvores, portanto deveria estar seguro do que acontece lá fora.

Então eu vi uniformes.

A polícia do campus junto com policiais reais, trouxeram cães com suas guias, invadindo a festa. Alguns estudantes estão fugindo, e outros estão muito bêbados para perceber o que está acontecendo. E então eu vejo o reitor ir lá fora com seus olhos examinando à multidão enquanto se pavoneava em seu terno cinza caro sob medida.

Porra, esse cara me odeia.

Os policiais alinham os estudantes da festa um por um, e os cães começam sua busca. Merda, os K—9! Sinto meu estômago removido quando me dou conta do que estavam fazendo, procuram drogas.

Vários estudantes correm pelas ruas, tentando escapar do ataque, os policiais estão perseguindo-os. Estava agradecido de ter escolhido vir me esconder aqui, mas então ouço uma batida na porta da casa. Fechando as cortinas, dou uma olhada e vejo que estava destrancada.

Merda

Antes de ter a oportunidade de atravessar a sala para bloquear quem estivesse entrando, a porta se abre e alguém desliza no interior. Congelo, imóvel, enquanto fecham a porta e quem entra pressiona suas costas contra a porta e suspira de alívio. Onde me encontro está completamente escuro, nem sequer sabe que estou aqui.

Apenas pude ver o reflexo de uma figura pequena. Era uma garota. Também posso sentir seu perfume, a não ser que um dos jogadores dos Tide tivesse decidido usar Coco Chanel em suas costas, definitivamente é uma mulher.

Me aproximando das bordas escuras da sala, faço todo o possível para ficar em silêncio. Quem quer que fosse não podia gritar e revelar onde estávamos, tinha que ter certeza disso. A última coisa que precisava era o reitor me perguntando pelas drogas. O filho de puta já pensava que eu era o responsável pela cocaína no campus. Sempre houve problemas aqui na UA nos últimos três anos, e sempre jogou a culpa em mim, só que esta vez, ele estava certo.

A garota estava ofegando, imóvel contra a porta fechada. Piscando, tentando me concentrar, estendo a mão e acidentalmente toco seu braço. A garota começa a gritar, assim agarro seu ombro e a viro, tampando sua boca com minha mão para abafar o seu grito.

Suas pernas começaram a me chutar e suas mãos golpearam meus braços. Pondo minha boca em seu ouvido, sussurro:

—Cale a boca cadela, não vou te fazer mal, apenas pare de gritar porra.

Suas pernas param de mexer e pega a minha mão, tentando afastá-la de sua boca. Precisava ter certeza de que não ia gritar. Não podia deixá-la ir, sem me assegurar de que não causaria uma maldita cena.

—Vou tirar minha mão de sua boca quando estiver seguro que não chamará a atenção. Você concorda? —Digo em voz baixa, tentando fazer meu melhor para não soar ameaçador. Mas não sou estúpido, um menino sussurrando a uma garota em uma casa escura de verão, não é exatamente como se fora sentir-se segura. Respirações duras fluem de suas narinas enquanto tenta acalmar-se, e suas unhas, que estavam cravadas em minha pele, afrouxam um pouco.

—Bom. Agora conto até três e tiro a minha mão. Apenas lembre-se, não vou te ferir. Estou me escondendo aqui também. Você me dá sua palavra de que não gritar de novo? —Eu pergunto.

Seu cabelo suave roça a pele nua de meu pescoço enquanto balança a cabeça em concordância, liberando um pequeno gemido agradável.

—Bem, um... dois... três...—digo em voz baixa e lentamente removo minha mão. A garota respira fundo, afasta-se e vira para me olhar. Mesmo na escuridão, posso notar um par enorme de olhos verde pálido, quase turquesa olhando para mim.

Droga, conhecia esses olhos.

Estava encantado por esses olhos.

A garota ao ver minha reação, dá um passo mais perto ainda. Uma luz se move para fora, rastejando por debaixo da porta, criando um brilho na casa do verão. A partir desta curta distância,

posso ver seu rosto. Era ela, e por sua reação, sabia que tinha percebido que era eu.

—A-Austin? — Ela gaguejou interrogando. Não parece feliz por minha presença. Bom, porque eu não estou exatamente feliz pela dela.

—N—Não sabia que você estaria aqui. Simplesmente não queria que o reitor me interrogasse de novo. Vi este lugar e decidi me esconder até que esteja terminado, eu—eu sinto. Eu vou...

Sem passar por onde estava, e fazendo caso omisso a seu tropeço, e a sua terrível desculpa, silenciosamente me dirijo ao sofá e me sento. Foda-se isso era tudo que eu precisava.

balançando os pés, claramente desconfortável e provavelmente pensando em sair e ir com o reitor depois de tudo.

Suspirando, agito minha mão em sua direção.

—Será melhor que se sente. O reitor não será rápido com isto. Você precisa ficar longe desse bastardo pelo bem de todos. Então, temo que não tem outra opção a não esperar aqui comigo.

Como um personagem de desenhos animados, sua cabeça vai de mim à porta e de novo, à porta e de volta uma vez mais.

—Eu não vou te machucar. Porra, nem mesmo falarei contigo se isso ajuda — digo bruscamente e concentro o olhar na mesa de madeira que estava diante de mim, a lua através da claraboia funcionava como foco justo em cima onde estou sentado.

Escutando saltos no chão de madeira, sei que escolheu ficar.

Bom. Ela não era estúpida, então.

O sofá afunda ao meu lado, e se senta na ponta do sofá como se estivesse em algum colégio privado suíço, com joelhos juntos e suas costas retas. Desta vez sopro uma gargalhada, e ela se vira em minha direção.

—O que? — Sussurra, com um pouco de veneno em sua pequena voz.

Minhas sobrancelhas se levantam em surpresa por sua atitude. Sempre esteve muito tranquila as vezes que a vi. Mas esta noite estava mostrando um pouco de personalidade.

Eu me viro para olhá-la, estendendo meu braço esquerdo ao longo da parte de trás do sofá.

—Parece como se tivesse a porra de um pedaço de pau no traseiro sentada assim.

Sua boca se abriu em surpresa, e quase rio em voz alta enquanto me olhe de maneira estranha, depois, se inclina lentamente para trás contra a almofada, claramente tentando relaxar. Então ficamos em silêncio de novo, era malditamente desconfortável.

De repente, os cães começam a latir do lado de fora. Movo-me do sofá, correndo para a janela e puxo a cortina só um pouco, então vejo o pátio da fraternidade.

—Merda — cuspo ao que estava vendo.

—E aí? O que eles estão procurando? — A garota pergunta do sofá.

Não respondo, estou muito ocupado vendo os estudantes, não sabia que tinham começado a algemá-los e detê-los pela polícia. O reitor estava caminhando ao longo da linha de estudantes, fazendo perguntas, enquanto outro policial levanta um pacote branco e um estudante está sendo preso.

Porra. Reconheci a marca. Era a marca dos Heighters.

MERDA.

Uns passos suaves soam no chão atrás de mim.

—Austin, que estão procurando? Eu estou ficando louca aqui.

Soltando a cortina, viro para ver um rosto de porcelana me olhando.

—Qual é o seu nome? — Pergunto sem rodeios.

A garota parecia desconcertada.

—O que? — Pergunto de novo, confuso por sua estranha reação.

Ela balança a cabeça nervosa, enquanto seu queixo e cabelo negro brilhantes balançam para frente e para trás.

—A-Apenas me surpreendeu, isso é tudo. Nunca antes tinha perguntado meu nome. Eu não acho que você queria saber depois das últimas semanas

Movo meu queixo e insisto que responda à pergunta com meus olhos. Vejo-a tragar, seu pescoço era tão fino que podia ver todos seus movimentos.

—Lexi — diz tão suave como uma fodida pluma. — Meu nome é Lexi Hart.

Rome tinha razão.

Não sei porque, mas saber seu nome a fazia parecer mais humana, e me sinto como um idiota pela maneira como a tratei. É tão pequena. Parece tão frágil. Como se o mínimo pudesse destruí-la.

Eu não posso parar de olhar para ela, e aqui, entre as sombras da sala, apenas um foco de luz da lua em tons azuis chega onde estávamos, fazendo com pareça como se tivesse saído de um conto de fadas. Sua pele é leve e suave, o cabelo da cor de um corvo, e aqueles lábios vermelhos. Seus olhos verdes me lembram o mar, um tranquilo mar do verão dormindo sob uma aposta de sol.

É malditamente bonita.

Sentindo-se inquieta pelo meu olhar fixo, envolve seus braços em torno de seu estômago e insiste:

—Então, o que está acontecendo lá fora?

Meus dentes mordiscam meu lábio inferior enquanto a contemplo. Mas, qual é o ponto? Além do Rome, apenas a pequena Lexi sabe no que estávamos envolvidos, o que meus irmãos faziam para viver, o verdadeiro Austin Carrillo fora do campo de futebol.

—Os cães — diz em voz baixa e olhe para mim, parecendo um pouco assustada. — Estão procurando droga, não é?

Confirmo com cautela.

Respirando com dificuldade, volta até o sofá e se senta na borda, jogando com seus dedos, sua cabeça inclinada para baixo. Observo-a refletir, isso foi até que ela olhar para cima através de seus longos cílios negros e corajosamente pergunta:

—Presumo que as drogas foram fornecidas pelo seu irmão?

Um instinto protetor desperta em mim.

Salto para frente, me elevando por cima dela rosno:

—Nada disso é da sua conta, você... —Mas me detenho no meio frase, e me calo. Enquanto inclino minha cabeça para cima para olhar o céu noturno sem nuvens, pergunto-me por que esconder isso dela. Ela já se figurou nesta merda, tinha visto Axel em ação. Ela sabe que não pode falar, para sua própria segurança, então, por que diabos devo me preocupar em mentir?

Quando acalmo meu temperamento, solto meus punhos e olho para o sofá. Lexi está pressionada contra o encosto do sofá,

todos os enormes olhos aterrorizados, me olhando como se Jack o estripador estivesse a ponto de estripa-la.

Você me aterroriza, Carillo. Tenho medo de você...

Um sentimento parecido com um soco no estômago me inunda quando suas palavras esta manhã passam pela minha cabeça. Já não sei ser mais assim.

Não quero ser mais isso.

Me movo ao extremo oposto do sofá, e enquanto isso, Lexi observa minhas ações como se estivesse prestes a ataca-la ou pegá-la a qualquer momento.

Suspirando, inclino minha cabeça em sua direção, mas não pude lhe fazer frente. Sou um covarde bastardo, e não posso lidar com o desprezo em seus olhos.

—Eu não deveria ter feito isso —digo rapidamente.

Notei sua rápida inalação. Espremendo meus olhos fechados, imagino o rosto cheio de dor de mamãe, eu queria lhe dizer por que estava agindo assim... mas o mais importante, por que precisava que mantivesse a boca fechada.

—Eu só... eu só tenho que proteger a minha família, e você tem o poder de nos separar agora. Você viu muito, Lexi. E realmente eu gostaria que não o tivesse feito, por você e por mim. Não é algo que queira para ambos..., mas é o que é.

Escuto sua respiração profunda e imagino que está relaxando um pouco. Ainda não conseguia olhar para ela.

—É por isso que está se escondendo aqui? —Ela pergunta hesitante.

Assento com relutância.

—Você é... é um traficante de drogas também?

Desta vez minha cabeça se move em sua direção.

—Foda-se, não. Eu não sou. Não tenho feito essa merda em anos, apesar do que já tenha ouvido falar. Eu não sou um bandido. Não desde que vim para os Tide.

Os últimos vestígios de tensão parecem desvanecer-se.

—Mas seu irmão ainda é? — Pergunta nervosamente.

Concordo com a cabeça lentamente. Estou grato de que não houvesse dito irmãos. Faz-me pensar que ela não tinha visto Levi no pátio também. Isso é bom. Muito bom.

—Ele se parece com você —diz um minuto mais tarde e faz um gesto para meu cabelo escuro e minhas tatuagens, especialmente à estrela em minha bochecha esquerda. — Seu irmão. —Sua cabeça se inclina para um lado com olhos inquisitivos. — São gêmeos?

Encontro o seu olhar e respondo a contra gosto.

—Não, ele é mais velho. Apenas nos parecemos, isso é tudo.

—Posso perguntar por que ele tem este estilo de vida e você não? Como você saiu? — Pergunta, e seu rosto pálido se avermelha de vergonha. Ela sabe que está perguntado algo que não deve.

Minha sobrancelha direita perfurada se levanta.

—Pode perguntar, mas não te darei uma resposta.

Seu lábio superior se torce com minha resposta.

O silêncio que se produz desta vez não é tão ruim. Os minutos passam, e escuto com atenção se por acaso alguém se aproxima da porta. Ainda há policiais na casa. Posso ouvir o profundo murmúrio de vozes por trás das grossas paredes de madeira.

Lexi esteve me observando todo o tempo, mas eu não queria falar muito. Ela não merecia meter-se mais fundo do que já estava.

Me recostando no sofá, decido tentar relaxar, mas conforme o faço, sinto Lexi inclinar-se mais perto. Meus olhos se estreitam e lhe lanço um olhar interrogativo.

—O que diabos está olhando tão de perto? — Pergunto. Estou sendo um idiota, mas ela está quase no meu colo enquanto tenta olhar algo em meu pescoço.

Brincando com seu cabelo negro, ela ruboriza. Isso só me deixa mais curioso.

—O que? —Pergunto novamente e cruzo os braços sobre meu peito.

Um dedo ossudo aponta para o lado de meu pescoço. E franzo o cenho confuso.

—Essa tatuagem —responde com expressão culpada com seu rosto cheio de inocente interesse.

—Terá que ser mais específica — digo fazendo um gesto para a parte superior de meu peito, mostrando a pele completamente coberta de tatuagens por cima de minha camiseta preta, em minhas mangas e meu pescoço.

—Essa — pressiona de novo, e seu dedo apontando mais perto. A olho incrédulo. Ela não está ajudando exatamente. Eu tento pensar o que tinha nesse lugar, mas poderia ser alguma das que fiz aos quinze anos.

Seus dentes se apertam chateada e pressiona sobre meu pescoço com a ponta de suas unhas pintadas de preto.

—Essa! Que diz Heighters!

Meu humor escurece. Igual à expressão irritada de Lexi e baixa sua mão.

Lembro-me quando fiz essa tatuagem. Tinha quatorze anos, a mesma idade que Levi. Acabava de vender meus primeiros gramas de coca, e fui iniciado na gangue. Gio lhe tinha ordenado a Matteo, seu homem de confiança, para me marcar. Bem no pescoço, onde

todos pudessem ver com quem me juntava. E a estrela, a Stidda, em minha bochecha mostrava nossa conexão com a turma siciliana.

Era uma declaração visível que eu era um Heighters para toda a vida.

Tinha doído como o inferno, e, todo o tempo que a agulha tinha rasgado minha pele, Axel tinha mostrado um sorriso de satisfação para mim. Era provavelmente o momento de maior orgulho de sua vida, observando a seu irmão mais novo unir-se à turma que era tão sagrada. Sua família. Matteo foi assassinado em um tiroteio pouco depois disso, e aí é quando Axel tinha sido promovido, tomando o cargo de mão direita do Gio.

A tosse do Lexi me traz para o presente. A olho em seus olhos outra vez e espeto:

—Consegue-os quando se junta oficialmente a gangue. E você nunca cobre isso. Pertence a eles. Feliz?

Lexi olha para baixo em suas mãos com culpa.

—Apenas curiosidade. Eu nunca conheci ninguém que estivesse em uma gangue de verdade. Produz-me interesse.

Quase cuspo sangue ao escutar suas palavras.

—Uma advertência, nunca tenha curiosidade sobre os fodidos Heighters. A vida da gangue não é um piquenique ou um conto de fadas para entreter a uma pequena menina rica.

Os lábios pintados do Lexi se separam ao meu comentário, e seus olhos se estreitam, mas, de repente, as vozes soam fora da casa do verão e os brilhos das lanternas brilham através das frestas das cortinas. O instinto me faz escapar até o chão para me esconder atrás do sofá. Lexi deixa escapar um grito abafado de pânico pelos policiais que estão apenas lá fora, e sem pensar puxo seu braço, jogando-a no chão ao meu lado. Rapidamente estávamos fora do caminho da luz da lua e dentro das sombras, com seu corpo contra o meu, minhas mãos sobre sua boca e minha boca em seu ouvido.

—Fique quieta! — Rosno advertindo-a, seu corpo rígido relaxa contra o meu.

—Procurem na casa do verão! — Ordena alguém, e os cães de busca começam a latir na porta do lado de fora. Lexi estende a mão e a põe em minha coxa com seus dedos segurando meus jeans.

—Basta ficar quieta. A porta está trancada. Eles não têm nenhuma razão para pensar que há alguém dentro enquanto não façamos barulho e fiquemos aqui nas sombras. — Eu digo em um tom quase inaudível.

Lexi acena entendendo.

—Tente abrir a porta! — Alguém grita, e reconheço a voz do reitor. — Ele tem que estar aqui em algum lugar. Não há nenhuma maneira que tenha cocaína no campus e esse maldito criminoso do Carillo não tenha nada a ver.

Sinto a cabeça de Lexi levantar, e não havia nenhuma dúvida de que me está olhando. Mas não olho para ela. Estou muito malditamente chateado com isso. Sabia que esse idiota ia tentar me colocar esta merda.

Ele esteve esperando esta oportunidade por três anos.

Por mais de mil dias, ele quis este lixo italiano fora de sua universidade.

A maçaneta da porta começa a girar e as luzes inundam através do buraco da fechadura, passando por perto de onde estávamos. Aproximo mais Lexi, para me assegurar de que estávamos bem no escuro, com seu traseiro encostado agora contra meu pau sob meu jeans.

—Parece vazia, senhor —uma voz lhe diz ao reitor, e escuto um forte suspiro.

—Porra, ele escapou. Carillo estava presente na festa. Temos testemunhas que o colocam aqui. Rome Prince também se foi. Não é uma coincidência. Provavelmente se foram juntos. Onde você encontrar um, estará o outro. Por que um bom menino como Prince foge com esse pedaço de lixo está além de meu entendimento.

Faço um esforço sobre—humano para não voar pela porta e quebrar seu maldito pescoço. Eu vou te mostrar quem é lixo.

—E agora, senhor?

—Tenham alguém patrulhando pelos arredores até o amanhecer. Se tenta voltar, poderemos interroga-lo. A cocaína que encontramos com os quatro estudantes esta noite vem dos Heighters. Reconheci o símbolo da estrela siciliana no pacote. Tivemos problemas com essa turma envolta no tráfico de drogas há cinco anos. Carillo é a conexão mais próxima que temos com eles estes dias. Porra, por tudo que sabemos, ele é o único que está distribuindo, recebendo uma carga de dinheiro.

Fecho meus olhos com força. Ele ia matar Axel. Não tinha uma pausa, porra! O reitor me tinha como o principal suspeito para a presença de drogas no campus.

Fodido A.

As vozes começam a desaparecer enquanto os policiais se afastam da casa do verão. Mas estarão aqui toda a noite. O reitor se assegurou disso. O que significa que estava preso aqui até amanhã... e Lexi também.

Uma vez que estavam fora do alcance de meu ouvido, tiro a mão da boca do Lexi e a ponho no chão ao lado de sua cabeça.

Posso sentir sua respiração pesada. Está assustada. Não a culpava. Suspeito que não está acostumada a esta merda, a vida dos perdedores. E pela forma que o reitor tinha falado de mim aos policiais, provavelmente pensaria que eu sou o inimigo público número um.

—O que fazemos agora? — Diz a pequena voz do Lexi em meio ao silêncio da sala.

—Vamos ter que esperar aqui até que abandonem os jardins da fraternidade.

—De acordo — sussurra de volta e se prepara para nos manter afastados. Alcanço-a, agarro seu quadril e a puxo de volta. Ela não ia se mover daqui. Precisamos nos manter escondidos.

Não antecipei sua reação.

—Se afaste de mim? Não me toque! — Diz em pânico, sua voz estridente soa como um grito em um filme de terror contra a tranquilidade da casa.

Maldito psicopata Norman Bate de merda.

—Merda, puta, fico em cima de você! — Espeto de volta e faço calar seu traseiro histérico. — Tem que ficar aqui embaixo. Eles podem voltar, e ver você se não se esconde atrás do sofá. O resto da sala está muito aberto e iluminado com claraboia porra!

Aqui na escuridão das sombras não podem vê-la, mas eu podia senti-la tremer.

Que porra é essa?

Levanto minhas mãos para minha cabeça para demonstrar que não ia tocá-la de novo. Não podia enfrentar este nível de insanidade agora.

Podia sentir o calor que irradiava como se fosse um maldito aquecedor. E quando desliza para trás um raio de luar, sua mão está em seu peito como se estivesse tentando acalmar seu coração acelerado.

—Está bem.... Está bem. — Diz quase sem fôlego e se deixa cair a meu lado—. Ficarei aqui.

Desta vez ela enfrenta e seus olhos nunca deixam minhas mãos, como se quisesse ter certeza que não iria tentar tocá-la. Me pergunto o que porra está passando com essa merda. Mas não iria interferir. Tinha muito do que lidar para estar preocupado por seus malditos problemas de emocionais também.

Os grilos cantam fora, e a cada quinze minutos, o som dos rádios dos policiais do campus enche a casa. Estão fazendo rondas, como se fossem as boas putas do reitor, as luzes de suas lanternas iluminam a sala, exceto aqui atrás do sofá, onde temos nosso pequeno refúgio.

As horas passam em silêncio, e eu me deitei de costas simplesmente olhando uma vez mais às estrelas através do céu, o céu brilha com o amanhecer, a sala escura agora está iluminada por um brilho alaranjado.

Ouço Lexi suspirar a meu lado e pergunto:

—O que pensa quando você olha às estrelas?

Consigo ver a cabeça do Lexi inclinada para um lado e seus olhos estreitaram considerando.

Os minutos passam e ela observa em silêncio o céu da noite.

—Às vezes me pergunto o que devem fazer em nosso mundo —sussurra em voz baixa. Não acreditava que responderia. — As fascinamos ou as enojamos? Olham abaixo para nós da mesma maneira que olhamos para cima e pensam o mesmo que nós? Veem todos os nossos problemas? Veem nossas tristes desculpas para viver com uma crescente sensação de vergonha? Ou será que nos invejam por ter uma vida, boa ou má?

Sua resposta me surpreendeu. Tristes desculpas para viver?

—Alguma vez as olha e se sente inferior, pequena? — Acrescento, realmente querendo escutar sua resposta.

Lexi se move ao meu lado, levantando suas mãos para fazer um quadro com seus dedos, seu olho esquerdo se fecha enquanto estuda o Cinturão do Orion como se estivesse olhando através de um telescópio. Mas suas mãos caem abruptamente e descansam sobre seu estômago com um olhar sórdido em seu rosto.

—Não preciso olhar às estrelas para me sentir inferior, Austin. Tudo o que tenho que fazer é abrir os olhos e me olhar em um espelho.

Minha atenção se volta para ela e fica uma sensação estranha no estômago, simpatia?

Lexi boceja ao meu lado e suas pálpebras começam a cair, mas luta para ficar acordada, sem afastar os olhos das estrelas. Eu não posso parar de olhar para ela. Algo sobre ela me intriga. Ou talvez seja o fato de que ela sabe sobre mim, o que era, o que me atrai. Não tinha que fingir aqui neste momento.

—Durma. — digo depois de seu terceiro bocejo consecutivo, e se concentra em mim de novo. Ela me está malditamente cansada, e eu preciso estar alerta.

Lexi simplesmente balança a cabeça, e envolve seus braços ao redor de seu peito, lutando contra outro bocejo.

Maldita garota teimosa.

—Lexi, durma, porra. Vamos estar aqui toda a noite de todas formas — Ordeno, e observo como seus olhos cansados se alargaram.

—Você vai dormir? — Pergunta, e franzo o cenho. Por que lhe importava essa merda?

—Provavelmente, em algum momento — Respondo e dou de ombros.

—Nesse caso, está bem. Mas... —seus lábios franzem. — Mas por favor não me toque. Não... não suporto que me toquem... Eu vou fica aqui escondida, só... não me toque.

—Não o farei —digo com veemência e os dentes cerrados. Será que ela pensa que vou acaricia-la enquanto dorme ou alguma merda assim? Que diabos você pensa de mim?

Os olhos de Lexi se fecham, e em segundos está adormecida, encolhida em posição fetal sobre o chão de madeira. Parece um duende quebrado e caído.

Não sei por que faço, mas me inclino e sussurro:

—Isto não sou eu, Lexi. Não sou o frio e insensível idiota que pensa que sou. Apenas queria que soubesse isso sobre mim.

Suspirando profundamente, tiro meu telefone e envio uma mensagem a Axel:

Eu: Jogaram a rede na casa da fraternidade esta noite. Produto 'H' encontrado. O reitor sabe que é dos Heighters. Procura-me para interrogatório. Eu estou me escondendo. Esta merda precisa terminar o mais rápido possível! Não posso comprometer o futebol.

Axel responde imediatamente:

Axel: Estou nisso. Essa vadia disse algo ao reitor? Eu preciso fechar a sua boca? Temos que marrar todas as pontas soltas.

O que parecia como pânico abre caminho até minha garganta quando leio a mensagem do Axel e olho para Lexi. Ela é inocente em tudo isto, mas sei que Axel não ia deixar passar. Olhando-a dormir, tão pequena, sinto o impulso de protege-la. Ela me lembrou a Mamma, arrastada a esta situação de merda por causas alheias.

Deslizo meus dedos pelo cristal da tela e escrevo rapidamente:

Eu: Ela não disse nada. Tenho certeza disso. Isto é sua culpa por não ser discreto. Resolve-o. Rápido.

Desligo o meu telefone. Não podia lidar com Axel agora. Estava furioso. Deixo cair minha cabeça no chão de madeira frio, olho o rosto de duende de Lexi, toda escura e gótica, mas debaixo de toda essa pintura de guerra, ela parece aterrorizada. Do que, eu não tinha nem ideia, mas estava lutando com algum demônio interior. Reconhecia os sintomas.

Eu fecho meus os olhos, e tento relaxar.

Em questão de minutos, estou dormido.

Levanto—me com o sol atravessando a claraboia com Lexi ainda ao meu lado. Durante a noite, ela se virou, seus dedos tocam a ponta dos meus. É a primeira vez que passei realmente toda a noite com uma garota. Não me entenda mal. Eu fodi com algumas fãs, mas nada sério, nada que lhes fizesse pensar que podiam dormir a meu lado na cama mais tarde.

É uma sensação estranha.

Retiro minha mão da dela e Lexi começa a se mover. Seus olhos abrem-se lentamente e se fixam em mim, a expressão confusa em seu rosto mostra que estava tentando adivinhar o que faz aqui ao meu lado.

Sem falar, começo a me mover para ver se a costa está vazia fora. Observando o recinto através das cortinas, tudo está

tranquilo. Olho o relógio sobre a lareira, são as dez da manhã. Os policiais do campus se foram fazia uma hora pelo menos. Eles trocam os turnos às nove e meia, e não patrulham de novo até as onze. Durante o primeiro ano aprendi muito depressa a estudar seus horários, os velhos hábitos dificilmente morrem.

Sinto Lexi antes de vê-la, e quando dou a volta, sei que está bem atrás de mim. Nossos olhos se encontram, e quase rio. Toda sua maquiagem preta está manchando seu rosto, mas seus olhos estão mais uma vez brilhantes com curiosidade.

—Podemos ir agora? — Pergunta nervosamente.

—Sim —respondo, mas nenhum de nós se move do lugar junto à janela, como se não quiséssemos ir para o que quer que estivesse nos esperando do lado de fora. Nossa desastrosa realidade do outro lado dessa fina peça de madeira.

Mas nós temos que enfrentar, certo? Não podemos ficar no conforto tranquilo da casa do verão para sempre. A vida continua, e nossos problemas estão aqui para ficar.

—Lexi? — Ela levanta a cabeça, pedindo-me para continuar falando. — Tem que ficar longe de mim.

O rosto do Lexi empalidece e sua respiração parou.

—De acordo. Se é isso o que você quer. —Ela se vira, e agarro seu ombro antes de tirar minha mão e novamente sair do meu lado. Ela não quer que a toque. Eu me esqueci disso.

—Meu irmão está fazendo perguntas sobre você. Não é seguro para falarmos, que estejamos um ao redor do outro. Se me ver pelo campus, caminha sem dizer nada, e eu farei o mesmo. Os Heighters suspeitam que falou deles ao reitor...

—Não fiz! Eu juro! Não disse nada... — interrompe, enlouquecendo, e detenho seu protesto com uma mão levantada no ar.

—Eu sei. É o que eu disse. Mas você precisa ser cuidadosa. Meu irmão não será o único que virá atrás de você para te manter calada, e não quer conhecer sádico filho de puta que o fará. —Vejo-a engolir em seco e sei que meu aviso teve êxito. — Fique segura, não se mantenha fora do pátio á noite, e se o reitor te pergunta algo mais sobre isso, mantenha a boca fechada. Ninguém sabe que você sabe algo, exceto Axel e eu. E eu vou ter certeza que continue assim.

Lexi assente com apreensão e, move-se até a mesa de café, pegando sua bolsa. Vejo-a sair, com seu ajustado Top e sua curta minissaia de bailarina mostrando suas pernas finas.

Cristo! Eu não poderia gostar dessa garota. Ela é muito passiva. Apenas quando Lexi chega até a porta, uma pergunta surge. Por alguma razão preciso saber a resposta.

—Hey, Lexi?

Ela se vira para mim.

—Sim?

—Por que a pintura de guerra?

Adotando uma expressão glacial, responde simplesmente:

—Por que as tatuagens? — Ela aponta para meus braços e pescoço tatuados.

Nenhum de nós diz nada e observamos um ao outro o que podia ter sido uma eternidade. Podia ver em seus olhos que a maquiagem escura era seu escudo. Como as minhas tatuagens eram os meus, mas nenhum dos dois iria admitir isso.

Lexi suspira e põe uma mão sobre seu coração.

—Todos temos segredos, Austin. Os de algumas pessoas são maiores do que os de outras, isso é tudo. Você não concorda?

Minha falta de resposta diz tudo.

Sim. Sim, era.

Capítulo 10

Lexi

Um mês mais tarde...

Querida Daisy:

Peso: 43,600 kg

Calorias: 1500

Hoje me vi na televisão animando os Tide.

Não podia acreditar que era eu.

Quando me olho no espelho, vejo os defeitos na garota que me olha de volta. Mas me ver na tela me faz retroceder quase com nojo. Via-me tão gorda, Daisy, muito grande. E não posso tirar essa imagem de minha mente.

Eu preciso estar mais tonificada.

Eu preciso cortar a minha comida... apenas por um tempo... só para ficar bem no campo. Eu perdi um par de quilos, mas ainda não é suficiente.

Contei minhas costelas hoje. Podia contar apenas seis. É tudo em que posso me concentrar. Não posso limpar a minha mente.

Seis. Seis. Seis.

E pior ainda, Ally me abraçou hoje, e juro que eu pensei que estava gorda. É como se não pudesse suportar que as pessoas me toquem. Os abraços terão que parar ou vou perder a cabeça. Ninguém pode me tocar até que tenha perdido mais peso.

Ainda estou jogando com sucesso o meu papel de amiga-amante da diversão. Nenhum dos meus amigos suspeita. Ainda meu segredo está seguro.

Apenas alguns quilos, Daisy, e então tudo estará bem.

—Você pensa muito sobre Daisy?

Eu fecho meus olhos com força e tento bloquear a dor pela morte de minha melhor amiga.

—Lexi. Responda à pergunta — o Dr. Lund insiste.

Assentindo com a cabeça, respondo:

—Sim. Penso nela todo o tempo.

—E o que pensa dela? — Posso escutar o Dr. Lund rabiscando em seu caderno, tomando notas sobre o que tenho a dizer.

—Penso que ela sempre sorria embora estivesse morrendo por dentro. Penso em como cada vez que tocava o fundo do poço, ela estava ali para mim, falando... me motivando para me levantar. — As lágrimas brotam em meus olhos e digo: — E penso em seus últimos minutos, quando agarrou a minha mão e silenciosamente escapuliu, mas não antes de me implorar que não sucumbisse à doença. Para não... Morrer também.

—Alguma vez invejou quão magra ela era?

Cada parte de mim é tensa, e fico com o olhar no chão.

—Sim...—sussurro. — Invejo que ela alcançou a perfeição. Conseguiu seu peso ideal.

O doutor Lund põe sua prancheta sobre a mesa ao lado dele e se inclina para frente com as mãos entrelaçadas.

—Lexi. Você entende que sua severa perda de peso foi o que a matou? Que seu coração não pode suporta a pressão?

—Sim, eu entendo. Mas você me perguntou se eu invejava quão magra ela estava. E eu faço. Invejo o seu peso final.

—Será que você tem pensamentos não saudáveis a respeito de seu peso ultimamente? Algo que devamos discutir?

Balanço a cabeça e começo a tocar minhas unhas.

—Não. Eu fui bem.

Agora, Lexington, está mentindo. E a seu médico, nada menos. Sabe que me está permitindo mais. Está me dando controle. O que você perdeu nas últimas semanas? Um par de Quilos? Eu estou aqui contigo enquanto está parada na escala, regozijando-se em seu lucro. Tudo o que tem que fazer é me dar as rédeas... me dar o controle... Pode ser como ela...

Meus dedos começam a doer, e quando olho para baixo, estão agarrando aos braços de minha cadeira. Meus dedos estão brancos com a tensão.

Lexington, me dê o controle... Lexington, me deixe entrar... Lexington, apenas alguns poucos quilos a mais...

—Lexi? —Uma voz profunda soa a meu lado, me puxando de volta à realidade.

Sigo o som da voz e meu estômago imediatamente cai.

—Doutor Lund — digo, me lembrando onde estou: na consulta.

—Você perdeu um pouco de peso — diz o Dr. Lund diretamente. — Está perdendo mais a concentração, e estou começando a me preocupar.

—Eu não acho...

—É notável, Lexi. Você e minúscula para começar. Uns poucos quilos de perda de peso são muito visíveis em seu pequeno corpo.

Minha cabeça instintivamente se abaixa, e não posso olhar em seus olhos.

—É só porque estive muito ocupada, eu juro.

Sim, Lexington, mantenha-se longe da verdade. Mantenha-se longe de saber que começou a reduzir as calorias porque acha que está gorda demais em seu uniforme de líder. Esse pensamento de Daisy em seu peso ideal está te dirigindo lá também. E tem razão. Está gorda. Não é mais que um par de quilogramas o que perdeste. Um par de quilos não são nada. Talvez deveria perder um pouco mais, só para ter certeza... para ter certeza absoluta...

—Lexi, nosso tempo acabou, mas posso te esperar no grupo esta semana, certo? — Assento — Acho que temos que discutir o que é ser uma líder de torcida. Sabe que é seu principal gatilho. Talvez seja muito neste momento. Eu nunca estive totalmente convencido de que estivesse segura para dar esse passo de novo em primeiro lugar.

Assento sem responder, saio de meu assento e praticamente corro para fora da sala, fazendo uma pausa para apoiar minhas costas contra a parede.

Sei que ser líder de torcida é meu gatilho, e estou muito preocupada comigo gorda no campo.

A voz é boa, não é? E o Dr. Lund não sabe tudo, certo? Será muito bem perder uns poucos quilos, só para estar segura de que não pareço muito gorda na câmara. Afinal de contas, a câmara acrescenta cinco quilos, por isso vou fazer para equilibra-lo. Posso parar depois de cinco quilos. Vai ser fácil. Sou mais forte desta vez. Eu vou ser capaz de parar muito bem. Ele não vai ficar fora de controle. Vou me sentir muito mais saudável para perder um pouco de peso. Com muito mais confiança.

Vai ser fácil.

Sim, Lexington, sim. Deixa que te guie à perfeição. Posso fazer que seja muito fácil para você...

Meu ritmo cardíaco aumenta à medida que minha emoção cresce, e começo a fazer um plano. Eu gostaria de fazer mais exercício, sim. Isso deveria bastar. Podia correr mais, ir ao ginásio mais. E talvez deveria cortar alguns carboidratos mais... certo? Verdade? Pergunto à voz em minha cabeça.

Isso será um começo, Lexington. A voz responde com aprovação, e deixa que relaxe. Só por um momento, eu deixo-me levar.

Sim, Lexington, tomarei as rédeas com muito prazer.

Era reconfortante não lutar contra a voz. Estava cansada da luta, do esforço para ser forte... para ser normal... para estar curada. Quanto mais tempo estou sem Daisy, mais fácil era para a voz entrar como um verme em meu cérebro.

Registrando que a costa estivesse limpa, dirijo-me à sala privada de familiares, dois corredores para baixo. Preciso de um pouco de tempo a sós para me recompor antes de retornar à casa da irmandade, antes de voltar a ter que agir como se tudo estivesse bem diante de meus amigos. Mas quando estou a ponto de entrar, um homem sai pela porta e começa a correr pelo corredor. Suas pesadas botas negras ecoam nos ladrilhos do chão estéril, fazendo que olhe o seu caminho. Meu pulso começa a acelerar quando me dou conta de quem é. Todo vestido de preto, tatuagens, piercings, dilatadores negros nas orelhas e cabelo escuro, quase preto.

Austin Carillo.

Quando Austin desaparece de minha vista começo a me mover, meu pai sai da sala de familiares usando seu jaleco branco, seus olhos procuram pelo longo e solitário corredor na direção em que Austin se foi.

Meu pai não me viu ali de pé, olhando a cena que se desenvolvia, estava muito preocupado por Austin correndo a distância. Balançando a cabeça, aparentemente sofrendo, fechar a porta da sala e finalmente, me olha.

As sobrancelhas de papai se arquearam em surpresa.

—Lexi? — Diz, parecendo intrigado. Apenas vi meus pais nos últimos dois meses. Papai sempre está ocupado com seus pacientes, mamãe estava ocupada com seu negócio de costura, e eu estive ocupada com a faculdade.

—Olá, papai! — Digo alegremente enquanto me movo para ele. — Não sabia que você estaria aqui esta noite.

Meu pai inclina sua cabeça para me dar um beijo na bochecha.

—Não percebi que estava aqui esta noite, querida — diz e olha nervosamente pelo corredor uma vez mais.

—Estava com o Dr. Lund. Tivemos que remarcar a consulta, já que tenho um jogo.

Os olhos de meu pai se escurecem com minha resposta, e sussurra pesadamente.

—E como foi?

Eu puxo as minhas mangas compridas para frente ao longo de minhas mãos, e dou de ombros.

—Estou bem, eu acho.

Meu pai se aproxima de mim e sua voz calma.

—Tem certeza que está bem? Parece que perdeu um pouco de peso.

A raiva ferve em minhas veias.

—Estou bem! Eles acreditam que não eu posso lidar! Estou bem! Por que todos não me deixam em paz? —Retruco.

Então ouço a voz em minha cabeça.

Mas não está lidando bem com isso, certo, Lexington? Esta lentamente voltando para mim. Você quer estar aqui também. Eu te quero de volta. Te sinto falta de você...

—Lexi? — Sussurra meu pai com tristeza e levanto a cabeça lhe interrompendo antes que possa dizer algo mais. Eu não conseguia ouvir nada mais!

—Você estava falando com Austin Carillo? — Solto, tentando mudar de assunto, apontando para a sala de estar.

Mudança de assunto, a maior ferramenta de uma anoréxica.

Meu pai balança sobre seus pés e seu rosto ficou vermelho. Isso significava que era.

—Confidencialidade médico—paciente, Lexi. Você sabe que não lhe posso dizer isso.

Concordo com a cabeça e olho ansiosamente pelo corredor uma vez mais.

Papai pigarreia.

—Você conhece Austin Carillo, Lexi? Nunca mencionou isso antes — Pergunta com cautela. Queria revirar meus olhos. Era porque ele era um Heighter. Mas não tinha certeza que Austin era tão mau quanto parecia. Pelo menos, o Austin que esteve aquela noite na casa de verão. Uma parte de mim se pergunta se eu vi seu verdadeiro eu naquela noite.

—Conheço-o das líderes de torcida. — Eu respondi. — Ele joga para os Tide. É um receptor. Mas não o conheço bem, não.

Papai exala um suspiro reprimido de —supus— alívio e se esfrega a testa com a mão. Está estressado. Estendo a mão e puxo a manga de seu jaleco branco com um sorriso orgulhoso. Ele é um médico excepcional porque se preocupa profundamente por seus pacientes. É, em poucas palavras, um ser humano excepcional. O doutor Maxwell Hart é o principal oncologista no distrito da Tuscaloosa por causa de sua compaixão e bondade pelas pessoas, desde qualquer âmbito de sua vida. Ele ofereceu-se como voluntário para as clínicas gratuitas apenas para que as pessoas que não têm seguro não tivessem que sofrer com a dor. Vai de hospital em hospital para ajudar sempre que possa.

Meu estômago se revolve com medo repentino. Meu pai é um oncologista, isso significava... OH, não! Isso significava que alguém na família de Carrillo devia ter câncer.

—Quem é? —Eu sussurro, com profunda empatia obstruindo minha garganta. Fixo meus olhos em papai.

—Quem é o que? — Pergunta confuso.

—Quem na família de Austin está doente? Quem tem câncer? —Minha voz adquiriu um tom de pânico. Por alguma razão, saber que alguém em sua família estava doente faz que seu comportamento, e até mesmo suas opções de vida, apenas um pouco mais compreensíveis. Será que seu irmão vende drogas porque estava pagando as contas médicas de alguém? É por isso me ameaçou tanto para que eu não falasse?

Meu pai me olhe fixamente pensando. Sei que está se perguntando por que estou tão preocupada. Minimizando a importância e sua preocupação e lhe peço que me responda. Papai sussurra derrotado.

—Eu não sou seu médico, Lexi. Martin Small, o chefe neurologista do hospital, é seu médico. Martin teve que ir ao outro lado da cidade para uma emergência e me pediu que informasse a Austin de algumas... notícias.

Concordo para que continuasse, mas sacode a cabeça e põe uma mão em meu ombro. A ação faz que me paralise, e rapidamente me afasto.

—Não posso dizer nada mais, querida. Pare, já estendi o código ético em si. Só deixa isso para lá.

Dirijo-lhe um sorriso de apaziguador e sedo. Mas tudo em que posso pensar é que Austin estava falando com um neurologista. Que porra podia estar errado?

—Tudo bem, querida, tenho que ir ver alguns pacientes mais antes de ir para casa. Longa viagem. Venha para o jantar em breve, ok? Mamãe sente falta de você.

—Eu farei, papai — digo e, balançando a mão em despedida, caminho casualmente na direção oposta, mas na direção exata em que Carillo fugiu.

Chequei por cima de meu ombro que papai não está à vista, abaixo minha cabeça e corro pelo corredor tentando seguir o caminho de Austin. Depois de procurar em cada greta, saída, e porta, o corredor chega a um final abrupto, e só havia o portão de entrada para o santuário do jardim. Este jardim foi criado para os pacientes, um espaço privado para eles a fim de refletir, estar sozinhos... chegar a um acordo com as más notícias. Eu sabia. Tinha passado mais de uma noite aqui com Daisy em minha adolescência quando tínhamos sido hospitalizadas.

Ao pressionar minha mão sobre a madeira da porta, inclino a cabeça, com minha mente em um conflito de pensamentos enquanto leio a placa na parede.

A gente está mais perto do coração de Deus em um jardim que em qualquer outra parte do mundo — Dorothy G. Gurney.

Provavelmente não deveria interrompê-lo. Mas Austin parece estar sozinho. E se estiver chateado, não deveria estar sozinho, não é?

Cinco minutos mais tarde, minha obstinada curiosidade me faz girar a maçaneta da porta do santuário jardim—felizmente—vazio.

Um pequeno oásis no deserto sem defeitos do sofrimento do hospital.

Enquanto assimilo a beleza do jardim, sinto-me sem fôlego. Então, como um anjo caído maravilhosamente escuro, Austin aparece atrás da coberta da fonte de água querubim e se afunda no pequeno banco de metal branco debaixo da macieira, balançando para frente e para trás com sua cabeça entre mãos.

Minha respiração parou em minha garganta.

Austin Carrillo está chorando. Um inquieto, atormentado pranto. Nunca vi algo tão devastador em toda minha vida.

Balançando em meus pés, olho para um céu cheio de estrelas. Era fácil acreditar que nos tinham transportado para outro mundo neste paraíso botânico, um cheio de reverência e admiração, como se tivéssemos caminhado através do armário para a Narnia, um lugar mágico na escuridão na baía.

Uma terra sem nada de sofrimento, só paz.

Mas Austin sofre. Uma dor eviscerada pela aparência das coisas. O ar da noite não é sentido, e neste pequeno pedaço de céu só estamos Austin e eu, dois impostores em um jardim artificial do Éden.

E ele estava tão quebrado, e que o Senhor me ajude, não podia deixa-lo sozinho, sem importar que é provavelmente o que tinha que fazer.

Durante as últimas semanas, as coisas não saíram conforme o planejado. Molly e Rome agora estavam juntos, e Austin e eu nos vimos obrigados a estar na companhia um do outro mais do que gostaríamos. Fingíamos ser civilizados quando temos que estar juntos. Passamos momentos em clubes e festas em casa com nossos amigos como se não tivéssemos nenhuma preocupação no mundo, até mesmo fingimos uma amizade. Descobri que Austin é tão bom ator como eu. Nenhum de nossos amigos tem nem ideia, não havia nenhuma sensação de mal-estar entre nós. Mas, na verdade, Austin e eu somos mais frios um com o outro que um inverno ártico.

Entristece-me um pouco porque eu gosto. Houve vezes nas últimas semanas que quase desisti. Lembro-me da casa de verão, lembre-me dos policiais Austin tentando me proteger, me segurando com seu corpo enquanto estávamos deitados no chão de madeira, falando sobre as estrelas. Mas então eu me lembro seu irmão, Axel, lembro-me dos Heighters, lembro-me do aviso de

Austin e isso me faz encolher de volta para a minha concha ... de volta ao silêncio e isolamento.

Suspirando, forço minhas pernas a caminhar e me movo junto a Austin no banquinho. Silenciosamente me sento, puxei as mangas de meu Top negro sobre minha palma da mão, um movimento que faço quando estou nervosa. Austin não havia sentido minha presença. Não ouviu o rangido sutil do banco por cima do volume de sua dor.

Quando outro soluço começa em sua garganta, ponho minha mão em suas costas, tenho que tocá-lo. Foi ferrado de minha parte, foi sem convite, mas tinha que fazê-lo simplesmente. Algo dentro de mim me empurra a ser solidária. Austin é forte, pertence a uma perigosa gangue, tem um passado escuro, mas debaixo de sua armadura de tatuagens, sinto que também tem uma alma pura, e que está em perigo.

Com o toque de minha mão, Austin salta do assento e dá a volta para mim, com os punhos apertados e preparando-se para atacar, seus braços tatuados completamente de cores saltando debaixo de sua camisa preta apertada.

Protejo-me com meu braço, mas o punho de Austin se aproxima de minha mandíbula, ele a retira.

Pouco a pouco sob o braço descobrindo meu rosto, Austin inclina sua cabeça para um lado, com a névoa de raiva levantando-se de seus olhos castanhos avermelhados.

—Lexi? Que dia....? — Diz com uma voz rouca afiada.

Austin balança para frente até que se deixa cair de joelhos sobre o pedaço de grama bem cuidada aos nossos pés. Minhas mãos cobrem minha boca e as lágrimas enchem meus olhos. Parece esgotado.

—Austin? O que está acontecendo? — Eu sussurro, com medo. O escudo em que normalmente esconde suas emoções rachou e quebrou. Eu não tinha ideia do que fazer.

Austin não podia falar, não pode levantar a cabeça, está muito oprimido pela, dor? Sofrimento? Medo? Não sei. As lágrimas caem no chão desde seus olhos baixos, e tudo o que posso fazer é olhar para ele.

—Austin, por favor? — Peço-lhe uma vez mais, quase estremecendo por quão forte minha voz soa na tranquilidade do jardim. — Me fale. Você está bem?

—Não posso.... Eu não posso, Lexi... — Ele consegue dizer através de suas lágrimas e o nó na garganta.

Austin segue sem olhar para cima, assim que me deixo cair cuidadosamente de joelhos para estar ao mesmo nível que ele. Estendo minha mão para ser reconfortante, mas me afasto novamene.

Não lhe toque, Lexington. Ele vai querer te tocar de volta. Sentirá a gordura, sentirá a capa de gordura que cobre suas costas e suas costelas. Sentirá repulsão pelo quão grande você está...

Retirando de minha mão de repente, embalo contra meu peito, assim como as palmas de Austin golpearam a grama verde vibrante, seu ombro largo tremendo enquanto luta por controlar sua respiração irregular.

—Só vai, Lexi... me deixe em paz... —suplica, sem levantar a cabeça.

Movendo meus olhos à porta de saída fechada, contemplo deixa-lo, mas ver Austin no chão me faz mudar de ideia.

—Não o farei — Eu digo com mais autoridade do que sinto. — Não acho que seja correto ficar sozinho neste momento.

O punho de Austin cai contra a grama macia, parecendo um baque.

—Eu disse para me deixar fodidamente sozinho! — Grita com veneno, fazendo-me tremer, me afastando dele e golpeando minhas costas na borda de metal do assento do banco.

O fôlego corre para fora de meu peito, mas meu objetivo nunca deixa de ser Austin. Resolvida, mantenho-me firme.

—Não vou deixar você assim, Austin — Digo, lhe aplacando. — Não te vou deixar neste estado, lidando com o que seja que esteja passando. Não sou uma cadela sem coração!

Os braços de Austin começam a enfraquecer, os cotovelos abaixam com tristeza. E um momento depois, Austin cai para frente, com a testa batendo em meus joelhos enquanto me sento no chão.

Fico imóvel, e ondas de náuseas bate em meu coração. Minhas mãos se levantam no ar enquanto sentem como as lágrimas de Austin molham meus jeans negros desgastados.

Um, respire... dois, respire... três, respire... conto em minha cabeça. Ele me estava tocando. Austin Carillo estava me tocando.

Ok, Lexi, digo a mim mesma. Ele está sofrendo. Está...

Eu tremo quando os enormes braços tatuados de Austin se entrelaçam ao redor de minhas costas, deslizando os joelhos para frente até que sua cabeça está a nivelada contra meu estômago, suas mãos apertam ao redor de minha coluna vertebral, e seu hálito quente se impregna no fino tecido de meu Top. Eu estava envolta nele. Suas mãos me tocam.... Pode sentir, tudo de mim... me sento gorda... muita gorda...

Mas Austin não tem conhecimento de minha angústia. Não percebe que não suporto que me toquem. Está muito consumido pela dor, e eu estou sendo consumida por ele.

Fecho os olhos com força, como se me machucasse, volto a abri-los para ver que levantou sua camisa preta, revelando uma inscrição tatuada na parte baixa de sua espinha que diz: Rogai por

nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Tento me concentrar na oração só para me distrair do meu gatilho.

Um, respire... dois, respire... três, respire... Repito meu mantra, uma e outra vez em minha mente até...

—Lexi... Lexi... —murmura Austin, e me preparo para sua raiva, sua raiva, mas depois ele sussurra. — Me abrace... por favor...

A contagem para.

As náuseas param.

Meu mundo inteiro para.

Minhas mãos estão suspensas no ar enquanto olho os músculos tensos no pescoço de Austin, escuto os gritos suaves de dor que escapavam de sua garganta, e sem perceber, sob meus braços até que minhas palmas tocam seu cabelo quase preto. Ele cresceu um pouco nas últimas semanas, e lhe pareciam bem, o fazia parecer menos severo.

Assim que minhas mãos fazem contato com ele, Austin se apodera de mim com mais força, me roubando a respiração. Mas minha resposta usual ao seu contato diminuiu. Recupero-me mais rápido. As ondas de medo são mais curtas, e fico olhando com admiração a enorme figura de Carillo.

Não se engane, Lexington. Você acha que os dedos de Austin não estão acompanhando as costelas? Acha que ele não está

pensando em quão grande é para sua altura? Para uma líder de torcida dos Tide? A voz zomba.

Fico tensa com as palavras da voz, minhas mãos deslizam a partir da pele quente de Austin quando ele me agarra cada vez mais perto, com a cabeça virando ligeiramente para um lado. Ele respira fundo.

—Lexi... não me deixe ir... por favor. Porra, não me deixe sozinho com esta porcaria. Não posso lidar...

Era sua necessidade contra a minha, e minha culpa sobre esse fato me tem em conflito. Mas quando Austin inclina sua cabeça e seus olhos escuros se encontram com meus, encontro-me assentindo e enrolando meus braços ao redor de seu pescoço. Os olhos de Austin se fecham enquanto que uma onda de paz passa para ele através meu toque.

Incentivada por sua reação, risco a pequena tatuagem vermelha de uma flor de lis em sua nuca. Vago ociosamente pelo que representa.

Lexington, não. Não fique muito perto. Ele vai pensar...

Não! Agora não, grito mentalmente, silenciando as palavras. Empurrando a voz para os cantos de minha mente, volto a me concentrar no movimento de meu polegar, o movimento circular, o ato pacifico da meditação.

O fluxo de água que provém da fonte, acompanhada por uma coruja cantando sua canção da macieira. Tento dar sentido ao que está acontecendo. Estou com Austin Carrillo. Consolando Austin Carrillo no hospital, o lugar que mais odiava na Terra.

Finalmente, as lágrimas de Austin cessam e sua respiração se acalma, mas meu polegar ainda está em movimento. É a única coisa que me impede de enlouquecer.

Enquanto eu continuo, os dedos de Austin começam a bordear ao longo de minha espinha, para acima e para abaixo.

Está contando meus vertebras? Elas estão o suficientemente pronunciado? Será que ele... tem...?

—Lexi? — A voz rouca de Austin corta através de meu pânico, e meu polegar instantaneamente se detém.

—Sim? — Respondo nervosamente.

—Não fale isso para ninguém, ok? —Austin se reclina até que posso vê-lo completamente, e sinto como pudesse me perder em seus hipnotizantes olhos italianos. São tão escuros que quase desprendem um azul perolado. Seu cabelo escuro agora está o suficientemente grande para que uma mecha caia sobre sua duplamente perfurada sobrancelha com brincos certamente desenhados, através de sua pele oliva.

—É nosso segredo, eu juro. — Prometo.

O lábio de Austin se curva em um tímido sorriso.

—Só mais um segredo a acrescentar em nossa lista já sepultada, hein?

—Parece que é o melhor que sabemos fazer. —Suspiro.

Ele sorri e meus lábios se contorcem também, feliz que pudesse encontrar um pouco de humor nesta situação, enquanto obviamente está preocupado com alguém que está doente. Estou desesperadamente curiosa por saber quem.

Sem pensar, estendo a mão e retiro o fio de cabelo rebelde de seu rosto e imediatamente me congelo pela ação.

Puxo a minha mão, ruborizando.

—Eu sinto muito.

Austin tira o cabelo de seu rosto ele mesmo.

—Assim está melhor? — Diz secamente. Meu estômago se transforma. Ele nunca foi desta maneira comigo antes... quase amigável.

Eu olho para outra, mais decorativa, flor de lis no outro lado do pescoço de Austin admirando as intrincadas folhas do lírio, e pergunto:

—Eu adoro este símbolo. O que significa para você, para ter gravado isso em sua pele?

Os olhos de Austin brilham.

—É o emblema do Firence... sinto muito, é Florência, Itália, para você. Minha mãe... é de lá.

Por alguma razão sua resposta me entristece. É provavelmente o eco de dor em sua voz quando fala hesitante de sua mãe.

AH não... tudo isso deve ser por sua mãe...

Olho brevemente para o jardim, olho para Austin e tento levantar o humor pesado.

—Então, você vai sair de meu colo?

Imediatamente me arrependo de ter dito isso.

O rosto de Austin assume uma expressão envergonhada, e levanta seu tronco, desenrolando seus braços de minhas costas. Instantaneamente eu sinto a perda.

Ele rasteja de volta para descansar suas costas contra o banquinho e levanta sua cabeça para o céu. Seus olhos pareciam ir longe.

—Malditas estrelas.

Tentando ver o que o incomodava, olho para o céu também. Era apenas o típico céu noturno. Não entendia como ele poderia estar zangado pelas chamejantes bolas de gás, mas Austin era realmente um enigma... apesar de ser um duro Ex—Heighter na superfície, com tatuagens de gangue incluídos, claramente pode

amar o suficiente para estar tão preocupado por alguém próximo que está doente.

Todo o tempo que Austin se senta ali observando, observo-o. Realmente ele tirou-me o fôlego. Desde suas escuras características italianas até seu intrincado corpo coberto de tatuagens... de sua ampla gama de perfurações a seus proeminentes olhos negros avaliadores. São meus favoritos. Não sei por que, mas sempre tive uma queda com caras com expansões. Sempre preferi os escuras, almas torturadas, eu acho. Talvez os opostos se atraem?

Passo minha mão pela grama, pego uma folha e a levanto para o céu, o vibrante verde acentuado pela luz da lua.

—Por que está aqui? — A voz rouca de Austin me obriga a olhar em sua direção.

Olho nervosa para o chão enquanto pergunta. Eu dou de ombros, virando a folha entre meus dedos.

—Só vendo alguém — Respondo evasivamente. Não quero falar do aconselhamento. Isso levaria a muitas perguntas sobre meu passado.

Austin inspira e vira a cabeça, aparentemente paralisado pelo querubim de pedra na fonte que sustenta um vaso de água fluindo.

—E você? Por que está aqui Austin?

Em lugar de me dar uma resposta, Austin estende a mão e põe seus dedos tatuados sob o jorro. Um sorriso puxou seus lábios.

—Por que as fontes têm que ter pequenas merdas de bebês gordos? E por que sempre estão nus?

Pequenas merdas de bebês gordos. Você ouviu isso Lexington? Austin nota que as pessoas estão gordas. Ele é um atleta, depois de tudo. Um atleta com um corpo perfeitamente esculpido, ao contrário do seu. Você acha que quando ele estava te segurando um momento atrás não estava pensando na mesma coisa? Por que Lexington Hart é tão gorda?

—Ouça! Lexi! — Aa voz de Austin me traz de novo ao presente. Com suas sobrancelhas escuras franzidas—. Por que você fez isso? — Ele pergunta.

Começo a entrar em pânico.

—Fazer o que?

—Vá. Ficando em branco por um momento, olhando para o vazio.

Eu não respondo. Em vez disso o olho com olhos mortos.

—Por que está aqui, Austin? Por que está tão quebrado?

Austin engoliu em sexo e vejo seu pomo de Adão movendo-se sob uma tatuagem de uma pomba com as asas abertas em sua garganta.

Meu sangue se gela.

Uma pomba.

Isso me levou para o dia em que fui admitida — contra minha vontade — no hospital. Rapidamente me desfaço do pensamento.

Austin se inclina para frente, dobra suas pernas, e envolve seus braços a seu redor como se se protegesse. Seus olhos estão firmemente presos ao chão enquanto murmura:

—Minha mãe está em nível cinco. Foi internada está noite.

—Austin... — Tento dizer algo, mas sua aura era como uma parede de tijolos. É evidente que não quer minha simpatia. Ele era muito orgulhoso para isso.

Austin olha para o chão, perdido em seus pensamentos.

—Um doutor com jaleco branco me separou da cama de minha mãe, e levou-me a uma maldita sala privada, e me disse que ela tem apenas alguns meses de vida. Meses, Lexi. Ela não vai viver para ver-me entrar na NFL.

Lagrimas se acumulam em meus olhos como nos dele.

—E não posso voltar ali. Não posso entrar no maldito elevador e olhá-la prostrada na cama, tentando ser forte, tentando forçar um sorriso, sabendo que no próximo ano, ela terá desaparecido. — Então Austin me olha, como se eu tivesse todas as respostas, como se eu soubesse que dizer.

—Como é que eu vou fazer, Lexi? Como merda deveria fazer isto... cuidar de minha mãe, a faculdade, o futebol, merda, tentando enganar o imbecil do meu irmão?

—O que aconteceu com a sua mãe? — Pergunto cautelosamente. Não tenho certeza se me diria essa informação.

—Ela — responde, mas meu rosto deve ter mostrado que não sei o que é isso. — Lou Gehrig. Enfermidade nos neurônios motor, Lexi. Seus nervos estão fodidos. Já não pode caminhar, mal pode falar. Em breve não vai ser capaz de levantar seus braços. Logo finalmente, não vai ser capaz de engolir. Mas quer saber qual é a verdadeira merda de tudo isto?

Fecho meus olhos para a devastação em sua voz.

—Que sua mente não está afetada. Nem mesmo um pouco. Mentalmente permanece sendo exatamente a mesma, mas seu corpo está se deteriorando. Imagina isso, querer falar, mas ser incapaz de mover os lábios, querer dançar, mas incapaz de mover seus pés. Está em uma prisão, uma puta prisão em seu próprio corpo, e eu só tenho que esperar e ver o que acontece. A cadela, não acha?

Me pondo de joelhos, apresso-me para frente e me sento ao lado de Austin contra o banco. A mão de Austin é plana no chão. Não tenho palavras para confortá-lo, então estendo meus dedos, meus dedos engancham os de Austin em apoio. Pego-o observando a ação, mas não responde.

Este foi um grande passo para mim.

Estranhamente, eu sei que isso é um progresso.

Quem poderia pensar que seria Austin Carrillo a me ajudar em minha recuperação?

—Desculpe-me por ser um grande puto maricas agora. Você continua me vendo em meus piores momentos. — Disse Austin, rompendo a tensão.

Minha boca se abre diante de sua linguagem brusca.

Quase ri e balanço a cabeça.

—Tudo bem, e não era um... puto... maricas, como você diz.

Austin sorri e meu coração dá um salto completo em meu peito. Quase pressiono minha mão contra ele por medo de que me dê um ataque cardíaco. A sensação me surpreende. Nunca antes sentido algo assim... que belo sorriso...

—Sim, fui. Mas desde que é muito boa guardando segredos, eu acho que não importa muito.

—Austin? — Digo nervosamente.

—Mmm?

—O médico que você falou...

Austin se move para me encarar, mas nossos dedos mantidos onde está.

—Qual o problema com ele?

—Ele é meu pai.

A mandíbula de Austin fica tensa e olha para longe.

—Merda.

—Ele não vai dizer nada. Você não pode dizer nada. Eu vi você sair correndo da sala. Nem sequer sabe que vim para você, — digo, protegendo a profissionalismo de papai. Austin se virou para mim diante disso e seus olhos se estreitaram.

—E como reagiu seu papai quando disse que me conhecia?

Corando, vou falar, mas rapidamente fecho minha boca.

A sobrancelha perfurada de Austin se levanta.

—Isso está bem, né?

Uma risada veio na minha garganta, e cubro minha boca com minha mão. Parecia errado rir neste jardim, mas, extremamente, era fácil rir com Austin.

Austin bufa uma risada também.

—Não sofra. Sou um ex—Heighter que não estaria no topo da lista de amigos aprovados.

Meu humor diminui.

—Por que se define pela gangue que estava acostumado a estar?

Austin me bloqueia com um olhar.

—Porque isso é o que as pessoas sempre irão ver. Eles não olham além da superfície. —Tampa a tatuagem da estrela na maçã do rosto esquerdo e em seguida a palavra Heighter em seu pescoço.

—Poderia removê-lo com cirurgia laser —sugiro.

Austin joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada. Eu franzo a testa. Austin para de rir.

—Nah, eu não posso, Lex.

—Mas...

—Lexi, não posso fazer que me tirem isso. Não é assim. — Diz ele, dando por seguro que não continuaria com o assunto.

Austin olha para longe, claramente pensando em um tempo mais escuro, e suspiro.

—Bem, eu vejo mais, vejo muito mais. Vejo um cara que cuida de sua mãe quase sozinho. Vejo um homem quebrado porque ela está doente. Vejo um cara que sai de uma situação sem esperança e está tentando ir por um caminho melhor. — Sussurro em voz baixa.

Austin não responde nada, e, como uma covarde sob os olhos.

Austin se levanta lentamente, e eu levanto a cabeça para vê-lo olhar fixamente a porta. Mas ele não se move.

—Tenho que ir dizer a mamãe boa noite — Ele me diz em voz baixa.

—Bem. Espero que ela se sinta melhor. — Digo-lhe, mas não me movo. Quero esperar aqui até que ele se vá. Foi muito intensa a noite.

Mas Austin não se move, como se seus pés estivessem enraizados no chão.

—Aust...

—Você quer vir comigo? — Ele pergunta de repente, e quase me jogo para trás em estado de choque.

Minhas sobrancelhas estão franzidas e minha falta de resposta faz com que Austin se vire para mim, com uma expressão expectante.

—Quer que eu vá com você? — Eu pergunto hesitante.

—Isso é o que eu disse, certo? — Ele diz secamente e passa a mão abaixo do nariz nervoso.

Austin não quer ficar sozinho neste momento, mas está envergonhado por isso também.

Enquanto me levanto, calor se estende em meu estômago. Austin está me esperando. Grande, ameaçador Austin... e ele precisa de mim a seu lado.

Enquanto eu passo diante dele, Austin coloca as mãos em seus bolsos e move seu queixo para a porta. Sigo-o em silêncio.

Austin não fala por todo o caminho até o elevador, mas fica a um centímetro de mim. Podia sentir o perfume de sua colônia como se estivesse recém perfumado e sinto o calor que irradia de sua pele. Há apenas silêncio.

Espere. Há apenas silêncio.

A voz em minha mente não há disse nada até o momento. Pela primeira vez em vários dias, tenho uma breve pausa de suas tentações incessantes e ridículas.

O som do elevador me faz pular, e as pesadas portas de aço se abrem em nosso andar. Saio para a sala... sozinha.

As pesadas portas começam a fechar, coloco minhas mãos entre elas para que voltem a abrir, e vi que Austin está de pé no mesmo lugar de antes. Pela segunda vez esta noite, meu coração dói por ele.

Caminhando diante dele, me aproximo com cautela e ponho minha mão em seu braço. Olhos escuros fixos nos meus.

—Você está bem? — Pergunto com uma voz suave.

Ele limpa a garganta e assente. Sorrio como incentivo, e Austin me guia pelo corredor até chegar a uma porta fechada.

Uma porta que permanece fechada.

A cabeça de Austin cai, e com seu dedo polegar beliscou a ponte de seu nariz.

—Que diabos há de errado comigo?

Apertando minhas mãos com indecisão, finalmente levanto uma e a ponho plana nas costas de Austin.

—Está irritado. É perfeitamente natural dada a situação.

Levantando a cabeça e movendo seu pescoço de um lado a outro, me olhe através de seus longos e escuros cílios. Sua expressão agradecida rouba meu fôlego.

—Obrigado, Lex.

Acariciando suas costas, ando para trás quando Austin abre lentamente a porta. Imediatamente fixo meus olhos em uma bela mulher deitada na estreita cama do hospital, e meu coração se desfaz.

A mãe de Austin.

—Ciao. Stai bene, mamãe? —Austin diz a sua mamãe em italiano, e meus olhos se abrem em estado de choque. Não tinha percebido falava italiano. Outro segredo que acabava de descobrir.

—Sto Bene... mijo caro. —A senhora Carrillo sussurra suavemente, sua encantada atenção ainda em mim. E eu ainda estou imóvel, extasiada ao ver Austin com esta luz. É bonito com sua mamãe. Estou começando a pensar que pode ser bonito, e ponto.

Austin mudou-se junto à senhora Carrillo e lhe dá um beijo na cabeça. A senhora Carrillo levanta a mão fracamente e a põe sobre o braço de Austin.

—Austin... È chi?

Os olhos de Austin se movem para a porta... e eu que ainda estava lá, me misturando em sua vida privada, incapaz de me mover, olhando fixamente. Espero sua raiva. O que me dá é um tímido sorriso.

—Esta é Lexi, mamma. Ela é minha... amiga? —A palavra "amiga" sai mais como uma pergunta do que uma declaração, entretanto, as borboletas esvoaçando no estômago a mesma coisa. — Ela estava aqui vendo alguém, e eu a vi no piso térreo. Acompanhou-me que volta.

—Vieni... qua, minha cara... — diz a senhora Carrillo para mim, e olho para Austin para tradução.

Austin fica de pé e caminha em minha direção, parando no final da cama de sua mãe.

—Ela quer que se aproxime.

Austin tem uma expressão um pouco atordoada em seu rosto, e corando, entro no quarto, e logo fico bastante sem jeito ao lado de Austin.

Para ouvir uma risada tranquila ao meu lado, olho para cima, e Austin move seu queixo em direção a sua mãe.

—Vá em frente. Ela quer te conhecer.

Abaixando a cabeça, dirijo-me para o topo da cama, para contemplar uma mulher com o cabelo preto brilhante até suas costas, uma bela pele morena e olhos da cor da canela. A senhora Carrillo era impressionante.

—Lexi, encantada... em te conhecer. — Diz a senhora Carrillo suavemente com uma voz com forte sotaque italiano, fazendo uma pausa entre as palavras. Posso ver que é uma luta para ela falar. Eu me sinto muito triste por ela.

—Encantada de conhece-la também, senhora.

—Chiara —ela pressiona.

Sorri.

—Prazer em conhece-la, Chiara.

—Ah... lei È bela —diz a Austin, que se mudou para o outro lado da cama, e ela deixa escapar uma risada ofegante.

—Um piccolo... folletto escuro...

Austin sorri para sua mãe e me olha, com humor em seus olhos.

—Sim. Eu sei.

Apertando os olhos, pergunto-lhe:

—O que?

Austin balança a cabeça e esconde seu sorriso com a mão.

Frente a mim, uma vez mais, a senhora Bochecha pergunta:

—Conhece A... mi... Austin da faculdade?

Me acalmo e, jogo uma olhada para Austin, vejo exagerar um movimento de sua cabeça, me dizendo que diga que sim. Não queria que mencionasse os Heighters; isso estava claro de ver.

—Sim, senhora. Estou na equipe das líderes de torcida da equipe Crimson. Animo todas as partidas de ida e volta dos Tide.

A senhora Carrillo sorri, mas só o lado direito de seu rosto sobe. Ela permaneceu sendo uma das mulheres mais bonitas que tinha visto, mesmo com essa leve perda do controle muscular.

—Ah, o futebol. Eu estou... muito orgulhosa. Austin é.... tão talentoso...

Fazendo uma careta, a senhora Carrillo tenta mover sua posição na cama, e Austin saltou para ajudar a sua mãe virar-se um pouco para um lado.

—Grazie... mijo caro — diz com os dentes cerrados e inclina a cabeça para me olhar. — Scusami, Lexi... estou cansada... esta doença... não é boa...

—Dorme, mamma — diz Austin e puxa as cobertas até os ombros. —. Vou voltar em breve.

—Está bem... leva... Lexi para casa agora. É tarde... protege-a.

—OH, não, obrigado, vou estar bem! — Digo atrás dele. — Tenho meu au...

A senhora Carrillo levanta sua mão tremula em minha direção, e imediatamente paro de falar.

—Austin... levará você... para casa segura. Ele vai fazer bem... porque... Ok, mijo caro? —Então diz a Austin.

Lança um olhar longo, indeciso para mim, Austin então fixa um sorriso a sua mãe.

—Ehh... Certo, mamma. Vou leva-la a sua casa segura. Lo guiro.

—Tão... bom menino. —Os olhos da senhora Carillo se fecham e sussurra—: Ti voglio bene... Austin... Ciao, Lexi... encantada... de te encontrar... até breve... — E então ela adormece.

A ternura no rosto de Austin quando olha a sua mãe doente dormir, quase me faz chorar. E quando se dirigiu a um velho toca—discos no canto do quarto e o liga, uma lágrima perdida escapa de meu olho e desce por minha bochecha. As vozes calmantes da "Ave Maria" soam do pequeno alto—falante, Austin me olhe e encolheu os ombros, envergonhado.

—Faz que ela sorria. — É tudo o que diz.

Perdi um pedaço de meu coração com ele nesse momento.

Austin me faz um gesto para a porta com a mão, e eu secretamente limpo o rosto. Quando a porta do quarto de sua mãe se fecha, sacudo os meus pés sem jeito.

—Ela gostou de você —diz Austin depois de uns tensos segundos de silêncio, com o lábio elevado no canto de sua boca.

Por alguma razão, sua mãe gostar de mim me fez sentir feliz.

—Eu também gosto. É linda. — Respondo-lhe.

Austin concorda, mas parece que não consegue falar. É como se quase pudesse ouvi-lo acrescentar: "mas ela não vai ser por muito mais tempo".

—Você foi realmente doce com ela. —Eu digo e ponho uma mão em seu ombro volumoso.

—Doce? — Diz Austin, me olhando horrorizado.

—Sim, do cara casga grossa, você foi doce.

—Bem, suponho que meu carinho terá que durar um pouco mais, não é assim?

Começa a caminhar para os elevadores e olhou por cima do ombro.

—Você vem, Pix?

Envolvendo os braços sobre meu peito, pergunto-lhe:

—Pix? Por que me chama de Pix?

Austin aperta o botão do elevador e joga a cabeça para um lado.

—Minha mãe pensou que parecia um pequeno elfo escuro. — Ele me olhe fixamente, com uma faísca de humor de novo em seus olhos. — E tenho que concordar.

Eu tento atuar ofendida, mas tudo em que posso pensar é que os duendes são pequenos e magros. Eles são pequenos e magros. Austin e sua mamãe pensam que sou magra?

Esse comentário me faz ficar a três metros de altura.

As portas do elevador se abrem, e Austin e eu entramos no interior vazio.

—Então, onde você estacionou? — Ele perguntou.

—Estacionei no subsolo. Onde estacionou?

—Não fiz isso. Vim de ônibus para cá. Eu não tenho um carro como alguns.

Puxando as mangas de minha camisa sobre minhas palmas tensas, perguntei:

—Quer que te leve de volta à faculdade?

Austin levanta a mão pendurando em seus dedos estavam minhas chaves do carro. Sorri.

—Eu dirijo, por isso tecnicamente, eu vou te levar.

Minha boca se abre, e registro minha bolsa que estava junto ao meu corpo. A parte superior está aberta. Olho para trás para ver um Austin sorridente.

—Como...?

—Cresci em um parque de trailers, tinha que roubar dinheiro e comida, e estava em uma gangue. Acredite em mim, Pix, pegar as chaves de seu bolso não foi muito difícil. —Olha para baixo nas chaves e sacode a cabeça com decepção antes de me olhar de novo, e logo acrescenta: — Mas um Prius? Porra, Pix! Com um médico como pai, não poderia ao menos ter um Porsche?

Tento parecer zangada. Realmente o faço. Mas eu estou me divertindo muito para me importar realmente.

E com Austin Carillo de todas as pessoas. Quem teria imaginado?

O carro para em minha vaga atribuída no campus e Austin desliga o motor. Quase não falamos realmente em todo o caminho até aqui, só escutado a Lacuna Coil em amigável silêncio. Uma de minhas bandas favoritas.

—Vamos — diz Austin e sai do carro.

Abro a porta, saio e falo sobre o teto.

—Posso ir caminhando daqui. Estou bem.

Austin olha em volta, com o rosto sério. Meu estômago aperta um pouco. E me pergunto se ele está procurando por qualquer Heighters.

—Vou acompanhar até sua casa da fraternidade. Sem reclamar.

Dou de ombros e me junto a ele na calçada. E percebo que eu gosto.

Poucos minutos mais tarde, Austin me pega pelo o braço, e me virei para ver uma estranha expressão em seu rosto.

—Então o que... vamos nos ver amanhã de noite? — Diz ele, não encontrando meus olhos.

A surpresa enche cada célula de meu ser.

—Amanhã à noite?

Aproximando-me, cheiro seu aroma único. Isso me lembra à água da chuva. Aquele cheiro que é obtido após de uma tempestade de verão, quando a chuva bateu contra o asfalto quente. Foi fascinante.

—Sim. Você. Eu. Longe daqui. Sozinhos.

Respiro fundo e digo:

—Como... como um encontro ou algo assim?

Austin fica imóvel e seu olhar se estreita no meu.

—Simplesmente nós sem mais. Apenas você e eu, por nossa conta... como fizemos esta noite. Não é um maldito encontro. Eu não tenho encontros.

Não acho que foi uma boa ideia.

—Umm... Eu não sei.

—Só quero sair de novo. Conversar.

Um formigamento percorre minha coluna vertebral e minha cabeça se sente leve. Eu sei que me faz corar profundamente, mas lentamente concordo em resposta e sussurro:

—Sim. Eu gostaria de vê-lo amanhã.

Austin parece exalar aliviado, ele se afasta de mim, e começa a caminhar, fazendo uma pausa apenas para gritar novamente:

—Na pracinha. Às sete da tarde.

Com meus dedos brincando por cima de minha boca nervosa, balando a cabeça em acordo e me dirijo a minha porta.

Austin Carrillo foi o primeiro homem em minha vida que me pediu para sair... mmm... seja como for que o rotulamos.

Capítulo 11

Lexi

—E onde você vai toda vestida assim?

Olho para a porta e Cass está apoiada contra o batente, com os braços cruzados sobre o peito.

Coloco meu brinco de prata enriquecendo minha orelha, o fixo de maneira que não possa sair e em seguida disparo contra o tecido solto de meu vestido preto, até o chão, para verificar que não está marcando o meu corpo.

—Só vou sair com alguns amigos da equipe — respondo, odiando dizer a minha melhor amiga uma mentira tão descarada.

Cass entra em meu quarto e fecha a porta, caminha até tomar seu lugar habitual no sofá de dois lugares.

—Ah, ok.

Suspiro ante seu tom desanimado e caminho em direção a ela e me sento na borda de minha cama.

—O que?

Cass dá de ombros e diz:

—Só sinto como se estiveste se afastando de mim durante as últimas semanas. Não parece muito feliz ultimamente. — Ela estuda minha reação, mas minha expressão não muda. — Aconteceu algo?

Balanço a minha cabeça.

—Não.

Cass se inclina para frente e passa sua mão pelo meu rosto.

—Você já não come conosco, nunca. Está fora todo o tempo, e a Lexi cheia de vida que conheço parece estar se perdendo em sua mente.

—Cass...

—É minha melhor amiga, Lex. Tem sido minha irmã durante mais de três anos nesta faculdade, e sei que alguma coisa está acontecendo. Molly e Ally estão passando por suas próprias coisas, estudando, outros grupos de amigos, mas você e eu... bem, nós sempre estivemos unidas.

Meu estômago se transforma pela culpa. Mas não posso dizer que estou lutando com a comida. E definitivamente não posso falar de Austin. Levantando, apoio minha mão em seu rosto e digo:

—Cass. Estou bem. Está vendo coisas que não exisstem. Estou mais ocupada este ano com a equipe, e você não está acostumada a isso. Também tem ao Jimmy-Dom agora. Nada mudou, tudo bem? Eu prometo. Especialmente entre nós.

Cass me olhe por muito tempo, e me preocupa que esteja vendo através de minha fachada. Mas quando bate a mão sobre sua coxa e se levanta sorrindo, sei que havia voltado a ser a mesma de sempre.

Jogando seus braços ao redor de meu pescoço, me puxando para me abraçar. Meus olhos se fecham e tento não entrar em pânico. Cass de repente me puxa para trás e me olha estranho.

—Merda, garota! Você emagreceu? Juro que posso sentir suas costelas de merda!

Minha voz fica presa na garganta, com medo, e meu pulso começa a acelerar. Meu segredo foi descoberto. Foi descoberto!

Felizmente, Cass despreza seu comentário com um gesto e, saindo pela porta de meu quarto, grita:

—Sei onde tem um hambúrguer incrível. Vamos fazer planos para sair e te alimentar! Muito exercício, garota. Basta baixar o ritmo. Não quero que fique doente.

Ela me deixa ali de pé em meio do quarto, tentando como o inferno de me acalmar. Isso foi por pouco.

Uma vez que paro de tremer, alcanço minha bolsa e me dirijo para a casa do verão, todo o tempo pensando em um plano para escapar de ir comer hambúrgueres.

Austin está me esperando fora da casa do verão e imediatamente me leva a caminhonete do Rome Prince. Assim que entro, o cheiro de churrasco me bate e vira o meu estômago em desgosto.

Não posso comer isso. Tenho que inventar uma desculpa. Digamos que já jantei ou algo assim. Não posso enfrentar comer com ele.

Austin entra e imediatamente franze o cenho para o meu comportamento estranho.

—Você está bem?

Coloco meu cabelo para trás e tento esconder minha ansiedade.

—Claro. Estou apenas curiosa por saber onde vamos. E, umm... temo que já comi.

Aponto à bolsa de churrasco na parte de trás.

Austin dá de ombros.

—Sem problema. Peguei-o porque eu não o fiz, e só vamos dar um passeio. Comerei sua parte também. Não se preocupe.

Suspiro em silêncio e tento relaxar enquanto saímos do campus.

—Então, onde vamos?

—Fora da cidade —foi tudo o que disse.

Ligando o rádio, Austin sintoniza minha emissora de rock favorita. "Ever After" do Marianas Trench começa a soar através do alto—falante.

—Eu adoro esta canção — murmuro enquanto olho pela janela, vendo o mundo passar.

—Eu também. Encantado em conhecer alguém que aprecia a música de verdade, não essa merda country que sou obrigado a ouvir nesse lugar.

Borboletas formam redemoinhos em meu estômago, e não posso deixar de sorrir. Não tinha nem ideia de como me sentir aqui com Austin Carrillo. Depois de tudo o que tinha acontecido nas últimas semanas, parecia...

Certo.

Capítulo 12

Lexi

Uma hora mais tarde, e aparentemente no meio de um nada, Austin para a caminhonete, junto a um rio e pula para fora.

—Estamos aqui, Pix.

Examino o exterior pela janela e franzo o cenho. Não tinha nem ideia de onde era "aqui". Não havia nada "aqui".

Austin aparece em minha porta, e pegando a minha mão, me leva atrás da caminhonete. Ia pôr suas mãos em minha cintura para me levantar, mas imediatamente dou um salto atrás, Austin se sobressalta pela surpresa, dou de ombros e digo:

—Posso subir sozinha.

Se ele estava questionando minha estranha reação, não deixa que eu note.

Enquanto estou atrás da caminhonete, vejo uma manta e, quando me viro para sentar, minha respiração está acelerada.

A caminhonete balança quando Austin sobe comigo e passa a mão pelo cabelo, está nervoso enquanto permanece de pé a meu lado olhando fixamente, oss olhos que me cativaram.

—Austin... a lua. Por que é tão grande? — Eu sussurro com temor.

Uma lua gigante e laranja parece surpreendentemente enorme e incrivelmente perto. Tão perto que quase posso tocá-la; com um reflexo nebuloso que abrange toda a largura do rio diante de nós, já que está assentada felizmente no horizonte.

—É a coisa mais linda que já vi em minha vida.

—É uma super lua. A lua está em sua órbita mais próxima à Terra esta noite. Seu tamanho e proximidade é uma ilusão para nós aqui na Terra.

—Como?

—Quando a lua desce no horizonte, parece enorme para nós, mas não é maior que o que vemos todas as noites. —Austin assinala a lua diante de nós e eu não posso deixar de piscar para ele com surpresa.

—É por isso que viemos tão longe da cidade? Assim podemos ver isso?

Austin se move com vergonha e assente com um movimento brusco.

—As super luas não acontecem frequentemente e para apreciá-la realmente é necessário afastar-se da cidade e de toda a poluição luminosa.

Em seguida faz um gesto em direção às estrelas do céu. Um céu tão cheio de diamantes que parece como se não houvesse espaço para um escuro e liso céu noturno. Cada parte está cheia de estrelas. Nunca tinha visto nada parecido.

—Austin... é lindo. Eu... eu não posso acreditar no que estou vendo. É como um sonho.

Sentindo seu intenso olhar em mim, imediatamente olho para baixo, corando. Austin limpa a garganta e se senta sobre a manta, e abre sua bolsa de churrasco.

Me junto a ele na manta e envolvo meus braços ao redor de minhas pernas. Tomando um enorme bife, Austin se apoia contra a lateral da caminhonete e me olhe nos olhos. Não posso deixar de sorrir.

—O que? — Pergunta Austin com cautela.

—Nunca teria pensado você gostasse de tudo isto. — Faço um gesto para o céu. — A astronomia, super luas, estrelas.

Austin parece envergonhado e encolhe os ombros. Não responde nada.

—Você tem certeza que não quer um pouco disso? — Me estende a grande bolsa de comida e nego com a cabeça. Austin puxa a bolsa ao lado, chupa os sucos dos dedos e inclina a cabeça para desfrutar da vista. Eu faço o mesmo.

—Como está sua mãe?

A respiração de Austin trava por um momento, mas em seguida, responde:

—Ainda no hospital. Mas a vi hoje e está se sentindo um pouco melhor.

—Lamento que está tão doente, Austin. Às vezes a vida não é justa.

Austin baixa a cabeça para me olhar e pergunta:

—Sim? E como sabe que não é justa, Pix?

Cada músculo de meu corpo fica tenso com sua pergunta. Tento relaxar, mas posso dizer que pela expressão inquisitiva de Austin tinha notado minha apreensão.

—Apenas eu sei, Austin. O que se vê na superfície não sempre é a realidade.

Há uma pausa constrangedora, então Austin diz:

—Está pregando aos convertidos, Pix.

Austin faz um gesto com a mão e deita de costas.

—Se deite no chão! A vista é melhor.

Lambendo meus lábios nervosamente, pouco a pouco deslizo sobre minhas costas e olho o céu noturno.

Austin aponta com os dedos um grupo de estrelas.

—A Ursa Maior.

Sigo seu dedo indicador enquanto traça a constelação.

—Vá —sussurro, sentindo o momento surreal.

—Ursa Menor —Austin continua e eu sigo seu exemplo com muita atenção. — Ursa Maior, Casiopea, Draco... — E ainda, me orienta como Virgílio através do complexo mar de estrelas. Não demorou muito tempo para deixar de seguir sua mão apontando para o céu, e observo a expressão alegre e despreocupada em seu rosto, geralmente dura e sem emoções.

Era lindo... e havia muito mais dele do que nunca imaginei.

Respirando fundo, Austin abaixa a mão, seus dedos sobre os meus. Um suspiro de satisfação escapa de seus lábios carnudos e me sinto comovida quando começa a fazer patrões na parte posterior de minha mão com a ponta do dedo. Estava fascinada quando olha para baixo e vê o movimento de sua carícia.

—Por que você gosta tanto das estrelas? — Sussurro, tentando acalmar os tremores frenéticos de meu braço.

—Niente puo 'essere paragonato alla bellezza delle stelle. —O italiano de seus lábios era tão suave como o veludo.

—O que significa isso?

—Nada se compara com a beleza das estrelas.

Enquanto o olho, mais perto, simplesmente não posso descobrir como alguém como ele poderia se juntar a uma gangue. Era tão talentoso no futebol, mas este lado dele, esta parte sensível de sua personalidade, quase poética, era divina.

—Austin?

—Mmm?

—Como você se envolveu com os Heighters? —O suave toque de seu dedo em minha mão para e a máscara dura em seu rosto volta para seu lugar.

Me aproximando mais dele, ponho minha mão em seu braço e digo:

—Não estou te julgando, apenas tentando entender.

Solta a respiração reprimido através de seus lábios e rola de lado para me encarar. Eu faço o mesmo, ficando frente a frente.

—Onde eu cresci, muitos meninos não vivem bem, Pix. A maioria deles têm pessoas em casa que bebe, ou se droga, há pressa em conseguir dinheiro em efetivo. Felizmente fomos diferentes. Tínhamos a mamma. Ela tentou evitar com todas suas

forças que fôssemos por esse caminho. — Austin fecha os olhos e sei que é porque está imaginando a sua mãe doente. Estendo minha mão sobre a sua e nervosamente envolvo meus dedos ao redor dos seus.

Os olhos de Austin se abrem e morde seu lábio. Não posso tirar os olhos da carne, agora brilhando pela umidade, de sua boca.

—Meu irmão, Axel, sempre esteve envolvido com os Heighters. Ele adorava, mas eu era diferente, assim é meu irmão mais novo, Levi. —Agarrando minha mão com mais força na sua, continua: — Mas então minha madree adoeceu e tudo mudou. Nós precisávamos de dinheiro. E isso foi tudo, iniciei-me e comecei a correr por qualquer quantidade de dinheiro em efetivo que pudesse conseguir.

—E.... e como acabou jogando para os Tide?

—Eu era bom no futebol e o treinador me recrutou.

—Isso não é o que eu... —tento dizer, e Austin me corta.

—Sei. Quer saber como fui capaz de sair da gangue?

—Sim.

A mandíbula de Austin se aperta e fecha os olhos, como se estivesse revivendo uma lembrança.

—Foi Axel, ele me tirou. Lembro-me muita claramente. Eu estava indo bem nas ruas e o líder da gangue, Gio, ficou

impressionado. Isto foi bom porque nós tivemos mais dinheiro para mamãe, mas ruim porque me fez útil para ele. Muito útil para me deixar ir. Acabava de concluir um acordo com um grupo de viciados e voltei de novo para parque de trailers, quando Gio me chamou em seu trailer. "estive ouvindo algumas coisas sobre ti, Carillo", disse-me com frieza. Meu estômago caiu. Lembro-me de olhar para a porta do trailer, rezando porque Axel viesse de pressa a casa para que me ajudasse. Gio me aterrorizava. "Escutei que você foi até o ensino médio. Alguma grande estrela de futebol. É verdade?" Eu sabia que ele não podia saber a respeito da bolsa de estudos. Nesse momento só minha família sabia. E definitivamente não tenho ao Gio como minha família. "ouvi que os Tide te ofereceram uma bolsa de estudo. Você ia manter a boca fechada a respeito disso também?" Soube então que ele tinha estado fazendo um pouco de investigação sobre mim. Eu tinha me tornado em alguém muito valioso para ele. Gio se moveu ao redor da mesa da cozinha e ficou direto em minha cara. "Você acha que pode ir e deixar seus irmãos? Acha que pode simplesmente deixar está vida para trás?" Começou a rir de mim, rindo bem na minha cara. "Não é assim que funciona, amigo. Você jurou para entrar. Se tatuou. Heighter para toda a vida." Sinceramente, pensava que me ia matar, Pix.

—O que aconteceu depois? — Pergunto, pendurada em cada palavra que diz.

—Gio me empurrou, batendo minhas costas contra a parede do trailer. "Está me escutando pequeno idiota? Acha que é melhor

que eu, porque pode correr mais rápido?" Estava fodidamente muito zangado comigo. Eu sabia que me mataria antes de me deixar ir. Mas então ouvi: "Gio, homem, deixe-o malditamente em paz!" Gio congelou em meu rosto e meu coração começou a bater de novo. Era a voz de Axel e Gio se afastou bruscamente de mim. Ele correu para o peito de Axel, mas Axel era maior, musculoso, e o mais importante, era mortal em uma briga, razão pela qual Gio mantém Axel tão perto. Um filho de puta e meio, meu irmão. "Você sabia que ele conseguiu uma maldita bolsa de estudos de futebol dos Tide e não disse uma merda?" Gio gritou com Axel. Axel me olhou, e meus olhos caíram. Eu queria esse bolsa muitíssimo e ele sabia, mamãe queria muitíssimo essa bolsa e ele a queria também. Mas eu não tinha nem ideia de como poderia leva-la. Gio estava no certo. Nesta vida, a vida de merda me deu a mão, o que eu queria não importava. Ter você e a seus irmãos cuidando de suas costas era o único código de honra em um lugar que não tinha nenhum maldito orgulho.

—Austin... — Eu sussurro, sem saber o que dizer. Não podia acreditar que essa era a sua vida. Que ele teve que passar por tudo isso para ir à faculdade. Para seguir seus sonhos.

—Axel arrastou Gio fora do trailer , me deixando no interior para que pudessem "falar". Pareceu como uma vida inteira enquanto estavam por aí "falando". Finalmente, a porta se abriu e Axel retornou sem Gio. Ele se juntou a mim no chão. Em seguida disse as palavras que nunca pensei que ouviria: "Você está fora, irmão mais novo" não sabia o que dizer, assim me limitei a olhá-lo

com minha maldita boca aberta. Axel riu de mim. "Está fora. Gio não te vai causar nenhum problema de merda." Perguntei-lhe como conseguiu isso, o que tinha prometido a Gio, mas ele só disse: "Isso não é teu assunto, menino" Alguns meses mais tarde fui para a faculdade.

Fico em silêncio atordoada pela história que Austin acabava de revelar. Seus olhos castanhos brilham ao reviver a lembrança e pergunto:

—E o que ele fez? O que prometeu a Gio?

Austin baixou a cabeça.

—Não tenho fodida ideia. Axel não vai me dizer. Mas vou descobrir algum dia. Preciso saber o que devo.

Tudo se tornou muito claro. Foi por isso que estava protegendo seu irmão. Foi por isso que estava tentando manter o tráfico no campus tão oculto. Sentia que devia isso por tirá-lo o da gangue.

Aperto sua mão na minha, sentindo um brilho de compreensão e Austin lentamente se senta.

—Deveríamos ir, Pix. É uma longa viagem de volta.

Enquanto me levanto e salto fora da borda da caminhonete, absorvo a visão da super lua e rezo para recordar sua beleza para sempre.

Para ouvir o rugido do motor, abro a porta da caminhonete e me sento no banco do passageiro, notando de repente as mãos de Austin congeladas no volante.

—Você está bem, Austin?

—Eu nunca.... Eu nunca contei isso a ninguém.

Minha respiração está agitada por sua confissão, enquanto ele olha para cima com a cabeça inclinada para um lado.

—Me sinto de alguma forma bem tirá-lo do meu peito... É bom falar com você.

Deixei escapar um suspiro, e digo:

—Pode-me dizer algo. Nunca vou julgá-lo ou trair sua confiança. Você sabe, todo mundo tem teto de vidro...

A cabeça de Austin se afunda e suas mãos apertam o volante com mais força.

—Sim, Pix. Estou começando a perceber que é linda assim.

À medida que nos afastamos da majestosa super lua e nos dirigimos de volta à escola, as palavras de Austin rolam em minha mente. *Estou começando a perceber que é linda assim...*

—Vai ao Tennessee esta semana, certo? — Austin pergunta enquanto caminhamos pela estrada para minha casa da fraternidade. Estava me acompanhando até minha porta de novo.

—Sim, é claro. A equipe de líderes Crimson vai a todos os jogos fora de casa.

Austin lança os olhos para mim e balança a cabeça.

—Bom.

Meu lábio se torce com felicidade.

—Sim, bom.

Quando estamos a uns cem metros de distância da fraternidade Austin puxa a manga de minha camisa, me fazendo parar enquanto olha a nosso redor. Parecendo feliz de estar sozinho, diz:

—Vou te ver daqui como chega a sua casa.

Estamos escondidos detrás de uma caixa de correio.

—Está tudo bem.

Austin me olha um segundo muito longo para ser apenas platônico e dá um passo mais perto, tão perto que posso cheirar um toque de hortelã em sua respiração, o cheiro de água de chuva em sua pele.

Engolindo meus nervos, quase me perco por completo quando me olhe nos olhos.

—Obrigado... — Austin baixa a cabeça e limpa a garganta. — Obrigado por esta noite. Pela noite anterior. Como eu perdi minha mente lá durante um momento, chorando como um idiota.

—Os agradecimentos não são necessários, Austin. Estou feliz ter conhecido este seu lado. Você sabe, quando está sendo você mesmo como foi esta noite, não é tão assustador como você normalmente é.

Engolindo em seco, Austin puxa para trás o cabelo desarrumado de sua cabeça e pergunta:

—Assim o que... ainda te aterrorizo?

Essa pergunta me faz voltar atrás.

Austin se aproxima e agarra meus dedos. Dou um grito engasgado pela eletricidade que dispara pelo meu braço.

—Antes, durante semanas. Disse que te aterrorizava. Lembra?

Fiquei realmente surpresa de que lembrasse isso. Não podia acreditar que, mesmo tivesse comido sua mente.

—Isso depende — Respondo.

—De que?

—De se vai continuar me ameaçando para manter minha boca fechada ou de se nossa nova amizade terminará logo que entre por minha porta.

Minha resposta o faz rir. E sua risada profunda e gutural faz que minhas coxas se apertem em necessidade. Quase entro em colapso pela nova sensação. Sinto-me excitada, como se estivesse queimando por toda parte.

—Não, nada de mais ameaça — diz Austin sinceramente. — Sei que meus segredos ficam com você.

—Então não, já não me aterroriza. Seu irmão, sim, mas você, não — digo com toda honestidade. Não quero cruzar o caminho de Axel nunca novamente. Austin disse que seu irmão era letal. Só rezo para que o tenha convencido de parar de traficar no campus.

Austin dá um passo mais perto de mim, e a forma em que me olha me faz tremer.

—Axel poderia ser um problema para nós. Ele quer você completamente fora do radar dos Heighters. Então temos que manter o nosso "nos conhecer" entre nós. Nosso "falar mais"... entre nós.

—Outro segredo? — Brinco, meu coração salta porque ele quer me manter ao redor, ponto.

—Outro segredo —diz Austin com toda seriedade.

Sob meus olhos.

—Então você quer falar mais comigo? Chegar a me conhecer mais? — Ver os nossos pés próximos não está ajudando exatamente com os nervos.

—Sim. Sim, eu quero. — Diz Austin com voz áspera.

Levanto meus olhos, vejo Austin inclinar-se para meu rosto. Cada músculo de meu corpo para de se mover. Sua cabeça abaixa, tão perto que posso sentir o pequeno rastro de barba áspero de suas bochechas contra a minha. Austin está respirando com dificuldade, onde minha respiração parece haver parado. Arrepios irrompem por toda minha pele, e meus braços doem pela tensão enquanto estavam rígidos em meus lados.

Incapaz de lidar com a proximidade, aperto meus olhos fechados, a respiração quente de Austin roça meu ouvido.

—Buona notte, Pix. — Sussurra Austin. Sinto seus lábios tocando os meus. Em seguida ele vai embora.

Quando abro meus olhos novamente, Austin permanece de pé a alguns metros diante de mim, com uma expressão indecifrável no rosto.

—Pode ir agora, Pix. Vou esperar que chegue segura.

Balançando a cabeça atordoada, eu me viro, apenas para olhar para trás e dizer:

—Tão ruim como foi ontem à noite para você, estou feliz de ter estado lá, e que nos levou a esta noite.

Austin acena, com um curto gesto estoico.

—Nos vemos mais tarde, Pix.

Corro para baixo o caminho para a minha casa de fraternidade, quando ouvi gritos de Austin:

—Pix?

Me detendo abruptamente, eu me viro, e ele se move das sombras para a luz da lua. Meu coração se contrai pela linda vista.

—Por que a pintura de guerra?

Empurro meu cabelo curto e respondo:

—Por que as tatuagens?

Austin sorri para a minha resposta, com seus dentes brancos iluminados, e balança a cabeça, acenando com dois dedos como sinal de despedida.

Começo a andar novamente e, fecho a porta principal da casa da fraternidade em silêncio, corri para o meu quarto. Caminho para o banheiro rapidamente até que me olhei no espelho e todo meu entusiasmo recém descoberto desaparece.

Meu reflexo é uma monstruosidade.

Eu quase me esqueci de todos os meus problemas esta noite. Mas meu reflexo traz tudo de volta com um estrondo.

Me estendendo para meu nécessaire, tiro minhas toalhas cosméticas e começo minha rotina noturna. Enquanto minha maquiagem escura desaparece, todas as inseguranças se arrastam de volta.

Parece que o cara poderia gostar de você, Lexington, mas posso fazer que goste mais. Esses cinco quilos que precisamos perder farão que te queira como a ninguém antes. Imagine quão impressionado estará se for um pouco mais magra.

Enquanto escuto a voz, me sinto concordar. Austin estaria impressionado se pesasse menos.

Cinco quilos a menos fariam tudo em minha vida simplesmente muito melhor... Cinco quilos a menos me guiariam para a perfeição...

Capítulo 13

Austin

Estádio Neyland

Knoxville, Tennessee

Éramos quinze e os fãs no estádio Vols vaiam em massa. Viro-me para a base, um mar de laranja e branco, e sorrio. Então, me viro de costas, mostro-lhes meu número vermelho oitenta e três com meus dois polegares.

Engole essa, Tennessee, penso com presunçosamente.

—Você é uma bagunça, Carrillo! Defesa, defesa, defesa. —É tudo o que posso ouvir em resposta a minha brincadeira. Eu olho para a linha lateral, vejo a Pix cruzando suas pernas como na

coreografia e agitando seus pompons, estava rindo de mim. Dirijo-lhe uma piscada secreta e sua boca cai em estado de choque.

O apito do árbitro soa, e é hora de entrar em campo ofensivo. Rome imediatamente nos reúne.

—Carillo, você quer ter um bom momento? — Diz com um enorme sorriso.

Batendo meu punho em minha mão, respondo:

—Foda-se, sim!

—Então vamos fazê-lo — grita Rome e diz: — Denny oitenta e três, vermelho. Um, dois...

—Por que Carillo consegue uma oportunidade em outro TD7? Dê-me isso. Ele já tem dois. E estamos apenas na linha de trinta jardas. Não arrisque. Já temos a W. — Chris Porter, o outro receptor, geme como uma pequena cadela afetada.

7 Touchdowns

Eu odeio este maricas. Tentou me rebaixar como receptor top desde o primeiro ano. Ele odiava que Rome e eu tivéssemos jogado juntos toda a vida e tivéssemos esse estranho vínculo quarterback / receptor. E Porter odiava o fato de que eu era um jogador melhor que ele.

Rome fixa seus olhos nele e range os dentes.

—Cale a boca, Porter. Eu grito os lançamentos, e Carrillo os faz, você me entende? Além disso, é muito lento para este tipo de jogada. Carillo e eu o fazemos bem.

Imediatamente Porter se cala e Rome me deu um olhar de cumplicidade. Esmague o bastardo. Você tem o touchdown. Chuta seu traseiro ciumento. Sei o que Rome pensa, porque eu pensava também.

Concordo com a cabeça lentamente, e Rome começa a sorrir. Porter comeria minha poeira.

—Denny oitenta e três, vermelho. Um, dois, vermelho! — Grita Rome novamente.

Os onze iniciamos nossa formação para a cronometragem ofensiva. Por isso Rome e eu éramos famosos, a jogada se tornou lendária por Montana e Rice com os 49es. A jogada vinha apenas quando se podia ler a mente do outro. Raramente falhávamos com esta jogada. Os fãs a amavam, respiravam por este momento. E não os decepcionaríamos agora.

Ouço o eco de minha respiração pesada dentro de meu capacete, vou à esquerda do campo. Olhando a minha direita, confirmo que Rome está em posição, e logo ouço:

—Denny Oitenta e Três, Denny Oitenta e Três, hut, hut, hut.

Assim que se grita o hut final, executando em gritos de velocidade máxima. Porter deixa sua posição no campo direito e se alinha junto a mim para desviar o canto traseiro e a zona livre. Porter estica suas pernas, e sei que ele tenta provar que pode seguir o meu ritmo, mas podia correr o quarenta em quatro pontos dois segundos. O idiota não tinha nenhuma chance contra a minha velocidade.

Porter começa a mover as mãos, chamando a atenção do canto de trás, criando a separação para me conseguir uma boa posição. Rome ingressa de novo ao bolso e acelera para chegar à zona livre.

Durante a execução mais difícil, Rome faz um passe de quarenta jardas perfeito... diretamente nas minhas mãos em espera. Corro campo abaixo, livre e limpo, então cravo a bola na zona do fim para meu terceiro touchdown da noite.

Os fãs enlouquecem, e eu grito de júbilo com os punhos fechados e a cabeça arremessada para trás. Alguém agarra a máscara de meu capacete, me virando, e me encontro cara a cara com o Rome, que me atrai para seu peito.

—Um passo mais, Carillo. Um maldito passo mais perto do recrutamento! — Sussurra em meu ouvido.

Com suas palavras, penso em mamãe, Axel, penso no Levi, e meu coração se enxe de orgulho. Um passo mais para o recrutamento. Os meninos Carillo fazem bem.

Após a aterragem bem sucedida depois do touchdown, o apito de fim de partida soa. Os Tide ganharam, mantendo nossa temporada perfeita.

Jimmy—Dom, Rome, Reece, e eu saímos e nos dirigimos para os fãs de pé. Quando nos aproximamos, Rome faz uma carreira, deixando cair seu capacete no campo, e caminha para uma sorridente Molly, quem praticamente salta em seus braços. Estavam um sobre o outro em um segundo, em seu próprio mundinho. Cass e Ally caminham lentamente para nós, Cass deixa cair um grande beijo no rosto avermelho do Jimmy—Dom.

—Um arraso de jogo, baby! — Grita e lhe dá um soco no braço. JD golpeou seu traseiro em troca. Ally se aproxima e dá a cada um de nós um abraço. Ally é impressionante, mas algo assim como uma irmã para mim. Reece, entretanto, parece abraça-la por muito tempo, Ally ri de sua alegria, ganhando um largo olhar do Rome, que ainda não deixa Molly ir.

—Aqui está! — Grita Cass, e me viro para ver Lexi correndo em nossa direção. Ela parece bem em seu pequeno uniforme vermelho, os lábios vermelhos brilhantes, e cabelo encaracolado ao estilo 1920.

—Olá, pessoal! — Diz alegremente, e franzo o cenho. Nunca a tinha visto tão cheia de vida, tão... falsa. Era como olhar para uma pessoa completamente diferente.

Cass vai abraça-la, mas Lexi estende a mão.

—Não faça isso, Cass. Estou toda suada de pular.

Cass se afasta para trás e seu rosto, naturalmente sorridente se escurece.

—Lexi, eu juro que está se tornando verdadeiramente estranha para que lhe abracem. O que está acontecendo garota?

Lexi aperta a sua mão, mas percebo que engole nervosa e teve um brilho de pânico em seus olhos.

—OH, silêncio, Cass! — Brinca, enquanto Molly e Rome se unem a nosso círculo improvisado.

Lexi fica de pé junto a mim, e discretamente lhe dou uma cotovelada com o braço. Vejo o fantasma de um sorriso em seus lábios.

—Então, qual é o plano para esta noite? — Pergunta Ally enquanto olha ao redor do grupo.

—Não vamos para casa até manhã, então vamos sair — responde Rome e envolve seus braços ao redor do Molly por trás. Ela o olha como se fosse seu mundo. Ouço Lexi suspirar e olhar ao Rome enquanto pressiona um beijo no pescoço do Molly, como se desejasse ser ela.

Como se me sentisse olhando, os olhos de Lexi se fixam nos meus, então olha imediatamente para baixo.

Meu corpo está tenso e eu fico muito irritado. Que merda era essa? Ela sentia algo por Rome?

—Poderíamos sair. Sinto como se não tivéssemos saído muito como um grupo por um tempo — Diz Molly com seu forte sotaque inglês.

Rome assente.

—Então está decidido. Hoje à noite nós saímos.

—Jimmy—Dom, é melhor que traga seu suculento traseiro a esta pista de dança e me dê seus melhores movimentos. Porque eu vou dançar! — Grita Cass da pista de dança para Jimmy—Dom, que está sentado conosco em nosso lugar. Meu amigo cowboy balança a cabeça e rir enquanto anda para a loira, vestindo seu chapéu Stetson.

Eles são realmente muito bons juntos.

—Reece, quer dançar? — Pergunta Ally ao novato com aparência de surfista. Salta de seu assento como se seu traseiro estivesse em chamas.

—Vou matar essa merdinha se continuar arrastando-se para a minha prima dessa maneira. — Promete Rome do outro lado da mesa, e eu não posso deixar de rir. A Rome não importava com quem saía Ally, mas ele traçou uma linha para qualquer companheiro da equipe. A última coisa que queria ouvir era aquele bate papo de quarto sobre como ela era na cama.

—Querido, deixe-os em paz e venha dançar comigo. — Diz Molly, e, como sempre, o humor do Rome se ilumina. Abraça uma Molly rindo do reservado e vai para a pista.

—Meninos, vão se juntas a nós? — Grita Molly por cima do ombro do Rome.

Lexi parece estar usando a mesma máscara de horror que eu, e balançamos mutuamente nossas cabeças.

—Não sente as melodias? — Pergunta Lexi, vestida com seu vestido largo preto e botas Doc Martin.

—Não é exatamente Korn ou Metálica, por isso não.

A gargalhada do Cass ecoa da pista de dança, e Lexi não pode deixar de sorrir.

—Então...

—Por que você olhava a Rome depois do jogo? — Interrompo o que quer que Lexi estava dizendo.

Ela empalidece.

—Eu o que?

—No campo. Você olhava com olhos esbugalhados e essa merda. Você gosta dele, é isso? —Minha voz soa bastante áspera, mas realmente não importa.

—Eu não... — Tenta falar de novo, mas levanto a mão e aponto para Molly e Rome dançando lento na borda da pista.

—Ele não vai arruinar isso por nada. O cara está loucamente apaixonado por ela. Com um amor para toda a vida.

O rosto do Lexi se escurece e golpeia minha mão levantada.

—Em primeiro lugar, Molly é uma de minhas melhores amigas, e, até se eu gostasse de Rome, nunca arruinaria sua oportunidade de ser feliz. E em segundo lugar, eu não gosto de Rome, exceto como um amigo, é obvio. Porque não é meu tipo.

Eu relaxo ao ouvir essas palavras, e franzo o cenho. Não podia acreditar na força de meu desconforto quando eu achava que gostava de outra pessoa.

—Então por que os olhava dessa maneira? — Pergunto com um pouco menos de aspereza em minha voz.

A música troca de uma melodia de cabaré para a próxima, e sinto meus punhos abrir. Como as pessoas escutam está merda?

—Não olhava para eles porque quisesse Rome. Era apenas... —Lexi inclina a cabeça e começa a brincar com as unhas.

Me aproximo e escuto sua respiração instável.

—Apenas o que? — Pressiono.

—Só os invejo, isso é tudo.

Eu estava confuso.

—Inveja, o que?

—Eles! Como são livres um com o outro. Tão, satisfeitos.

—Eles estão juntos. Que mais se pode esperar? Inferno, olhe para Cass e Jimmy—Dom. — Assinalo para eles fazendo passos de hip hop com expressões sérias.

Jesus. Cristo.

—Sim, bem, nem todo mundo pode ser dessa maneira com outra pessoa. É agradável ver, mas difícil para mim entender.

Esse comentário me chamou a atenção. Embora os olhos do Lexi se fixam firmemente sobre a mesa, ela puxa das mangas de seu vestido para baixo sobre suas palmas.

—O que diabos significa isso? —Eu pergunto, e vejo Lexi dar um ligeiro encolher de ombros.

—Não tinha um menino que te tratasse bem antes ou algo assim? Um ex-namorado te machucou?

Os olhos tímidos do Lexi piscam para meus e em seguida, em linha reta para baixo de novo. Suas mãos tremem, e até mesmo por

cima desta canção horrível de Deus e o dedilhar do fodido banjo, ouvi sua respiração agitada. Assim me aproximo mais ainda, com nossos braços agora roçando-se.

Inclino a cabeça, pergunto-lhe:

—Você vai me responder? —Meu estômago se revolta ao pensar que algum idiota pudesse tê-la machucado no passado. Ela devia pesar tanto como um pano molhado. Foda-se, Axel a tinha prendido contra a parede, e eu a tinha ameaçado. Essa lembrança só me fez estremecer de dor diante da vergonha.

—Nunca tive um namorado. — Ela sussurra de forma quase inaudível.

Minha cabeça se vira para ela em estado de choque.

—Nunca teve um namorado?

Lexi balança a cabeça.

—Mas já esteve em encontros, certo?

Outro movimento de cabeça.

Simplesmente não tem sentido. Era bonita, doce, tinha uma porra de um coração de ouro.

Qual era seu problema?

Lexi se havia aconchegado contra a placo do reservado, como se estivesse tentando meter-se nela. Checando a sala, vejo nossos

amigos no lado oposto da pista de dança, se movendo ao redor e divertindo-se. Pix e eu decidimos temos que sair.

Esticando minha mão debaixo da mesa, agarro a de Lexi e começo a puxá-la para fora do reservado.

—Austin! O que... — Ela diz em voz baixa e lança seus olhos ao redor do clube.

—Vamos sair daqui. Vamos. — Puxo seu braço. Ao princípio, Lexi resiste. Depois começa a caminhar e quase corre fora do clube. — Deseja comer algo? — Pergunto.

Os olhos do Lexi se abrem e nega furiosamente.

—Não. Não tenho fome absolutamente. —Penso que foi uma espécie de resposta estranha, mas deixo ir. Apenas queria sair deste maldito inferno de caipiras sulinos.

Assim que saímos ao ar da noite, dirijo-me à rua movimentada e estendo minha mão chamando um táxi.

—Austin, espera! Onde nós vamos? — Diz Lexi ansiosamente, puxando minha mão.

Virando-me, ponho minhas mãos sobre seus ombros, novamente, notei-a estremecer como eu. Foi por isso que saímos. Apenas tinha que saber o que estava acontecendo com isso.

—Vamos para meu quarto de hotel. —Eu respondo e pegando a sua mão uma vez mais, um táxi baixa a velocidade para onde estávamos parados.

—Austin. Não posso... eu não sou.... eu... —A mão do Lexi se fecha de repente contra seu peito e se esfrega energicamente na pele.

Rolo meus olhos e a atraio para meu lado, envolvendo meu braço ao redor de seus ombros.

—Se acalme, Pix. Não estou pensando em te comer. Eu só quero falar. Compartilho o quarto com o Rome em jogos fora de casa. Molly alugou seu próprio quarto, por isso ele vai ficar com ela. Temos o lugar para nós.

Os olhos do Lexi ainda estão abertos pelo medo, então eu coloquei minha boca em seu ouvido e sussurro.

—Apenas quero falar um pouco mais. Te conhecer mais. Longe dos olhares indiscretos. E você?

Os ombros do Lexi desabam e assente.

—Eu quero saber mais. Que o senhor me ajude, mas eu quero fazê-lo — Seus enormes olhos verdes pálidos se fixam em meus, e confessa: — Não estou acostumada a estar a sós com um cara... em seu quarto. Estou nervosa.

Sorrindo em sua confissão, mantenho-a mais perto. O táxi para, e abro a porta. Enquanto subimos na parte de atrás, digo-lhe:

—Envie uma mensagem a suas amigas. Diga-lhes que foi para casa. Diga a elas que te levei para casa com segurança.

Pegando seu celular, Lexi faz o que eu pedi, então, inclina—se para trás no assento.

Ela olhe pela janela, fascinada pelas luzes brilhantes do Tennessee, eu olho para fora da minha. Teria dado qualquer coisa para saber o que pensa, o que estava girando através de sua misteriosa cabeça. Mas consigo manter o interesse em minha mente enquanto nossas mãos ficam entrelaçadas no centro do assento. Não posso evitar o sorriso satisfeito em meu rosto.

Capítulo 14

Austin

Quinze minutos mais tarde, entramos em meu quarto de hotel. Lexi se inclina contra a porta fechada enquanto eu me sento em minha cama. Ela se balança sobre seus pés, observando o quarto duplo padrão.

Me inclinando para o minibar, tiro uma coca-cola.

—Quer algo para beber? — Pergunto, e Lexi olhe a lata da coca-cola. De fato, olho para minha mão para ver se tinha pego outra coisa por engano.

—O que? — Pergunto confuso.

Lexi envolve seus braços sobre seu estômago.

—Tem água? Simples e sem sabor?

Balanço a cabeça lentamente, inclino-me novamente sobre o minibar e tiro um San Pellegrino[11], oferecendo-lhe para que tome.

Lexi vacila, e rio de quão estranha está sendo.

Porra, qual é o seu problema?

—Vamos, Lexi. Não mordo. — Digo, enquanto ela permanece estranhamente silenciosa.

Lexi olha para o chão, com essa expressão em branco em seu rosto novamente. Percebo que ela fez muito isso ultimamente: na universidade, quando estávamos com nossos amigos, durante os jogos...

—Lexi? — Eu digo e deixo as bebidas na mesa de cabeceira. Mas suas sobrancelhas escuras se franzem e suas mãos se agarram a um lado de sua cabeça. Seus olhos verdes se fecham e uma expressão de dor chega a seu rosto.

Saltando de meu assento, corro para onde está e, sem saber onde colocar minhas mãos, finalmente a agarro pelos braços. Os olhos do Lexi se abrem e o pânico é evidente em seu olhar. Suas mãos deslizam lentamente por suas bochechas para descansar diretamente em seus lados e seus dedos tremem durante todo o caminho.

—Porra, Pix. Você está bem?

---

[11] Marca de água mineral

O lábio inferior do Lexi começa a tremer e as lágrimas enchem seus olhos.

—Sinto muito — ela sussurra. — Sinto—o muito. É um dia ruim. É realmente um dia ruim para mim, isso é tudo. — Ela repete a frase umas três vezes mais.

A encarei fixamente, completamente sem saber o que fazer. Está tendo um ataque de ansiedade? Está deprimida? Fosse o que fosse, essa porra me assusta.

A guio passando a cama de Rome até a minha, e consigo sentá-la. Segurando a garrafa de água, despejo em um copo, a entrego, e vejo como checa o que há em seu interior, aparentemente aliviada quando vê que é apenas água.

Reação estranha número dois.

Lexi toma pequenos goles do copo, e parece estar voltando em si gradualmente. Quando bebeu apenas um quarto da água, deixa o copo sobre a mesa de cabeceira e nervosamente olha em minha direção.

—Estou muito envergonhada — sussurra, e me ajoelho no chão diante dela.

—Sobre o que era tudo isso? — Pergunto, e ela vira a cabeça para outro lado.

Agarrando seu queixo entre meu polegar e meus dedos, trago-a de volta para frente.

—O que acontece, Pix?

Lexi começa a puxar as mangas de seu vestido preto sobre a palma de suas mãos e baixa seus olhos para me evitar. Levanto seu queixo de novo.

—Não, Pix, não desvie o olhar. Você me ajudou no hospital há alguns dias. Me deixe estar para você agora. O que te acontece?

Mais silencio. Isso me irrita.

—Por que a pintura de guerra, Pix? — Eu a pressiono.

Ela nega, e seus olhos se enchem de lágrimas.

—Não faça isso, Austin. Por favor não me pergunte isso nunca mais. Eu não posso suportar!

Inclinando para baixo minha cabeça, rendo-me.

—Estou cansada — Diz Lexi de repente, e se levanta abruptamente.

Me pondo de pé rapidamente, alcanço suas mãos, as entrelaçando com as minhas.

—Então se deite. — Faço um gesto para a cama atrás de mim.

—NÃO! — Diz Lexi, um pouco mais alto do que acho que pretendia, e levanto minha sobrancelha para sua resposta. — Tenho que voltar para meu quarto. — Ela diz, com seus olhos muito abertos voando para a porta.

Mas eu não quero que ela volte para seu quarto. Algo estava errado, e ela sozinha, agindo assim, faz-me sentir muito desconfortável deixa-la sozinha.

Chegando mais perto, solto sua mão e seguro suas bochechas.

—Fique comigo. Apenas fica comigo aqui. Apenas nos deitaremos e falaremos. Temos que chegar a nos conhecer, lembra? Por que diabos está fugindo?

Posso ver a indecisão em seu olhar. Inclino-me para frente para aproximar minha boca para sua orelha.

—Fique comigo. Prometo que nem sequer vou tocá-la se não querer que o faça. Simplesmente não posso deixar ir assim desta maneira.

Enquanto eu faço essa promessa, percebo que quero tocá-la. Muito. O pequeno duende estava ficando sob minha pele.

—Se promete manter certa distância, ficarei um momento mais. —sussurra Lexi, e liberando seu rosto, suspiro de alívio.

Então, não quer que a toque? Pelo menos algo está claro nesta confusão.

Rodeando Lexi, subo em minha cama, descanso minha cabeça sobre o travesseiro, e olho em sua direção. Ela parece tão fodidamente bonita de pé no meio do quarto, me olhando deitado na cama, com seu vestido muito grande para seu corpo de apenas

um metro e médio, suas botas muito grandes para suas pernas magras, seu cabelo preto encaracolado e que moldava seu rosto como uma garota da década 1920, e seus brilhantes lábios vermelhos franzidos.

Sinto-me como uma espécie de besta malvada tentando atrair a uma inocente virgem em seu covil.

—Pix, não vou fazer nada que não queira. Então venha, venha aqui e se deite de uma vez, porra. — Eu digo, e até mesmo para mim, minha voz soou rouca.

Parece que andou quilômetros enquanto dava quatro passos para frente e se ajoelha sobre o colchão ao meu lado. Pondo suas pernas retas, encontra-se na minha frente, sem deixar de me olhar.

—Você está confortável? — Eu pergunto.

Assentindo, o lábio se torce.

—Sim.

—Você já foi alguma vez para a cama com um cara? —Sorrio quando ela ruboriza.

—Não. Nunca. Nunca estive com caras realmente, e ponto.

—E na escola? — Pergunto. Ela deve ter sido uma líder de torcida naquele tempo também. Isso significa que um monte de jogadores de futebol estava a seu redor todo o maldito tempo.

Seus olhos caem.

—Educaram-me em casa durante o último par de anos da escola. Tive que adiar o plano de ser uma líder de torcida até poucos meses atrás.

Franzo o cenho.

—Recebeu educação em casa? Por que diabos você quis isso?

Lexi deixa escapar uma gargalhada sem humor.

—Não queria ser educada em casa, Austin. Eles me obrigaram. A escola era... muito difícil para mim. Era a única opção realista.

Chagando mais perto, eu pressiono.

—Eles te maltratavam ou alguma merda dessas?

Lexi nega e começa a brincar com um pedaço de linho branco dos lençóis da cama. Pego seu dedo, mas seus olhos não se levantam para encontrar os meus. Ela está ocultando algo. Algo que eu realmente queria saber.

—Olhe para mim, Pix — Exijo severamente.

Suspirando, faz o que peço.

—Você sofreu bullying[12]? É por isso que nunca foi a escola?

[12] São brincadeiras que passam do limite.

Lexi não responde nada. Por isso espero. Espero durante dois minutos, dois longos minutos, ainda segurando sua mão, observando-a enquanto ela procura uma explicação.

—Tive alguns problemas... na escola. — Confessa finalmente. Sua explicação não é suficiente. Queria detalhes. Queria saber como foi ferida e, de preferência, quem era o responsável. Eu me sinto muito protetor a respeito deste pequeno duende emocional. Um estranho conhecimento que me era difícil de processar, mas, entretanto, verdadeiro.

—Que tipo de problemas? — Eu quero saber.

Os olhos do Lexi estão bem fechados, e quando voltam a abrir, diz em voz baixa.

—Problemas de saúde. Tive um par.... — suspirou e acrescentou. — Tive alguns problemas de saúde.

Desconcertado, olho para baixo e examino seu pequeno corpo, tentando pensar como alguém como ela poderia ter problemas de saúde. Ela era pequena... forte, atlética, mas parecia muito bem, talvez um pouco muito magra demais, mas bonita e fodidamente especial, no entanto.

Lexi, ao notar meu interesse em seu corpo, arranca sua mão da minha e cruza suas mãos sobre seu estômago, enroscando-se em uma posição fetal. Seus olhos verdes se abrem com medo.

—Lexi? Que diabos...?

—Não me olhe assim! Não posso suportar que me olhe dessa maneira! — Diz de maneira histérica.

—Não fiz isso! — Digo com os dentes cerrados. Seus olhos se estreitam pela minha mentira. — Bom, está bem, eu fiz. Mas estava tentando adivinhar por que diabos você teve problemas! Não estava te examinando, Pix. Não sou tão estúpido.

Seus olhos fechados e o rubor em seu rosto me diz que não acredita em mim.

Me aproximando de novo, estou quase contra seu corpo.

—Pix, me conte por que recebeu educação em casa.

—Não posso...

—Diga-me isso. - Interrompo.

—Não, eu não posso.

—Pelo amor de Cristo, Pix, me diga por que diabos foi educada em casa! — Grito um pouco alto demais.

—Porque era anoréxica! Pronto! Está feliz? — Ela gritou e golpeia minha camisa. — Porque era anoréxica —diz pela segunda vez, as lágrimas chegam a seus olhos. — Era anoréxica... — Ela para e as lágrimas começam a brotar de seus olhos.

Anoréxica?

Porra, não tinha nem ideia do que dizer.

A testa de Lexi encontra meu peito, e chora contra minha camiseta. Queria abraça-la, mas tinha prometido não a tocar. Mas quando Lexi soluça, não posso resistir. Portanto, levanto minhas mãos e lentamente as envolvo em seu cabelo e a sustento contra mim.

Lexi nem sequer estremeceu por meu toque indesejado. Isso faz que meu coração bater um pouco mais forte em meu peito.

—Shhh, Pix, se acalme. Está bem. — Eu tento confortá-la.

—Não, não está, Austin. Nada desta merda está bem. — Sussurra. — Estou muito cansada de lutar contra isso. Contra ele! Estou prestes a desistir.

Isso me arrepia e separando sua cabeça de meu peito, encontro seus olhos injetados em sangue.

—Lutando contra o que? Se render a que?

Lexi soluça de chorar tão forte e diz:

—A tentação da voz interior... a desesperada tentação de voltar lá, deixar as rédeas livremente.

O pânico corre por minhas veias pelo tom desolado em sua voz.

—Você quer dizer que ainda está lutando contra esta merda? Quando mencionou a escola, pensei que vocês quis dizer que estava curada.

O rosto de Lexi congela e murmura:

—Não pode ser curado. Eu odeio essa palavra! Não estou curada. Não com isto, este maldito transtorno horrível.

—Mas...

—É como você e os Heighters. Sua conexão com eles nunca termina. Meteu-se nessa turma de jovem e permanece com você para toda a vida. Você mesmo disse. — Sua declaração me parou secamente. — O que foi que você disse quando mencionei ter as tatuagens removidas com laser, sobre abandonar os Heighters? Ah, sim, que não funciona desse modo. É o mesmo comigo e a comida. A tentação de evitar comer está sempre lá. E sempre estará.

Pensei de novo na raridade do Lexi com o Cass sobre seu abraço depois do jogo. Sua reação a minha oferta de uma bebida e, especificamente, à maneira que olhou à maldita lata da Coca—cola.

—A coca-cola. — Sussurro em voz alta, e Lexi deixa escapar uma pequena risada.

—Sim, a coca-cola. Trezentos e cinquenta mililitros de refrigerante. Cento e sessenta calorias. Zero gramas de gordura, mas quarenta e dois gramas de carboidratos e quarenta e dois gramas de açúcar. Se consumida, demoraria vinte minutos de corrida a compensar. Mas não me deteria com isso. Teria que correr outros dez minutos para me assegurar de que não tenho feito qualquer cálculo errado. Além disso, então seria cerca de cem calorias negativas. Porque dez minutos de corrida muito rápida

queima cem calorias, e quantas mais calorias queimadas significa que há mais quilos fora da escala. Eu vivo pela medida dessa escala.

Atordoado, minhas mãos deslizam da cabeça do Lexi, e ela sorri com a minha reação, deixando sua mão cobrir sua boca com a manga de sua camiseta puxada para baixo.

—Genial, não é, Austin? Viver assim. Pensando sobre todas essas coisas: comida, bebida, exercício, cada parte de cada dia, para sempre. Odiando te que escovar os dentes cada manhã e noite porque a pasta de dente provavelmente tem calorias, não é? Então depois de escovar seus dentes, você se coloca contra os ladrilhos frios do chão do banheiro e faz cinquenta flexões e cinquenta abdominais no caso de algumas dessas calorias deslizarem em seu estômago e colocar seu objetivo em perigo.

—Porra, Pix. — Era tudo o que podia oferecer como resposta a sua explosão. Ela parecia não ter fôlego pelo esforço de sua confissão.

—Bem-vindo ao espetáculo dos horrores, Austin. Estou aqui toda a semana. — Disse com tristeza.

Eu olho para ela com simpatia.

—Tem razão. É um bicho estranho. — Eu digo sem rodeios e a dor que transforma seu rosto quase me corta.

Lexi se move imediatamente para sair da cama, mas agarro seu braço para impedi-la. É a primeira vez que percebo o quão frágil é sob minha mão. Podia sentir claramente o osso sob meus dedos, e não havia muita carne a seu redor.

—Disse que não me tocasse! — Grita, tentando soltar seu braço, e, perdendo os papéis, salto da cama, observando-a, e prossigo rasgando minha camiseta, deixando meu peito ao descoberto.

—O que... o que você está fazendo? — Perguntou Lexi, petrificada, enquanto seus olhos se mantêm fixos em meu peito, e de volta para meu duro olhar.

Agarrando suas mãos, esmago-as contra a pele de meu torso e as deixo lá até que está a um milímetro de distância de sua boca.

—Sim, eu disse que é um bicho estranho. —Lexi estremece por ouvir minhas palavras, mas acrescento: — Mas eu também sou, porra.

Ofegando, os cílios de Lexi se agitam nervosamente. Começo a pressionar suas mãos ao longo das planícies de meu estômago, meu peito, e pouco a pouco as deslizo até meus quadris e através da pele logo acima do cós da minha calça.

Um rubor de cor rosa se estende pelas bochechas do Lexi, e digo suavemente:

—Tenho cicatrizes, um maldito punhado delas.

Tomando seu dedo indicador e médio, eu os coloco bem acima de minha tatuagem do Dia de Todos os Santos sobre minhas costelas.

—Feita por uma navalha de uma gangue rival, aos quinze anos por invadir seu território. — As almofadas dos dedos do Lexi tocam a cicatriz elevada, e prende o fôlego, surpreendida.

Movendo seus dedos sobre meu peito para a parte exterior de meu braço esquerdo, digo:

—Uma ferida de bala em um tiroteio. Aos dezesseis. Roça a parte exterior de meus bíceps. Tive sorte. Outro membro da gangue não a teve.

Uma brisa de ar quente flutua sobre meu peito, a procedência: uma exalação forte dos lábios entreabertos de Lexi.

Por último, passo seus dedos por meus abdominais e paro abruptamente sobre o cós de minha calça. Deixo lá por um segundo e fecho meus olhos. Meu pescoço está tenso enquanto luto para controlar minha respiração. A pequena Pix está me colocando duro como aço, e eu estou fodidamente tentando me tranquilizar.

—Austin? —Lexi suspira, e abro meus olhos uma vez mais, retomando seus dedos e percorrendo com eles a cicatriz de oito centímetros de comprimento que meu atravessa meu abdômen inferior.

—Um drogado me atacou com um pedaço de vidro, tudo por uma linha de coca. Eu tinha dezesseis anos.

—Austin... — Diz Lexi, quase em silêncio enquanto uma única lágrima cai de seu olho.

—Então você vê, Pix, também tenho cicatrizes. É apenas que as minhas estão no exterior onde todos podem ver.

Pegando-me de surpresa, Lexi lança seus braços ao redor de minhas costas e sua bochecha descansou na superfície do meu torso. Suas unhas se cravaram na carne de minhas costas e com cuidado descanso minha bochecha na parte superior de sua cabeça.

Ela cheirava tão bem.

Foi tão bom.

Eu não tenho certeza de quanto tempo estivemos assim, dois fodidos pirralhos confessando emocionalmente seus pecados, mas tempo suficiente para eu perceber uma coisa: estava me apaixonando por este pequeno duende escuro.

Realmente. E fodidamente. Forte.

Chega-me tão de repente. Sinto-me inundado pela emoção.

Sinto o calor que vem das proximidades de Lexi entrando em meu corpo, e sussurro:

—Pix, de verdade preciso te beijar agora.

Cada parte de seu corpo está tenso, e ela sussurra:

—Nunca fui beijada antes. Nunca fiz nada com um cara. — Como se fosse a coisa mais embaraçosa no mundo.

Meus olhos se fecham com força e me sinto como um casulo. É obvio que nunca a tinham beijado, nem tinha tido sexo. Não foi rodeada de meninos durante a maior parte de sua adolescência, muito ocupada morrendo de fome para estar magra.

Eu era um idiota de primeiro grau.

Mas então sinto seus lábios suaves roçando meu esterno, e quase perdi a consciência.

Lentamente guio sua cabeça para cima com minha mão, meus lábios roçam seu cabelo e fazem seu caminho por sua bochecha.

—Pix, eu preciso. — Digo com voz áspera novamente.

Inclinando o queixo, ela responde.

—Eu acho.... Acho que eu também preciso de você.

Se não estivesse morrendo pela antecipação de seu sabor, eu teria sorrido, mas em vez disso, me inclino para baixo até que nossos lábios se encontram. No início, simplesmente deixo que se acostume comigo, com o movimento do beijo, mas não passa muito tempo antes de que minhas mãos se enrosquem em seu cabelo e abra seus lábios com minha língua.

Expulsando um gemido, Lexi aperta meus braços e, um segundo depois, sinto sua língua quente encontrar-se timidamente com a minha.

Talvez ela nunca tivesse beijado antes, mas está me fazendo perder a cabeça. É valente, é tudo o que nunca pensei que uma garota poderia ser.

Cada segundo que a toco só me faz querê-la mais, mas como um floco de neve, ela é frágil e precisa que vá devagar.

A contragosto rompi o beijo, e me inclinei para trás um pouco, apenas o suficiente para captar o brilho da água em seus olhos. Imediatamente me invadiu uma corrida rápida de culpa.

Ele a tinha pressionado muito. Ela tinha deixado muito claro que não gosta de ser tocada. Tinha quebrado minha promessa, tudo ao serviço de meu pau.

—Austin... —Lexi suspira, e olho para ela, esperando que possa ver o pedido de desculpa e a vergonha em meu olhar. Seu brilhante lábio superior tingido de vermelho se dobra em um sorriso tímido, e me olhe como se eu fosse de repente todo seu mundo. Sinto que esse olhar vai direto ao meu coração. Nunca antes ninguém me olhou com um olhar tão tolerante, com essa confiança antes, e me sinto abatido de que ela me escolheu para dar tal presente.

Foi o sentimento mais estranho.

O que todos veem quando me olham era o "lixo branco", ex membro da famosa gangue Heighters com suas caravanas através da cidade.

Mas ela não.

Sem saber por que fodida razão, mas Pix via mais. Mesmo depois de tudo no que a tinha metido.

—Austin... obrigada... — murmura, e novamente essa vergonha engole seu rosto.

—Não, obrigado você. — Respondo, me inclinando para baixo, ponho um casto beijo em seus lábios, então, agarrando sua mão, beijo a parte de trás dos seus dedos.

—Fica comigo esta noite, Pix. Nada de sexo —digo, e sorrio. Ela deu um tapinha no meu peito me advertindo brincando com toda a força de um mosquito. — Apenas fique comigo. Dormindo ao meu lado. Fica a meu lado.

—Está bem — Cede, pegando sua mão, levo-a para a cama, e voltamos a tomar as posições de antes. Mas nossas mãos não largam a do outro. Tínhamos nos mudado para um lugar diferente.

Esse pensamento me faz retroceder. Podemos estar juntos agora, não podemos? Não me importava como o chamaríamos. Ela podia falar comigo e eu com ela. Os títulos de namorado/namorada não tinham lugar entre os que estavam verdadeiramente fodidos. Só que havia mais alguém como você, alguém que te entendia.

Alguns de nossos segredos enterrados tinha saído, e eu senti como se um enorme peso em meu peito tivesse sido liberado.

—Austin? — Pergunta Lexi e lambe seu lábio inferior.

—Mmm? — Eu respondo, seguindo o movimento de sua língua, meu pau se retorce dolorosamente em resposta.

—Você poderia me beijar outra vez?

Meus punhos se fecham em meus lados. Na verdade, eu queria fazer muito mais que beijá-la, chupar seus seios, degustar seus clitóris com minha língua, tomar sua virgindade, mas sabia que isso não ia acontecer.

—Se aproxime aqui — digo, e puxo sua mão. Ela se aproxima ainda mais. Estico-me para envolver minhas mãos ao redor de suas costas quando ela ficou imóvel.

Afasto minha cabeça.

—O que eu fiz?

Lexi levanta sua mão timidamente, e a deixa descansar sobre minha bochecha.

—Tenho umas áreas críticas.

—Está bieeen — Digo lentamente, sem saber o que significa "áreas críticas".

Sentando-se, ela me olhe e abaixa o queixo.

—Minhas costas. Todas minhas costas é minha área crítica.

Minhas sobrancelhas se levantam em surpresa, e Lexi pigarreia.

—Não posso deixar que toque minhas vértebras ou as costelas de minhas costas.

A dor em sua voz quando falava dela mesma desta maneira me destrói.

—É a parte que mais odeio. Me... Me causa um monte de estresse. — Os olhos envergonhados do Lexi me olham com cautela, e eu a puxo até que descansa contra meu peito nu.

—Mas, posso te tocar todo o resto? O resto é via livre? — Pergunto passado um dedo pelo fino pescoço do Lexi.

—Dentro do razoável —responde sem respiração.

—Se explique melhor, Pix. Estou um pouco desesperado para te tocar como quero. — Insisto enquanto meus dedos começam a tocar por cima do tecido de sua manga.

—Não.... Eu não sei —diz, enquanto meus dedos se fecham na bainha de seu vestido preto e seus dedos se fecham de prazer, um rubor vermelho cobre o rosto de duende.

—Não sabe o que? — Desta vez minha voz soa apagada. A maneira em que está tombada muito perto de meu pau me faz perder a cabeça. Detendo meus dedos, espero que responda.

—Não sei. Nunca estive com um cara antes. Nem mesmo perto de um. Não sei o que vai me incomodar, além de minhas costas. Não sei se vou te assustar.

A tomo pelo queixo e acaricio seu rosto com a palma de minha mão. Mas então sua cabeça se imobiliza e diz:

—Sei que nunca serei capaz de estar nua com um cara. Nunca serei uma parceira sexual regular. Acho que nunca serei livre e sem restrições. Penso que nunca estarei muito confortável comigo mesma. —Sussurra e acrescenta. — Corre agora, Austin. Corre longe, longe de uma garota com muita bagagem.

A cabeça do Lexi ainda está na minha mão, longe de meu rosto, por isso digo:

—E eu sou extremamente pobre, ainda amarrado a uma gangue metida no negócio das drogas em troca de dinheiro, e tenho um irmão que fará tudo para proteger a seus companheiros. Tenho uma mãe que está morrendo e um reitor que me quer fora da faculdade. Estou cheio de cicatrizes da cabeça aos pés, e, acredite ou não, só estive com três garotas em minha vida. E nenhuma delas conhecia meu verdadeiro eu.

A cabeça do Lexi se vira para mim com interesse.

—Nenhuma delas foi sua namorada?

Dou de ombros e com o polegar corro de cima abaixo sua bochecha.

—Suponho que Louisa Tripodi foi minha namorada, durante uma semana. Vivemos a três reboques de distância durante toda nossa vida. Seus pais eram imigrantes sicilianos, como meu pai.

—E o que aconteceu?

—Encontramo-nos e acabamos fodendo no chão de seu banheiro. Perdi minha virgindade naquela noite. Louisa perdeu a sua muito antes.

—Quantos anos tinha?

Desta vez tive que me envergonhar.

—Treze.

Os olhos do Lexi ficam mais amplos.

—E o que aconteceu com ela? Esta Louisa... Louisa...

—Tripodi — Termino.

—Sim, Louisa Tripodi.

—Sofreu uma overdose há três anos. Heroína.

Lexi se sacode e franze o cenho.

—Austin, é horrível.

Dou de ombros.

—Só outra vítima do Wetside Heights. — Digo com ironia.

Lexi se inclina atrevidamente até que sua boca está pairando sobre a minha.

—E as outras duas garotas?

—Rolos de uma só noite. Não conhecia essas garotas. Elas sabiam que jogava com os Tide. Fodemos. E elas saíram. E essa é toda minha vida sexual.

—Mas olhe para você mesmo, — diz Lexy, apontando para o meu peito nu. — Você é perfeito. Você pode ter quem queira.

Eu ri.

—A perfeição é relativa, Pix. A beleza é relativa. — Sua boca torcendo me diz que não acredita em mim.

—Você gosta de minhas tatuagens? — Pergunto, e ela sorri.

—Sim. Eu adoro. —Confessa e olhe com espanto a pomba e a flor de lis tatuada em meu pescoço.

—Mas nem todo mundo gosta. — Confesso, e ganho sua atenção uma vez mais.

Tomando seus dedos novamente, coloco-os sobre a cicatriz da ferida de bala no meu braço.

—Tem nojo de minhas cicatrizes?

Lexi salta diante disso e balança a cabeça com vontade.

—Não! Por que me dariam nojo suas cicatrizes? Elas não são o que você é. Elas são o seu passado. Não me incomodam em nada. Contam a história de sua vida.

Sorrio e movo minhas mãos para segurar seus braços. A respiração de Lexi parou e olhou para baixo desesperadamente, seus braços se esticam enquanto respira.

—Como seu peso não me preocupa. Você é o que é. Eu não dou a mínima para o seu peso ou altura. Eu prefiro as pessoas reais. Pessoas reais. Você é real, Pix. É generosamente.

O rosto inexpressivo do Lexi me faz pensar que se perdeu de novo, mas com uma sacudida de cabeça, volta para mim mais rápido desta vez. E antes que eu percebesse, suas mãos se plantaram em minhas bochechas e seus lábios se chocam contra meus. Instintivamente, minhas mãos acariciaram seus braços, e tento evitar suas costas.

Lexi se entrega mais. Seus pequenos seios pressionam contra meu peito e sua perna roça contra meu pênis. Ao contato, gemo. Lexi joga a cabeça para trás.

—Está bem? — Pergunta sem fôlego.

—Sim, estou bem. — Digo com os dentes cerrados. — Estou tão excitado que não posso pensar claramente.

—OH — diz Lexi e olha para baixo. Quando se dá conta de quão ajustados estão meu jeans, ruboriza, e afasta seus olhos, e repete um exagerado. — OH!

Rindo, me afasto dela para que me olhe e, desta vez, agarra minha mão.

—Obrigado, Austin — Sussurra um minuto mais tarde.

—Por que? — Eu pergunto, escutando o confortante som de uma coruja piando fora da janela.

Encolhendo seus ombros, ela responde:

—Por ser amigo de um bicho estranho, suponho. — Seus dedos apertam os meus. — Por não me fazer sentir como uma perdedora. Como uma tola sem experiência.

—Não é uma fracassada, Pix, nem nenhuma tola. Em todo caso, é uma maldita heroína. Sobreviveu a algo que poderia ter te matado.

—Esse é o caso, Austin. Algum dia ainda poderia acontecer. Eu... tem sido difícil para mim ultimamente. Sinto que estou caindo de novo. A voz interior, a anorexia... está tentando romper as barreiras. — Lexi sopra e me olhe com os olhos muito abertos. — Esta é a primeira vez que admiti a alguém... talvez até a mim mesma.

Retiro uma mecha rebelde de cabelo de seu rosto e digo:

—Esta doença não vai tirarar o melhor de você, Pix. Eu não vou permitir.

As sobrancelhas negras do Lexi se levantam e pergunta:

—E como você vai garantir isso?

Encolhendo os ombros, digo:

—Suponho que não vou tirar os olhos de você por um tempo.

Rindo, Lexi responde:

—Tome cuidado, Carillo, isso soa assustadoramente como uma declaração de compromisso.

—Chame do que quiser, Pix. Tudo o que sei é que eu gosto. Quero ver você mais. Sou um Heighters sempre com antecedentes penais...

—E eu uma emo anoréxica virgem que não deixa que a toquem. — Termina por mim.

—Um casal perfeito, né? — Eu digo com uma piscada.

—O que poderia dar errado? — Lexi brinca.

Apesar de ter sido uma brincadeira, ambos contemplamos essa pergunta em silêncio. A verdade é que uma tonelada de merda poderia dar errado. Ela poderia ter uma recaída, os Heighters poderiam foder-me e arruinar meus sonhos. Porra, Axel, meu sangue, me condenaria a morte se soubesse que estou me

aproximando de Pix, a única garota que poderia jogar aos Heighters do campus.

Mas neste momento, não queria pensar no que poderia dar errado para nós, não queria pensar em meu irmão mais velho, em mamãe ou Levi. Eu só queria dormir ao lado deste pequeno duende escura e esquecer todos nossos problemas por uma noite.

Bocejando, Lexi se acomoda melhor sobre o colchão e a observo enquanto fecha seus olhos.

Com nossos dedos ainda entrelaçados, fico olhando seu belo rosto e sussurro:

—Por que a pintura de guerra, Pix?

Lexi respira fundo e exala realmente devagar. Seus olhos não se abrem, e uma lágrima roda lentamente desde esses longos cílios negros e sua mão aperta a minha firmemente.

—Porque não posso suportar à garota que há debaixo. —Sussurra de volta.

Meu coração salta uma batida, e levo sua mão a minha boca, beijando a fria pele.

—Por que as tatuagens? —Lexi pergunta, e meus olhos se chocam com os seus.

A íris de azul turquesa está presa nos meus, assim digo:

—Porque não posso suportar ver as cicatrizes de meu passado.

Os olhos do Lexi se enchem de lágrimas e outra lágrima de compreensão desce por sua bochecha. Me inclinando para frente, beijo a gota salgada secando-a.

E é assim que nós ficamos.

Adormecidos.

Confiantes...

Apaixonados um pelo outro[13].

[13] 8 Na verdade diz: E é assim que nós caímos. / Caiu no sono. / Caiu confiança ... / Caiu para o outro. É uma brincadeira com a palavra caiu

Capítulo 15

Lexi

Querida Daisy,

Peso: 43 quilogramas

Calorias: 1200

Ontem de noite foi o momento mais surreal da minha vida.

Dormi toda a noite junto a um cara.

Sim, eu estava completamente vestida.

Sim, minha maquiagem ainda estava ainda intacta.

Mas foi um progresso. Na verdade, fiz alguns progressos.

E ele me beijou. Austin Carillo, o cara italiano do lado errado das vias, deu-me um beijo. E foi mágico. Fez-me sentir segura e, por uma noite gloriosa, fez-me sentir bonita.

Mas o melhor de tudo foi que, Austin conseguiu sossegar a voz, para roubar suas brincadeiras e, no processo, acredito que simplesmente roubou meu coração também.

—E ser líder de torcida, Lexi? Como isso está afetando sua confiança?

Estou olhando pela janela do doutor Lund às folhas douradas que dançam na brisa ligeira enquanto escreve em sua prancheta, suas notas sobre minha recuperação.

O incessante roçar de seu lápis no bloco de papel foi raiando em meus nervos, arranhado, arranhado, arranhado, deixando marca em meu cérebro.

—Ser líder de torcida vai bem, doutor Lund. É minha paixão. Sempre foi minha paixão. Quando danço, sinto-me livre.

—Você está dançando sobre uma espada afiada, Lexi. Sabe que foi seu gatilho na escola secundária. E se acontece a mesma coisa outra vez? O que acontece se outro rapaz que você gosta te chamar de gorda no uniforme? Será capaz de lidar com esse tipo de crítica? Você é forte o suficientemente para lidar com qualquer brincadeira dirigida a você?

—Sim. — Digo com firmeza, mas meu estômago encolhe com a culpa. Já está acontecendo. Não as brincadeiras dos jogadores de futebol, mas sim a voz interior.

Volte para mim, Lexington. Se voltar, se perder mais quilos, nunca terá medo de ser líder de torcida de novo. Nunca terá que mentir à equipe, como sabe que está a ponto de fazer. Sabe que ser líder já está começando a cobrar seu preço.

Respirando através das palavras da voz, tento me concentrar nas perguntas do doutor Lund.

—E sua vida pessoal? Como vai? — Ele continua.

—Está bem — Respondo e começo a picar o esmalte preto em minhas unhas.

—Algum namorado? Você já conseguiu se fazer vulnerável a alguém, ou ainda é uma área que não pode explorar?

Meus olhos se abrem de vergonha e se fixam no doutor Lund. Ele se inclina para trás, surpreso, suas sobrancelhas escuras se levantam.

—Essa foi uma reação interessante, Lexi. Se importaria de falar sobre o por que essa pergunta provocou uma resposta tão forte?

Abaixando as duas mãos, agarro os braços de madeira da cadeira.

—Eu... conheci alguém. — Confidencio enquanto sinto a onda de rubor sobre meu rosto.

—E quando foi isto, Lexi?

—Foi a um par de meses.

As sobrancelhas do dr. Lund se arqueiam, uma vez mais.

—Um par de meses atrás?

Confirmo e observo a desaprovação em seu rosto.

—Nós tivemos não menos de seis sessões nas últimas oito semanas, e fala disto apenas agora? Isto faz com que me preocupe, Lexi. Por que está escondendo este rapaz?

Afasto o olhar para a janela e sinto um aperto em meu coração enquanto olho duas crianças brincando no parque infantil exterior, a menina tenta alcançar ao menino e beijá-lo. Estava cheia de confiança.

Rezo para que essa mesma menina loira não cresça com inseguranças. Para que não conte calorias religiosamente antes de pôr uma colher de comida em sua boca, verifique a informação

nutricional nas embalagens dos carboidratos, os açúcares, as gorduras saturadas. Não esconda sua verdadeira beleza porque não possa suportar a vista de seu próprio rosto. Não se assuste quando esse mesmo menino que ela está mostrando tanto carinho como uma criança de seis anos de idade, cresça e queira lhe dar um pouco mais que um beijo... não crescer para deixar que um comentário descartável desse menino que gosta lhe roube sua infância e esmague sua autoestima.

—Lexi, se concentre — diz o dr. Lund severamente, enquanto olha pela janela para o que capturou minha atenção.

Esfregando minhas mãos sobre o meu rosto, respondo:

—Nós... tivemos um... começo acidentado. Ele tem... problemas também. Mas ultimamente, acredito que as coisas se tornaram mais sérias entre nós. Acredito? Não estou segura. Realmente não falamos que o que somos um para o outro ainda. Nunca tive um namorado, ou... bem, o que quer que nós sejamos o um para o outro, portanto, assim não disse a respeito disso para você. Ainda estou tentando entender tudo eu mesma.

Desde que voltamos do Tennessee, encontrei-me com Austin todas as noites. Todas as noites. Sua mãe acaba de receber alta do hospital, mas enquanto ela ainda estava aqui, Austin visitava Chiara e eu ia em minhas sessões. Então, passávamos um par de horas em nosso jardim, de mãos dadas e nos beijando inocentemente sob as estrelas.

Austin sabe onde pode me tocar agora. Descobrimos que minha clavícula também era um gatilho, mas Austin simplesmente manobra ao redor de minhas áreas problemáticas, não me faz sentir pena ou vergonha a respeito de minha doença.

O dr. Lund se inclina para frente e põe sua prancheta na mesa junto a ele, com as mãos em forma de sino enquanto apoia os cotovelos sobre seus joelhos.

—E está confortável com ele, Lexi?

Me deslocando incomodamente na cadeira, assento.

—Estou. Não fomos muito longe, é obvio. Mas nos beijamos algumas vezes... E tocamos em outras...

—E? — O dr. Lund me pressiona, parecendo surpreso por quão aberta estou sendo.

—Foi difícil a princípio... você sabe, por causa de meus gatilhos, mas eu disse a ele sobre o meu passado, e ele respeita meus limites. Está ficando mais fácil com ele. Dia a dia, está derrubando meus muros.

O doutor Lund de repente se endireita em seu assento e franzido o cenho.

—O que? — Pergunto-lhe em resposta a sua reação peculiar.

O Dr. Lund me olhe estranhamente antes de perguntar:

—Falou-lhe de seu passado?

Assentindo lentamente, respondo:

—Sim.

Um lento sorriso se desenha no rosto do dr. Lund. Ele tinha muitas expressões: sério, preocupado, intrigado, mas nunca abertamente impressionado.

—Lexi, estivemos tendo estas sessões durante anos. Nesse tempo, as pessoas que tiveram conhecimento de seu transtorno, as pessoas às que contou sobre seu transtorno, posso as contar com uma mão: seu pai, mãe, Daisy, é obvio, e eu. Você não disse a suas melhores amigas na faculdade, Molly, Cass, e Ally, porque...? —O doutor. Lund se cala a espera da responda.

Brincando com a borda da manga de minha camiseta, confesso:

—Porque eu não quero que me vejam fraca. Não quero que me vejam como uma vítima pela que tenham que caminhar sobre ovos. Queria ir à faculdade e ser outra pessoa diferente da Lexington Hart, anoréxica.

O doutor Lund acena pensativo, como só os psiquiatras podem. Levando suas mãos aos lábios, pergunta:

—Mas você contou a este rapaz, depois de conhece-lo por apenas um par de meses. O que o faz tão diferente de suas amigas?

Encolhendo os ombros, mantenho o meu foco para baixo. Não quero dizer ao Dr. Lund que sinto uma conexão espiritual com

Austin. Não quero lhe dizer, que às vezes, alguém pode tropeçar sem aviso prévio no acidente de trem que é sua vida e começar a tirar os enormes escombros que pesam sobre seu peito. Não quero compartilhar que Austin conhece as dificuldades também. Que, pesar de que nossos respectivos problemas são extremos opostos na natureza, somos almas gêmeas na luta para não deixar que estas dificuldades nos destruam como pessoas.

Austin está trazendo a cor a minha vida em escala de cinzas.

É precioso para mim.

É o meu segredo, outro que não estava disposta a compartilhar.

—Lexi, não tem que me falar sobre ele imediatamente, é uma nova etapa em sua recuperação, mas eu gostaria que considere o que fez a este cavalheiro diferente de qualquer outra pessoa. Tenho certeza que entende a gravidade de sua confissão, e isso me agrada. — O dr. Lund se inclina em seu assento, e pouco a pouco levanto o olhar para descobrir que sua expressão de felicidade se tornou em verdadeira preocupação. — Mas me preocupa muito. Você colocou sua confiança em alguém, tem se aberto a alguém depois de anos de se esconder atrás da maquiagem escura e roupas.

—Então, o que lhe preocupa? Pensei que havia dito que era um progresso. — Pergunto em voz baixa.

—Que isto pode levar a dois caminhos.

—Não entendo.

—Lexi, este rapaz poderia te tirar de seu escudo, te ajudar com suas inseguranças, vai te dar um verdadeiro sentido de valor, um que não se mede por uma escala. Ou poderia te levantar apenas para te derrubar de novo, e poderia se encontrar em um lugar muito mais escuro de que estava faz apenas a alguns anos atrás. Tem que decidir se vale a pena o risco.

Considero o que está dizendo o Dr. Lund, mas, francamente, nas últimas semanas, apaixonei-me por Austin tão forte que não poderia suportar a ideia de não falar com ele. Austin é a única pessoa com a que posso ser eu inteiramente. Sem falsidade, sem atuar a seu redor; somos apenas ele e eu.

Austin vale a pena o risco.

—Tome um pouco de tempo, Lexi. Pense nisso, e podemos falar sobre isso quando estiver preparada. O dr. Lund rabisca as últimas notas em sua prancheta e a fecha com um golpe.

—Acabou-se o tempo.

Me levantando movo-me para sair da sala, quando o Dr. Lund diz:

—Ah, e, Lexi, uma coisa mais. Se eu ainda ver evidência de perda de peso, vou ser forçado a te introduzir para uma avaliação. Um ou dois quilos pode ser compreensível com a quantidade de

exercício que está fazendo nos últimos dias. Mas mais que isso, vai ser um sinal de alerta de que está caindo nos velhos hábitos.

Olho com frieza para o dr. Lund, saio rapidamente de sua sala, e me dirijo ao banheiro no corredor. Meu coração está acelerado em meu peito.

Passando à fila de pias, obrigo-me a olhar meu reflexo no espelho.

Tinha perdido peso.

Agora estou em quarenta e três quilos.

Mais do que o dr. Lund suspeitava.

Um lento sorriso começa a espalhar—se em meu rosto. Levantando meus dedos, roço meu corpo. Minha clavícula está cada vez mais pronunciada, como eu gosto. Minhas bochechas estão definidas, cítricas e marcada em forma, e levantando meu vestido longo e esvoaçante e ignorando a repulsa instantânea ao ver as camadas de gordura nas covinhas da coxa, vejo que a lacuna entre minhas coxas está crescendo. Era fraco, mas estava ali. A diferença entre as coxas era tudo para mim, era pelo que media minha perda de peso. Era a prova de triunfo sobre a vontade.

No entanto, não era suficiente. Ainda havia muita gordura. Aperto minha mandíbula e minhas mãos em punhos em meus lados.

Há muita gordura, Lexington. Você está certa. Você fez bem até agora, mas pode fazer muito melhor. Você sabe que pode. Você perdeu um pouco de peso, isso é verdade, mas vamos continuar lutando por mais. Vamos continuar lutando pela perfeição.

Agarrando a borda da pia, quase me sinto fascinada pela voz, mas enquanto imagino a tarefa diante de mim, as semanas nas que teria que cortar a comida em segredo, fazendo mais exercício do que já estava fazendo, o rosto de Austin pairava em minha mente... e de repente, as palavras persuasivas da voz são silenciadas.

Ao olhar para o espelho, à garota com o rosto pintado, a garota que leva uma máscara. Empurra com força para limpar as minhas dúvidas enquanto recita:

É linda, Lexi. É perfeita como você é.

Eu repeti o mantra do dr. Lund uma e outra vez até que um buraco se forma em meu estômago. Quero ser mais forte. Quero ser mais forte para Austin. Mas o mantra não está funcionando, e tudo o que posso pensar é em minhas costas e o número de costelas que posso contar.

Não posso tirar esse pensamento de minha cabeça. Ele é implacável, e gira ao redor de minha mente.

Lutando com minhas melhores intenções, finalmente arranco o vestido e começo a contar minhas costelas nas costas como se a partir da memória.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete... sete, sete, sete...

Sete. Não é suficiente. Não é suficiente. Deveria ser capaz de contar dez. Deveria haver dez costelas, claramente definidas e livres de gordura.

O que aconteceria se as coisas evoluírem com Austin? Queria estar confortável com ele... comigo mesma. Queria ser digna dele. Somente podia fazer isso se estivesse mais magra. Precisava estar mais magra. É a única maneira de que posso estar contente comigo mesma. É a única forma de poder fazer amor.

Lexington, se entregue a mim. Vou chegar a sua meta. Austin te amará quando tivermos tido êxito. Ficará impressionado por você. Faça a coisa certa e se assegure de que ninguém suspeite de nada. O segredo é a chave. O Dr. Lund não será capaz de forçar à avaliação enquanto os quilos caem de sua carne. Não é sua propriedade para que te ordene, nem seu fantoche para controlar. Pertence-me e essa é a forma e sempre vai ser assim. O dr. Lund é um obstáculo. É uma barreira para a perfeição...

Enquanto olho à garota refletida no espelho, as lágrimas enchem meus olhos para a verdade da monstruosidade diante mim.

Eu não era digna. Estava faltando muito. Não há uma rainha de beleza olhando de volta, não há características resgatando em seu rosto liso e gordinho. Somente o excesso de gordura que

envolve suas características e a feiura, a feiura ali para que todos vejam.

Resolvida, tomo minha decisão. Farei o que a voz ordena, perderei uns quantos quilos mais. Com alguns quilos perdidos, eu paro. Não estaria indo muito longe. Ninguém suspeitaria nada. Seria fácil.

Não podia ver outra maneira.

Seria fácil parar...

Fácil de parar...

Uma vez que seja mais magra.

Capítulo 16

Lexi

—O que quer dizer com não pode voar? — Pergunta-me Shelly Blair e escuto Lyle assobiando baixinho a meu lado.

—Simplesmente acabo de voltar de meu fisioterapeuta e ela insiste que não posso voar nas cenas acrobáticas, mas que ainda posso dançar. Minhas costas não se podem tocar devido a um espasmo muscular. As aterrissagens das acrobacias seriam muito. Mas posso dançar sozinha à frente da equipe.

Minhas mentiras têm sabor de vinagre assim que se derramam facilmente de minha boca, mas não posso permitir me sentir culpada.

Muito bem, Lexington. Não lhes deixe tocar suas costas. E nunca se sinta mal por mentir. Isto é o que deve fazer. Você sabe disso. O que é uma pequena mentira no caminho para a perfeição?

Endireitando minhas costas, me concentro em Shelly e digo:

—Sinto muito Shelly, mas isto é o que há. Não há outra opção.

Shelly rosna, seu perfeitamente pintado lábio curvando-se com raiva.

—Perfeito! O campeonato da SEC está chegando, após o Campeonato Nacional e minha melhor voadora está fora da jogada. Este ano vai para a absoluta merda.

Com isto Shelly se vai zangada para consultar Tanya, a segunda capitã, me deixando permanecer sem jeito em seu rastro.

—Lexi querida, está ferida? Por que não me disse nada? — Diz Lyle com uma careta enquanto põe sua mão em meu braço.

Me encolhendo me afasto de suas mãos e cruzo os braços sobre meu peito.

—Minhas costas estiveram danificadas a um bom tempo e eu revi e tenho que tornar as coisas mais fáceis para o resto da temporada. Mas ainda posso estar com a equipe, apenas nada muito extenuante.

Lyle faz uma careta dramaticamente.

—Mas você é minha voadora. Não quero ninguém mais. Fomos você e eu durante toda a temporada. —Fazendo um círculo

com seus dedos indicadores e polegar, ligando-os através do meu. — É minha parceira feliz.

A culpa corta meu estômago e fingindo um adorável sorriso, tomo a mão do Lyle com minha mão livre e a aperto.

—Tenho certeza que vai sobreviver.

—Umm... — Diz com um gesto exagerado da cabeça e olhe para outro lado, apenas para suspirar pesadamente e olhar para mim uma vez mais. — Aí vai outra vez. — Diz indiferentemente.

—Aí vai quem? — Pergunto olhando em direção a Lyle para ver o que prendeu sua atenção.

—Austin Carillo, te olhando outra vez.

A mão do Lyle ainda estava na minha. Quando olho para onde estava treinando a time de futebol, Austin estava parado bebendo uma garrafa de Gatorade, olhando fixamente nossas mãos.

É evidente que não gostava que Lyle fosse meu parceiro de dança.

O ciúme no escuro olhar de Austin acende um fogo dentro de meu estômago e lhe dou um pequeno sorriso de apaziguador. Sua cabeça se move sutilmente em direção à mesa a seu lado. Eu entendo o que ele quer, me aproxime dele... discretamente.

Puxando minha mão de Lyle, começo a me afastar. Lyle vendo-me recuando para trás.

—Lexi onde vai agora, baby?

—Eu preciso de uma bebida! — Respondo por cima do meu ombro.

Quando chego à mesa, pego uma garrafa de água e sinto um calor insuportável irradiando de repente ao meu lado. Olho para a água na minha mão, fingindo então olhar para a equipe de líderes praticando suas novas piruetas... sem mim.

Uma parte minha morreu por dentro. Estava sacrificando minha paixão para perder peso... mas eu tinha que fazer. Não podia suportar a sensação de toda aquela gordura em minhas costas.

—Esse cara que estava em cima de você gosta de paus, certo? — Pergunta Austin discretamente, me puxando de minha inveja. Está bem perto de mim terminando o resto de seu Gatorade azul.

A pergunta me faz rir e me viro para as arquibancadas enquanto desenrosco a tampa de minha garrafa de água.

—Ehh... é gay, sim. Por que? Você é ciumento? —Eu zombo e então fica apenas o silêncio.

Verificando ao meu redor e me certificando que ninguém está nos escutando, inclino meu corpo para ele. Austin em camiseta vermelha de treinamento e calça, está tirando o rótulo de sua garrafa com uma carranca em seu rosto.

—Você está bem? — Pergunto e me aproxima mais. Assim que respiro sentir o cheiro do suor da pele de Austin, o produto de seus sprints. Mas em vez de me afastar me atrai mais perto ainda. Eu... eu... desejava-o.

Meus olhos se ampliam. Desejava um cara. Mas...

—Não estou acostumado sentir ciúmes, eu suponho. — Admite Austin relutante.

Todos os maus pensamentos que estavam passando pela minha cabeça, indevidamente sobre como inferno ia para a cama com Austin ficaram de pé e quase ofego pelo choque de sua confissão. Austin apenas sorri por minha reação, mas rapidamente retorna a seu estado de espírito sóbrio.

—Algo mais está te incomodando. — Digo.

Atirando sua garrafa vazia dentro no lixo, Austin dissimuladamente puxa minha mão para baixo e a agarra firmemente.

—O reitor veio ao nosso treino esta manhã, advertindo que as drogas estão no campus e isso lhe pressiona a aproximar-se do grau de tolerância zero. Advertiu que se um jogador de futebol fosse visto vendendo ou tomando algo, estaria terminado. O puto estúpido esteve me olhando todo o fodido tempo, Pix. Sabe que eu sei algo. Pude ver a acusação em seus pequenos olhos perversos.

Estressada com toda a maldita situação, aperto sua mão e digo:

—Austin, tem que parar seu irmão e proteger seu futuro aqui na universidade. Ele está indo longe demais. Está ficando muito perto de você ser pego. Poderia arriscar todo seu futuro.

Austin tira sua mão da minha com seu rosto adotando uma fria expressão.

—Deixa-o Pix. Esta merda não é seu negócio.

Sentindo como se tivesse me esbofeteado, espeto:

—Pelo menos agora sei meu lugar.

Eu tento virar para sair quando Austin agarra minha mão.

—Merda Pix, eu não deveria lhe dizer isso assim. É só... só...

Suspirando, viro outra vez para ele, murmurando:

—Apenas... Eu me preocupo com você, isso é tudo.

O profundo e escuro olhar de Austin se fixa em mim e vejo neles um brilho por minhas palavras.

—Está bem, me deixe começar de novo. Não existe nenhuma fodida maneira em que você possa estar algum lugar perto de toda esta merda, esta parte de minha vida, Pix. Tem que se manter longe dos Heighters. Eles não são um grupo de joaninhas e não querem

que ninguém fora da família conheça seus assuntos. Se Axe e Gio alguma vez se inteiram sobre você e eu...

Engolindo com agitação, começo a me afastar sem querer ouvir o resto aqui fora em público. Então escuto:

—Encontre-me hoje à noite na casa do verão. Ao entardecer.

Apertando meus olhos me permito olhar para trás em Austin. Meu coração se contrai. O grande, tatuado e de aspecto ameaçador receptor dos famosos Crimson Tide estava implorando com seus escuros olhos.

Inclino a cabeça assentindo, Austin parece relaxar apenas para dizer:

—Porque não salta nas acrobacias, Pix? Estive te observando dizer a Shelly que estava machucada.

Meu sangue se gela. Austin se aproxima e sussurra:

—Estas atravessando essa merda, você tem pensamentos ruins, pode me dizer isso. Não vou te julgar.

Sua oferta brota em meu peito e antes de que as lágrimas encham meus olhos, sussurro—lhe de volta.

—Está tudo bem.

Não farei, entretanto. Austin não iria entender.

Solta um bufo e se estende para acariciar meu cabelo para trás. Nem sequer me altero e me pergunto: Desde quando exatamente é que Austin toca minhas "zonas seguras" como o dr. Lund as chama, é aceitável? Desde quando atravessa meus muros?

Permitindo o simples toque dos dedos de Austin sobre minha testa, digo baixinho:

—Isto se aplica a você também. Quando estiver atravessando por essa merda me diga. Não deixe que te enterre vivo.

Austin parece genuinamente perplexo com isso, como se nunca ninguém lhe tivesse oferecido isto. Não responde verbalmente mas posso ver pela tensão em sua forte mandíbula o que minhas palavras significam para ele.

—Carillo! Pesos! Vamos! — Grita alguém por trás e quando olho por cima do ombro de Austin, Romeo Prince está a distância com os braços cruzados no peito, nos olhando.

Austin vira e lhe dá um olhar irritado.

—Lex — Saúda Rome e move seu queixo em minha direção.

—Olá Romeo. — Devolvo-lhe a saudação alegre, fixando um grande sorriso em meu rosto e me enchendo de falsa energia.

—Merda Pix — Murmura Austin e me sorri.

—O que?

—Modera o puto tom alegre de líder. É fodidamente errado em você.

Perdendo meu sorriso com a gargalhada de Austin, observo enquanto se vira e corre pelo campo para Romeo, JD e Reece juntando-se por trás quando se dirigem para o ginásio. Enquanto olho o grupo de amigos penso em quão diferentes são os quatro. Especialmente Austin. Era como se estivesse vivendo uma vida dupla: estrela de futebol com amigos de classe média por um lado WASP9 e de gangues no parque de reboque cujo irmão era um líder dos infames Heighters entre outras coisas. Todo mundo na Tuscaloosa temia aos Heighters. Eu já não temia mais Austin.

Na verdade, era justamente o contrário.

—Lexi! — Escuto meu nome das arquibancadas e quando olho, Ally Prince estava de pé no primeiro degrau, fazendo gestos em minha direção. Assim que começo a andar para ela, não o pude deixar de rir dos outros jogadores de futebol que estavam terminando suas sessões, todos olhando para Ally com suas línguas de fora. Invejava as olhadas para Ally, mas não a atenção. Odiava esta espécie de foco.

Ally Prince é impecável. E também uma das mais carinhosas, mais preocupadas pessoas que já havia conhecido. Ela tinha tudo, embora extremamente nunca teve um namorado firme, disse que não tinha sorte com os meninos. Isso era incompreensível

considerando que parecia como uma maldita modelo e rezava para que algum dia pudesse encontrar seu príncipe encantado. Ela merecia ser tratada como uma rainha.

Quando me aproximo grito de volta:

—Olá garota, o que está fazendo aqui? Você está indo se encontrar com a equipe para o campeonato? — Brinco.

Ally alarga seus espanhóis olhos com fingido horror e diz:

—Inferno, não poderia vestir este uniforme nem que me pagassem.

Rindo, eu pergunto:

—Então, o que acontece?

—Cass acaba de ligar. A professora de psicologia do Molly acaba de chamar. Molly está doente. Cass teve que ir busca-la. Pensamos que poderíamos nos reunir e cuidar dela todas juntas. Você sabe, porque não tem família.

9 WASP (acrónimo inglês do White, Anglo—Saxon and Protestant, 'branco, anglo—saxão e protestante', grupo fechado de americanos de elevada posição social, descendentes de britânicos e

de religião protestante que, supostamente, ostentam um poder social e econômico desproporcionado nos Estados Unidos.

—OH, não, pobre Molly.

—Então, você está vindo querida?

—Com certeza sim.

Um minuto mais tarde, estou correndo para o vestiário. Pego minha bolsa de ginástica e me encontro com o Ally fora. Ela está me olhando com uma expressão preocupada enquanto caminho rapidamente em direção a ela.

—Você está bem Ally? — Pergunto quando começamos a andar lado a lado para nossa casa da irmandade. — Está preocupada com o Molly?

—Sim... quero dizer não... quero dizer... — Ela está nervosa, mas depois percorre com seus olhos meu corpo e pergunta; — Você perdeu peso querida? Não quero soar fora do lugar, mas está parecendo realmente magra com essa calça de treinamento. Está tudo bem com você? A equipe não exercita muita pressão em você para perder peso ou sim? Shelly pode ser uma real cadela com suas acrobatas para que estejam realmente magras e pequenas.

Os nervos quase fazem vacilar meus pés com suas palavras. Será que ela suspeita de algo? Mas rapidamente me recupero.

—Não garota, estou totalmente bem. Provavelmente apenas é todo o treinamento de líder e estresse da universidade. Minha classe de economia está chutando minha bunda. — Acrescento com um sorriso forçado apenas para soar mais convincente.

Ally me observa um momento antes de um amplo sorriso se estenda em seus lábios. Exalo como se tivesse retido minha respiração por uma eternidade.

—Sinto-me como você, garota. Meu professor de história está sendo um maldito tirano. Ele continua me dizendo que se quero me tornar diretora do museu e obter meu doutorado preciso conseguir notas perfeitas e me esforçar mais em sala de aula. É como eu digo a você, é um demônio disfarçado sob o paletó de tweed!

Forçando outra risada para Ally sei que desviei sua atenção quando começou a falar felizmente sobre como teve que fazer um voluntariado no museu local para o final de seu grau.

Então a voz aparece em minha cabeça.

Você ouviu isso Lexington? Ally observou que perdeu peso. Muito bem.... Muito bem... E Shelly perguntou se suas acrobatas perderam peso? Mas não perguntou a você, o que quer dizer que pensa que está magra. Tem que continuar fazendo isso. O doce aroma da vitória está quase nos rodeando.

Desta vez não preciso fingir a feliz atitude pela que minhas melhores amigas me conheciam. Saber que parecia mais magra,

que Shelly pensava que estou magra e que finalmente estou chegando ao meu objetivo, recebo a natural mola em meus passos.

Capítulo 17

Austin

—Qualquer droga que se encontre em algum dos jogadores dos Tide fará que seja expulso imediatamente tanto da equipe como da universidade. Levaremos a cabo uma política de tolerância zero para as drogas na universidade e NÃO haverá exceções. O problema parece estar aumentando, e marquem minhas palavras; vocês meninos são modelos a seguir para esta universidade e para esta comunidade, não permitirei um escândalo enquanto esteja no comando. Somos um grande corpo estudantil cristão e nossa reputação não será manchada pelo uso de substâncias ilegais e potencialmente letais. Ficou claro? — Exige o reitor. Todo o tempo está focado em mim e minhas reações.

Romeo se inclinou ao meu lado no banco do vestiário, certamente parece relaxado com o reitor e todos outros olhando, mas o cara parece completamente o oposto. Posso dizer por seus

olhares que estava irritado com Axel que contínua traficando no campus, arriscando meu lugar no projeto deste ano. Jimmy—Dom sacode sua cabeça de maneira que também se encontra irritado, mas eles não entendem. A única razão pela qual mamãe esteve em um hospital de pessoas ricas nas últimas semanas se deve aos rendimentos de Axel e Levi.

Romeo se vira para a mim depois de que o reitor se foi, mas antes que abra a boca para falar merda de meu irmão, detenho-o com um movimento firme de minha cabeça.

Como de costume, Romeo fica com raiva de mim e leva-o sobre os pesos antes de ir para ver como está Molly, que aparentemente não se sentia bem.

O som do trinco me tem olhando para trás do meu lugar no sofá em frente da lareira apagada. Um segundo depois, Lexi entra, vestida com um comprido vestido preto e um grande suéter em cima do Top. Sua roupa está afogada, mas foi seu rosto o que me faz saltar e correr através do quarto. Seu rosto parece cansado e preocupado.

—Pix, o que acontece? — Interrogo—a.

Sua boca abre, mas não pode falar.

—Pix? O que aconteceu?

Lexi nega lentamente enquanto a guio para o sofá, tentando não colocar um dedo em suas costas.

Seus enormes olhos verdes me observam e diz:

—Supõe-se que não devo lhe dizer isso.

Eu sorrio.

—É outro segredo?

Os lábios vermelhos do Lexi se retorcem, mas responde:

—Desta vez não é meu para conta-lo.

Eu sento e tento pensar o que pode ser. Meus olhos se estreitam enquanto olho Lexi brincando nervosamente com as mangas de seu suéter preto e a saída apressada do Romeo do treino imediatamente me vem à mente.

—Algo aconteceu com Molls. — Observei mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

Com um suspiro que sai de sua boca, sei que estava no certo.

—O que aconteceu? — Eu insisto.

Lexi fecha os olhos um segundo e lentamente exala.

—Ela está grávida.

Merda. Não esperava isso. Isso significava que Rome... Rome ia ser papai? Merda!

—Prometa-me que não dirá nada. Deixe que ele mesmo conte quando estiver preparado. Molls está ficando louca por isso e Rome parecia uma bagunça quando os deixamos sozinhos.

—Não farei. — Asseguro. Levando a mão de Lexi para minha boca, a beijo sua palma.

Percebo o rubor em suas bochechas, não podia simpatizar menos com minha Pixie. Me surpreende que uma garota de vinte e um anos ainda ruborize por um beijo na mão.

—Bem, estou seguro que o solucionassem, Pix. Agora, só quero esquecer tudo o que acontece lá fora por um tempo. Nós não precisamos nos oprimir com os problemas de outros. Temos o suficiente com os nossos.

Nesse momento, meu celular começa a tocar em meu bolso. Inclino minha cabeça para trás, olhando diretamente para o teto, solto um suspiro de frustração.

—Você vai responder? — Perguntou Lexi e nego.

—Deixemos que o mundo gire sem nós por um momento.

Bastou parar de chamar, e o celular começa a tocar novamente. Desta vez o pego. Axel apenas chamava duas vezes quando era urgente.

—Axe? — Duvido enquanto respondo a chamada.

—Cara, a merda está vindo abaixo esta noite e mamãe está mal, precisa de seu medicamento.

—Que merda é essa? Onde você está? — Grito e Lexi imediatamente fica quieta enquanto afasto minha mão dela e começo a caminhar em frente a lareira.

—Estamos no Heights. Os Kings acabam de provocar um tiroteio. Dois deles estão mortos. — Declara Axel como se não fosse nada, como se fosse o dia a dia no Heights.

O sangue corre para a minha cabeça.

—Onde demônios está Levi?

Era como se tivesse passado uma eternidade antes que Axel respondesse:

—O pequeno bastardo foi pelo caminho fácil. Está no trailer com a mamãe. Pedi que ficasse lá até que você chegue.

Assenti como se Axel pudesse me ver.

—Ela não está se sentindo bem hoje, cara. Terá que recolher seus remédios para a dor. Preenchi a descrição. Apenas terá que buscar.

—Estou nisso. Estarei lá tão rápido quanto puder. — Pressionando o botão FINALIZAR do celular, cuspo: — Maldita seja!

Uma mão suave toca minhas costas, eu me viro para ver o Pix me olhando, havia medo em todo seu rosto.

—O que aconteceu, Austin? Sua mãe está bem?

Sua voz tem um ligeiro tremor nela. Inclino-me para frente e dou um forte beijo em sua boca, nos surpreendendo. Eu só precisava beijá-la.

—Preciso procurar os remédios para a dor de mamãe e leva-los ao trailer do parque. Está tendo uma de seus dias ruins.

—Tudo bem... — Ela diz, seus olhos estão exigindo mais.

Apertando meu punho, adiciono:

—Houve um tiroteio no Heights. Tenho que verificar que todos estão bem.

A pequena mão do Lexi começa a bater em meus bíceps e seus dedos cravam em mim.

—Não! Você não pode! — Grita.

Tirando sua mão de meu braço, retruco:

—Sim, eu tenho que ir, Pix. É minha família que está lá, como alvos fáceis para os Kings!

Sem nada de resposta. Passo ao seu lado para chegar à porta e imediatamente me detenho.

—Merda! — Digo em voz alta e ouço Lexi atrás de mim.

—O que acontece agora? — Indaga timidamente.

—Eu preciso da caminhonete de Rome. Tenho que chegar lá rapidamente e não tenho tempo para tomar três ônibus para casa.

Lexi se aproxima e olha em sua bolsa, pega as chaves de seu Prius. Dou um suspiro e vou pegar as chaves, mas ela me arrebata isso.

—Eu conduzirei. — Diz energeticamente.

Rindo em sua cara, rapidamente perco o humor e respondo:

—Nem sequer pense sobre isso, caralho!

—Você tem que conseguir os medicamentos para sua mãe agora, sou a única que pode te levar sem que tenha que explicar a sua situação a ninguém mais. E sei que não vai fazer isso. Romeo está com o Molly. Você não pode incomodá-los. Então, sou tudo que você tem.

Meu sangue ferve por sua atitude obstinada. Então, me aproximo dela, me elevando por cima de seu pequeno corpo e a olho em seus olhos. Ela tem que entender esta "situação", como ela chama, profundamente dentro de sua cabeça.

—Entende que isto não são férias no parque, certo Pix? Você compreende que há duas gangues que brigam pelo território e que pode levar um tiro. Um tiro! Os tiroteios são reais. As pessoas morrem. Você entende tudo isso?

Observo enquanto engole lentamente, mas levanta o queixo e murmura:

—Sei perfeitamente como é a situação em sua casa. Já me explicou isso, muitas vezes. Mas quero ajudar a sua mãe. Eu gosto e sou a única pode te levar agora. Então vamos. — Diz e vai diretamente para fora da casa do verão, me deixando no meio da sala como um gatinho estupefato.

Apertando meus punhos, quase faço um buraco através da parede de vidro. Nunca quis que Lexi se aproximasse dessa parte de minha vida. Era fodidamente embaraçoso. E ela, um cordeiro disposto caminhando para a cova dos leões, estava tomando essa decisão afastando-me.

Mas era minha única oportunidade para chegar lá e tinha que voltar para casa.

Maldição.

Este dia estava piorando a cada fodido minuto.

Enquanto nos dirigimos lentamente sob o velho e deteriorado pôster do Westside Heights, um metal vermelho retangular cheio de

merda pendurando fora de suas dobradiças para um lado, as sinistras nuvens escuras se movendo sobre nós no céu. As gotas de chuvas começam a cair de forma esporádica no para-brisa do Prius, os limpadores chiam enquanto automaticamente tentam tirar do caminho.

Me agarro aos remédios de mamãe na bolsa de papel branco, dou uma olhada para Lexi. Seus olhos verdes se abrem de horror enquanto vai pela porra da rua antes de uma incrível vista da casa de minha infância.

Um trovão retumba acima de nós, soando como uma bomba escondida no chão. Lexi salta, prende a respiração, os nós dos dedos brancos, agarra-se ao volante com toda força.

Tudo o que sinto é uma grande vergonha pelo que estava vendo: o oxidado e grandes trailers de má qualidade alinhadas lado a lado, caminhões e automóveis velhos dos anos sessenta para acima amontoados. Para arrematar este bonito paraíso, agulhas usadas, seringas e latas de cervejas espalhadas por toda a rua, algumas boiando pelo rio que flui do outro lado do parque. Este lugar era uma fodida merda e me amaldiçoo por deixar que Lexi venha a esta lixeira decadente.

Limpando minha garganta, exclamo:

—Vire aqui à direita. É o velho trailer creme que está ao final, o número vinte e três.

Os olhos do Lexi me olharam nervosos, e giro para verificar o espaço para qualquer sinal das gangues. Queria tirar Lexi deste lugar antes que Axel, Gio ou seus criados com cabeças feias se dessem conta que ela está aqui. Isso só causaria problemas. Tenho certeza que neste momento Axel já disse a Gio, até agora, a pequena estudante gótica, que foi testemunha da questão no campus, a rata tinha sido testemunha do reitor. Axel nunca guardava informação vital de Gio por muito tempo.

A normalmente ocupada área era um deserto, na realidade, era um deserto fora. Várias cortinas dos trailers quebrados ou em ruínas foram abertas pelas pessoas que nervosamente revisavam as ruas, o habitual comportamento como consequência dos tiroteios dos Kings. Meu coração palpitava em meu peito enquanto nos aproximávamos de minha casa da infância, mas como em todas partes, estava em silêncio e tranquila.

—Pare aqui. — Digo a Lexi e estaciona junto ao trailer. O carro de Axel não estava na garagem. Grazie a Dio!

Enquanto desliga o motor e o para-brisa para, o céu se abre e a chuva começa a cair contra o metal do carro. As lembranças de minha juventude passam pela minha mente. Quando era criança, eu gostava de estar dentro de um carro quando se aproximava uma tempestade. Alguém me disse quando tinha seis anos que o lugar mais seguro para passar uma tempestade era um carro. Aparentemente, os pneus funcionam como isolante dos raios, assim, mesmo se recebesse um, estava a salvo.

Sempre que me sentia uma criança assustada (quando os negócios dos Heighters deram errado, os bêbados sujavam o parque e gritavam furiosos ou de um tiroteio) subia nos assentos do antigo chevy sem motor na parte traseira de papai e me encolhia, escutando as gotas de chuva cair sobre o teto, fechando os olhos, tentando bloquear a dor.

Era estranho voltar aqui com o começo de outra tempestade, e com Lexington Hart perto de mim, de todas as pessoas.... Meu pequeno duende emo.

Espera.... Meu duende emo?

—Vamos entrar ou planeja se sentar aqui fora toda a noite? — Indaga Lexi de repente, me tirando de minhas lembranças, de minha consternação pela posse que sentia por ela. Sua voz é um pouco insegura enquanto tenta brincar, o que só serve para alimentar a meus instintos protetores.

—Sim — Eu respondo e enfrento Lexi enquanto está sentada no banco do motorista, com seu rosto quase pressionado contra o vidro da porta e as mangas tocando suas palmas à medida que morde nervosamente a unha de seu polegar.

—Vai, Pix. Encontrarei a forma de voltar. — Comento.

Ela se vira para a mim com um olhar severo.

—Não, vou esperar por você. Há uma tempestade de merda apenas em cima de nossas cabeças no caso de você não ter notado.

Suspirando por seu sarcasmo, abro a porta do carro e saio, me inclinando para dizer:

—Saia do carro, Pix. Estará mais segura lá dentro. Aqui fora... —Calo-me, movendo meu queixo em direção ao parque, deixando que tire suas próprias conclusões a respeito do que estou tentando lhe dizer.

Me voltando para a entrada do trailer, escuto seus passos apressados atrás de mim e sorrio pela rapidez com que se moveu. Pode ter sido sarcástica e seca um minuto atrás. Mas tudo isso desapareceu no momento que ficou sozinha.

Enquanto alcanço a maçaneta, a porta se abre de repente. Levi estava de pé diante de mim, dirigindo seus grandes olhos ao redor do vazio acampamento, me apressando para que entre com uma saudação.

Isso, imediatamente, faz minha pele arrepiar. O menino está assustado pra caramba.

—Lev — Digo sério enquanto passo por ele através da porta. Quando olho seu rosto, eu paro.

—Você está brincando comigo? — Eu pronuncio, minha voz soa tão quente como o inferno. Colocado na parte esquerda de sua bochecha foi recém tatuada uma stidda, a pequena estrela negra siciliana dos Westside Heighters. Todos os Heighters eram sicilianos de herança. A stidda era um gesto de respeito aos Stiddari. Um ramo da Máfia Siciliana.

Tomando a camiseta do Levi, aproximo-o e lhe pergunto:

—O menino viveu ou o matou?

Levi balançou desconfortavelmente sobre seus pés e murmura:

—Viveu. Só foi atingido em seu ombro.

Soltando a camiseta do Levi, fecho a palma sobre a parede atrás de sua cabeça.

—Caralho!

—Essa estrela significa que matou ou atirou em alguém? — A voz assustada de Lexi soa a meu lado e quase amaldiçoo de novo. Tinha esquecido que tinha excluído essa parte da explicação. Esqueci que ela não sabia nada sobre esta vida.

Observando seu rosto aturdido, admito:

—Começa quando atira pela primeira vez em um membro dos Kings. Não importa se sobrevive ou morre. Trata-se de atirar pela gangue. Provando que está nesta vida cem por cem.

A palma de Lexi, coberta pela manga, eleva-se para sua boca e seus olhos crescem do tamanho da lua.

—Há... você há... matou a alguém? — Sua concentração estava na stidda de minha bochecha, como se pudesse ver a resposta se observasse o suficiente.

Fechando meus olhos, tento manter a calma respirando muito lento por meu nariz.

—Atirei em alguém no peito. Eu nunca soube se o matei ou não.

—Você não ficou para descobrir? — Sussurra ansiosa.

Olho Levi atrás de mim assistindo minha resposta também e dou de ombros.

—Não foi necessário. Axe atirou-lhe entre os olhos antes que eu percebesse. Era um membro chave de sua gangue e precisava ser eliminado.

A água se acumula nos olhos de Lexi, sinto Levi deixar cair sua cabeça. De vergonha, decepção? Eu não queria saber.

—Olá, você deve ser Levi. — Diz Lexi, deixando para trás o que foi descoberto e se dirige a meu irmão. Observo Lexi sorrir com fácil aceitação. Levi ruboriza e assente. Quando ela agita sua mão, ele morde a borda de seu lábio inferior como sempre faz quando está nervoso.

Inclino-me para Lexi e deposito um beijo agradecido em sua cabeça. Estou agradecido de que seja tão amável com meu irmão, mas mais ainda a Deus ao saber que depois de um outro elemento de meu fodido passado, ela não cortou os laços e fugiu.

—Sim, eu sou. Quem... quem é você? — Interroga Levi tranquilamente a Lexi, e entro para ficar na privacidade do trailer e longe de olhos indiscretos.

Enquanto observa meu irmão de quatorze anos tropeçar e balbuciar sua apresentação, meu peito está cheio de remorso. O menino diante de mim estava vendendo cocaína. Este menino nervoso e desajeitado estava fora, nas ruas, vendendo neve a uns viciados em drogas. Pondo sua jovem vida em perigo para que mamãe possa viver livre de dor.

Tudo sobre sua vida, esta vida, está tão fodidamente errada e não tinha nem ideia de como corrigi-lo para ele.

—Meu nome é Lexi — Responde Pix e solta sua mão.

Levi me olha sobre a cabeça do Pix, em seguida para ela de novo, esse mesmo rubor cobre suas bochechas. Levi não era como Axel. Não estava cheio de segurança, não era arrogante ou grosseiro, pensando que podia fazer-se cargo de alguém sem importar quão mais forte seja. Não era como eu, todo cansado, irritado com todo o maldito mundo e pessimista ao extremo. Levi era um pensador; era silencioso, quase não dizia uma palavra se não fosse forçado a isso. Preferia escutar e aprender que ser o centro das atenções. Tinha a habilidade atlética mais natural que alguém que conhecia. E estava preparado. Fodidamente preparado. E como necessitávamos do dinheiro para a Mamma para viver o resto de seus dias em comodidade relativa, foi forçado a trabalhar nas ruas e colocar a si mesmo em perigo.

—Você é.... namorada de Austin?

Minha respiração para diante da inesperada pergunta de Levi enquanto espero para o que Pix poderia dizer. Quando apenas se segue o silêncio, sinto meu estômago cair para o poço vazio da decepção.

Levi olha para mim.

—Ela é, Aust? É sua garota?

Caminhando em direção dos dois, coloco minhas mãos nos ombros do Levi e anúncio:

—Ela é minha Pix. É tudo o que você precisa saber.

Vejo o cenho franzido em confusão de Levi, mas ouço a rápida inalação de Lexi atrás de mim e viro para ver uma expressão doce e atordoada em seu rosto.

O satisfeito sussurro de felicidade foi tudo o que precisava. Senti meu peito aberto, expondo abertamente meu coração.

—Austin? — Aa voz apenas audível de minha mãe chega do quarto e, como sempre, sinto-me fraco imediatamente. Não era um membro de gangue e possível jogador da NFL de vinte e um anos neste momento. Era um desesperançado jovem cuja mãe está morrendo lentamente. Ver a Mamma piorando a cada dia estava me matando completamente.

—Sim, Mamma. Sono qui. Estarei aí com seus remédios em um minuto. — Grito de volta, então, baixo o volume de novo. — Que demônios aconteceu ontem à noite, Lev? Você é um desastre do caralho.

Pela primeira vez desde que entramos, realmente olho o rosto do Levi. Rangendo os dentes, ponho os dedos sob seu queixo e ergo sua cabeça encurvada. Toda sua face direita está vermelha e arranhada, sua pele manchada com sangue seco.

Raiva cobrindo meu corpo.

—Foi o motorista no tiroteio? — Realmente não estava perguntando porque sabia a resposta. Ele claramente foi derrubado e tinha em seu rosto os arranhões do cascalho como evidência.

—Pelo menos não atiraram em mim, Aust. Seba e Carlo foram. Carlo em seu braço, mas Seba... direto em seu peito. Aí é onde está Axe agora, no hospital com o Gio, vendo se Seba se recupera. Por isso o lugar está tão silencioso. — Os olhos do Levi se enchem de lágrimas. — Não estou certo que consiga.... Havia muito sangue e parou de respirar quando todos se foram. — Levi baixou sua cabeça de novo e, enquanto seguia seus olhos, vi em seus tênis antes brancos agora manchados de sangue.

Meus dedos doeram de quão apertados estavam meus punhos. E, virando, tive de sair da sala do trailer para ter um pouco de espaço. Eu tinha que... tinha...

Uma mão amiga cobre meu ombro, me distraindo de minha raiva, e lentamente exalo. Sabia que era Lexi. Cheguei a reconhecer essa pequena carícia de sua mão em minhas costas, essa reação de calma que meu corpo adota quando está perto. Essa completa e total paz que só consegue de alguém em quem confia absolutamente.

—Você está bem, Austin? — Consulta suavemente.

Caindo no sofá rosa-vermelho descolorido, passo minhas mãos sobre o meu rosto e olho Lexi, parecendo extremamente fora do lugar neste quebrado palácio de lata.

—Meu irmão mais novo, que não podia falar por causa da vergonha quando te conheceu, acaba de evitar de ser baleado, por quanto? Alguns poucos metros? — Meus dentes se apertam instintivamente pela lembrança, e repito: — Um tiro, Pix. Um maldito tiro.

Lexi olha para mim com olhos simpáticos e se move para sentar ao meu lado, com sua pequena mão envolvendo a minha.

—Honestamente não sei o que te dizer agora, Austin. Não tenho recursos para isso. Sabia que a gangue era ruim. Inocentemente sempre pensei que não era tão ruim como as notícias falavam, mas vendo Levi esta noite, ouvir mais... de seu passado. Deus, é pior do que jamais pude imaginar.

Eu não sei por que, mas isso me faz sorrir. Ela era mais forte do que pensava, enfrentando toda essa merda como um pequeno soldado.

Lexi franze o cenho com minha reação.

—Por que sorri?

—Você, Pix. Somente você.

Enquanto Lexi deixa cair sua cabeça, uma enorme luz brilha a parte de trás do trailer. Estou agradecido por esses dois segundos de néon amarelo, porque me permite pegar o rubor feliz que inundou suas perfeitas bochechas.

Não pude deixar de observar sua beleza e, por uma vez, desejei que não tivesse tanta maquiagem. A única vez que a havia visto livre de olhos muito maquiados, lábios vermelho escuro e base pálida gótica foi esse dia nao vestiário quando presenciou meu colapso. Tinha estado bonita, bochechas todas rosadas e sardas, e me esmagava que não pudesse vê-lo também.

Como se sentisse meus olhos observá-la, Lexi levanta o olhar para mim através de seus longos cílios negros, sinto como se meu peito estivesse rasgado e meu coração exposto. É esse momento de que as pessoas falam. Aquele momento em que você olha ao mesmo par de olhos que já viu milhares de vezes antes, só que desta vez vê algo mais em suas profundidades. Desta vez, é como se olhasse através das lentes ou de óculos de espionagem e pudesse ver a alma do outro... e parece ser um só com ela.

—Austin? Mamma está chamando você. — A voz tímida de Levi me arranca de minha fixação em Pix e levanto meus olhos irritados para ele.

Meu irmão, pelo menos, parece arrependido pela interrupção.

Levi nervoso balança em seus pés e murmura:

—Ela está com muita dor.

Simplesmente assim, meu humor se evapora e a única coisa que sinto é tristeza.

—Pode... pode lhe dar você os comprimidos desta vez, Aust? Acho que tive mais do que posso aguentar hoje... foi duro para a Mamma... para a gangue... e para mim...

Lexi, vendo meu irmão mais novo a ponto de quebrar, estica sua mão e Levi olha para baixo como se fosse um objeto desconhecido. Seus olhos cinzas se elevam para o rosto do Lexi e ela sorri para animá-lo, acenando para que leve sua oferta de apoio.

Neste ponto, sinto-me como o pior irmão de planeta enquanto vejo a reação do Levi diante do gesto não familiar de consolação. O menino realmente não conhece o amor. Só tinha sete anos quando Mamma foi diagnosticada e suponho que perdeu ver a Mamma quando cantava e dançava para nós durante horas, nos distraindo do mundo desastroso do outro lado da porta do trailer.

Quando Levi tinha idade suficientemente para entender alguma coisa, Mamma era quase incapaz de permanecer sem apoio e sua energia começou a desaparecer. Não havia mais o canto de Chiara Carillo, ex-vocalista soprano italiana. Não havia mais dança que nos fizesse sentir vivos.

A realidade do Levi foi dura; ele não tinha nem ideia como era a Mamma saudável, e olhava para Lexi como se fosse Maria, a Mãe de Cristo, aparecendo diante dele. Como se fosse a reencarnação da esperança. E nesse momento, não vi um mais menino alto de quatorze anos com uma premiada stidda sob seu olho esquerdo. Vi uma pobre criança perdida que teve que lutar contra a adversidade com toda sua triste vida, não conhecia outra vida além da de angústia, violência e dor, não tinha nem ideia do que fazer com o carinho incondicional.

Levi ofega e, com a mão tremendo, levanta os dedos para segurar Lexi. A cena diante de mim fica embaçada. Isso é quando percebo que lágrimas enchem meus olhos enquanto vejo meu irmãozinho se reconfortar com o toque de uma estranha.

Ouvindo o sussurro de um gemido atrás de mim, viro a cabeça. Meu coração vacila enquanto vejo minha fraca e consumida Mamma em sua nova cadeira de rodas, sentada na porta de seu quarto olhando Levi agarrar-se em minha Pix com expressão perplexa e aterrorizada em seu rosto. As lágrimas caem sobre as pálidas bochechas da Mamma, mas não faz nenhum movimento para removê-las. Eu não tinha certeza se não conseguiu reunir

energia ou se estava tão derrotada pela emoção que nem tinha notado que estava chorando tão forte.

Caminhando para ela em silêncio, os olhos escuros da Mamma finalmente caem sobre mim. Ela estava vestida com sua comprida camisola branca sem mangas e suas mãos tremiam com a luta de seus soluços.

Enquanto levo uma mecha suada do cabelo comprido do rosto úmido da Mamma, sua atenção se volta de novo para o Lexi e Levi sobre meu ombro e posso escutar ao Lexi perguntar:

—Você quer um chá doce, carinho? Algo para comer?

—Sim, senhorita — Tomo a resposta de Levi e o orgulho enche meu peito com Pix. Ela está preocupando com meu irmão enquanto eu faço o que posso com esta merda. Se preocupava com Levi da bondade de seu coração.

Levanto em braços a minha Mamma, endireito-me e pego a bolsa de seus remédios da mesa. Enquanto a levo para a cama, afasto os lençóis e a deito. Não nos dizemos nada. Caminhando para o criado-mudo para pegar o copo de água da Mamma, olho furtivamente para seu rosto. Ainda estava olhando para a porta como se pudesse ver através das paredes de papel.

—Mamma? Toma isto, — Eu digo enquanto alcanço para minha Mamma os calmantes solúveis de cor laranja claro. Por causa do ALS, sua garganta não funciona como antes e o afogar-se agora é um risco real. Atualmente tinha que tomar os remédios por

via intravenosa ou sob a língua e, breve, toda a comida teria que ser líquida.

Mamma não abre a boca, mas me olhe e diz:

—Trouxe... a você... piccolo folheto... aqui, conosco?

Suspirando, sento-me na cama ao seu lado e sorrio para a lembrança de quão cabeçuda tinha sido Lexi quando mencionei que eu estava indo para casa.

—Eu precisava pegar seus remédios e para isso, necessitava de um carro. Ela tem um, mas não me deixava vir sozinho.

Os lábios da Mamma balançam divertidos.

— Ah, mio caro... ella te ha... robado el corazón.

Eu ia discutir, mas tinha a estranha sensação de que a defesa era como uma traição a minha Pix, mas Mamma fechou os olhos e tenta sacudir a cabeça.

—Não... necessito... ouvir... sua resposta para... saber... que é verdade. —Suas pálpebras se abrem e o que parecia felicidade brilha sobre eles, isso envia um calafrio em minha pele. — Você é meu... filho... carne da... minha carne... parte de sua... alma... vive... comigo.. — Mamma eleva fracamente sua mão e a coloca em seu coração. — Sinto a... mudan;ca... em voce. É... livre... com ela... —Mamma toma uma longa e profunda respiração e acrescenta: — Traz... vida... uma paz a... meu coração..

—Mamma... — Eu vou responder mas deixa cair sua mão sobre a minha.

—Tesouro Austin ... Lexi é um ... tesouro. Uma bênção ... um tesouro do céu ... ... feito apenas para você ...

Lançando um olhar rápido para à porta do quarto entreaberta enfrento a Mamma novamente e lhe sussurro:

—Ela tem problemas Mamma. Verdadeiros problemas com ela mesma. Eu gosto... muito. Admito isso, mas não tenho ideia de como tratar isso com ela. Se estou sendo honesto isso assusta muito. Isso a tem entre suas garras.

Mamma suspira e olhe pela janela absorta em seus pensamentos. Ela esteve fazendo isso muito ultimamente como se estivesse acariciando o mundo, comprometendo-se a observar para recordar.

—Vejo seu problema Austin.... Sou uma mulher.... Vejo o que... outros não. Ela não vê... beleza em... si mesmo...

Eu penduro minha cabeça e sinto o medo da verdade nisso. Não queria que tivesse problemas com sua aparência.

Ela é linda.

A Mamma esclarece garganta torpemente se inclina para frente e diz:

—Todos temos segredos... Segredos bem enterrados. Até que... encontramos uma alma que... faz que a carga... desses... segredos... seja só um pouco... mais fácil de... de... levar.

A respiração de mamãe estava se tornando difícil, então tomo os analgésicos novamente e lhe imploro com um olhar severo que abra a boca. Mas justo antes que ela o faça, sussurra:

—Se a amas... bem... esse amor... vai curar... mas se não... A destruirá... mijo caro. Se der a esse amor... e logo o tira... isso... será algo que nunca vai superar...

Uma lágrima cai de seus olhos e meu peito se sente tão forte que penso que meus pulmões se apagaram. Mamma se está referindo a meu pai. Luca Carillo a tinha destruído ao longo dos anos, mas ela ainda o amava ferozmente. Ela não queria que eu me tornasse o meu pai com Lexi. Queria que fosse o único para curar a minha Pix, e não destruí-la.

Finalmente, fazendo o que lhe peço, Mamma deixa que os comprimidos se dissolvam sob sua língua e todo o tempo seus olhos escuros observam meu rosto.

—Axe! Sabe o que isto significa. Temos que trazê-lo. Reúne todos os que tenhamos. É a maldita guerra, irmão. Temos que proteger nosso território. Se perdermos isso, perdemos todo nosso dinheiro e sei o que isso significa para vocês Carillo.

—Caspico Gio.

—Ouça Axe, esteve roubando carros de novo? De onde vem este pedaço de merda Prius?

As vozes soam altas fora do trailer. Rapidamente começo a colocar minha Mamma dentro... quando sua mão agarra meu braço.

—Vá.... Não deixe que... Levi lute com eles...

Assentindo, levanto-me para sair do quarto, quando Mamma diz:

— Envíala... dentro... quiero... hablar con tu... folletto.

Isso me cala, e olho para a sala, Levi está falando timidamente com Lexi e seus enormes e radiantes olhos lhe devolvem o olhar. O menino já estava apaixonado por ela; EU podia dizer por seu sorriso bobo de volta.

—Perché? — Pergunto a minha Mamma, sem deixar de olhar a bela garota que está roubando meu coração, fazendo com que meu irmão pequeno se sinta querido... apreciado.

—Austin, mio caro... envíala... dentro... Es entre yo... y tu tesoro...

Um pouco nervoso pelo que possa ser dito em minha ausência, entro na sala para ver Lexi ajudar Levi com o que parecia ser seu dever matemática. Quando me aproximo da pequena mesa de café estão agachados ao redor, balanço a cabeça para que ela se aproxime de mim.

—Então você completa as perguntas três e quatro, vou verificar se estão corretas em apenas um minuto. Eu já volto.

Lexi fica de pé e começa a caminhar em minha direção. Levi fica vermelho diante de minha expressão de cumplicidade e lida com o trabalho de álgebra.

Tomo a mão de Lexi, puxando-a até a cozinha, para mantê-la fora da vista. Antes que ela tivesse tempo de fazer perguntas, seguro seu rosto com minhas mãos e puxo seu rosto mais perto e aperto meus lábios contra os dela.

Um gemido ofegante escapa de sua boca e suas pequenas mãos apertam minha camisa. Logo que sua língua aparece através de seus lábios e em minha boca, perco-me. Girando ao redor de Lexi, empurro-a contra o balcão e rosno quando seus braços circulam sobre minhas costas, fazendo que minha virilha se pressione contra a sua. Meu pênis está duro e posso sentir o calor do corpo de Lexi crescendo em ondas.

À medida que os segundos passam, o corpo inexperiente do Lexi começa a relaxar cada vez mais com meu toque. Quando suas mãos deslizam para cima e se enroscam em meu cabelo, já não estou pensando bem e envolvo meus braços ao redor de suas costas, batendo seu corpo pressionado contra o meu peito até que está alinhada com o meu.

À medida que um raio de um enorme de trovão sacode os alicerces do trailer, Lexi fica imóvel como se tivesse levado um tiro.

Seus lábios de repente congelaram e suas mãos deslizam de meu cabelo. Seus gemidos se tornam mais duros agora, e através da névoa louca pelo sexo que está nublando todo pensamento racional, eu acho que é um sinal de prazer, até que sinto a umidade em suas bochechas.

À medida que me afasto, percebo as lágrimas silenciosas que caem pelas bochechas de Lexi. Seus olhos verdes pálidos se tornaram vazios e me gela o sangue.

Ela está em seu lugar escuro, me partindo em dois novamente.

Enquanto vou saindo de nosso abraço, leva um momento para perceber onde minhas mãos estavam: apoiadas em suas costas, meu polegar esfregando inconscientemente sua coluna.

Merda!

Afastando meus braços e mantendo-os no ar, sussurro:

—Pix? Pix! Volte para mim. Estou fora de você. Apenas volte para mim.

Sei o momento em que minha voz quebra quando ela começa a ofegar e seus cílios vibram, tirando-a de seu transe. Dessa fodida voz que diz que constantemente a tenta e a atormenta.

—Pix. — Eu quero falar, mas ela puxa as mangas negras de seu suéter sobre suas palmas e as fecha sobre sua boca.

—Tocou minhas costas. — Sussurra ela. — Não pode me tocar nas costas. Por que tocou minhas costas? Deve haver dez, mas só há sete. Não é suficiente. Ele tem razão. Apenas não é suficiente... —Sua voz é frenética enquanto fala mal de si mesmo e sobe para um tom alto.

Lexi cambaleia para trás, até que golpeia o balcão, mas seu incessante murmúrio não para.

Virando meus olhos para a porta, escuto as vozes que provinham de fora cada vez mais perto e como no inferno que não queria que Axel soubesse que Pix estava aqui... especialmente agindo desta maneira. Ele não ia entender nada disso. Não ia aprovar que esteja com ela.

Com cautela avanço lentamente para frente, pego Lexi em meus braços e pressiono minha testa com a dela. — Pix, respira. Um... dois... três... quatro... — Sigo e vejo o momento em que Lexi está de volta, com seu peito tentando seguir o meu ritmo —... cinco... seis... sete... oito...

—Axe, procure o menino. Temos que fazer nosso movimento.

A voz do Gio atravessa mim conta e olho a porta, esperando pacientemente que se abra, tentando pensar como posso ocultar Pix.

—Eu estou tranquila. Estou tranquila... —A voz calma do Lexi atrai minha atenção de novo para ela.

—Merda, sinto muito, Pix. — Sussurro e coloco minha cabeça no oco entre seu ombro e o pescoço, apenas respirando o cheiro que era todo dela.

Tomo a mão levantada do Lexi, balançando furiosamente enquanto se move atrás de mim. Surpreende-me quando ela cai na parte de trás do meu pescoço e solto um suspiro que nem sequer me dei conta que estava segurando.

—Está tudo bem. Está tudo bem. Só entrei em pânico. — Diz Lexi lentamente e sabia que estava tentando convencer a si mesmo tanto quanto estava tentando me convencer.

Virando minha cabeça, dou-lhe um beijo nos lábios hesitante, falando contra sua boca.

—Eu esqueci, Pix. Sei que é uma terrível desculpa. Mas eu esqueci.

Lexi fecha os olhos, inalando profundamente pelo nariz, e quando se abrem novamente, ela parece um pouco melhor.

—Austin? —A voz fraca de minha Mamma flutua no trailer enquanto o vento começa a uivar lá fora e os ramos das árvores começam a arranhar as janelas com a tempestade.

Se o tempo estivesse representando o estado de espírito de uma situação, então, não poderia ter sido mais apropriado como está neste momento.

—Se, Mamma? — Respondo-lhe, mas nunca, nem uma vez afasto o olhar de minha Pix. Os olhos de Lexi estão fixos nos meus também.

—Lexi... quero... que ela venha aqui. — Grita e começa a tossir devido ao esforço.

Percebo as sobrancelhas franzidas do Lexi, mas, inclinando a cabeça, ela começa a caminhar ao meu redor, e levanto meu braço para pegar sua mão.

Lexi coloca a sua mão ainda agitada em minha bochecha e assente que está bem.

Porra, penso enquanto engulo minha culpa.

Enquanto observo Lexi caminhar timidamente para o quarto da minha Mamma, com os braços envolta de seu estômago, a maçaneta da porta da frente lentamente começa a girar.

Correndo para a porta, pressiono a maçaneta e a porta se abre de repente com a ajuda do vento forte. Olhando para mim, em estado de choque, estavam Axel, Carlo e Gio. Carlo sustentava firmemente seus bíceps. Lembro-me que Levi disse que tinha sido baleado. Parece que foi só um arranhão, outro arranhão com a morte para os Heighters.

—Austin! — Diz Axel, instantaneamente feliz. Caminhando do trailer para a mancha de cascalho do pátio, fecho a porta atrás de

mim e entro na forte e turbulenta tempestade e, extremamente, na companhia de meu pesado e turbulento grupo.

—Axe. Gio. Carlo — Saúdo, me certificando de que a porta do trailer está fechada, ponho minhas mãos nos bolsos, com o vento rasgando a nosso redor como um furacão.

Axel desfila em minha direção e pendura seu braço ao redor de meu ombro.

—Conseguiu os medicamentos de mamãe, cara?

—Sim, acabo de dar-lhe

Apanhei Gio sorrindo para mim e assinala o Prius.

—Conseguiu isso de alguma estudante de traseiro rico?

Encolhendo os ombros, me libero do meu desejo de derrubá-lo de costas no chão.

—Somente peguei emprestado de alguém que conheço.

Axel se inclina para trás e me olhe estranho.

—Quem diabos conhece que dirige um puto Prius?

—Algumas fãs dos Tide que esteja pegando? — Diz Carlo, com um enorme sorriso.

—Claro — Respondo evasivamente e olho de novo para Axel. — Seba, está bem? Lev diz que levou um no peito.

O rosto de Axel escurece de tristeza e sacode a cabeça.

—Faleceu na sala de emergências. Outro irmão morto. —Axel faz o sinal da cruz sobre seu peito com a mão e vi o Gio fazer o mesmo.

Suspirando pesadamente, esfrego a testa com a mão.

—Precisamos conversar, Aust — Diz Gio sério, e olho em sua direção. — Precisamos de você novamente na gangue, apenas até que possamos conseguir o melhor dos Kings. Já tomou três quilômetros de território em questão de semanas e agora estão olhando para o campus da UA. — Ele olha para mim por um momento de silêncio, e então acrescenta: — Eles sabem que está lá e estão falando em acabar com você.

—Porra! — Sussurro. Gio vem para frente e move o queixo para Axel. Este último colocou a mão no bolso interno de sua jaqueta e saca uma pistola 9mm. Não, nada disso, minha velha pistola 9mm.

Axel estende para que pegue.

—Sua famiglia precisa de você, rapaz. Temos que manter a grama para os bilhetes. Os tratamentos da mamãe só vão custar mais a partir de agora. Isso é o que somos, os Carillos juntos.

Olho as cortinas do quarto da Mamma e meu coração se escurece quando vejo que a janela está ligeiramente aberta. Terá escutado tudo o que acabava de dizer.

—Olha, Axe, vamos pensar em outra coisa. Eu vou engolir meu maldito orgulho, caramba, e pedirei a Romeo que nos ajude com as contas de mamãe

— Não, fodasse, você vai fazer! Não receberei esmolas de caridade desses ricos de merda. Odeio o idiota! Vamos fazer isso da maneira Carillo, a maneira italiana. A forma da rua.

Meus dentes se apertam juntos e dou um passo até Axel.

—Esta é a última vez que diz algo contra Rome. É tão próximo de mim como a porra de um irmão.

Axel tinha começado a sorrir para mim, até que apresentei a última parte, e então, tudo o que vi foi febre e raiva em seu rosto.

—Vamos esclarecer isso agora mesmo. Romeo fodido Prince não é seu irmão, criança. — Cospe. — É apenas um jogador de futebol de bunda rica você sabe, um jogador de futebol de traseiro rico que está usando seu a merda de seu traseiro branco e pés rápidos para chegar a NFL. Não conhece esta vida, não entende o que é preciso para sobreviver aqui no Oeste. E a partir deste dia em adiante, estará traficando no campus comigo e trazendo seu traseiro universitário aqui nos Height cada vez que te ligar. Fodasse o futebol, menino. Esta merda é sobre o nosso futuro. Trata-se da famiglia. Agora. — Axel bate minha 9mm em meu peito, colocando toda sua impressionante força atrás disso. — Seja homem de uma puta vez. Temos trabalho que fazer.

Segurando a arma em minha mão, sentindo o familiar metal rajado sob meus dedos, meu coração cai quando Axel se vira para a porta do trailer. Axel olha para trás para Gio.

—Irei procurar Lev. Em seguida, vamos dar um passeio além dos Kings. Esta noite é o lugar onde meu irmão mais novo ganha o direito de usar essa Stidda na bochecha. — Axel em seguida olha para mim. — Isso vale para você também, rapaz. Você está vindo também.

Como se tudo mudasse na metade do movimento, dois pensamentos instantaneamente passam pela minha cabeça. O primeiro é que Pix está nesse trailer, e se Axel a visse, ele ia jogar com ela. O segundo era que não havia maneira no inferno que Levi entrasse nisso, maldição. Ele já tinha tido um encontro com a morte esta noite. Não ia procurar outro.

O medo e instintos protetores me fazem dizer as palavras que prometi a mim mesmo nunca mais dizer novamente.

Apenas quando Axel começa a abrir a porta, dou um passo para a frente e o puxo de volta.

—Eu vou com você, traficarei coca de novo com vocês, com uma condição.

Axel olha sobre minha cabeça para Gio e, quando obtenho sua atenção outra vez, dou-lhe um olhar mortal. Isto é entre a família de verdade, sangue de verdade.

—Lev não traficará, não mais. Não irá em patrulha e definitivamente não irá armado. Vai me dar sua palavra agora por este acordo e me terá de volta.

—Você estará de volta? A cem por cento? — Pergunta Axel, com um brilho emocionado em seus olhos escuros.

—Cem por cento. — Respondo, minha promessa parece que está quebrando meus sonhos enquanto desliza dos meus lábios. Quando Axel e Gio estendem suas mãos, quase vacilo no trato. Mas quando fecho meus olhos e penso em Levi nervosamente tomando a mão estendida de Lexi e minha Mamma chorando lágrimas de felicidade enquanto o vê encontrar conforto nesse toque, todas as minhas dúvidas desaparecem.

Dois apertos de mãos depois e, de pé na chuva torrencial, sinto um pedaço de minha alma morrer.

Parte de mim sabe que foi a pior decisão que tomei em minha vida. A outra estava só agradecida de que meu irmão menor agora tinha uma oportunidade para mais. Para fazer algo de si mesmo. Para sair desta vida.

—Carlo, vá buscar o carro. Esta noite agiremos. — Ordena Gio, e Carlo, ainda segurando seu braço ferido, começa a caminhar em direção ao trailer de Gio para levar seu velho Challenger.

Axel põe sua mão em meu ombro enquanto Gio quase vibra de emoção pela vingança contra os Kings.

—Então este é o plano...

O som da porta do trailer abrindo e batendo contra a parede faz que dê a volta surpreso, lá de pé está Lexi na parte superior das escadas, ofegando fortemente e com os enormes olhos verdes cheios de medo.

Como se ela não estivesse vendo qualquer outra pessoa, seu olhar se concentra no meu e sua voz tremendo, diz:

—Não Austin, não faça. Por favor não faça!

Gio vem a frente e assobio.

—Quem é essa cadela?

Eu estava furioso.

Pulando para frente, me jogo para Gio, lhe dando um soco no queixo, ele cai no chão molhado e enlameado. Passando por cima de seu esparramado corpo no chão, faço um movimento para chegar a Pix, quando Axel me agarra pelo colarinho de minha camisa e me bate contra o capô do Prius.

—Que diabos ela está fazendo aqui? — Fala bruscamente, sua voz gutural com raiva e seu rosto a apenas alguns centímetros do meu.

Chutando, tento lança-lo fora, mas não tenho sorte. A posição em que me tem garante que não posso me mover. Pego Lexi gritando para que me deixe ir, embora, isso quase me matou.

—Deixe-a! — Eu grito.

As sobrancelhas de Axel se elevam com surpresa e parecia genuinamente desconcertado por minha reação.

—Está dormindo com a cadela? A maldita cadela que presenciou o negócio e não teve dúvidas para me delatar ao fodido reitor!

Erguendo a cabeça, me atiro para frente, batendo minha testa no nariz de Axel. Ele se retira, com suas mãos cobrindo seu rosto e aproveito a oportunidade para me levantar. Quando minhas botas aterrissam na lama, meus pés escorregam em uma poça. Minhas mãos batem no sujo chão e, quando olhei para cima, Gio se tinha levantado e estava indo para o Lexi, que estava congelada na porta.

—NÃO! — Grito e ponho-me a correr, enquanto Axel me aborda por trás, puxando a ambos na lama.

—Gio, se tocá-la, eu vou matar você! — Ameaço tão alto como posso sob o pesado peso do Axel.

Gio me olhe e tira a faca do bolso, uma raia de brilho se reflete em sua lamina a distância.

—Não! — Tento virar a cabeça para o Axe, mas seu ombro me deixa preso. — Axe, fique longe de mim, maldito seja. Vai fazer mal Pix!

—Pix? Que demônios significa isso? — Cospe em meu ouvido.

—Ela é minha a porra de minha garota, imbecil! Ela é minha garota! E se qualquer coisa acontece a ela, vou colocá-lo na porra do chão, irmão ou não! — Ameacei-lhe.

Axel congelou, e podia ouvir a chuva miserável contra o chão e a respiração pesada de Axel... isso e os repentinos gritos de Lexi.

Ajustando minha cabeça para o rosto de Pix, grito em frustração quando Gio a agarra pelos cabelos e a arrasta pelo alagado quintal, obrigando-a a olhar para mim. Lágrimas estão caindo por seu rosto, mas essas lágrimas se secam rapidamente quando Gio rasga através da costura da parte de trás de seu suéter, liberando-o, pressionando-a em suas costas, sorrindo em minha direção.

—É sua garota, Austin? A puta que viu meus negócios na UA?

Congelo e através de meus dentes cerrados, afirmo:

—Então lhe falou dela, Axe? Te assegurei que tinha controlado! Esperava que por uma vez não fosse uma cadela e contasse tudo a Gio. —Axel não diz uma merda em resposta e a traição de meu irmão só parece acrescentar mais combustível a Gio.

—Sim, Aust. Axe aqui me contou isso tudo. Avisei que se você me tocasse outra vez, pagaria por isso. E parece que este monstro feio é seu calcanhar de Aquiles.

—Gio lança o suéter em migalhas de Lexi no chão e percorre seu dedo indicador ao longo de sua espinha, todo o tempo com aquele maldito horripilante sorriso em seu rosto. O rosto do Lexi fica vazio e meu coração se parte em dois. Ela estava em seu lugar ruim. Ela deixou... tudo porque a estão tocando em suas fodidas costas.

Meus olhos se fecham e garanto a Axel:

—Você tem cinco segundos para sair de cima, Axe, não é brincadeira, terminamos.

A forte respiração de Axel pega. Nós poderíamos não compartilhar os mesmos códigos morais ou éticos na vida, mas eu queria. Era meu sangue e entendia o significado do que estava dizendo.

—Saia de cima dela, maldito seja! — Escuto o terror de uma voz masculina gritar, e ao abrir os olhos, vejo Levi de pé em frente a Lexi, com os braços estendidos para Gio. Ao princípio não vejo a pistola, mas quando Gio levanta suas mãos, com seu rosto silencioso, vislumbro o braço tremendo de Levi enquanto ele estava inclinado sobre o corpo curvado do Pix, com seus olhos fixos completamente no chão. Ela estava murmurando para si mesmo; ela estava ouvindo à voz.

—Maldição! — Assobia Axel, e de repente estava fora de minhas costas e arremetendo contra Levi. Ele vê Axel aproximar-se e agita a arma entre o Gio e nosso irmão.

Enquanto me empurro do chão, com minha camisa negra e minha calça agora manchada de lama, aproximo-me de Levi lentamente.

—Lev, se acalme — Articulo com carinho. Os olhos cinzas de Levi estão enormes pela adrenalina e me indica com a ponta de seu queixo que me aproxime dele e Pix.

Soltando a respiração suspensa, abaixo até o chão e a subo, levantando-a em meus braços, a água da chuva desliza por sua pele fria.

Com um enorme suspiro, os dedos de Lexi se agarram a minha pele e seus olhos se fixam com força nos meus.

—Austin... —sussurra e olhou para baixo, contorcendo-se em meus braços como se acabasse de perceber que a estava sustentando no ar.

—Austin, por favor, sou muito pesada — Diz envergonhada.

Meu coração afunda pela forma como ela se expressou com preocupação, e, puxando-a para meus lábios, sussurro-lhe:

—Você não é nenhum fardo para mim, Pix. Seu peso não é nada. Está segura em meus braços, você me pertence caramba.

Os lábios do Lexi começam a tremer e seus olhos se enchem de lágrimas.

—Axe, precisa falar com seus irmãos antes que se esqueçam a quem estão fodendo. — Gio está olhando para Axel, e pela primeira vez, vejo o que parece medo na expressão de Gio. Sei que sem Axel, seu maldito grupo entraria em colapso. Axel era a cola grossa que mantinha os meninos Heighter sob controle. E não importa o quanto Axel amasse sua gangue, sábia, não, rezava para que houvesse uma coisa que amasse mais: nós.

—Fecha sua maldita boca, G! — Espeta e se aproxima lentamente de Levi. — Levi, abaixe a arma. Não vou tocar à cadela de Austin. Ele tomou sua decisão.

Levi treme.

—Se chama Lexi!

Os dentes do Alex se apertam e diz:

—Está tudo bem. Não vou tocar... Lexi.

Levi olhe para mim, assento para que abaixe a arma. Baixando cuidadosamente seus braços, Levi coloca a pistola na cintura de seus jeans e Axel solta um maldito suspiro de alívio.

Gio passa rapidamente por nosso lado para seu Challenger enquanto as luzes se aproximam.

—Controle seus malditos irmãos, Axe, ou eu mesmo vou lidar com eles. — Abrindo de repente a porta do passageiro, Gio sobe, o chiado dos pneus úmidos da chuva pulverizando lama sobre nosso trailer creme.

Um trovão ressoa ao longe enquanto os três meninos Carillo chegam quase a ponto morto, sob um aguaceiro, comigo apertando minha Pix contra meu peito, Axel e Levi olhando-se com ódio.

Olhando de relance para mim, Axel franze o cenho enquanto me vê beijar na cabeça de Lexi e ri sem humor.

—Então está fodendo à cadela que nos viu traficando? A única cadela que poderia testemunhar o que estávamos fazendo no campus?

Aperto meus dentes enquanto Lexi, que ainda está entre meus braços, começa a tremer de frio. Ou era medo do Axel? Provavelmente uma combinação de ambas.

—Isso não é de sua maldita conta! Mas é minha; Não se engane sobre isso.

Desta vez Axel ri.

—Fodasse, menino. Então agi assim por um pedaço de buceta? Merda, filho, em que porra está pensando?

Lexi estremece como se tivesse recebido uma bofetada, viro-me para Levi.

—Vá procurar sua bolsa lá dentro. Eu preciso de suas chaves. Vou leva-la para casa.

Levi corre dentro do trailer sem perguntar e, apenas alguns segundos depois, pressiona a chave assim o carro abre

automaticamente. Baixo Lexi até o banco do passageiro e, pondo as chaves na ignição, acendo o termostato a todo volume. Lexi se aconchega no banco e seus olhos petrificados percorrem o estacionamento.

Nunca vou me perdoar por trazê-la aqui.

Deixando-a dentro, olho para Levi.

—Como está Mamma?

—Ela está dormindo. — Diz e deixa cair sua cabeça para olhar o chão.

—Vieni qua 10 —digo e Levi caminhou lentamente em minha direção até que está a poucos passos e, agarrando a parte de trás de sua cabeça com minha mão, aproximo-o para meu peito. — Grazie, fratello11.

Levi envolve seus braços ao redor de minhas costas e só para meus ouvidos diz:

—Eu gosto. Não a afugente. Não quero que se vá.

Um nó bloqueia minha garganta e assento contra a cabeça de Levi.

—Entra. Fecha a porta do trailer, tranque tudo e não responda a ninguém. Tenho meu celular comigo. Me chame se precisar de mim. Em qualquer momento, entende? Eu ficaria, mas preciso levar Pix de volta para a universidade. Ela não pertence

aqui. Não merece toda esta merda de Gio e Axel. Vou deixá-la e voltarei.

Levi retrocede, olhando para Lexi por cima do meu ombro, cumprimenta-a, em seguida entra no trailer. Escuto os cinco bloqueios fecharem atrás dele. A Mamma e ele estavam seguros.

10 Vêem aqui.

11 Obrigado, irmão.

—Está fodido, menino — Diz Axel atrás de mim agora que estávamos sozinhos, vira-me para enfrenta-o. Estava limpando o sangue que ainda jorra de seu nariz.

Caminhando em direção a ele, empurro seu peito e solto:

—Não. Você está fodido! Que tipo de maldito irmão é para Levi e para mim, hein? Espera até que tenhamos idade suficiente e logo nos mete nessa gangue! —Cravo seu amplo peito. — Então sou eu quem diz que você é quem está fodido Axel. Você!

Começo a me afastar, quando Axel diz:

—Não dou a mínima para o que pense de mim, Austin. Quando papai se foi e Mamma adoeceu, fiz o que tinha que fazer para que sobrevivêssemos. Não espero que você entenda, superstar.

Porra eu odiava quando me chamava assim.

Me aproximando de Axel, o olho diretamente em seus olhos castanhos e exclamo:

—Levi está fora. Escutou? O menino não tem estômago ou coração para esta vida. Merece mais, mais que você e eu como irmãos.

Axel negou, mas pude ver pela palidez em seu rosto que cheguei a ele.

—Lev fica na gangue, sinto muito, irmão, mas você também voltará. Pode ser que tenhamos queixam um do outro, mas os Kings e as contas médicas da Mamma ainda estarão empilhando-se sobre nossas cabeças amanhã.

O olho sem dizer uma palavra, logo viro sobre meu calcanhar e me afasto.

—Aust?

Meus pés param e digo cansadamente:

—O que, Axe?

—Ficarei com o menino e Mamma esta noite. Os Protegerei. Não há necessidade de voltar. Eu prometo.

Respiro através do meu nariz e começo a caminhar em direção ao carro.

—Bom. Prefiro não ter que enterrar a a minha Mamma e a meu irmão no mesmo ano de merda.

Alguns segundos depois, escuto Levi deixar que Axel entre no trailer e os cinco bloqueios fecham-se de novo.

Saltando dentro do Prius, não leva muito tempo para sair do parque de trailer e começar a acelerar pela estrada de volta à universidade.

A chuva tinha começado a parar, e olho para Lexi, que está me olhando, com a maior parte de sua pesada maquiagem manchada pela abundante chuva.

Amava essas sardas que salpicavam seu nariz. Porra, estava começando a amar tudo sobre ela, ponto.

Enquanto aperto o volante sob minha mão, digo:

—Pix, me desculpe.

Lexi não diz uma palavra, e quando a olho outra vez, nem sequer mudou sua expressão.

—Pix, por favor, sei que está ferida, mas só quero dizer…

—Vá para a casa de verão, Austin.

Olho duas vezes para Lexi, completamente confuso.

—Vou te levar de volta à casa da irman…

—Vá para a casa de verão. — Repete, severamente.

—Por que Pix? — Indago e prendo a respiração, esperando a resposta.

A pequena mão de Lexi se estende nervosamente pelos assentos e pousa em minha coxa.

—Porque nunca me senti mais segura em minha vida do que com você. Quero estar contigo no lugar que me mostrou pela primeira vez as verdadeiras cores. — Me olha através de seus longos cílios. — Porque ainda não estou pronta para te deixar.

A minha mão sob a mão dela e acrescenta:

—Porque preciso de você Austin. Não há nada mais que isso. Preciso de você. Isso deveria ser motivo suficiente.

Apesar de minha roupa molhada, o tecido gelado congelando a minha pele, tudo o que sinto é calor enquanto as palavras de Lexi fluem através de meu corpo.

—Porra, Pix —Digo com voz rouca, e aperto seus dedos mais fortemente com meus.

—Isso está bom?

—Mais que bom — Digo com uma risada.

—E por que? — Questiona timidamente.

Levando seus dedos aos meus lábios, pressiono um só beijo em sua palma, todo o humor desaparece.

—Porque eu também preciso de você pra caramba. Fodidamente muito para lutar contra com isso.

Capítulo 18

Lexi

O ambiente externo é estranho depois de uma tempestade, como se a mãe natureza houvesse tomado um descanso muito merecido depois de destruir o mundo. O vento cai e o céu fica completamente cinza-escuro e silenciosamente sinistro.

Enquanto Austin e eu caminhávamos cautelosamente para a casa de verão, evitando ser vistos por olhos curiosos, não havia nenhum apoio de grilos cantando, nenhuma coruja piando; tudo e calmo, quase reflexivo em seu tom. Até mesmo a voz em minha cabeça parece estar tomando um descanso de torturar minha mente.

Olhando para o balanço do crepuscular céu, as nuvens estão se movendo lentamente, recuperando-se de uma noite turbulenta. Sei como eles se sentem. Ainda estava atordoada com a ira de Gio e Axel dirigida para mim, mas mais que isso, meu peito estava cheio

de respeito por Austin. Estava protegida e cuidada. Escolheu me defender por cima de seu irmão mais velho.

Embora me arrisco a jogar uma olhada, pelo canto do meu olho, não posso evitar me sentir sem fôlego. Ele está olhando fixamente nossos dedos entrelaçados com um brilho de incredulidade em seus castanhos olhos italianos. Como se não pudesse acreditar que estejamos aqui juntos.

Mesmo sem saber que o estou olhando, Austin casualmente levanta nossas mãos unidas para sua boca e pressiona um beijo na parte posterior da minha. Arrepios rapidamente assombram meu corpo, coisa que não tem nada a ver com a fria brisa em minha pele molhada, tudo é melhor sendo querida e o suficientemente digna para ganhar a proteção de Austin.

Suspirando feliz, ponho minha cabeça em seus espessos bíceps.

Faz-me sentir muito segura.

Quando chegamos à porta da casa de verão, Austin verifica ao nosso redor para se certificar que ninguém está nos olhando e, deixando cair nossas mãos, procura a chave em seu bolso da calça molhada e enlameado e silenciosamente abre a pesada porta de madeira.

Quando entramos, Austin levanta seu dedo para mim para que esperasse na entrada e rapidamente se move ao redor da casa e de suas largas janelas para correr as pesadas cortinas fechadas.

Olho para Austin enquanto ele se vira para mim, com essa mesma expressão de incredulidade em seu rosto, destacado pelo reluzente céu cheio de estrelas acima de nós, brilhando através da claraboia.

Sua camiseta negra estava apertada e escorregadia sobre seu definido e musculoso torso. Seus Jeans úmidos não está muito melhor. Seu preto e desordenado cabelo secou com um estilo casual, amontoado e desordenado em todas as direções, o que, se for possível, só o faz mais atrativo de uma forma selvagem e forte. Suas tatuagens se dobram e flexionam a cada passo que dá em minha direção. Parece quase como se Jesus em seu crucifixo estivesse respirando.

Meu coração é como uma borboleta em meu peito, as batidas rítmicas bombeiam através de meu corpo, tão forte que posso senti-los pulsando sob minha pele desde minha cabeça até meus pés. Algo intensamente sexual brilha nos olhos negros de Austin, e instintivamente, envolvo meus braços ao redor de meu peito como se fosse deter o desconhecido rubor em mim mesma, efeito de sua atenção.

Austin para diante de mim, seu hálito quente em meu rosto. Fico olhando a tatuagem da pomba em seu pescoço, tentando me concentrar nos detalhes do traço de suas penas em suas asas estendidas, apenas para tentar acalmar meu frenético coração.

Com um dedo afasta uma mecha de cabelo de meus olhos, suavemente desce por minha bochecha e ao longo da ponte de meu

nariz. Apanho o lábio superior de Austin sacudindo e curvando em um sorriso.

—A chuva libertou a suas sardas, Pix. — Anuncia com voz áspera.

Meu estômago aperta no fato de que minha espessa maquiagem se desfez e começo a entrar em pânico ao estar tão exposta.

—Eu...

Antes que possa terminar o que queria dizer, Austin se inclina e me dá um suave beijo na ponta de meu nariz, estremecendo em minha quietude. Seus lábios continuam para minhas sardas ao longo de minhas bochechas até que chegam a meu ouvido, onde sussurra:

—Elas são lindas. Eu adoro te ver sem sua pintura de guerra. Eu gosto de ver a verdadeira você sob a armadura.

Se esqueça da poesia. Se esqueça de sentimentos bregas, corações e flores e dos homens que sabem como jogar com uma garota com palavras. Somente escutando que gosto a Austin, a verdadeira eu, a garota anoréxica quebrada sob a camada de maquiagem, traz uma leveza em meu coração que nunca havia sentido antes.

—Austin... — Sussurro de volta e esticando seu braço para pegar minha mão na dele, inclinando-se para frente, peito contra peito, e fechando a porta atrás dele com a outra mão.

É como se ele pudesse sentir meu receio a sua proximidade e com um apertão de sua mão, sussurra:

—Vamos. Precisamos nos secar.

Austin puxa suavemente minha mão e me faz a caminhar a seu lado. Nos dirigimos a uma grande lareira no fundo da casa do verão, nosso pequeno lugar que nos encontramos fechado pelas cortinas e a porta. Ao passar junto ao sofá, Austin solta minha mão e agarra as almofadas e uma manta vermelha, colocando tudo em cima do tapete de pele de carneiro no chão duro de madeira. Austin se vira para mim e cava minhas bochechas.

—Sente-se, Pix. Acenderei o fogo.

Engolindo meus nervos, abaixo para o chão, sento-me em uma almofada vermelha enquanto Austin move a lenha e começa a empilhá-los no fogo um a um. Tomando um fósforo, Austin a golpeia contra a pedra da lareira e acende os troncos empilhados em cima.

Serpenteando para ajoelhar-se diante de mim, Austin me olha nos olhos e pergunta:

—Você tem sede? Fome? Acredito que há água na geladeira.

Meu coração bate com a menção da água. Lembra que só bebo água. Sem refrigerante. Ele ainda tenta fazer que me sinta confortável. Sempre tentando me fazer sentir cômoda.

Levantando o braço, ponho minha trêmula mão em sua áspera bochecha com barba.

—Estou bem, Austin. Só... só se sente comigo...

Desta vez o pego tragando, calor se instala em meu coração quando percebo que também está nervoso. Austin abaixa para o tapete junto a mim, levantando seus joelhos e envolvendo seus braços ao redor deles.

Olhando para frente, olha as crescentes chama de fogo, perdido em seus pensamentos. Os troncos crepitam e esse magnífico aroma de fogueira, que só se emite pela madeira queimada, enche toda a sala.

—Nunca devia ter levado você lá esta noite, Pix. E assim, me desculpe. — Declara Austin finalmente. Posso dizer que pelo profundo tom de sua voz que diz a sério.

Suas palavras de desculpa me assustam. Austin parece muito decepcionado e envergonhado pelos acontecimentos desta noite. Os olhos de Austin se fecham por meu toque, parecendo exausto, e lentamente começa a inclinar-se para mim, até que está deitado sobre suas costas, com sua cabeça descansando em minha perna e de seus lábios solta um cansado, mas feliz suspiro. Lembra-me de

estar de volta no jardim do hospital em memória de todas essas semanas passadas.

Assim que o pescoço de Austin atinge minha coxa, fico tensa e os habituais pensamentos de pânico começam a tocar em minha mente. Minha coxa é muito gorda? Está com raiva sobre como me sinto por debaixo do fino vestido? Sou...?

Austin está me olhando com seus perlados olhos quase azuis, só me olhe enquanto luto com meus demônios. Por alguma razão, sua falta de resposta a minha ansiedade ajuda que desapareça. Austin não se desculpa ou se compadece por meu pânico interno como fez no passado. Só fica quieto e me deixa lidar, apenas com um carinho para mim em sua aberta expressão paciente.

Foi nesse momento que percebi que nunca estive tão confortável com alguém em minha vida. É o mais próximo a me sentir normal em anos e meu coração se enche com um fino véu de esperança. Esperando que Austin pudesse romper através da espessa parede de ferro ao redor de meu coração. Que esta doença não pudesse me privar do que era sentir-se apaixonada.... Esperando poder estar com alguém e que não me cause cair em meus pensamentos de ódio e desespero por mim mesma. Com a esperança de que ao abrir meu coração, não torne a quebrar.

Estou tão perdida em minha cabeça que não percebi que Austin está tocando o meu rosto até que sinto as ásperas almofadas de seus dedos suavemente contra meus lábios.

Meus olhos se suavizam ao encontrar os seus com.... Luxúria? Excitação? Pode este homem realmente me achar atraente? Não... impossível...

—Você é tão bonita, Pix. — Silêncio, interrompendo meus pensamentos, sinto essas palavras ressonando na profunda e mais escura parte de minha alma... tendo lembranças dos ameaçadores insultos da voz com elas.

Enquanto olho o tatuado e perfurado cara debaixo de mim, sinto meu estômago contrair-se de necessidade. No meio de minhas coxas está formigando, minha respiração está acelerando e sinto como algo dentro de mim está me arranhando para se libertar.

O dedo de Austin viaja para cima e para baixo do meu pescoço, sinto endurecer meus mamilos dentro de meu pequeno e úmido sutiã. O dedo de Austin passa sobre o pulso latejante em meu pescoço e seus olhos rolam para trás.

—Porra, Pix — Murmura e vira sua cabeça em meu colo até que sua boca está contra meu ventre. Posso sentir sua quente respiração fluindo entre minhas pernas e, antes de que possa detê-lo, um leve gemido de prazer escapa de minha boca.

Meus dedos se agarram ao cabelo de Austin, com meu punho de ferro indicando a gravidade de meu desejo. Empurrando-o mais perto, Austin acaricia com a boca a parte baixa de meu ventre, beijando meu umbigo através do fino tecido negro do meu vestido. Sinto como se estivesse queimando e sei que não é pela lareira

ardendo diante de mim. É Austin, o paciente, compreensivo, maravilhoso e com cicatrizes Austin.

—Pix, foda-se, estou morrendo aqui... por te tocar e estar com você... dentro de você... — Murmura Austin e baixa a mão para arrumar a braguilha de sua calça.

O calor envolve meu rosto e aperto meus olhos fechando-os. Posso fazer isto? Posso ficar com ele como quero estar com ele? Posso despir meu corpo? Não, não posso ir tão longe... e não posso lhe ter me tocando... vai ser desconfortável? Será que ele pensa que estou muito gorda? Como ia me cobrir o suficiente para me ajudar a chegar ao final? Como...?

A dinâmica de como posso realmente ter relações sexuais está afligindo minha mente. Não sou uma garota normal que poderia apaixonar-se por um menino, beijar, me despir, em seguida me jogar sobre os lençóis e fazer o amor imprudente e apaixonadamente. Há mais que isso. É preciso coragem que não estou segura de como poder reuni-lo e aumentar a confiança que nunca fui capaz de ganhar.

Lexington, não pode fazer isso. Para isso, pelo menos deveria perder uns cinco quilos. E o cara nunca pode ver você nua. Ele iria rir. Vai sair e nunca olhará para trás. Ele poderia...

—Não o escute, Pix. Não deixe que te diga que não quero te ter debaixo de mim neste momento.

A voz negativa se evapora, as palavras de Austin soam tão suaves como uma canção de ninar. A canção de ninar toma seu lugar e uma sensação de paz enche meu coração.

Respirando profundamente, abro meus olhos e olho para baixo. O rosto de compreensão de Austin é tudo o que posso ver, e adiciona:

—Porque te desejo... desesperadamente. É a pessoa mais linda que conheço, por dentro e por fora. Essa voz em sua cabeça não sabe uma merda sobre como somos você e eu juntos. Não sabe uma merda, mas tenta te obrigar a não comer e te tirar todas as suas oportunidades.

Respirando profundamente e balançando por sua precisa avaliação sobre o que mantinha tão escondido, seguro minha mão contra a sua em meu peito. Encontrando a coragem em algum profundo lugar dentro de mim, confesso:

—Eu preciso de você...

Austin parece parar de se mover... deixa de respirar... e me sussurra de volta:

—Eu preciso de você também.

Tomando os dedos tatuados em sua mão, começo a traze-lo para o meu peito... para meus seios, sem quebrar o contato e me esforçando em pressionar a aguda, ameaçadora e repetitiva voz na parte traseira de minha mente. Quando a mão de Austin toma meu

seio esquerdo, por cima de meu sutiã, sob a cabeça e a pressiono contra a sua. Bordeando minha trêmula mão para baixo sobre sua camiseta seca, sob a bainha da parte inferior, até que minha mão está plana sobre sua grande pele quente.

—Austin, não acredito que entenda o que quero dizer.... Não só preciso de você..., mas eu... preciso que você...

Vi o pomo de Adão de Austin se mover em sua garganta com seu duro folego e imploro que me entenda com seu olhar abertamente sério.

—Preciso de você... para estar comigo... — Desta vez a intensidade de seu olhar me perturba.

Levando-me de surpresa, Austin se senta bruscamente, gentilmente se apodera de meus quadris e me puxa para que as almofadas fiquem debaixo de mim, arrastando-se sobre meu corpo estendido.

O torso de Austin abaixa para encontrar-se com o meus e seus lábios roçam minha bochecha até que se apoia em minha boca, mas não se moveu para me beijar.

—É sério eu preciso fodidamente muito, Pix. Cristo, é certo.

O alívio percorre meu corpo como uma rápida corrente branca, um bem-vindo mergulho na água, como se tivesse sido batizada, renascida, revivida desde minha jaula de insegurança

para abraçar abertamente o cara que está sacrificando livremente meu coração.

Os lábios de Austin de repente se encontram com meus e o beijo lento e sensual que segue derrete todos meus temores. Os lábios de Austin são tão suaves como uma pluma enquanto se movem contra os meus, um contraste com seu olhar duro e intimidante. Sua língua sonda a entrada de minha boca e desliza no interior para encontrar-se com a minha. Eu corajosamente agarro os músculos salientes de suas costas, saboreando o longo gemido que rasgou de sua garganta enquanto seu duro comprimento pressiona entre minhas pernas.

O beijo se faz mais profundo, quanto mais tempo dura, mais furiosos se convertem nossos movimentos. Austin me imobiliza debaixo dele, seus dedos se agarram ao meu cabelo e agarrando a bainha de sua camisa, começo a levantá-la por suas costas, o ar quente na casa do verão se agarra à pele úmida de Austin.

Separando-se de minha boca com um suspiro, Austin ofega com força e olha em meus olhos com seu olhar escuro. Posso ver que está assegurando-se de que estou bem, e vendo que estou, senta-se em suas pernas e tira sua camisa, expondo seu torso nu, coloridamente tatuado para que o devore.

Levantando minha mão, passado os dedos para baixo, pelas asas da pomba em sua garganta, até seu esterno, pela grande cruz italiana em seu peito e sobre as sequências complexas das frases tatuadas sobre seus duros abdominais na parte baixa de seu

estômago. Sua pele morena bronzeada, os contornos de seu físico tonificado destacadas pelo laranja ardente das chamas, glorioso.

—Pix, como está me matando agora mesmo. — Assegura Austin com uma voz quebrada e profunda enquanto meu dedo indicador desliza ao longo da cintura de sua calça, seu estômago se aperta e contrai em resposta.

Os olhos de Austin preguiçosamente passam por meu corpo, mas desta vez não sinto vergonha como pensei que faria. Em vez disso, movo minha mão para o botão da parte superior de seu zíper e tirando-o através do buraco, o libero.

A cabeça de Austin cai para trás com um uivo enquanto meu dedo roça sua ponta dura e, cai para frente, batendo seus lábios contra meus uma vez mais, o usa sua grossa coxa para levantar minhas pernas abertas, deitado no meio, e começa a balançar contra mim... lá.

—Austin... — Gemo em voz alta e minhas costas se arqueia no chão.

—Porra, Pix — exclama Austin com os dentes cerrados. — Tenho que estar em você... preciso te sentir...

Em seguida, as palavras de Austin batem em mim, e sinto como se injetasse um enorme balde de água geada em minhas veias.

Austin imediatamente nota a mudança em meu humor e, levantando-se em seus braços, baixou o olhar para mim com medo.

—Pix? Você está bem? — Ele ainda está sem fôlego, um tom erótico avermelha sua bela pele latina.

Bordeando mais abaixo meu corpo e acariciando o dorso de sua mão por meu rosto, sussurra:

—Me diga o que acontece. Me fale, Pix. Está fodidamente embaraçoso.

Incapaz de enfrenta-lo, me foco nos lírios reconfortantes em seu pescoço e desajeitadamente admito:

—Tenho medo de reagir mal a seu toque.

Austin suspira e fecha os olhos, sinto uma grande dose de vergonha sobre minha pele. Mas me surpreende quando toma meu rosto e me obriga a olhá-lo... para realmente olhar para ele.

—Pix, sei que nunca fez isto antes. Sei que fui seu primeiro beijo... seu primeiro algo com um cara. E foda-se, sei que não sou digno de nada disso.

Austin passa seu polegar para cima e para baixo de minha bochecha e, como sempre, com uma doçura carinho que não se pode esperar de um grande cara, murmura:

—Mas se você está desejando estar comigo... realmente estar comigo, como eu quero estar com você, não vou fazer uma merda

para te machucar. Não vou tocar onde não queira que te toque. Não vou fazer que te tire a roupa se for algo que não pode fazer comigo ainda. —Austin aperta sua testa contra a minha e promete: — Se não estar pronta para dormir comigo, nem fazer nada absolutamente, não me vou ofender. Apenas tem que me dizer onde está neste momento, porque se isto não for a nenhum lugar, vou ter que parar.... É um pouco doloroso para mim neste momento... —Deixou cair a cabeça para o oco de meu pescoço. Podia senti-lo ofegando agressivamente com tensão.

Enquanto minhas mãos percorrem para cima e para baixo suas costas, eu tento colocar de lado minhas inseguranças. Queria muito isto também. Queria muito estar com Austin. Por esta noite, não queria ser Lexington Hart, um monstro e anoréxica. Queria ser corajosa. Desejava ser a garota que estava caindo perdidamente apaixonada por este cara que conhecia meu maior segredo... que poderia estar tão quebrado como eu... que dizia que precisava de mim tanto como eu precisava dele. Queria ser normal. Desejava ser amada por mim mesma, por meu eu normal.

—Austin — Sussurro, olhando as chamas refletidas dançando no teto de madeira. Ele balança a cabeça contra meu pescoço para me fazer saber que estava escutando, passo minha mão por seu cabelo. —Faça amor comigo.

Os músculos de Austin se esticaram.

—Lexi... — Ele arrastou

Enquanto agarro seu cabelo, eu pressiono:

—Austin, faça amor comigo. Apenas... seja gentil.... Há uma possibilidade de que possa me quebrar...

Lábios suaves começam sua escalada até meu pescoço e sinto seu toque até o final de meus ossos. Enquanto Austin chega a minha bochecha, passo minhas mãos por suas costas e agarro a seus ombros nus.

—Você tem certeza? — Sussurra ao passar por meu ouvido. Assento, incapaz de falar através da intensidade do momento e ouço seu comprido suspiro de liberação.

A cabeça de Austin se levanta e me olha nos olhos. Tudo o que vejo é adoração, completa e incondicional adoração.

—Me diz se fizer algo errado, entendido? Vamos fazê-lo de acordo com o que você precisa.

Respirando profundamente, sussurro:

—Por favor, não toque minhas costas. Não posso deixar você tocar minhas costas. Permanece sendo um não, lá para mim.

Austin inclina a cabeça e roça um beijo em meu pescoço, empurrando o cabelo do meu rosto.

—Não teria feito isso de qualquer maneira. Lembro-me de tudo o que você disse.

Meus olhos se fecham quando a mão de Austin flutua ao redor da parte exterior de meu peito e meus pés se curvaram com a estranha sensação que sobe entre minhas pernas.

—E não posso me tirar o vestido.... Por favor... só tente trabalhar ao redor dele... Não estou pronta para me despir por completo diante de você ainda.

Austin começa a mudar.

—Lexi, se não...

Tomo seu rosto, detendo-o.

—Não! Por favor, eu quero muito isto também. Só temos que abordá-lo de maneira diferente do que você fez com outras garotas.

Austin me olha fixamente com uma expressão de pensamentos conflitantes durante vários segundos de espera, mas finalmente fecha os olhos e exala pelo nariz.

—Está bem — Replica e seus olhos se abrem de repente.

Austin se equilibra em uma mão e começa sua exploração por meus seios, baixando a cabeça para chupar e puxar a pele por debaixo de meu vestido.

Minhas mãos sustentam sua cabeça, e não posso parar os gemidos de prazer que saem de minha boca.

—Quero te provar — Austin murmura e levanta sua mão para enganchar seus dedos sob as alças do meu vestido. Olhando para

mim através de seus cílios escuros, levanta a sobrancelha, pedindo permissão.

Meu pulso é escandaloso, mas o descobrimento de meus seios não me enche de pavor, como eu temia. Eram uma taça média B e nunca tinham sido um motivo de preocupação. Queria lhe mostrar ao menos essa grande parte de mim mesma.

—Por favor... —Gemo. — Leve-o lentamente. Mas deixa que fique de costas.... Não posso te deixar ver minhas costas...

Austin geme e, fazendo o que lhe peço, pouco a pouco a baixa as alças até meu sutiã preto aparece diante dele. Os olhos amendoados de Austin ampliam e começa a desfazer o fecho frontal das pequenas taças, puxando até que meus seios pálidos deslizam à vista, meus mamilos eretos como se para alcançar o toque de sua boca.

—Malditamente perfeito — murmura Austin, deixando meu vestido e o sutiã envolta de minha cintura, pairando sobre meu peito, começa a comprimir alegremente a pele previamente sem beijá-la. Minhas mãos batendo na nuca de Austin, e minhas pernas instintivamente se envolvem ao redor de sua cintura enquanto me esfrega contra o tecido duro de sua calça jeans.

Minha respiração ecoa em meus ouvidos enquanto um fogo ardente se acende entre minhas pernas, e quando Austin beija meu mamilo esquerdo, lambendo a ponta com sua língua úmida, sinto

vontade de chorar de frustração pelas sensações que assaltavam meu corpo inexperiente.

—Porra, Pix, isso é tao bom. — Diz Austin ao redor de meu peito. Quando chupa o mamilo com sua boca e ao mesmo tempo balança entre minhas pernas, uma luz explode atrás de meus olhos, tudo que posso ver são estrelas. Uma grande sensação de euforia me envia voando até o céu com um prazer irreprimível.

—Austin! — Eu grito enquanto chego a meu pico e respiração ofegante em seu cabelo, sentindo a umidade entre minhas pernas.

Com um último golpe de sua língua, Austin levanta a boca de meus seios e me sorri todo vermelho animado e envergonhado. Mas Austin não faz um comentário com suas narinas dilatadas com a visão; somente me olhe com falta de profundidade, limitado por minhas pernas, e em silêncio, levanta a parte inferior de meu vestido longo. Enquanto fica de joelhos diante de mim, posso ver a extensão de sua necessidade tentando desfazer o zíper de sua calça e expondo o tecido esticado de suas boxers pretas.

Austin me olhava como um falcão olha a sua presa. Eu sabia que era por qualquer sinal de pânico que suas ações poderiam desencadear para mim, mas mantive nosso olhar e assenti, encorajando-o a ir mais longe.

Quando minha saia chega a meus joelhos, expondo as panturrilhas, um mal-estar se instala em meu estômago, mas assento uma vez mais para continuar. Austin levanta o tecido preto

lentamente até minhas coxas, e só então a força de meus medos torna-se demais para suportar.

—Espera! — Exclamo freneticamente e Austin se detém, apertando os olhos ligeiramente com preocupação. Inclinando sua cabeça para trás para olhar pela claraboia à lua, tento me concentrar em acalmar-me e não nos maus pensamentos que giram em minha mente... e do que Austin possa pensar sobre minhas coxas.

Vai ver celulite? Será que acha que são de grandes? Verá...?

O rosto de Austin aparece de repente diante de mim, seus lábios baixam para beijar suavemente os meus.

—Nós não temos que ir mais longe, Pix. Basta dizer a palavra.

Correndo meus dedos através da aspereza de sua bochecha com barba por fazer, passo ao redor da concha de sua orelha e das pequenas expansões negras em seus lóbulos.

—É tão bonita, Pix. Rouba-me o ar cada vez que olho como está.

Desta vez, quando meu coração bate, é por luxúria e adoração, não por temor. Chegando até pegar a mão de Austin, ponho a minha mão em cima da dele e a guiou por meus seios, por meu estômago e pela parte superior de minhas coxas.

Austin geme.

—Pix...

—Continue adiante, Austin. Quero que siga adiante... me sinta... me mostre o que se sente...

A testa de Austin cai sobre meu ombro e sua cabeça começa a tremer.

—Não tenho tanta certeza de que esta seja uma boa ideia, Pix. Não quero perder o controle e te assustar.

Lágrimas enchem meus olhos e viro a cabeça até que meus lábios roçam sua bochecha, respirando o mesmo pequeno espaço de ar.

—Eu sei que sou difícil de compreender. Mas quero que faça amor comigo.... Por favor, não me faça implorar.

Austin fixa seu olhar no meu e rola em cima de mim, com seus braços segurando minha cabeça sobre o travesseiro.

—Pix, o que sinto por você é malditamente assustador. Pensei que fosse bonita desde a primeira vez que te vi de pé no estádio vazio como um duende escuro perdido em um sonho estranho. Mas então o que sentia por você rapidamente foi para a merda. Fiquei preocupado durante semanas que destruiria a minha família, pela forma como meus irmãos ganham dinheiro.

Respira profundamente, e as chamas do fogo se refletem em seus olhos.

—E você me destruiu Pix, mas nunca como eu pensava. Você destruiu o muro que construí para manter às pessoas fora. Destruiu o caráter difícil que usava como um escudo. Mas ainda mais que isso, destruiu qualquer reticência que tinha para encontrar conforto em outra pessoa. Destroçou-me, Pix. Você, meu pequeno duende escuro, fez que todas minhas defesas se desmoronassem fazendo-as pedacinhos.

Os lábios de Austin bateram contra os meus e o segurou fortemente contra minha boca, nossa necessidade quase atingindo a febre. Mas Austin se afasta, com o rosto completamente sério, e termina:

—Tenho algo que quero te dizer, Pix. Duas palavras que quase saem de meu peito. Duas palavras que nunca disse a ninguém antes. Mas até que eu saiba que tenho você totalmente e você me tem, sem segredos, sem barreiras em nosso caminho, não vou dize-las em voz alta. Mas quero que saiba que você está em meu coração de todos as maneiras.

Meu peito está cheio, tão repleto de emoção por sua honestidade e me esforço por pensar nas duas palavras que queria dizer. É amor? Ele me ama? Eu o amo? Posso amá-lo? Ou será que estamos ambos muito destruídos para alguma vez ser bom para o outro?

A mão de Austin começa a acariciar o interior de minha coxa, disparando calafrios em meu centro, e todo o ar escapa de meus pulmões quanto mais se aproximava do topo de minhas coxas.

Austin suspira tremulamente e comenta:

—Então me diga o quão longe você quer ir agora. Porque eu quero tudo de você. A decisão é sua, Pix. É sobre você.

Vejo Austin baixar o olhar para observar sua mão em minha coxa pálida e posso ver a paixão em seus olhos, ver a divisão sutil de seus lábios quando vê minhas pernas nuas. Me choca perceber que ele não parece me rejeita. Na verdade, foi justamente o oposto. Estava ruborizado, aceso e.... desejava-me.

Era quase impossível para mim compreender.

—Austin — Sussurro e ele afasta o olhar do meu corpo para me olhar nos olhos. — Leve-me. Leve-me toda.

Um lento sorriso aliviado se espalha no rosto de Austin e imediatamente sobe acima de mim, pressionando um beijo em meus lábios. Colocando os dedos no interior de minhas calcinhas, começou a abaixar por minhas pernas até que fico completamente exposta a seus olhos.

Lançando minha calcinha no chão atrás dele, Austin me beija na boca, com doces beijos suaves e de repente sinto seus dedos deslizar suavemente ao longo de minhas dobras.

—Austin... ah... — Sussurro e começo a mover meus quadris em seu toque. Nunca fui tocada lá antes, mas eu gosto do que Austin estava me dando. Caindo irremediavelmente sob seu feitiço.

—Está tão pronta, Pix — Assegura Austin quando um de seus dedos desliza dentro de mim, meus olhos se abrem em choque.

—Silêncio, Pix. Só estou te preparando. Vai doer no começo, mas eu prometo que vou fazer você se sentir bem. Prometo que vai gozar.

—O que... o que acontece com você? — Eu pergunto. Então, de repente, grito, quando a mão de Austin tocou algo sensível dentro de mim... algo que me fez sentir bem... muito bem para descrever.

—Vou fazer isso direito, Pix. É tudo sobre você está noite.

Levantando as mãos, agarro o cabelo de Austin.

—Eu preciso de você. Preciso agora. Eu mal posso suportar isso.

O peito de Austin sobe e desce, afastando os dedos de dentro de mim, fica de pé e se dirige a um conjunto gavetas no outro extremo da sala. Observo suas costas do meu lugar no travesseiro enquanto abre a gaveta superiora e retira uma camisinha.

Austin se virou para mim envergonhado e encolhe os ombros.

—Romeo costumava usar este lugar muito antes do Moll.

Tentando respirar através dos nervos, a emoção, e a vista da absoluta arte viva que estava a ponto de tomar minha virgindade, sorrio. Austin é perfeição pura, perfeição artística. Tudo o que via

quando olhava a si mesmo era um ex membro de gangue, alguém sem nada para oferecer. Mas alguém sem nada para oferecer, não teria trazido para alguém como eu a este lugar desconhecido de aceitação. Alguém com nada mais a oferecer não estaria jogando em um dos melhores programas de futebol do país e sem dúvida não seria tão criativo para mostrar uma bela colagem de arte, das coisas que eram claramente importantes para sua alma.

Austin Carrillo era um menino pobre de um parque de trailers com um coração de ouro puro.

—Você está pronta, Pix? — Pergunta Austin e assento lentamente.

Colocando a camisinha dourada em sua boca, Austin começa a puxar para baixo o cós de seu jeans, revelando totalmente seus boxers pretos.

O calor espalha por todo meu corpo enquanto admiro sua forma atlética e perfeitamente musculosa, com o cabelo ainda ligeiramente alvoroçado de quando eu corri meus dedos e a grande protuberância debaixo de seus boxers.

Engolindo em seco, Austin coloca os dedos na borda de suas boxers e pouco a pouco começa a puxá-las para baixo também.

Não posso tirar meus olhos enquanto se revelava para mim e percebo que está nervoso quando me olhe timidamente através de seus cílios impossivelmente longos de ébano.

Austin começa a aproximar-se de mim e observo uma tatuagem no comprimento de sua coxa de duas mãos juntas em oração, um rosário delicado caindo dos dedos entrelaçados. Estava mais nervosa que nunca.

Ajoelhado no chão aos meus pés, sustentando a camisinha agora em sua mão, Austin começa a arrastar-se sobre meu corpo, seu rosto tenso com necessidade se encontra com o meu. O lado de seu lábio inferior se sobressai enquanto seus olhos se escurecem de prazer.

Afastando uma mecha de cabelo de meu rosto, vejo que minha mão treme. Mesmo a de Austin, capturando-a na sua, a leva aos lábios.

—Está pronta, Pix? — Pergunta com uma voz tensa e sinto o toque de sua longa ereção contra minha coxa nua.

Assentindo com a cabeça, incapaz de falar, Austin fica de joelhos, rasgando o pacote da camisinha com os dentes e embainhando-se com o látex.

Tomando cada uma de minhas mãos, entrelaça seus dedos com meus e os leva por cima de minha cabeça, ajustando suas fortes coxas entre as minhas.

Austin me olha nos olhos enquanto se posiciona em minha entrada e meu coração bate em meu peito como um tambor. Com um suave beijo em meus lábios, empurra para frente, com os dedos

apertando os meus, seus lábios movendo-se mais rápido, quase como se para me distrair da corrida repentina de plenitude.

Então, ele para, respirando levemente contra minha boca, sem dizer uma palavra. Liberando seus dedos, rodeia com seus braços minha cabeça, os cotovelos no tapete, quase como se me estivesse me protegendo do que estava por vir.

Rangendo os dentes, empurra para frente e estremeço quando uma dor aguda percorre minha metade inferior. Austin fica imóvel quando me preenche por completo e me concentro na rápida batida de seu coração contra meus seios nus, sua pesada respiração em meu ouvido e minhas pernas tensas começam a relaxar.

A mão direita de Austin flutua ao meu lado até que se apodera de minha coxa, enganchando-a sobre seu braço dobrado. Com a cabeça ainda escondida no espaço entre meu pescoço e o ombro, começa a balançar para frente a um ritmo lento e constante.

Logo a dor parece desvanecer—se e quando Austin toma velocidade, um novo tipo de pressão percorre minhas costas. Agarro-me à pele úmida das costas de Austin só para me ancorar ao me levantar do chão.

Pequenos gemidos começam a cair dos meus lábios e Austin geme em resposta.

À medida que minhas unhas se cavam nas costas de Austin, ele levanta a cabeça, seu cabelo, para frente, caindo em sua testa

de uma maneira adorável e seus olhos se dilatam enquanto olha para os meus.

—Austin... — Murmuro arqueando as costas quando uma sensação muito feroz percorre meu corpo.

Um grunhido baixo ecoa no peito de Austin e empurra seu quadril mais forte e mais rápido, até que meus lábios se abrem e uma sensação indescritível possui meu corpo, apoderando-se de qualquer aparência de pensamento racional da minha mente.

Eu quebro em pedaços minúsculos.

Eu sou celeste.

Luto para me segurar a Austin e encontro com seus olhos escuros fortemente fechados e sua boca aberta. Quando seu corpo fica imóvel, seus músculos tensos e um silvo baixo desliza entre seus lábios carnudos.

Com os braços trêmulos, Austin cai em cima de mim, com as mãos ainda em meus lados e nossos corpos escorregadios pelo suor. Revirando meus olhos para o norte, posso ver a lua cheia brilhando no meio do claro painel da claraboia, e posso uma vez mais distinguir os sons da lenha rangendo quando minha cabeça começa a limpar.

Momentos depois, Austin levanta a cabeça e me olha fixamente durante o que parece uma eternidade. Com os olhos brilhantes, pergunta em voz baixa:

—Por que a pintura de guerra, Pix? —Seu polegar percorre minha bochecha e foi então que percebo que estou chorando.

Olhando a distância, eu me sinto como se estivesse falando diretamente com a parte mais profunda de minha alma, eu lhe asseguro:

—Porque eu quero ser outra pessoa. Alguém que não sou.

Austin estremece como se o tivesse ferido, e responde:

—Essa não é a única razão. Ainda está me escondendo quem você é. Há alguma outra razão. Algo maior.

Meu coração palpita. Eu quero dizer a verdadeira razão, mas não posso. Não poderia sequer admitir isso para mim mesma ainda. Assim simplesmente calo.

—Mas é a única que te posso dar neste momento.

Austin se inclina e deposita um beijo em meus lábios, e eu recuo para perguntar:

—Por que todas as tatuagens?

A mandíbula de Austin se aperta e limpa a garganta, olhando para longe no fogo pelo que parece uma eternidade. Com um suspiro, finalmente comenta:

—As pessoas pensavam que era uma máfia italiana. Depois de tentar tão forte durante tanto tempo fazê-los pensar de forma

diferente, achei melhor viver de acordo com suas expectativas e parecer realmente uma máfia italiana também.

Entrecerro os olhos enquanto meu estômago cai, e sussurro:

—Essa não é a toda a razão também. Ainda está se escondendo de mim também.

Austin suspira e acaricia seu rosto contra o meu.

—Mas é a única que posso te dar neste momento.

Sopro uma pequena risada em nossas respostas evasivas de propósito e me pergunto se algum dia chegaremos a um lugar onde todos nossos segredos são colocados sobre a mesa. Mas rapidamente os afasto, tentando aceitar a seriedade do momento, aqui e agora.

Envolvendo meus braços ao redor de sua cabeça, beijo seu cabelo e lhe digo:

—Obrigado, Austin. Obrigado por me fazer sentir tão especial.

As lágrimas correm livremente pelo meu rosto neste momento e Austin olha para cima, com o rosto cheio de admiração.

—Não, eu agradeço a você, Pix. Obrigado por ser tão especial por querer estar com um maldito desastre como eu. Não tenho nem ideia de por que trouxeram você para minha vida, mas agradeço a Deus todos os dias.

Vinte minutos mais tarde, enrolados em uma manta fina e em frente de um fogo vivo, um cara e uma garota desastrosos dormem sob as estrelas, sustentando-se mutuamente entre seus braços... e pela primeira vez em suas vidas turbulentas, sentem-se totalmente expostos e completamente compreendidos.

Capítulo 19

Austin

O movimento hipnotizante do hálito quente de Lexi contra meu pescoço quase me faz dormir novamente quando eu acordo de madrugada, com o chilrear dos pássaros fora das paredes da casa de verão, indicando que a manhã chegou.

Aperto meus olhos para liberá-los do sono, viro instintivamente mais perto de Pix e passa uma brisa fria sob uma curta lacuna na manta fina.

Virando a cabeça para trás de mim, percebo que o fogo que tinha estado crepitando a noite anterior se reduziu a cinzas e uma fina geada se arrasta na claraboia de vidro, seu padrão pesado quase como um caleidoscópio quando os fortes raios do sol se refletiam no painel.

Enquanto sigo o padrão nebuloso de um raio de sol, ele levou-me diretamente ao rosto de satisfação do Pix escondida em meu lado e tudo o que posso fazer era olhá-la fixamente.

É fodidamente linda.

Seu rosto estava livre de maquiagem e seus pequenos braços estão em volta do meu estômago, sua pele pálida contrasta completamente com o tom escuro de meus abdominais tatuados. No entanto, meus braços não estão em torno dela. É como se mesmo dormido, minha mente sabe respeitar seus limites. As alças do vestido do Pix estavam firmemente em seu lugar, com seu peito já não exposto, e meu coração se afunda quando me dou conta de que deve ter sido coberto durante a noite. Odiava que valorasse tão pouco a si mesmo. Que tivesse se atormentado por inseguranças a primeira vez que fizemos o amor, a primeira vez que fez amor. Que não se sentisse confortável o suficiente comigo para despir seu corpo completamente.

Um suspiro repentino se escapa dos lábios de Pix e agarro seus braços com as mãos, aproximando-a do meu peito, só inalando seu doce aroma. Sabia que não podíamos ficar aqui o dia todo. Tinha treino. Inferno, e ela também. O Campeonato da SEC contra os Gators da Florida na Geórgia estava próximo, mas só queria abraça-la assim por mais algum tempo, antes de que ambos irmos lidar com a merda que nos espera do outro lado da porta.

Mas uma coisa era certa: me sinto diferente. Mudado de alguma forma... Até mesmo mais digno.

—Austin?

A voz tranquila de Lexi me fez olhar para baixo, seus olhos sonolentos estão fixos em meus. Não precisava ser um maldito detetive para ver o medo da rejeição brilhando no fundo deles.

—Bom dia, Pix — Digo, sorrindo e pressionando um beijo em sua testa.

—Bom dia. — Responde ela e passa sua bochecha sobre meu peito nu.

Casualmente correndo meu dedo para baixo em seu braço, pergunto-lhe:

—Como se sente?

Levantando sua cabeça, um rubor rosa tímido se espalhou em seu rosto.

—Sinto... tantas coisas, feliz, abençoada, valente e até mesmo ...adorada.

Sorrindo amplamente, apanho sua rápida inalação e segurando seu rosto, atraio seus lábios para encontrar com os meus. Quando tomei totalmente sua boca, possessivamente, obsessivamente, murmuro:

—Bem, Pix. Isso é em realidade fodidamente boa.

Apoiando sua cabeça em meu ombro, ela suspira. Sei que é porque era hora de ir. Para sair deste pequeno vazio livre de estresse.

—Está pronta para irmos embora?

Lexi assente e pouco a pouco se senta, esticando seus braços, com suas costas de frente para mim. Sob o fino tecido de seu vestido, posso ver sua pequena silhueta e minha respiração se perde imediatamente, uma enorme onda de medo assume a função dos meus músculos.

As Costelas. Muitas costelas de Lexi se mostram, aparecendo através de sua pele de uma forma pouco saudável e sua coluna se projeta em uma protuberância quase irreal.

Como se sentisse meu olhar preocupado, Lexi vira a cabeça de repente para me olhar no rosto e imediatamente se levanta. Sento-me em resposta, vendo seus olhos ampliar-se com enorme pânico.

—Pix — Sussurro e temo a resposta a minha pergunta seguinte. — Não está comendo, não é? — Limpando minha garganta, adiciono: — Como sei que não está morrendo de fome outra vez? Porque você parece realmente magra. Sempre usa este tipo de roupa solta, assim nunca percebi, mas...

Sinais sutis de ansiedade aparecem no rosto de Lexi: suas narinas estão dilatadas enquanto ofega, seus lábios tremem e seu peito está levantando-se com um movimento pesado.

—Estou bem — Espeta Lexi e se cobre com seus braços. — Só estou estressada.

Assento com cautela e lentamente fico de frente para ela. Percebo que suas mãos tremem enquanto me aproximo, estendo-me tomo seu rosto entre minhas mãos. Ela se recusa a me olhar, com os olhos plantados firmemente n o chão.

—Pix.

Lexi fecha seus olhos com força por um momento e, em seguida, fixa sua atenção em mim, esperando para ouvir o que tenho a dizer. Isso significa um monte de merda, mas ao ver o medo em seu rosto já que ia reclamar sobre seus assuntos, eu me forço a reestruturar meus pensamentos.

—Pode me dizer qualquer coisa, você sabe. — Asseguro-lhe em voz baixa, com carinho.

Os olhos de Lexi brilham e depois do feitiço, assente ligeiramente em minhas mãos, mas as palavras não saem de sua boca. Meus dentes se apertam em resposta, mas finjo estar tudo bem.

Colocando um beijo duro em sua boca, afasto-me e digo:

—Preciso ver você está noite. Todas as noites a partir de agora, aqui. Você concorda?

A apreensão tensa é filtrada através do corpo de Lexi e me olhe com olhos tímidos, declara:

—Sim.

Sorrindo com forme ela é bonita para caralho, envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, aproximando-a.

—Vamos levar isso com calma, Pix. Só você e eu.

—É... É estranho, Austin. Ainda estou tentando processar tudo isso. Como chegamos até aqui. Mesmo tentando encontrar uma maneira de ter você em minha vida sem enlouquecer.

—Assim como eu, Pix. — Me afasto para trás e a sustento: — Não é fodidamente assunto de ninguém, apenas nosso, você sabe.

—E os nossos amigos?

Eu dou de ombros.

—Não é seguro dizer a ninguém ainda. Não até que todo o assunto com os Heighters acalmar. Até então, só pensaremos sobre a maneira de estar juntos, porque não vou te perder agora. Não depois disto...

Um riso feliz escapa da boca de Lexi e exclamo:

—Agora ambos precisamos chegar ao treino, ainda estou realmente nu e preciso pôr minha roupa ou me arriscar a ser detido por exposição indecente. O reitor adoraria isso, drogas e nudez!

Soprando uma gargalhada, Lexi retrocede, em seguida, levanta sua mão na minha bochecha, seu sorriso é hesitante.

—Obrigado, Austin.

Eu sabia que era por não pressionar com o assunto da comida. Mas vou manter um olho nela bem de perto; isso é certo. Ela não vai voltar a cair nesse desagradável buraco de escuridão enquanto eu estiver por perto.

—Se adiante. É cedo o bastante ainda, acho ninguém vai vê-la ir para casa. Sem grandes exposiçoes.

Lexi assente e, recolhe sua bolsa, sai pela porta com um último olhar de preocupação para trás. Assim que a porta se fecha, suspiro. Tudo o que podia ver são suas costelas. Suas proeminentes costelas e coluna.

Merda! Sou eu que a faz estressada? Será que toda a merda dos Heighter está levando-a até o limite, causando que perca peso?

Assegurando-me que o fogo estava completamente apagado, me visto e limpo as almofadas e mantas do chão em tempo recorde. Enquanto estou guardando a caixa de fósforos, eu paro. Não conseguia me lembrar da última vez que me senti assim tão bem. Eu, Austin Carillo, sentia-me realmente bem.

Tão malditamente bem que encontrei a garota que tocou meu coração e à alma...

Mas por alguma estranha razão, não podia evitar a sensação de que tudo estava a ponto de ir para a merda.

Não demorou muito tempo para deixar cair meu sorriso recém descoberto.

Capítulo 20

Austin

Axel: No estacionamento. Eu preciso de você AGORA.

Olho meu celular assim que saio da ducha e todo o sangue se drena imediatamente de meu rosto. Axel me enviou mensagens de texto e tinha deixado cerca de dezesseis chamadas perdidas, enquanto estava no treino.

Um pensamento atingiu minha mente: Mamma.

—Você está bem, cara? — Pergunta Jimmy—Dom enquanto permaneço congelado no meio do vestiário, olhando meu IPhone. Seu rosto redondo mostra preocupação e respondo automaticamente. Estava contente que Romeo não estivesse aqui para ver esta merda. Com um olhar saberia que algo estava acontecendo.

Coloco minha calça, uma camisa e começo a correr para fora do Bryant-Denny[14] diretamente para o estacionamento. Vejo a caminhonete de Axel em questão de segundos, mas logo fica obvio que ele me viu, porque começa a fazer gestos para mim, abrindo a porta do lado do passageiro.

—Entra! — Ele ordena enquanto vejo a polícia do campus dirigir-se para nós em seu carro, o reitor está sentado na frente e no centro.

—Merda!

Salto para dentro, Axel pisa fundo no acelerador e, como um corredor da rua, queima os pneus sai voado para fora da universidade em direção à estrada para o Westside Heights.

Olhando meu irmão, meu pulso se acelera quando vejo a seriedade de seu rosto.

—Que porra e essa, Axe? Me fale!

As mãos do Axel apertam o volante e seus dentes chiam.

—É melhor que veja com seus próprios olhos.

Inclinando-me para frente, percebo que a bochecha de Axel estava aberta, um trabalho de merda de costura mantém a pele junta. Seu olho esquerdo está negro, o branco de seus olhos completamente vermelhos com os vasos estourados, e seus nódulos estavam raspados de brigar.

[14] Bryant-Denny Stadium. Estádio do Alabama Crimson Tide football na Universidade do Alabama.

Meus olhos se arregalam por seu estado... O que?

A porra do tiroteio.

Deixando-me cair para trás em meu lugar, quase engasgo com a raiva obstruindo minha garganta. Levantando o pé, uso essa raiva para dar um chute subto, Axel vira a cabeça para mim em estado de choque.

—Que porra é essa, muleque? — Grita Axel, e volto para meu lugar para enfrenta-lo de frente.

—Que porra é essa? Estou puto; isso sim! Você, estúpido filho de puta, foi perseguir ontem os Kings à noite , não é isso? Não podia deixar o assunto em paz! Mesmo depois de tudo... — Aspiro um longo suspiro, tentando me acalmar e lhe lembro: — Você prometeu! Disse que ficaria com a Mamma e Lev, não teria que voltar. Tinha que protegê-los!

Os olhos do Axel se estreitam e seu pé pressiona mais forte sobre o acelerador, empurrando para frente até que fomos quase voando pela estrada.

—Eu os protegi! Mas enquanto estava fodendo com a sua putinha, eu tive que cuidar de um assunto urgente, como sempre!

—Tiroteios não são assuntos urgentes, Axe!

—São, se tem a palavra do King de que estão preparados para ir aos Heights e terminar o que começaram.

Uma dor atravessa meu peito e fico imóvel.

—Cristo! — Eu gripo e me viro para meu irmão. — Alguma vez já pensou no que Mamma passará se morrer antes que ela? Deve estar tranquila em seus últimos meses, não estressada como o inferno.

—Cara, esse era um assunto urgente. Acha que os Kings não teriam apontado para o nosso trailer? Eles querem nos matar a mim e ao Lev. Temos que ganhar esta guerra pelo bem de todos. Sem esse território, os Heighters perdem dinheiro. Sem esse dinheiro, Mamma não recebe sua medicação...

Axel golpeia sua mão contra o volante e ruge:

—Por que eu preciso te explicar esta merda? Você sabe como funciona e não se importa quando não está sendo um babaca certinho!

—Vá a merda! — Respondo, meus punhos cerrados. Axel capta o movimento e ri sem humor.

—Contenha essa raiva, rapaz. Você vai sentir muito mais em cerca de vinte minutos.

Incapaz de falar através da névoa vermelha diante de meus olhos, nem sequer me incomodo em perguntar que porra quer dizer. Assim, sentado em meu lugar, olho pela janela e vejo o resto do mundo passar, realmente desejando ser outra pessoa.

—Vamos lá, superstar. — Ordena Axel quando chegamos em frente ao nosso trailer.

Um monte de Heighters estavam fora, sentados em cadeiras, com armas nas suas mãos e me faz querer vomitar.

Saindo da caminhonete, não demorou muito tempo para entrar no velho trailer, imediatamente congelo na porta. Toalhas gotejando sangue estão empilhados na pia. O forte odor de álcool quase me faz vomitar e rapidamente me dirijo ao quarto de mama.

Assim que entro em seu quarto, os olhos de mama se fixam nos meus, mas sua cabeça não se move. Ela não podia se mover.

Porra, ela parecia terrível.

Com meu olhar percorro por todo seu corpo procurando, mas não há sangue eu que possa ver. Correndo para o seu lado, levanto a sua fraca mão e quase retrocedo, por como são frágeis. Foi apenas uma noite desde que a vi pela última vez, mas parece que poderiam ter sido meses.

É por isso que Axel me trouxe aqui? Para dizer adeus?

—Mamma, stai bene? — Pergunto em voz baixa me sentindo quase doente dos nervos.

Seus olhos marrons transbordam de lágrimas e respira superficialmente, só, como um maldito apito em seu peito.

—Mamma, diga-me. — Pressiono, lutando contra as emoções.

Mamma fecha os olhos e tenta se acalmar. Vejo-a engolir, a simples ação que todos damos por concedido, é uma tarefa tão monumental como seria subir o monte Everest.

Balançando a cabeça, tento encorajá-la a tentar falar.

—O levaram... ontem à noite... muito ferido...

Com o cenho franzido, tento entender o que estava dizendo através de sua voz entrecortada. Mas estou confuso. Ela está falando bobagens.

—Ele saiu mal... Eu não posso... não posso... —Um grito torturado sai da garganta da Mamma, seu corpo começa a tremer, mas para ela, eram mais como espasmos, enquanto tentava mover-se da cama. Somente os dedos se movem. Podia ver a dor em seu rosto, o estresse enquanto tentava levantar seus membros e soluça enquanto seu cérebro não se conecta a seus nervos. Choraminga tão forte quando finalmente se deixa cair de novo sobre o colchão, um pesado suor a cobre, cansando o corpo magro.

Agora eu estava chorando também. As lágrimas estavam em silêncio, mas me rompe ver minha mãe incapaz de mover-se apenas

um centímetro. Me destrói quanto tempo leva apenas para levantar os dedos.

—Não gosto disso meu caro... Quero me mover... não posso... não posso... — Ela para, soluçando de novo. Tomando-a em meus braços, pesando não mais do que uma pena, aproximo-a de meu peito e a consolo como uma criança.

—Silêncio, Mamma, está bem, está bem. Não chore. Seja forte. — Murmuro.

—Mas eu... não sou forte... dói... em problemas... estou presa... não sou livre.

Enquanto tento engolir o nó em minha garganta de seus incessantes murmúrios, minha mãe desliza sua mão sobre a minha e murmura com seu forte sotaque:

—Estou preparada... quero ir para Deus agora... mas não posso... Meus filhos... isso não é bom... eu me preocupo... vocês não estão... em um bom lugar...

Uma dor absolutamente dilaceradora roda através de meu coração com suas palavras. Não quero que ela morra, mas não podia suportar vê-la assim... tão quebrada... tão fraca... tão confusa, mas ainda pensando em nós.

—Prometo fazer tudo melhor, mama. — Eu asseguro a ela.

—Ele precisa ir... te peço...

—Quem, mama? — Pergunto, minhas sobrancelhas se apertaram enquanto tento entender o que estava dizendo.

Mamma lutava por manter os olhos abertos, muito cansada de tanto chorar, de lutar.... Preocupada, e em questão de segundos, sua dura respiração se calma.

Assegurando-me que está confortável, separo-me da cama, só para ver Axel na porta, segurando um rosário, com seus dedos movendo-se ao longo de cada conta, com a boca proferindo uma oração.

Sem dizer uma palavra, ele mudou-se para o armário da Mamma e tira uma espécie de engenhoca em formato de máscara . Anda para onde mamãe dorme e rapidamente a fixa em seu rosto. Todo o tempo, observo-o em silêncio.

Com o simples acionamento de um botão, um estrondo baixo soa e o oxigênio começa a derramar através da boca e nariz da Mamma.

Depois de beijar a mão sem vida de mamãe, Axel me olhe no rosto.

—Sua máscara chegou hoje para ajudar a seus fracos pulmões. Não está respirando agora. — Fala frouxo. — Eu gastei outro par de milhares para comprar essa máscara. Não temos muito agora, nem sequer para comer, cara.

Inclinando a cabeça para trás até o teto, pergunto-lhe:

—De onde diabos saiu tudo esse sangue? E por que está em tal estado, falando sobre querer morrer e essa merda? Que demônios aconteceu?

Axel move seu polegar para o quarto do Levi e imediatamente desce o olhar. Havia tristeza lá, mas uma carga total de culpa também.

Meu estômago fica tenso com medo.

—Porra, Axe, o que você fez? — Eu pergunto, mas eu não quero uma resposta e vou até o pequeno quarto de Levi, quase estilhaçando a porta contra a parede enquanto a abro de um empurrão.

—Lev! — Gritei e voei para o seu lado.

Ali, em sua estreita cama, está Levi. Um pálido menino de quatorze anos, golpeado e ferido. Tem os olhos inchados, quase fechados e com manchas de sangue seco, seu cabelo loiro emaranhado pelo suor e lama. Mas o que mais me chama a atenção é uma grande atadura que atravessa de seu estômago. Uma grande bandagem filtrando sangue.

Porra. Ele tinha sido esfaqueado.

—Lev. — Chamo, caindo de joelhos, agarro sua mão. Levi geme de dor em seu sono e tenta se mover, mas sua respiração se calma assim que ele volta a dormir.

—Precisávamos de pessoas ontem à noite para o confronto. Sabíamos que se não agíssemos primeiro, seríamos alvos fáceis. Depois que você levou a sua cadela para casa, decidimos tomar dois carros. Atacar os bastardos. Lev era necessário, cara. Você sabe o resultado. Cada 9mm ajuda.

Minha mandíbula se aperta e meus dentes também eu até podeia jurar que ia quebra-los. Não poderia dizer porra nenhuma em resposta com medo de perder o controle e terminar atacando a minha própria carne e sangue.

—Quando chegamos ao território dos Kings, os bastardos estavam esperando. Bem, seis deles o faziam; fomos apenas cinco. Era uma armadilha. Informações falsas. Assim que nos viram, começaram a atirar contra aos pneus do carro como o inferno até que rodamos para o lado da estrada, onde arrastamos aos meninos para a rua. Lev estava nesse carro com o Alberto, então Barton, o líder dos Kings, tirou sua faca. Não cheguei lá rápido o suficientemente, cortou o estômago de Lev enquanto os outros meninos estavam sobre ele com murros e chutes.

Axel dá um longo suspiro.

—Coloquei-o no carro o mais rápido que pude e saí de lá. Consegui que fosse para a sala de emergências. Ele foi cuidado e corri de lá antes de que chamassem à polícia. Mamma usou o último dinheiro médico para conseguir que o costurassem.

—E quem costurou esse show de merda em seu rosto? — Perguntei.

—Consegui que o velho Brown do trailer vinte e um o fizesse. Eu dei algumas quantas pedras de crack como pagamento.

Eu olho para minha mão na de Levi e imagino Pix aqui, acalmando-o, cuidando dele, enquanto minha mãe desejava estar morta no quarto ao lado por ser incapaz de lhe oferecer seu afeto.

—Axe, está me tomando toda minha porra de força de vontade para não cortar sua garganta agora, por arrastá-lo por aí com você. Mas é óbvio que você se preocupa com alguma coisa ou você não o teria levado a sala de emergência.

Em vez de ficar com raiva, Axel baixa a cabeça e assente. Era estranho ver meu irmão de vinte e cinco anos ferido dessa maneira. Era a primeira vez, em toda esta maldita confusão que chamamos vida, que o vi com uma rachadura em sua grossa armadura.

—Axe eu vou continuar a repetir ele precisa sair de uma porra de vez! Tem quatorze anos. Quatorze, e do jeito que está, a forma em que esta guerra pelo território continua, não vai viver para ver o próximo ano. Ele é talentoso, tem muito o que oferecer ao mundo. Está sendo vendido por pouco para nós. Estamos arruinando toda sua vida de merda!

Axe anda para frente, com os olhos escuros brilhando enquanto olha nosso irmão mais novo na cama, e põe sua mão em meu ombro.

—Serei honesto com você, cara. Mamma não vai nos ver nos próximos meses. Não ia lhe dizer isso, no entanto, isso permitirá que se concentre nos jogos do campeonato pela primeira vez. Mas baixou a oito semanas, doze semanas na melhor das hipóteses. Seu sistema respiratório está se fechando, e logo não poderá respirar mais. Isto é sério, cara. Isto é o caminho para o fim.

—Então por que você está me diz isso agora? — Eu pergunto, mas eu sei. Sei o que está por vir. O que temos que fazer.

Axel se ajoelha ao meu lado na cama enquanto olhamos a nosso irmão mais novo como dois anjos escuros cansados nos abatendo sobre nossa carga.

—Sabe o que tem que fazer, cara. Somente durante os próximos meses. Então poderemos calcular a merda.

—Cristo. Axe! — Grito e sob a cabeça derrotado. — Eu jurei que nunca ia voltar para os Heighters. Fodidamente não quero voltar! Tenho muito a perder.

Axel passa a sua mão sobre minha cabeça.

—Eu sei, filho. Mas às vezes a vida e enrolada desta maneira e você deve fazer o que tem que fazer por sua família.

Meu estômago aperta com a vida injusta e fodida.

—E Pix? Que porra se supõe que vou fazer respeito de Pix? Eu a amo, Axel. Tanto que é uma loucura e precisa de mim. Não tem

ideia do quanto. Não posso ser vinculado a toda esta merda e cuidar dela também. Não posso coloca-la nesse tipo de perigo.

O rosto do Axel congela, mas quando olho para seus olhos, perdem um pouco de seu veneno.

—Só vou dizer as coisas como são. Essa cadela não foi feita para esta vida. Nunca entenderá o que terá que fazer pela famiglia, pela equipe.

—Não posso deixa-la, Axe. Não vou fazer isso!

—Então me deixe te perguntar isto. Você vai estar bem, quando os Kings descobrirem quem é ela para você e a tomarem como isca? Que usem ela até chegar a você? Você está indo para colocá-la entre os problemas de tiroteios e seus trabalhos nas ruas? Vai deixar que seja o novo alvo de Gio? Porque ele vai travar a ameaça de lhe fazer danos acima de sua cabeça.

Fecho os olhos e me sinto realmente acabado pela dor atravessando meu coração.

—Está me dizendo que termine as coisas com ela.

Axel balança a cabeça.

—Você não é da laia dela, cara. Deixa-a ir e não corra o risco de fazer dela um alvo. Basta ficar longe. Fique longe, porra. Capisci?

Penso no rosto de Pix e em como era bonita enquanto gozava dentro dela. Seu rosto enquanto confessava seu transtorno, seus medos. Então pensei no que será minha vida nos próximos meses, o perigo que seria, o perigo em que ela estaria. O estresse poderia fazer que deixe de comer de novo, porra, já estava provocando que perdesse peso, e não podia fazer isso. Não podia ser a causa de sua recaída. O que lhe esperava seria muito, muito pior. Tinha que protegê-la também.

Nunca enfrentaria o que tinha que revolver. Quão extremos podia ter que ir para a gangue.

Tudo isso tornou a decisão fácil. Tinha que protegê-la. Salvá-la desta vida. Tinha que me afastar... dá melhor coisa que tinha me acontecido.

Porra. Não tinha certeza de como iria fazê-lo. Mas tinha que tentar.

Virando para o Axel, assento.

—Capisco.

Fecho os olhos e vejo toda a merda da minha vida como um filme: minha Mamma chorando em meus braços, presa à cama e deprimida. Então, abrindo meus olhos, fico olhando para Levi na minha frente, espancado e ensanguentado, tudo cai em seu lugar. Enquanto tomo a decisão que sabia que iria mudar a minha vida, quase podia sentir a Stidda em minha bochecha ardente enquanto uma vez mais vendia minha alma para a causa dos Heighters.

Estava oficialmente de volta ao inferno.

Mas, pelo menos, Levi e Lexi estariam oficialmente fora.

Capítulo 21

Lexi

Jantar do Ganhador do Campeonato SEC (Conferência do Sul-Oeste)

Fazenda Prince

—Você está se sentindo bem, Molls? — Pergunto enquanto Molly se senta ao meu lado em nossa mesa no jantar, procurando por Romeo no meio da multidao, sua mão firme sobre seu ligeiramente saliente ventre. Ela parece muito feliz, embora este jantar está sendo realizado na casa dos pais do Romeo.

Romeo foi arrastado para longe para falar de futebol com alguns promotores universitários. Logo, cinco minutos depois, Austin foi também. Os Tide ganharam o campeonato da SEC na Geórgia e estamos nos dirigindo ao Campeonato Nacional na

Califórnia. Este jantar é para celebrar a vitória, mas eu não sinto vontade de fazer nada, especialmente celebrar neste momento.

Como você pode tentar ser feliz quando seu mundo caindo aos pedaços?

Me inclinando, e fazendo o papel da "Lexi feliz" de novo, esfrego minha mão sobre a de Molly e sorrio.

Molly suspira, Ally e Cass se inclinam para escutar.

—Simplesmente não posso esperar para que esta noite acabe. Romeo está apreensivo esperando que seus pais psicóticos digam algo, para nós. Mas pelo menos eles apenas me ignoram em vez de me atacar outra vez. — Os pais do Romeo não aprovavam Molly. Eles não sabiam que ela estava grávida. Eram poderosos e implacáveis. Se eles queriam que você fora, eles conseguiriam levá-lo a sair.

Cass estalou a língua e jogou seu cabelo para trás.

—Eu vou matar esses filhos de puta se ousarem. Eu juro, Molls. Você fica comigo!

Molly ri de Cass, mas Ally não faz parte da brincadeira. Como prima do Rome, ela sabe o que seus pais são capazes de fazer. Se seus olhos estão procurando algo para sair, ela não ia deixar o Molly fora de sua vista tampouco.

Toda o grupo agora sabe que ela está grávida, mas o que me surpreende foi a falta de interesse que Austin assumiu isso. Esteve

distraído. Apenas andei pelo campus com exceção do treinamento, e, o pior de tudo, não estava me observando... absolutamente.

Desde que fizemos amor, nunca estava aí, apenas me ligou, enviou-me uma mensagem, e não estivemos nem uma vez de volta na casa do verão, como tinha prometido.

Não posso entender o que eu fiz.

É porque ele está aborrecido com você, Lexington. Acreditava que uma vez que ele fodesse você não encontraria defeitos em todo seu corpo? Pensou que iria te querer outra vez quando você nem sequer podia tirar a roupa?

Com meu estômago rodando pelas palavras da voz, eu me levanto e decido ir dar uma caminhada. Molly agarra meu braço com preocupação.

—Está bem, Lex? Parece um pouco apática. Está me preocupando, querida.

Me inclinando, beijo a cabeça de Molly e dou uns tapinhas em sua barriga crescente.

—Estou bem. Só preciso de uma bebida e um pouco de ar fresco.

Molly volta a falar com o Cass e Ally, e eu me afasto para os jardins paisagísticos da grande plantação até que não há ninguém ao redor. Enquanto caminho para uma enorme fonte de água, os

sons de vozes baixas chamam minha atenção, e por curiosidade, sigo as vozes ao redor de uma longa fileira de altas cercas vivas.

Colocando minha cabeça pela esquina, meu coração afunda. Austin está parado contra a cerca viva com sua mão no bolso interior de seu terno preto, e está tirando pacotes... pacotes pequenos de plástico... cheios de pó branco.

Não.... Não.... Não...

—Obrigado, homem — Diz um estudante que não conheço quando toma o pacote e vai através de uma lacuna na cerca. Vejo como Austin começa a contar o dinheiro, põe em seu bolso, e se inclina contra uma estátua de pedra do jardim, passando suas mãos sobre o rosto.

Meus pés se estão movendo para ele antes de que eu perceba.

—Você está vendendo? — Eu sussurro, com a devastação em minha voz.

Austin vira sua cabeça em minha direção e se endireita, sua expressão muda de culpa a indiferença forçada.

—Pix, você precisa sair daqui... agora. — Austin é frio e um tanto agressivo. Como ele foi no pátio quando nos encontramos pela primeira vez a meses atrás.

Parada em meu lugar, cruzo meus braços sobre meu longo vestido preto e digo:

—Eu não vou! — Estendo minha mão e puxo a manga de seu terno. — Está vendendo drogas, não é? É por isso que não esteve perto.

Austin olhe a nosso redor e, agarrando meu braço, empurra-me para o lugar recortado na cerca. Estamos completamente escondidos da vista.

—Mantém sua maldita voz baixa, Pix! — Sussurra em voz alta, a raiva distorce seu rosto normalmente bonito.

Eu me afasto. Não reconhecia a pessoa diante de mim.

—Não se atreve falar assim comigo! — Digo em resposta, e vejo o brilho de culpa cruzar seu rosto. Me aproximando mais, inalando seu aroma de água de chuva, pergunto: — Há quanto tempo vem acontecendo isso? Por que não falou comigo sobre isso? Por que não falou comigo, e ponto?

— Caralho. Porque minha Mamma está morrendo, Pix! Ela está agora em suas últimas semanas de vida, e necessitamos do dinheiro para pagar por isso! Isto... — Ele toca o bolso do terno. — Isto é o que vai lhe dar a medicação e o cuidado que necessita para não morrer asfixiada com sua própria saliva, porque não temos um seguro para que possa ajuda-la. Você não consegue entender isso?

Meus olhos se enchem com lágrimas quando ele acrescenta:

—E o que realmente não preciso é merda de você a esse respeito! Não te chamei porque estou tentando te proteger. Estou tentando proteger todo mundo! Cristo!

—Austin... —Eu interrompo e passo minha mão por sua bochecha. Imediatamente fecha os olhos e encontra conforto em meu toque.

—Pix, por favor. Confie em mim. Estou tentando te proteger. Mesmo que você não vê.

Abro os olhos e pergunto:

—Você pensou sobre o futebol? O que está arriscando? — Quando Austin apenas olha sem expressão, realmente começo a sentir pânico. Não havia emoção, nem luta, nada, só dormência.

—Austin! O futebol!

Sussurra.

—Não poderia me importar menos sobre o futebol. Vou trazer o troféu do campeonato para os Tide, mas toda minha atenção está focada em minha Mamma e suas contas médicas agora, não na porra da NFL!

—Mas sua Mamma quer que vá bem no futebol, e Levi...

Austin olha para o meu rosto e põe suas mãos sobre meus ombros.

—Levi, agora, está deitado em sua cama, espancado muito gravemente porque teve que fazê-lo para escapar do tiroteio, porque escolhi te levar para casa. Meu irmão de quatorze anos foi esfaqueado, uma faca atravessou o estômago, porque escolhi ir com você em vez de cumprir meu dever com minha família e ficar com eles!

Eu sinto-me doente. Levi foi esfaqueado? E... E...

—Se arrepende de ter feito amor comigo. — Sussurro, e os olhos de Austin que estão olhando o caminho de tijolos saltam até meus.

Seu rosto se contrai, e de repente toma meu rosto em suas mãos.

—Pix, merda... não, não me arrependo de fazer amor contigo. Como eu poderia? Minha cabeça está apenas fodida. Tudo vai muito mal e não sei como lidar com essa porra. Estou tentando fazer o melhor para todos.

Eu não podia dizer nada. A voz em minha mente começa suas tortuosas brincadeiras. *Ele lamenta, Lexington. Ele simplesmente não pode te dizer isso em sua cara. Você sabe a verdade. Você dá nojo nele.*

—Pix! — Grita Austin, e meus olhos se fixam nos dele. Estou sem fôlego pelo pânico e começo a me sentir fraca.

Isso é porque com êxito estive comendo apenas quatrocentas calorias por dia, se exercitando sem parar. Estamos ganhando, Lexington. Este rapaz está te dissuadindo de seu sucesso. Se esqueça dele. Me escute. Estamos chegando à perfeição.

—Pix! Merda! Olhe para mim. Não vá lá. Nem sequer pense em ir lá agora! Não posso lidar com isso também! Estou tentando te manter a salvo. Por favor. Estou tentando afastar qualquer ameaça.

—Te odeio — Sussurro sabendo, ignorando suas palavras, com meus olhos cheios de lágrimas. —É por isso que me ignorou recentemente. Mesmo na partida do Campeonato da SEC esta semana, sequer olhou em minha direção.

—Não! Não, eu só estava tentando lidar com toda essa merda. O jogo foi televisionado e sabia que os Heighters estavam observando. Eu não queria que ninguém da gangue me visse com você. Não quero que seja um alvo para qualquer dos vendedores de merda, Lex!

—Carillo! Carillo, está aqui fora? — Diz uma voz baixa.

As mãos em meu rosto congelam em minhas bochechas, e os dentes de Austin se apertam juntos. Alguém está se aproximando.

Austin baixa sua boca em meu ouvido.

—Fique aqui. Estarei de volta em um segundo. — Retrocedo tão longe na cerca quanto posso.

Austin deixa nosso esconderijo e fica de costas para mim, me protegendo da vista.

—Carillo, estive te procurando. — Disse a mesma voz profunda.

—O que quer, Porter? — Perguntou Austin.

Este é Chris Porter? Será que é o receptor Chris Porter?

—Quero um pouco de coca. Ouvi no vinhedo que você é o cara.

—Escutou errado. — Diz Austin friamente e logo adiciona. — E para que você iria quer cocaína? Eles fazem teste antes do Campeonato Nacional e perde qualquer possibilidade de ser recrutado.

—Deixa de foder, Carillo. Eu não sou tão estúpido. Eu quero para a festa após o jogo.

—Você não vai faz isso, Porter.

Ouço o farfalhar de pés e mãos batendo no peito.

—Foda-se, Carillo! Porra!

Tudo fica em silêncio, e logo Austin reaparece. Enquanto observo à luz de uma lâmpada antiga, vejo o quão cansado ele parece, como está estressado. Sentindo uma entristecedora sensação de empatia por ele, movo-me para frente.

—Austin...

—Lexi. Isto, nós, tem que terminar. — Interrompe ele.

Sinto como se alguém batesse em minhas costas com um taco de beisebol e abrisse meu peito, arruinando meu coração.

Os olhos de Austin brilham e passa uma mão pelo cabelo.

—Eu não acredito que você saiba o quanto eu desejo que isto fosse diferente. Mas minha vida está fodida e sou muito novo na gangue para sair. Não pode estar com alguém como eu, Pix. Eu vou arruinar a porra de sua vida. Você pode deixar que isso aconteça, mas eu não. Não vou ser como meu pai, levando a minha garota através de uma vida de merda.

Fico olhando Austin, atordoada, e ele se vira para as sombras para limpar seus olhos. É estranho, mas eu não sinto... nada. Como se meu arruinado coração estivesse protegendo a si mesmo do último golpe esmagador, da rejeição de Austin. Como eu tivesse uma injeção de cocaína para entorpecer meus sentimentos.

Meus pés começam a mover-se de novo na direção de meus amigos e, no fundo de minha mente, sei que Austin está atrás me seguindo. Assim que vejo meus amigos, eu, automaticamente, coloco um sorriso falso em meu rosto, e assento e rio nos momentos adequados para as piadas que meus amigos estão dizendo. Também posso sentir o olhar pesado de Austin, mas não posso suportar olhá-lo.

Observo Rome voltando para a mesa, em busca do Molly, mas isso não me tira de meu estupor até que escuto:

—Rome! Rome! Socorro!

Alguns gritos femininos da casa são levados pela brisa do inverno, eu venho de volta à vida. As vozes sussurrando e pessoas correndo logo depois, e Austin, pegando de repente minha mão na sua, ele começa a correr pela casa, me arrastando detrás dele.

Quando nos aproximamos da entrada dos fundos, vejo às pessoas sussurrando e chorando, com as mãos sobre suas bocas.

Austin me olha e encolhe os ombros. Mas então vemos Cass, Jimmy—Dom, Ally, e Reece, todos pálidos e correndo em direção a casa. A única pessoa pela que alguém estaria alertando a Rome é... Molly!

Puxando a mão de Austin, começo a correr para as escadas dos fundos, Austin empurrando através da multidão para ver do que se tratava a comoção. Uma vez dentro, rodeamos a porta da biblioteca, onde meu coração salta a minha garganta.

Então tudo parece mover-se ao dobro de velocidade. Shelly Blair está de pé contra uma prateleira, com a mão sobre sua boca e chorando. Ally e Reece estão nos braços um do outro, Ally inconsolável chorando, e Jimmy—Dom estava segurando Cass enquanto ela se vira para algo no chão.

O chão.

—Não! — Escuto Austin sussurrar, e me abaixo através da multidão de jogadores dos Tide para ver o que está acontecendo.

Sangue. Um monte de sangue. E Molly. Molly nos braços de Rome enquanto a balança, chorando e gritando. Mas não posso ouvir o que ele está dizendo. Simplesmente não posso afastar os olhos do sangue.

O bebê... penso, e sinto Austin me envolver em seus braços, sem preocupar-se quem nos vissem assim. Sem preocupar-se com o fato de que acabava de me dizer, que terminamos. Mas ninguém sequer está olhando em nossa direção. A sala começa a girar, e sinto que eu não posso respirar. Por que tudo o que me importava estava sendo despedaçado e afastado de mim?

Era como um interruptor que se acende dentro de mim e a dormência retorna. Por que o mundo está cheio de tanta tristeza e dor?

Capítulo 22

Lexi

Querida Daisy,

Peso: 37.6 quilogramas

Ingestão de calorias: ~~400~~ 250

Eu gostaria que estivesse aqui. Senhor, como gostaria que estivesse aqui.

Os últimos dias foram tão difíceis, e sinto que estou perdendo contato com a realidade, em minha forma de comer... em tudo.

Molly perdeu a seu bebê. Uma de minhas melhores amigas quase morreu. E para piorar as coisas, ela nos deixou. Ela saiu sem dizer uma palavra. Sabemos que ela voltou para casa, para

Oxford, mas nem sequer nos disse adeus. Rome está angustiado. Todos nós estamos. E nós nem sequer sabemos se ela vai voltar.

E Austin... Austin está traficando drogas novamente com os Heighters. Realmente eu nunca o vejo, ele não me quer, e eu sinto como se meu coração estivesse quebrando, lenta e tortuosamente.

Eu não era suficiente para ele. Meu maior medo se tornou realidade.

Estou me afogando nele, Daisy. A voz é meu único consolo, e a cada dia que passa, entrego a ela ainda mais. Já não me sinto forte. Nem sequer posso olhar no espelho. Odeio a quem vejo tanto que quase quebro o espelho com meu punho para que não ter que enfrentar a gorda e feia monstruosidade que me olha de volta.

Corro quilômetros por dia, mas nunca é suficiente.

Minha ingestão de alimentos é quase inexistente, mas isso nunca é suficiente.

Eu estou caindo aos pedaços, Daisy.

Caindo aos pedaços completamente.

Eu sinto sua falta.

Por que teve que me deixar sozinha?

Uma lágrima caiu na página de meu diário enquanto assino, a tinta aquosa corre pelo papel. Viro minha cabeça para olhar para fora pela janela e suspiro. É inverno. O crepúsculo. E todas as estrelas estão brilhando. As férias de natal são oficialmente amanhã e estar em casa era tudo que queria.

Meus pais foram a contragosto para algo do trabalho de meu pai. Eles viajaram pelas próximas seis semanas, enquanto ele monta uma nova sala de oncologia móvel. Eles odeiam me deixar nas férias, mas pensam que vou ao Texas com Cass para natal.

Eu menti. Estaria sozinha na casa de meus pais. E isso é muito bom. Precisava ficar sozinha, longe das pessoas que possam me obrigar a comer.

É uma mistura estranha de felicidade e tristeza enquanto olho para o céu noturno. Austin sempre ficava olhando as estrelas. Falava sobre elas o tempo todo enquanto segurava minha mão, pressionando beijos em minha pele. Isso sempre me fez sentir amada.

Olho para minha mão e enrolo meu punho na lembrança. É quase como se pudesse sentir os dedos tatuados de Austin envolvidos em torno dos meus. Mas isso acabou agora. Terminamos; disso tinha certeza.

Desde a noite que fizemos amor, tínhamos sido estranhos virtuais. Eu era demais para que ele fizesse frente. Sempre soube que seria. Certamente toda sua vida é muito para que lhe faça frente. Um cara quebrado que leva o peso do mundo sobre seus ombros.

Nós dois estamos muito perdidos para estar um com o outro da forma que precisávamos estar. Duas estrelas cadentes que se queimaram muito rápido, sem alcançar completamente o céu do outro.

Sento-me junto a minha janela durante horas, vendo as escuras nuvens passar, antes da chuva começar a cair, salpicando contra o vidro e obscurecendo minha visão. A casa da irmandade está tranquila. Muito tranquila. A maioria das pessoas foram para casa para as festas. Estava aqui sozinha.

A sós com a voz.

Achando meu quarto muito abafado, eu decido sair para uma caminhada. Jogando meu casaco com capuz sobre a larga calça preta e a camisa Nightwish desgastada e de grande tamanho, caminho para fora da casa para onde meus pés queriam ir.

Com meu capuz para cima, surpreendo-me ao perceber onde estou: na casa do verão. Olhando em volta mim, tudo está tranquilo na casa da fraternidade, e testo a maçaneta. Está aberto.

Cautelosamente entro nervosa, saio da chuva, levanto a cabeça, e de repente me assusto de tão forte que o batimento de

meu coração que trovejou em meus ouvidos. Lá, diante da lareira aberta está Austin, as mãos espalmadas sobre a lareira e cabeça afundada, contemplando as chamas.

Os nervos me abordam enquanto o olho. Seus músculos são enormes debaixo de sua camisa e calças negras, seu cabelo escuro desordenado. E suas belas tatuagens estão orgulhosamente expostas. Ele é a perfeição, e a dor em meu estômago me lembra o quanto eu sentia falta dele... quanto tem crescido a minha necessidade. E ele arrancou essa necessidade.

Eu não me tinha percebido que ele estava aqui, na universidade. Pelo que pude ver, sempre estava com sua Mamma no parque do trailer. Mesmo no treino de futebol, fazia suas coisas e ia embora. Nunca olhava em minha direção, mas eu sempre estava olhando para ele. Observando de longe.

Abaixando a cabeça, começo a retroceder em direção a porta, quando meu pé pressiona sobre uma tábua solta, um forte ruído ecoa pela sala.

A cabeça de Austin vira para mim e seu rosto se suaviza imediatamente quando me olha na porta.

—Pix? — Sussurra Austin com voz rouca.

Olhando para trás, à porta aberta, decito sair, mas Austin diz:

—Por favor, Pix... não vá.

Suspirando, me viro e encontro a Austin diante de mim. Seu cheiro vem sobre mim como uma brisa bem-vinda em um dia quente de verão e passa seu dedo por minha bochecha. Ele sempre fazia isso. Eu nunca tinha certeza do porquê... sentia saudades disso também.

—Estava pensando em você.... Eu estou sempre pensando em você, caramba, Pix.

Esteve bebendo. Posso sentir o forte cheiro de uísque em seu hálito.

Imediatamente levanto meu queixo e me encontro com seus ardentes olhos escuros... cansados rodeados por anéis escuros. Minha mão se levanta até seu rosto e me aproximo ainda mais.

—Austin... — sussurro e quase caio no chão enquanto o acaricio com a minha palma da mao o seu rosto, ele procura o meu toque. Sua barba áspera raspa minha pele.

—Só precisava esquecer a dor, Pix... tudo está muito fodido. —Diz com voz quase inaudível, e levanto seu queixo para olhar para seus olhos desfocados, olhos cheios de lágrimas.

—Austin, não chore — Digo se fôlego.

Inalando uma respiração estremecida, as lágrimas começam a cair de seus olhos, com os ombros agitando-se, e puxo todo seu um metro noventa e dois para meus braços. Sua testa está no oco do meu pescoço, e sinto as gotas salgadas correr por minha pele.

Mesmo quebrado desta maneira, ele sabe que não deve tocar minhas costas, seus braços estão apertados ao redor de meu pescoço.

—Shhh, querido, está tudo bem — O tranquilizo.

Sua cabeça balança, e quase caio sob o enorme peso de Austin.

—Não, Pix... nada está bem. Tudo se foi para a merda... tudo.... Eu tive que me afastar, não vê?

Incapaz de aguentar o tom quebrado de sua voz, começo a chorar com ele, tentando desesperadamente tirar sua dor.

—Austin, venha aqui. — Levantando sua cabeça de meu pescoço, agarro sua mão e o levo até o sofá. Austin se deixa cair no primeiro assento e, puxando meu braço, me puxa para sentar em seu colo. O pânico chega rápido e apressado, mas Austin, percebendo claramente minha ansiedade, vira-nos até que estávamos deitados cara a cara.

O brilho da luz do fogo destaca o rosto molhada de Austin, e agarrando a parte de trás da minha cabeça com uma mão, atrai seus lábios para meus. À medida que nossas bocas se fixavam em um lânguido e bonito abraço, provo o sal de suas lágrimas em seus lábios, a queimadura quente do uísque em sua língua e me afundo no contato que estive desejando durante tanto tempo.

Afastando-se com um suspiro, Austin não libera minha cabeça.

—Pix, sinto muito — Sussurra.

—Não, Austin, — insisto — você não tem nada pelo que se desculpar. Não pode lutar contra o que sempre esteve destinado a ser.

Solta uma gargalhada, mas está fica presa em sua garganta e é liberada como um dolorido soluço.

—Conte-me. — Eu pressiono. Não podia suportar que estivesse tão triste. — É sua Mamma? Piorou?

Uma sombra escura parece nublar os olhos de Austin e remói o canto de seu lábio inferior. Conhecia esse movimento. Eu sei o suficiente para saber que estou certa.

—Ela tem apenas semanas, Pix. É a porra de uma confusão. Ela realmente não pode falar. Levi é um desastre também. Nunca deixa seu lado.

Meu estômago cai, e aperto sua mão em apoio.

—Onde... onde você esteve? Nunca está na universidade. —Eu pergunto nervosamente.

O olhar de Austin golpeia o meu e traga com apreensão.

—Eu estive por aí, Pix. Estou sempre por aí.

—E nós já não somos mais... —Não é exatamente uma pergunta ou uma afirmação. Simplesmente é o que era. A realidade, suponho.

O próximo passo, é que Austin suspira e rola em cima de mim, sustentando-se sobre seus braços para evitar me esmagar. Me olha por uma eternidade antes de esmagar seus lábios nos meus. O beijo é quente, ardente e desesperado, e me consome. Cada célula de meu corpo se acende com desejo... desejo de ser tudo o que ele precisa.

Agarrando-me em seu cabelo, furiosamente comemos a boca um do outro.

—Austin —gemo, e sinto o zíper de minha jaqueta com capuz abrir-se, e em segundos, é uma pilha no chão.

Minha calça foi a seguinte, e com um só movimento fluido, Austin os arrastou para baixo, levando minhas calcinhas com eles. Um brilho de preocupação corre por minha mente ao pensar em Austin olhando minhas pernas mais magras, mas meu coração me está dizendo que isto é algo mais, algo maior, e a necessidade supera a insegurança e só o deixo fazer.

Ajoelhando—se entre minhas pernas, Austin tira a camisa e a joga no chão, com seus músculos tensos e fortes à vista.

Procurando em seu bolso, tira uma camisinha. Percebo nesse momento que ele não tentou tirar minha camisa, e me derreto ainda mais quando sei que é porque entende meus limites. Ele sabe

muito sobre mim, mas nunca conseguimos superar as coisas ocultas mais profundas... em ambos os lados.

O pesado silêncio entre nós se sente como eletricidade na sala. O fogo crepita e cospe, as corujas piam nas árvores, os grilos cantam o ritmo, e tudo isso é afogado pelo som do zíper de Austin baixando e o rompimento da embalagem da camisinha.

Uma vez feito isto, Austin se arrasta sobre o meu corpo, separa minhas pernas, colocando-se entre elas, e com um movimento rápido, enche-me ao máximo. Não há nenhuma preparação, nem marcha lenta. É só a necessidade desesperada se sujeitando.

Não faço ruído esta vez, e ele tampouco. Especialmente neste momento em que tudo se sente diferente de alguma forma, talvez tocar, e nos abraçamos com força, respirando com dificuldade no pescoço do outro.

O fogo que reconheço se constrói em meu interior, e Austin se move mais rápido enquanto envolvo minhas pernas ao redor de sua cintura. Relutante, Austin levanta a cabeça e me olhe nos olhos, e quase me acalmo quando vejo as lágrimas caindo de seus longos cílios. Não são lágrimas de dor, ou mesmo de felicidade para o caso. Elas me fazem pensar em uma despedida... um adeus.

Minhas mãos instantaneamente caem dos amplos ombros de Austin para seu rosto. Adeus... este era nosso adeus...

Em conflito, meu corpo corre para o sentimento explosivo de nosso clímax, enquanto meu coração dispara na devastação e na dor. As emoções inebriantes são demais para suportar, e grito enquanto meu orgasmo me atravessa, quase me eletrizando de dentro para fora, também estremeço pela perda e a compreensão de que o cara pelo que caí tão profundamente apaixonada está se afastando de mim para sempre.

Nunca desviando o seu olhar do meu, Austin tenciona, seu pescoço e os músculos se sobressaem enquanto dá boas vindas a sua liberação. Então, com uma forte exalação, entra em colapso no meu peito.

Fico olhando pela claraboia e acima do homem para a lua enquanto sinto o coração de Austin pulsar rapidamente em seu peito. Por um lado, estou entorpecida, mas por outro lado, sentindo cada pontada de dor da rejeição e decepção que é humanamente possível. Fechando meus olhos com força contra a dor em meu peito, permito-me uma carícia pelo cabelo de Austin e passo minha mão por suas costas.

Ao chegar à parte baixa de suas costas, Austin levanta a cabeça, com as lágrimas brilhando, e diz:

—Nunca fui bom o suficientemente para você, Pix. Sou uma merda; você é ouro. Não vou te arrastar para este pedaço de merda de mundo de lixo em que vivo. Você merece mais que eu, mais da vida. Fodidamente muito mais. Eu somente vou arrastá-la para o fundo.

Eu não digo nada em resposta. Austin se move para meu lado e, um frente ao outro, puxa a manta da parte de atrás do sofá sobre nossos corpos. Beijamo-nos, abraçamo-nos apertados, e não lembro quando adormeci. Mas lembro de despertar a uma sala vazia, sentindo o vazio que a ausência de Austin deixou.

Enquanto olho as brasas da fogueira, umas leve e suaves mãos começam a massagear meus ombros, e sinto como relaxo.

Se entregue a mim, Lexington. Livremente me passe as rédeas. Posso te fazer sentir melhor. Posso te dar controle em sua vida onde atualmente não tem nenhum. Estamos quase na perfeição, Lexington. Se entregue a mim de uma vez por todas. Vamos finalmente obter nosso objetivo. Nós vamos chegar à perfeição...

Fechando os olhos, deixo que as palavras da voz se filtrem em minha mente. Ela sempre esteve lá para mim. Sempre me fazendo sentir querida, me dando um propósito.

Enquanto uma brisa apressada levava toda minha luta, me sinto relaxada e sussurro para a silenciosa sala:

—Pegue o que quiser. Me faça perfeita. Entrego-me livremente. Já não tenho força para lutar contigo...

Capítulo 23

Austin

Campeonato Nacional SCT (Bowl Championship Séries)

Estádio Rose Bowl, Pasadena, Califórnia

—Foda-se, Carillo! Nós fizemos isso! — Romeo grita enquanto corre em minha direção depois de marcar o touchdown da vitória contra o Notre Dame.

—Você fez, Bullet! Recrutamento na primeira rodada com certeza! — Respondo, verdadeiramente animado por meu melhor amigo. Com o que ele e sua namorada tinham atravessado nos últimos meses, o cara merecia.

A testa de Romeo se pressiona à minha, e diz:

—Nós dois, Carillo, nós dois conseguiremos sair da merda deste lugar e começaremos novas vidas.

Concordo com a cabeça, mas não respondo nada. Romeo me dá um golpe no rosto, em seguida, coloca toda sua atenção em sua garota nas arquibancadas. Molly tinha retornado pouco antes da partida, depois de semanas sem saber dela. Ela voltou para Romeo, a Bama[15], e nunca tinha visto Romeo jogar tão bem em toda minha vida.

Como se um ímã me puxasse, viro a cabeça para olhar através do campo atrás de mim, e ali, no meio da multidão à parte, está Pix, com seus olhos fixos nos meus. Um pequeno duende escuro, penso... um pequeno duende escuro.

Senti uma enorme sensação de náuseas rolar através de meu estômago quando vejo a dor brilhando em seus olhos. Parece tão pequena em seu uniforme do Crimson Tide, segurando os pompons brancos em suas mãos, seu cabelo negro perfeitamente encaracolado e seus lábios vermelhos escarlate e seus olhos delineados com o Kohl de maneira rotineira. Isso é quando percebo como estão magros seus braços, suas pernas. Lexi imediatamente cobre seu peito com seus braços, e seu olhar fica em branco e olha a grama.

Merda.

Movo-me para ir até ela, quando seu queixo se levanta e lentamente sacode a cabeça. Essa ação me faz ficar quieto, e antes que perceba, Lyle chega onde ela está, e como uma atriz ganhadora do Oscar, torna-se o personagem falso, torna-se o que todos

[15] é um apelido para Alabama.

conhecem dela: a cheia de vida e alegre Lexi. Mata-me ver isso, conhecendo a verdadeira beleza da pessoa que sempre esconde.

Vi como coloca um beijo na bochecha do Lyle, em seguida, correu para o Molly nas arquibancadas, onde Molly imediatamente envolve Lexi em seus braços. Observo Lexi tensa, mas de novo, ninguém mais parece notar.

Todos eles estão tão malditamente cegos de que sua melhor amiga esteja mau? Mas então olho para Cass e vejo o olhar intenso de preocupação em seu rosto. Graças a Deus, alguém mais se preocupa. Posso dizer que por seu rosto sério, e o olhar de cumplicidade com o Ally, que percebem a minha garota.

O comentarista se transfere ao microfone, e é a hora da entrega do troféu. Respirando profundamente, eu passo em direção ao palco e tento parecer orgulhoso.

Outro farsante para adicionar ao campo.

Tuscaloosa, Alabama

A festa está em pleno andamento, e depois de um desfile de boas-vindas durante todo o dia pelas ruas da Tuscaloosa, mostrando com orgulho o troféu, estamos de volta a casa da fraternidade, celebrando a vitória. O lugar está repleto de estudantes enterrando suas caras em licor... e para muitos, algo mais.

Enquanto observo a festa, tomo um gole de minha Peroni12, verificando que nenhum dos policiais do campus tenha vindo aos jardins e que o reitor não esteja à vista.

12 Marca de cerveja.

Nada, disso é bom.

Ouvindo uma tosse atrás de mim, eu viro para ver um menino de primeiro ano parecendo nervoso, com os olhos disparando por todo o lugar.

—O que? — Pergunto secamente.

—Me pediram vir vê-lo para conseguir algo para a festa.

Verificando que não somos observados, eu digo:

—O que quer?

—E, cocaína13, não importa. — Ele dá de ombros.

—Casa de verão, lá, atrás das árvores. — Movo o queixo na direção que ele tem que ir.

Os olhos do moço se abrem com emoção, e assim como ele estava indo embora, agarro seu braço.

—Não dirá a ninguém quem te vendeu essa merda. — Golpeio a estrela em minha bochecha, e o menino só engole em seco.

—H—Heighters? — Sussurra e quase se caga. Concordo com a cabeça lentamente, e, inclinando a cabeça, murmura: — Não vou, Carillo. Não vou dizer nada.

Eu vi ele desaparecer da vista e soube que Axel adoraria este volume de intercâmbio. O dinheiro que faríamos esta noite seria suficiente para que minha mãe se mantenha no resto de seus dias da maneira correta, mas odiava fodidamente fazer esta merda em meu território, com todos meus companheiros de equipe ao redor.

—Carillo! Venha aqui, droga!

Escutando meu nome, e viro-me para ver o Rome sentado em um sofá, com o Molly em seu colo, com todo o resto da banda rodeando-os. Bom, todos exceto Lexi. Não tinha nem ideia de onde ela estava.

Ao me aproximar, Rome, todo cheio de sorrisos, faz-me um gesto para que me sente.

—Onde se mantem desaparecendo, Carillo? Nunca está perto. —Pergunta, e encolho os ombros.

—Não estive indo a nenhuma parte. Você está muito ocupado com sua garota para reparar em mim. — Brinco.

Os olhos de Rome se estreitaram ligeiramente, e sei que detectava que algo está acontecendo. Molly, entretanto, só atrai Rome para um beijo. Cass e Jimmy—Dom estão admiravelmente tranquilos. Na verdade, todo o grupo estava.

Apanho Molly empurrando o lado de Rome e ele assente para ela.

—Estamos mudando para morarmos juntos. — Disse ele orgulhosamente, e todos ficamos maravilhados com a declaração deles.

—Ah, tirem esses olhares de suas malditas caras. Vocês estão me dizendo que depois de tudo o que passamos, viver juntos é uma surpresa?

Quando todos nós olhamos uns para os outros, eu dei de ombros. O cara tinha razão. Sua relação se movia na velocidade do raio. Tinha sentido que estivessem vivendo juntos em breve. Porra, eu estava surpreso de que ele não tivesse proposto antes.

Tomando um gole do que seja que havia em sua bebida, Cass se inclina para frente, pondo toda sua atenção em mim.

—Então o que, Carillo...—Jimmy—Dom tenta segurá-la com a mão em seu braço. Mas ela o sacode, totalmente séria pela primeira vez. — O que está acontecendo com você e minha garota Lex?

Meu coração bate em meu peito e, de repente, todos os olhos estão em mim.

—Não acontece nada. — Eu respondo evasivamente.

—É o que você diz, Carillo! Algo acontece com ela, e acho que sabe mais do que está dizendo.

—Onde ela está agora? — Eu pergunto, e Ally arrasta os pés, desconfortável em seu assento. Meus olhos caíram sobre ela.

Espero que ela fale, e suspirando, ela diz:

—Nunca está por lá. Sempre está fora correndo ou com o Lyle, ou ao menos isso diz...—Sua voz desaparece. Estava claro que se preocupava, o que põe a minha mente a executar.

Me inclinando para frente, olho para Ally e a incentivá-la para ir adiante. Sei que ela está analisando algo. Algo que ela pensa que estava errado. Posso ver que Cass está a ponto de dizer algo também. A tensão no grupo quase me afoga.

—Carillo! Aí está! — Ouço, atrás de mim e vejo o Rome, Reece, e Jimmy—Dom franzir o cenho. Ally despreza o que ia dizer e começa a mastigar suas unhas. A atenção do Molly está nela enquanto parece muito preocupada com o que ia dizer Ally.

—Porter, que merda está errada com você? — Rome espeta.

Porter está praticamente saltando sobre seus pés. Porra, penso. Está insano com a cocaína.

Saltando do meu assento, tento afastá-lo.

—Vamos lá. — Digo e empurro seu peito.

Porter abre os braços amplamente.

—Carillo! Eu não preciso de você de qualquer maneira. Seu irmão gêmeo, vendeu-me um pouco de neve.

Todos ao meu redor ficam em silêncio, e Rome se levanta.

—Cocaína? Você está brincando comigo porra? — Rome solta e, agarrando meu braço, me vira para enfrentar seu duro olhar.

Os olhos do Porter estavam brilhantes e seus lábios rolaram sobre suas gengivas. Está todo drogado, e eu ia matar Axel quando o visse. Eu disse-lhe uma e outra vez, nenhum fodido jogador dos Tide.

—Porter! — Grita Jimmy—Dom e pula de seu assento, tomando-o pelos braços.

—Merda! — Cospe Rome, e quando eu olho Porter, o sangue se derramava de seu nariz.

Merda, merda, merda...

—Porter, você está bem? Diga-me — Diz Jimmy—Dom quando os olhos do Porter se viram, com seu corpo convulsionando e espuma saindo de sua boca.

—Chamem o 911! — Grita Reece, e os alunos começam a marcar em seus celulares.

—Movam-se! Polícia do campus! — Grita uma voz baixa masculina, e empurrando entre a multidão chega a polícia uniformizada do campus e o reitor por atrás.

Os olhos do reitor estão fixam nos meus, e juro que o filho de puta está sorrindo em sinal de triunfo.

—O que tomou? — Pergunta o reitor, e o amigo do Porter, Cooper responde: — Cocaína. Ele cheirou cocaína.

À medida que mais policiais do campus se apresentam, o reitor diz:

—Procurem no local. Encontremos distribuidores! Isto vai acabar esta noite!

Pavor bate em meu estômago, e Rome de repente está ao meu lado.

—Saia daqui Carillo, agora.

—Mas, Axe...

Rome agarra o colarinho de minha camisa e me arrasta para trás, e ao virar a esquina fora de vista. Eu agarrando seu pulso,

arranco sua mão de em cima de mim e viro Rome até que suas costas batem contra a parede.

—Fique longe de mim, Rome — Rosno, e então Rome me empurra para trás.

—Você precisa tirar sua puta cabeça fora de sua bunda, Austin. Deixa Axe. Está acabado. E ele está fodido regiamente desta vez! Ele vendeu drogas e alguém teve uma overdose! Isso é prisão, Austin. Que parte deste desastre não entende?

Condena a prisão. Merda!

Com meu coração pulsando em meu peito, afasto-me e digo:

—Você não entende, Rome. Não tem ideia do caralho. — Então corro, deixando o meu melhor amigo passando a mão por seu comprido cabelo loiro com preocupação. Corro todo o caminho até o ônibus, que sai de minha parada.

Demora quarenta minutos chegar em casa, e quando eu faço notar o aviso do Westside Heights, o carro de Gio de repente para e ele saiu pela porta.

—Onde está Axe? — Pergunto com pânico.

—Os policiais o apanharam, mas ele conseguiu escapar. O maldito está desaparecido, Austin. Você precisa manter-se escondido. Eu disse que não fizesse contato por um tempo.

Desaparecido?

Não!

Inclinando minha cabeça para trás olhando para o céu, fico olhando as estrelas e passo minhas mãos por meu rosto. Porra, ele tinha todo meu dinheiro. Todo o dinheiro dos remédios da Mamma.

Uma mão dá uma palmada em meu ombro... Gio.

—Tinha todo nosso maldito dinheiro. — Expresso minha preocupação em voz alta.

Gio assente como com simpatia, mas posso ver a faísca de emoção em seus olhos.

—Então conseguiremos mais. — Diz simplesmente.

Olhando para meu trailer, vejo Levi me observando da janela, seu rosto machucado agora amarelo. O olho nos olhos e vejo a súplica em seu olhar. Mas então olho à janela do quarto da Mamma, e sei o que tenho que fazer.

—Precisa de um homem de confiança até que Axel volte?

Um amplo sorriso ocupa todo o rosto siciliano de Gio.

—É hora de fazer alguns verdes, Austin. Você e eu vamos arrasar.

Uma pergunta que eu tinha sido perseguindo durante anos me vem à mente.

—Gio?

—Sim?

—Como Axe fez para me tirar da gangue quando tinha dezessete anos? O que ele te prometeu?

Gio assinala Levi de pé junto à janela e meu coração afunda.

—Ele. Axe prometeu seu irmão mais novo logo que chegasse aos quatorze anos.

Uma raiva como nunca antes se apodera de mim. Por Axel ser tão maldita decepção? E por que sempre tinha que pôr está maldita gangue em primeiro lugar?

—Vamos, cara. Temos negócios. — Diz Gio, acenando. E com a mão de Gio ao redor de meu ombro, deixo que me leve a seu trailer.

Eu era agora o homem número dois dos Heighters.

Droga.

Capítulo 24

Lexi

Um mês depois...

—Então você virá para a inauguração da nossa casa esta noite? — Molly pergunta por telefone. Soava tão emocionada, e meu peito arde de felicidade por ela, mas talvez houvesse um pouco de ciúmes.

—Eu.... Eu não tenho certeza, Molls. Eu tenho que ir... —O pesado suspiro do Molly me corta.

—Lexi, já quase não nos vemos. Sempre está em casa com seus pais ou ocupada fazendo algo com a equipe. Eu juro, você e Austin quase desapareceram por completo de nossas vidas.

As adagas atravessam meu coração quando ela menciona Austin. Faz tempo que não falava com ele, nem sequer o vi. E quanto a passar muito tempo com meus pais? Todos eles estavam equivocados, meus pais ainda estão longe. Sempre estou em casa sozinha, no túmulo de Daisy ou no ginásio. Nem sequer vou a minhas classes. Agora que deixei às líderes e a temporada de futebol chegou a seu fim. Tinha que me exercitar de algum modo. Me escondendo em algum lugar onde ninguém ia.

Estava abaixo dos trinta e um quilos. Estava perto da perfeição.

—Lexi? Está aí, querida? — Pergunto Molly.

—Sim, estou aqui.

—Então você vem? Queremos ver você.... Todos... Nós Sentimos saudades. Desde que me mude com Rome, vejo todos, menos você. Eu odeio não ver seu encantador e brilhante sorriso. — Sua voz é um sussurro no final, e me sinto como a pior amiga no mundo.

—Tudo bem, eu vou, Molls. A que hora?

—Às sete, certo? — Pergunta, e posso ouvir o alívio em sua voz.

—Eu vou estar aí, Moll. Estou animada por ver sua nova casa.

Quando Molly desliga o telefone, começo a planejar que vestir. Tem que ser algo que esconda a quantidade de peso que perdi, algo

que não suspeitem. Devo dobrar meus jeans e minhas camisas para adicionar mais quilos. Se minha roupa tiver volume não perceberão da perda de peso.

Perda de peso, Lexington? Não perdeu o suficiente para que eles o notem, responde a voz em meus pensamentos. Ela estava certa. Não tinha perdido suficiente para que eles notassem nada. Não me comprometi o suficiente com minha perda de peso.

Passo a mão por meu cabelo com medo, e quando puxei minha mão para baixo, uma mecha de cabelo vem com ela. Quando isto aconteceu pela primeira vez, eu recuei em choque. Agora me faz feliz.

Estava muito perto de alcançar a perfeição.

Detenho-me no extenso complexo de apartamentos brancos, e meus olhos se abrem. Este lugar é incrível. Sabia que Rome tinha um monte de dinheiro, mas isto é outra coisa.

Caminho para o porteiro, pressiono o botão no número quatro, e a campainha toca, abrindo a porta.

Ao entrar pelas portas principais, olho para o elevador, mas decido ir pelas escadas. Quatro lances de escadas vinte calorias queimadas. Mas quando chego à segundo andar, minha visão se torna imprecisa e tenho que me agarrar ao corrimão para me apoiar. Sinto como se alguém estivesse apertando meus pulmões enquanto minha respiração se torna difícil e meu corpo luta para obter oxigênio.

—Lexi? Você está aí embaixo?

Minha cabeça se levanta ao ouvir a voz de Molly, e me endireito, respiro profundamente, e subo o resto de escadas, encontrando uma fonte de energia de algum lugar lá no fundo.

O rosto sorridente de Molly estava no topo. Ela está linda com um vestido rosa apertado e seu cabelo castanho solto. Mas quando seus olhos se encontram com meus, esse sorriso em seu rosto parece vacilar. Ao chegar no topo, evito seu abraço lhe entregando uma bolsa de presente.

—Para a inauguração de sua casa. — Digo-lhe. Molly pega sem olhar seu interior.

—Obrigado, querida. — Diz, sem deixar de me olhar, indicando-me para entrar no apartamento.

É lindo, tudo branco, paredes imaculadas e mobiliário moderno. Ouvindo o murmúrio de vozes que vem do que supus ser a sala de estar, caminho para ver Rome, Cass, Reece, Jimmy—Dom e Ally.

Austin não estava. Não tinha certeza se estava feliz ou triste sobre esse fato.

—Oi gente. — Eu digo com voz alegre quando percebo que ninguém me ouviu entrar. Todos os olhos se fixam em mim, o silêncio enche a sala.

Hesitantemente cambaleio sobre meus pés, um pouco tonta por subir as escadas. Todos me olham... e olham... e olham... antes que finalmente, Ally deslize e bata na almofada a seu lado.

—Venha, sente-se, querida —diz ela.

Por que ela está agindo de maneira estranha?

Colocando uma mecha de cabelo atrás de minha orelha, jogo as mangas soltas de meu suéter sobre as palmas de minhas mãos e, me curvando para ocultar minha gordura, sento-me.

—Como está, Lex? — Diz Rome finalmente e se inclina para frente.

—Estou bem. Ocupada com meus estudos. — Eu respondo, e fixo meu olhar no chão de madeira. Não posso suportar o escrutínio, a atenção. —Este lugar é lindo, Rome. Deve estar muito feliz.

—Sim, é fodidamente perfeito. — Ele responde, e o silêncio uma vez mais enche a sala.

—Aqui vamos nós, rapazes! — A voz do Molly chama nossa atenção, e ela sai da cozinha levando um enorme bolo de chocolate. Minhas mãos começam a tremer, minhas palmas começam a suar, e meu estômago ronca como se ele pudesse saborear o bom sabor do chocolate em minha língua.

Não ceda, Lexington. Deixe a sala. Não deixe que lhe afastem de seu objetivo. O pânico me percorre como uma corrente de água esmagadora, e meus olhos se movem por toda a sala enquanto tento pensar em uma desculpa para sair. Quando levanto meus olhos, todos meus amigos me olham, os olhos do Molly estão brilhando com lágrimas.

Uma tosse vem de Cass e ela diz:

—Lexi, esta não é a inauguração da casa.

Pontos negros nublam minha visão, minha ansiedade era insuportável.

—O que... o que quer dizer?

Cass respira fundo.

—Nós acreditamos que tem um transtorno alimentar, Lex.

Nego com a cabeça profusamente.

—Não, eu não! É apenas...

—Então come o bolo. — Diz Cass, e adota sua dura atitude de nada de merda.

Não posso, não posso, não posso...

Sinto que todo mundo está congelado, e a tensão na sala se torna sufocante.

—Querida, por favor apenas queremos te ajudar. Você perdeu muito peso e todos nós lhe amamos tanto que isso nos assusta muitíssimo. Sempre está sozinha, evitando passar tempo conosco. Lex, eu acho que deve ir ver um médico. — Ally leva sua mão a minhas costas, tentando me apoiar. A ação faz me assustar. Levanto-me do sofá e, no processo, acerto o bolo da mão do Molly.

—Lexi — Sussurra Ally e se levanta para tentar me alcançar.

Estremeço de novo e rodeio a mesa de café, enfrentando de frente meus preocupados amigos.

—Não me toque! — Grito. — Que nenhum de vocês me toque! Meus olhos percorrer as expressões preocupadas de meus amigos, mas foi a de Cass, minha mais antiga amiga, a que me assusto mais.

Cass deu um passo adiante.

—Lex, está tudo bem, garota. O que está acontecendo? Conte-me. Você está se matando de fome?

A sala parece inclinar-se e não posso respirar. Deus, não posso respirar! Agarro-me ao peito, tentando retroceder e quase tropeço.

—Lex! — Grita Molly, estico minhas mãos, mantendo a distância de meus amigos. Mas Cass salta para frente e consegue agarrar meus pulsos, e tudo parece congelar.

Vejo como os olhos de Cass aumentam e sua boca se abre em estado de choque. Tento soltar meu braço, mas o forte aperto Cass é como um parafuso.

—Cass, solta-a. Ela precisa se acalmar! — Diz Ally por trás, mas posso ver a determinação no rosto do Cass.

Apertando os lábios, Cass toma minha manga e a levanta. Gemo em resposta, mas não tão forte como a respiração ofegante do Cass. Como todos os suspiros de meus amigos.

—DEIXE-ME IR! — Grito, mas Cass se lança para frente e levanta meu suéter.

—Merda! Lex, olhe suas malditas costelas! Olhe suas fodidas costelas!

Tiro a borda de meu suéter de suas mãos, cambaleio para trás de novo, batendo na parede atrás de mim. Muito rostos chocados me olham, e Ally dá um passo para frente, os rapazes não têm nem ideia de que dizer.

—Está se matando de fome. — Ela sussurra hesitante.

Lágrimas fluem de meus olhos e minhas pernas cedem enquanto deslizo pela parede até o chão. Envolvendo os braços ao redor de meu estômago e gemo.

—Eu não posso comer! Não posso comer! Estou muito gorda e ela não me deixa comer!

—Quem não te deixa comer? — Pergunta Cass confusa, inclinando-se contra mim. — Quem obriga você a não comer?

—A voz! — Chio. — A voz em minha mente. Me impede de comer. Ela está me levando a perfeição. —Meus olhos se esvaziam e começo a me perder na névoa. — Ela levou Daisy longe de mim... e também levou Austin! Ele viu um excesso de gordura.

—Daisy? — Diz Cass. — Quem é Daisy, querida?

—E Austin? Austin Carrillo? Meu melhor amigo?

Olho para cima através de meus olhos lacrimejantes, vejo que Rome deu um passo a frente, com uma expressão severa em seu rosto.

—Eu o amo.... Eu o amo de fato, Rome. Mas ele me deixou. Fez amor comigo e me deixou! Estou entristecida. Ele me fez bem, me fazia melhor, mas me deixou porque sou muito gorda! Sou uma monstruosidade... uma maldita MONSTRUOSIDADE! Quem pode culpá-lo por ter me deixado...?

—Lex, o que diz não tem sentido — Diz Molly e se agacha diante de mim. — Você e Austin juntos? Quanto tempo faz?

Os dedos do Molly percorrem meu cabelo, e enquanto baixa sua mão, cai para trás chocada, com uma mecha de meu cabelo em sua mão.

—Lexi, o que...? — Molly chora e me olhe com horror.

—Estou quase perfeita, Moll. Estou perto... — Tento sorrir.

Molly se arrasta para frente e tenta me tocar, mas novamente me movo para o canto, e ela deixa cair a mão em seu peito.

—Você está me assustando, Lexi. Está me assustando muito.

—Eu desejo que não teria lhe desagradado.... Gostaria que o tivesse conhecido antes. Por que não o conheci antes? Ele poderia ter me salvado. Ele poderia ter parado a voz em minha cabeça.

—Austin, querida? Você fala de Austin Carrillo, nosso amigo? —Pergunta Jimmy—Dom, e o olho sem compreender.

—Não posso continuar mais, JD... Estou cansada.... Muito cansada de viver assim... — Minha voz se apaga e a sala começa a girar.

—Lex, LEXI! — Ouço Cass gritar em pânico, mas um túnel negro se está formando em meus olhos e meus músculos estão muito pesados.

—Sinto muito... tanto, tanto.... Eu não pude manter minha promessa a Daisy... — Sussurro.

Então tudo se torna negro.

Capítulo 25

Austin

—Terminou a tarefa, rapaz?

Levi levanta os olhos de seus livros de história da América e assente com a cabeça. Está mastigando sua caneta quando pergunta:

—Sabe algo sobre Axe?

Suspirando, bagunço com minha mão seu cabelo loiro e digo:

—Nada ainda, rapaz. Nada ainda.

Era o mesmo todos os dias. Tinha sido a mesma resposta cada dia durante mais de um maldito mês. Axel tinha desaparecido na noite que escapou da polícia, e não tínhamos nem ideia de onde estava.

Droga.

Umas lanternas brilhantes iluminam o trailer, e olhando pela janela, vejo uma enorme caminhonete Dodge girando. Alguns ricos meninos universitários, sem dúvida, que vêm para uma dose. Desde a noite da overdose do Porter, tivemos que fazer negócios a partir de nosso território. Porter está ainda em estado coma, e até que ele desperte, os policiais tinham Axel como o principal suspeito da comercialização. Axel, que fugiu.

—Lev, tenho assuntos a tratar. Observe a Mamma a cada quinze minutos, ok? Ela precisa sua próxima dose de medicamentos.

Levi assente e me observa deixar o trailer com uma expressão triste no rosto. Ele odiava que vendesse, odiava que tivesse substituído Axel como a mão direita de Gio.

Assim que salto do trailer, a porta da caminhonete se abre e Rome Prince sai, me surpreendendo muito. A porta do trailer atrás de mim se abre de repente, e Levi passa correndo.

—Rome! — Ele grita, e Rome sorri para a saudação entusiasta de meu irmão. Segurando sua mão e a coloca em seu peito, Rome diz:

—Lev, meu amigo. Como está?

Levi assente com a cabeça e encolhe os ombros.

—Estou bem, suponho. Axe está perdido, mas Austin está mais ao redor agora. Minha Mamma... ela não está muito bem.

—Eu sei, menino. Mas tente se manter forte, ok?

—Sim. — O rosto de Levi se ilumina. — Esteve impressionante no jogo do campeonato, Rome. Esse Touchdown ganhador foi uma loucura!

Rome ri e deu soco brincalhão em Levi no braço.

—Obrigado, cara. Não foi nada mal.

—Lev — Digo enquanto olho os dois. — Entra. Preciso falar com o Rome a sós

—Mas...

—Dentro. Agora — Digo com severidade, e, dando a Rome um último olhar, Levi se dirige dentro.

—Que porra está fazendo aqui no fim do mundo? — Digo-lhe enquanto caminho para Rome, procurando no parque algum sinal de Gio. Não quero que meu melhor amigo se meta em problemas.

Eu nem sequer o vejo chegar, mas Rome caminha com propósito para mim e me dá um soco diretamente no rosto. Tropeço de novo, mas me recupero o suficiente para me endireitar e empurrá-lo até que suas costas golpeia a parte traseira da caminhonete.

—Que merda, Rome! — Sussurro e cuspo sangue de minha boca.

Rome somente retira minhas mãos de sua camisa e me enfrenta.

—Que porra está fazendo, oitenta e três? — Diz em voz baixa, com os olhos cravados nos meus. — Esta é sua vida agora? — Ele diz, apontando a minha volta com a mão. — Isto é o que você escolhe ser?

—Vai a merda, Rome! Você não sabe de nada!

—O que sei é que meu melhor amigo, um cara que vejo como meu irmão, está cavando para si mesmo em um buraco do qual não vai ser capaz de sair. Não te vi em semanas, não tenho ideia de que merda está passando em sua vida!

Deixando cair minha cabeça, dou um passo para trás e ponho minhas mãos na cintura.

—Tenho que fazê-lo, cara. Tenho que sustentar a minha família. Axe está em alguma parte. Mamma está piorando.

Rome inclina para trás sua cabeça e diz:

—Você sabe que o reitor está convencido de que tinha algo a ver com a overdose de Porter? Ele está procurando no campus por qualquer pessoa que possa te vincular com a venda. Estar aqui, obviamente, vendendo cocaína com os Heighters, não vai te fazer nenhum favor.

—Merda! Eu sei, mas...

A mão de Rome de repente agarra o meu braço e levanto as sobrancelhas em surpresa.

—Olha, oitenta e três, não estou aqui para te dizer algo novo sobre a venda, da gangue. Entendo o que está tentando fazer. Estou aqui para te dizer que eu...

—Austin! Austin! —Meu sangue gela enquanto a voz de Levi penetra na tranquilidade da noite, cortando Rome, e me viro para vê-lo a partir do trailer, pálido como o inferno e com lágrimas nos olhos.

Eu corro para ele, e enquanto seguro seus braços, seu corpo treme como uma folha em um vendaval.

—É Mamma, Aust! Não posso despertá-la! Ela não vai despertar!

Sinto Rome atrás de mim e o escuto amaldiçoar. Mas meus pés já estavam entrando no trailer e no quarto de minha Mamma. Parece que está dormindo, mas quando me aproximo de sua cama, posso ver que está estranhamente quieta e seu peito mal se move.

É sua respiração.

Ouço um rangido na porta, viro minha cabeça para encontrar Rome ali, olhando, com seu braço ao redor de Levi enquanto meu irmão mais novo chora.

—Ela não vai despertar, Rome. Que porra eu faço?

Rome engole, mas entra no quarto, dizendo:

—Tire-a da cama. Vamos levar a à sala de emergências.

—Mas... merda! Não tenho dinheiro. Não tenho feito dinheiro suficiente para seus cuidados. Axe se foi levando tudo, e não fui capaz de substituir tudo.

O rosto do Rome endurece.

—Se esqueça dessa porcaria e só levá-la à maldita caminhonete! Vamos lá!

Não precisava de mais convencimento e, tomando a Mamma em meus braços, mergulho na parte de trás da caminhonete, com o Levi ao meu lado, e Rome queimando seus pneus saindo do parque.

Com minha Mamma inconsciente sobre meu colo, agarro a mão trêmula de Levi. Olhando para seus olhos chorosos, engancho finalmente meu braço ao redor de seu pescoço, puxando-o para mim.

Seus soluços se tornam mais fortes.

—É o fim, Aust? Ela vai morrer?

Eu não tinha a porra ideia de como responder a essa pergunta. Nem eu mesmo queria pensar nisso.

—Aust? —Levi pergunta de novo.

—Não sei, cara. Mas acredito que o melhor e que nos preparemos para tudo.

Levi inspira e enterra seu rosto em minha camisa.

—Não quero que se vá. Eu não quero ficar sozinho.

Lutando com o nó em minha garganta, dou-lhe um beijo na cabeça.

—Nunca vai estar sozinho, cara. Sempre me terá.

Cruzando o meu olhar com os olhos preocupados de Rome no espelho retrovisor, agarro Levi mais forte e olho para minha Mamma.

—Resista, Mamma. Resista... eu te peço.

Resiste, Mamma. Resiste... eu lhe rogo isso.

Mamma foi transferida para um quarto no quarto andar. Depois de um olhar do médico, ela entrou imediatamente.

Ao sair de emergências, dirijo-me à sala de espera e imediatamente me detenho. Todos meus amigos estão ali, e Levi põe a cabeça nas minhas costas e lentamente se move ao meu lado.

Enquanto olho para a fila de rostos, estão todos tristes e silenciosos. Rome me vê entrar e, lança um olhar de preocupação para Molly, que me enfrenta.

—Trouxe todos aqui por minha Mamma? — Pergunto a Rome, e ele sacode a cabeça com tristeza.

Minhas sobrancelhas se franzem com confusão, e pegou uma Cass me olhando carrancuda do fundo da sala.

—Então, o que...

—É Lexi, Austin —diz Rome calmamente.

Meu estômago entra em colapso e minhas mãos começam a tremer. O rosto do Rome está branco, e vejo Ally e Molly enxugar as lágrimas de seus olhos.

—Q...o que acontece com Lexi? — Diz Levi afastando-se de meu lado, e ouço o pânico em sua voz. O menino a idolatrava, o dia que se conheceram ficou gravado para sempre em sua cabeça.

Rome passa a mão pelo rosto, estendo minha mão e o tomo-lhe o braço.

—O que acontece com ela?

—Ela desabou sobre nós esta noite. Ela... Porra, Carillo, ela é severamente anoréxica. Ela foi hospitalizada.

Sinto-me como se alguém tivesse feito um buraco em meu peito. Ela teve uma recaída. Merda! Ela havia caído. Eu vi os sinais, mas pensei que sem todo o estresse dos Heighters, estaria bem... MERDA!

—Onde está?

Rome move seu queixo.

—Sala de quinze. Mas ela está mal, Austin. Parece realmente muito grave.

—O que é anoréxica, Austin? — Pergunta Levi, e olho seu rosto petrificado.

Suspirando profundamente, digo-lhe:

—Ela está morrendo de fome, Lev. Se proíbe de alimentar a si mesma.

As sobrancelhas de Levi caem para baixo em confusão.

—Por que... por que ela iria morrer de fome?

Pondo meu braço ao redor de seus ombros, eu digo:

—Porque ela tem uma enfermidade. Tem há muito tempo. Ela não vê a si mesmo como a vemos... linda... perfeita.

Cass salta de seu assento e me olhe cara a cara.

—Ela esteve o que?

Franzindo o cenho e repito minhas palavras.

—Tem sido anoréxica desde que tinha dezesseis anos. Ela o superou ao chegar à universidade, mas este ano teve problemas de novo.

—E como diabos você sabe? — Diz Cass indignada, como se a tivessem deixado fora de uma grande conspiração.

—Porque estivemos juntos durante meses, e ela me disse isso! Dissemos tudo. Porra, eu só a deixei porque eu não sou bom para ela, Cass. Queria salvá-la da merda perigosa em que estou sendo obrigado a fazer por minha família. Mas porra eu a amo! Será está uma resposta boa o suficiente para você? Deixei-a porque a amo!

O lábio inferior do Cass treme e as lágrimas enchem seus olhos.

—Você a ama?

—Cass, caramba eu a adoro. Ela é tudo para mim. Mas minha vida está muito fodida. Não queria arrastá-la comigo também.

Levantando minha cabeça, me aproximo do Levi.

—Fique aqui com Rome. Tenho que ir ver minha Pix.

Rome pega o braço de Levi.

—Fique com a gente, menino.

Molly se levanta e coloca o braço ao redor dos ombros de Levi, mas Levi me olha.

—Mamma e Lexi estão aqui, Austin. —Seus olhos caem para o chão. — E se perdemos às duas?

Eu me aproximo de Levi e o olho diretamente em seus olhos.

—Eu não vou mentir para você, cara. Mamma está muito mal. Nós sabíamos que este dia chegaria. Mas Pix... — Respiro longa e profundamente conseguindo conter minhas lágrimas. — Vou fazer todo o possível para chegar a Pix.

O lábio inferior do Levi estremece, e ele sussurra:

—Você jura?

Exalo.

—Eu juro.

Praticamente saio correndo de sala, indo pelo corredor até que chegar à sala quinze. A porta estava fechada, e minha respiração se torna áspera.

Três passos.

Três passos para atravessar a porta.

Três passos até enfrentar Pix... minha garota com anorexia grave.

Pensamentos de como estaria rondavam minha mente, mas quando em um segundo, empurro a porta, nada do que estive pensando tinha me preparado para isso.

Sufocando um soluço, congelo na porta, olhando à garota na cama. A garota que não era mais que um esqueleto com pele, cabelo preto e manchas finas, com seus lábios de um azul pálido sem vida.

As máquinas estavam soando ao seu redor, e bolsas de soro presos em sua pele. Não acho que poderia suportar vê-la assim, mas absorvendo um pouco de coragem do fundo de meu estômago, forço minhas pesadas pernas a mover um passo de cada vez.

Um... dois... três... quatro...

Lágrimas enchem meus olhos enquanto olho fixamente para Pix na cama. Meu pequeno duende quebrou.... Minha pequena duendecillo quebrado.

Os olhos de Pix estão fixos em um lugar no canto mais afastado da sala, e me deixo cair na cadeira a lado dela, olhando fixamente seu pequeno corpo, esticando meu dedo sobre sua mão. Ela nem sequer se encolhe. Nem sequer olhe em minha direção.

—Pix —sussurro, minha silenciosa e controlada voz soa como um grito na sala estéril.

Desta vez tomo suas mãos entre as minhas, quase me encolhendo de como frias estão contra minha pele. Eu podia sentir

cada osso, cada junta. Não podia acreditar quão rápido tinha caído nas últimas semanas. Ela não devia ter comido nada.

—Pix, por favor… olhe para mim — eu peço, e finalmente, Lexi vira sua cabeça em minha direção, e quase caio de costas em estado de choque.

Seus pálidos olhos verdes estão mais pálidos do habitual e são muito grandes em seu magro rosto. Manchas de pele seca marcam severamente suas fundas bochechas, tão agudas que parece como se houvesse usando um blush negro sobre seus ossos. Os tendões em seu pescoço são visíveis, e sua clavícula se sobressai em um ângulo quase mortal.

—Pix... Foda-se. Pix... —sussurro enquanto as lágrimas descem pelo meu rosto. Mas não há nada por trás de seus pálidos olhos. Nem um brilho de emoção, nem mesmo reconhecimento.

—Diga-me, Pix.

Ainda nada, e um sinal sonoro incessante soa e ela puxa sua cabeça.

Entrando em pânico, levanto-me e, com meu dedo, movo seu rosto para que me olhe.

—Diga-me, Pix, por favor. Desculpe. Porra desculpe. Eu te deixei porque pensei que era o melhor para você. Não pensei que isto iria acontecer! Eu tentei impedir isso!

O som da porta abrindo me faz dar um passo atrás, e um homem em bata branca se aproxima. Suas sobrancelhas se sacodem quando me vê em sua cabeceira.

—Sinto muito, filho. Não percebi que Lexi tinha uma visita. Apenas estão autorizados à família estar aqui.

—Você é o seu médico? — Pergunto desesperadamente.

Estendendo sua mão.

—Sou o dr. Lund, o psiquiatra do Lexi.

Tomando sua mão, pergunto:

—Ela vai ficar bem? Por favor me diga que vai ficar bem.

Sua cabeça se inclina para um lado, me dando um olhar engraçado, e, olhando para Lexi ainda imóvel na cama, movendo-me com ele para o lado fora.

Duvido sobre o que fazer. Não quero deixar Pix sozinha. Queria ficar com ela... consolá-la, mas o dr. Lund me dá uma palmada nas costas.

—Ela ficará bem durante uns poucos minutos, filho.

Ao chegar ao hall, vejo meus amigos fora, Rome parece preocupado.

—Que relação tem com Lexi, filho? — Pergunta o dr. Lund. Na realidade não sabia como lhe responder. Nós nunca tínhamos dado

um nome. Mas eu sabia em meu coração o que ela significava para mim... cada coisa do caralho.

Olhando o rosto do dr. Lund, simplesmente digo:

—Ela é minha Pixie quebrada, e eu sou seu pedaço de escória do parque de trailers.

O dr. Lund me observa curiosamente, depois vejo outro médico se aproximando por trás, o médico que todos aqueles meses nos deu a notícia de que minha Mamma só tinha alguns meses de vida, agarrado a uma senhora com cabelo loiro.

Ele é o pai de Lexi e ao que parece a Mamma de Lexi.

—Nigel? Chegamos tão rápido como pudemos — diz o Dr. Hart enquanto se detêm ao nosso lado, tomando a mão da mulher e vejo que o reconhecimento passa através de seu rosto enquanto me olha.

—Sr. Carrillo. — Diz com firmeza.

—Olá, senhor —respondo de volta e abaixo minha cabeça.

—O Dr. Small acaba de me dizer que sua Mamma deu entrada. Lamento ouvir isso, filho. Deve achar isso muito difícil.

—Obrigado, senhor — Eu digo hesitante, mas mantenho meu olhar em branco.

O dr. Lund tosse sem jeito e se vira para a mãe e pai de Lexi.

—Austin, estava me contando que Lexi e ele estão... envolvidos.

Vejo a surpresa esvoaçando nos rostos do doutor e a senhora Hart, e suas sobrancelhas se franzem com preocupação.

—Ela sofre de anorexia grave, Austin. Sabia disso? — Diz o Dr. Hart friamente.

—Sim, senhor — Respondo. — Contou-me sua história a um tempo atrás.

O dr. Hart assente e ele e sua esposa trocam olhares de intensa surpresa.

—Sabe que teve uma recaída? — Pergunta sua mãe com apenas um pouco de voz. — Pode nos dizer porquê?

Bulletnço minha cabeça, me sentindo como um pedaço de merda enquanto sua mãe começa a chorar.

—Apenas acabei de vê-la. Não a vi durante um tempo. Eu não... eu... — Fui parado, incapaz de continuar.

O dr. Hart põe uma mão simpática em meu ombro. Olho para baixo pelo simples gesto, e minhas pernas quase desabam. Ninguém tinha me consolado assim antes... ninguém exceto Pix. Todos me temem pelo lado a que pertenço.

O dr. Hart se volta para o Dr. Lund.

—Como vai?

O dr. Lund suspira.

—Indiferente. Fechada. Não está cooperando, Maxwell. De modo nenhum. Neste momento, nem sequer está falando. Esteve mentindo para seus amigos e se manteve escondida durante o último mês para evitar que alguém percebesse que privava seu corpo de alimentos.

Meu coração bate muito devagar enquanto escuto as notícias. Indiferente. Fechada. Nem sequer está falando. Manteve-se escondida. Privava seu corpo de alimentos.

—Não temos ideia de como lidar com isso, Nigel. Não posso acreditar que estejamos de volta aqui. — O pai de Lexi parece quebrado, e leva a sua esposa em seu braço. Sua esposa, que está inconsolável.

O dr. Lund olha para o dr. Hart e diz:

—Assim como da última vez, Maxwell. Temos que dar tempo ao tempo. Nós dois sabíamos que perder Daisy poderia motivar uma recaída como esta.

—Daisy? Quem é Daisy? — Me escapa, e os olhos do dr. Hart saltam a toda velocidade para os meus.

—Era a melhor amiga de Lexi, Austin. Elas foram diagnosticadas com anorexia ao mesmo tempo, hospitalizadas juntas. Elas eram inseparáveis.

Um medo intenso me percorre com o que o dr. Lund havia dito.

—Você... você disse que a perdeu? Você está se referindo que ela...? — Não podia dizer a palavra.

—Daisy morreu no verão passado. Teve um recaída, e escondeu de todos... exatamente como esteve fazendo Lexi... — A senhora Hart rompe em lágrimas, interrompendo ao dr. Hart. A aproxima dele e pressiona um suave beijo em sua cabeça.

—O corpo do Daisy não pôde lutar mais contra a anorexia e morreu de uma insuficiência cardíaca. Estava muito magra e seu corpo entrou em colapso. — O dr. Hart põe uma mão em meu ombro. — Austin, Lexi estava com ela quando morreu. Lexi segurou a sua mão até seu último suspiro. Temo que Lexi também está em grave perigo.

Deus! Pix... o que você passou? E porque diabos não me contou isso?

Rome de repente aparece atrás de mim.

—Austin, o médico de sua Mamma estava acima a pouco. Querem os detalhes de seu seguro.

Deixo cair a cabeça em minhas mãos.

—Porra, Rome. Eu não posso pagar por isso. Mas também não posso deixar Pix. Que diabos eu que devo faz? Estou perdido.

Rome se aproxima mais e sussurra:

—Já resolvi isso, cara. Sei que você não iria gostar, mas precisa de ajuda. Tudo o que tem a fazer é estar aqui para sua família e sua garota. Acredite em mim, sei como se sente está merda.

Minha cabeça se levanta de repente e tento recusar a sua ajuda. Rome engancha sua mão ao redor de meu pescoço me puxando mais perto, e diz:

—Não é momento de ser orgulhoso, Carrillo. Apoie-se em seus amigos. Se apoie em mim. Neste momento você pode ter que dizer adeus pela última vez a mulher que te deu a vida e inspirar esperanças à mulher com a que quer compartilhar o resto de sua vida.

Desta vez umas lágrimas grosas chegam rápidas, e agarro Rome como se minha vida dependesse disso, descarregando a merda da dor reprimida.

Após um ou dois minutos, as lágrimas secam, Rome bate em minhas costas e, voltando para o dr. e a senhora Hart, digo—lhes:

—Tenho que ver minha Mamma. Volto logo, está bem? Diga a Pix que vou voltar.

Ambos assentem enquanto Rome relutantemente me leva a sala de espera ao fundo do corredor. Meus amigos estão todos

esperando do lado de fora: Cass e Jimmy—Dom, Ally e Reece, e Molly, segurando firmemente meu irmão mais novo.

Levi levanta a cabeça, com os olhos arregalados pelo medo, enquanto retorno e lhe convido a unir-se a mim.

—Temos que ver a Mamma, menino — Digo com uma voz desolada e áspera.

Levi fica de pé, com uma coragem que jamais tinha acreditado ser possível, ele se junta a mim e juntos entramos na sala. O dr. Small estava lá quando entramos, e nos dá um sorriso compassivo.

Ver minha Mamma ligada a várias máquinas quase me matou, e eu sei que isto é o final. Agora é quando Chiara Carrillo é liberada de sua gaiola, dos limites de seu corpo maltratado.

—Austin, Levi, lamento lhes dizer isto, meninos, mas não há nada mais que possamos fazer. Sua mãe não sobreviverá a esta semana. É hora de dizer adeus.

Um grito de dor rasga do peito do Levi, e em uníssono caímos no chão esterilizado com lysol, e o envolvo em meus braços. Vários pés caminhando sobre o mosaico do hospital soam atrás de mim, e meus amigos se unem a nós no chão, nos apoiando enquanto nos rompemos.

Olhe para a Mamma na cama, e quase a posso ouvir dizer:

—A Famiglia nem sempre é de sangue, meu caro. A Famiglia é construída por pontes de amor. A Famiglia está lá para você

incondicionalmente. A Famiglia te apoia em seus momentos mais escuros de necessidade.

Levi e eu jamais estaríamos sozinhos. Estes aqui são nossa famiglia. Com uma exceção enorme. Mas eu estaria ferrado se minha Pix não sentir também este amor. Apenas tinha que descobrir primeiro como salvá-la de si mesma.

Capítulo 26

Austin

Três dias mais tarde e não houve nenhuma mudança. Passava meus dias e minhas noites aqui no hospital, trocando de uma sala a outra. Minha Mamma estava em coma, sem alteração em seu estado, e Pix estava perdida em sua cabeça, sem mudança nela tampouco.

Me deslocando no menu do iPhone que seu pai trouxe, pressiono para reproduzir sua canção favorita, "Sleeping Sun" do Nightwish, as letras inquietantes encheram a sala. Mas minha Pix nem sequer se moveu, apenas ficou quieta, ausente, com o olhar perdido para o outro lado da sala.

A porta se abre atrás de mim, e quando olho ao redor, o dr. Hart está na porta, segurando uma espécie de livro marrom em sua mão. Depois de jogar uma olhada devastada em Lexi, faz-me um gesto para segui-lo para fora.

Assim que fecho a porta, o dr. Hart se move diante de mim, movendo o velho livro marrom.

—Quando encontrei isto esta manhã no quarto do Lexi e comecei a lê-lo, não sabia se para te abraçar ou te deter por suas atividades extracurriculares. Soube quando te conheci naquele dia no hospital que foi um Heighter. — Assinala a Stidda em minha bochecha. — Essa famosa estrela te delatou. Mas não sabia que era um traficante de cocaína também. Meu primeiro instinto foi p de expulsá-lo daqui e não deixar você ver minha menina nunca mais.

Assimilo suas palavras cortantes e me sinto como o pedaço de merda que me faz ser.

—Mas então segui lendo o funcionamento interno da mente frágil de minha filha, e seu auto ódio e a solidão que tinha tido desde adolescente pareceram desaparecer quando entrou em sua vida. — Ele pôs uma mão em meu ombro, lágrimas enchem seus verdes olhos... olhos iguais aos de Lexi. — Ela te ama, filho. Ela te ama tão violentamente que nunca pensei que veria esse dia. Você a fez ver a si mesmo como bonita.... Não sabe o quanto significa isso para mim, para sua mãe. Com você, ela viu a si mesmo como digna. Por isso, devo-lhe o mundo.

O dr. Hart se quebra nesse ponto, com o peito arfando.

Ponho minha mão em seu braço.

—Mas eu ferrei tudo. Eu a deixei.

O dr. Hart levantou a cabeça e colocou o livro marrom em minhas mãos.

—Este é seu diário. Você tem que ler. Quero que o leia. Marquei as entradas que se referem a você.

Olho o livro como se fosse uma bomba em minha mão, e o dr. Hart começa a se afastar sem dizer uma palavra, mas olha para trás e diz:

—Se ela conseguir sair disso, você tem que sair dessa gangue. Minha filha não ficará em perigo nunca mais.

—Já foi feito. No momento em que entrei neste lugar e vi minha alma gêmea na cama do hospital. Se ela conseguir sair disto, senhor, vou fazer o que for necessário para recuperar sua confiança... e a sua.

O médico suspira.

—Sabe, Austin. Você é um bom menino. Muito bom, mas perdido, rapaz. Confio que fará a coisa certa. —Com isso, ele se afasta.

Arrastando os pés na solitária sala, fecho a porta e abro as páginas que revelavam os complexos pensamentos da mente de Pix.

Querida Daisy.... Esta é minha primeira carta para você...

Querida Daisy.... Estou apavorada. Não estou comendo, não estou dormindo...

Querida Daisy... A noite passada foi a noite mais mágica de minha vida...

Querida Daisy... eu gostaria que estivesse aqui.... Nunca vejo Austin agora, e me sinto como se meu coração estivesse quebrando...

Agarrando o diário em minhas mãos, quase rasgo o papel. Suas palavras eram afiadas, assustadoras, e eu acho isso muito difícil de ler.

Mas com um longo suspiro, eu me volto para a entrada sobre mim. Foi escrita no último dia que tínhamos falado, depois de fazer amor na casa do verão. Pouco antes de deixa-la para sempre...

Meus olhos caem sobre as palavras...

Querida Daisy,

Querido... você...

Por onde começar...?

Há tantas coisas que desejaria ter lhe contado. Há tantas coisas que eu gostaria de poder dizer agora. Mas me falta coragem. Seria incapaz de expressar as palavras que tanto quero dizer, muito

temerosa de sua rejeição. Assim em vez disso, desafogo-me aqui, nas páginas que mais aprecio. Sou muito fraco para lhe dizer isto cara a cara, mas...

Eu amo você.

Eu te amo profundamente, sinceramente, sem hesitação, sem condições.

Apaixonei—me por você. Do menino quebrado que só conheceu problemas e lutas. Entretanto, o menino quebrado conseguiu arrumar esta garota quebrada, pelo menos por um tempo.

Não sempre estive quebrada. Quando era criança, minha vida era feliz. Foram intermináveis dias do verão e primavera. Mas em um desses dias, enquanto jogava sem preocupações entre as margaridas, uma profunda geada se lançou sem prévio aviso, roubando toda sua brilhante luz. Depois o inverno se descongelou e as folhas de outono começaram a brotar. Mas o sol nunca voltou completamente. Dias e dias passavam perdendo—se em uma capa lúgubre de incerteza, até que... até que pouco a pouco, os raios de sol começaram a romper o manto de cor cinza e expor seus raios de cura. Esses raios de cura que eram seus.

Durante um tempo, o sol brilhava a cada dia. Os pássaros piavam e o tempo gasto descansando no calor, com o conteúdo do resplendor de seu sol.

Mas uma vez mais, o inverno implacável retornou, trazendo dias escuros para sempre, e com ele, toda a perda da esperança.

O sol nunca voltou a brilhar de novo, e sem ele, tudo murcha e morre... até que não há nada, nada mais que um deserto vazio de dor.

Nós não duramos. O senhor sabe que não o fizemos. Rompemos na hora mais crítica, e meu coração se partiu em pedaços. Eu caí em um profundo e escuro poço, sem esperança de ser resgatada.

Durante um tempo, com você a meu lado, eu era normal. Durante um tempo, com você a meu lado, sentia-me bonita. Mas esse tempo se acabou. Esse tempo já passou. O último grão de areia nesse relógio de areia que é minha resistência à voz, e estou escolhendo me deixar finalmente levar.

Aconteceu tão gradualmente que nem sequer me dei conta que estava de volta na escuridão até que perdi meu caminho, completamente sozinha, nenhuma luz para me guiar, não tinha você para me guiar.

Pensei que estava curada, em um lugar melhor, um lugar mais saudável, mas me equivoquei. Finalmente sei que se culpará por tudo isto, mas você foi minha razão para me segurar durante tanto tempo como eu fiz. Minha razão para lutar a batalha que não podia ganhar.

Pelo menos por um tempo.

OH, como eu gostaria de ter te conhecido antes.

Eu gostara de ter conhecido então. Talvez ele teria lutado mais contra a voz em minha mente. Talvez as coisas não teriam saído fora de controle.

Eu teria tido você. Só você me faz forte.

Se eu tivesse te conhecido antes, talvez poderia ter interceptado o caminho escuro que estava destinada a seguir com sua luz. Talvez poderíamos ter sido o guia de ambos. Nos mantendo unidos um ao outro contra o furacão que são nossa vida.

Mas chegou muito tarde, e me cansei muito.

Muito para seguir lutando por este reservatório vazio que eu chamo de minha vida, uma vida de desolação que agora está vazia de você.

Se pudesse voltar no tempo, te buscaria. Olharia ao redor do mundo até te encontrar e fazer que se apaixone por mim uma vez mais. Precisaria de você, e você de mim, e toda a dor, todos os demônios que abrigamos no fundo, teriam desaparecido antes de que tivessem a oportunidade de criar raízes. E todas as cicatrizes que sofremos e usou com vergonha, nunca teriam tido a oportunidade estabelecer-se em nós.

Mas estou perdida sem você.

Eu não posso respirar sem você.

Sem você aqui, tudo o que posso fazer é cair...

Com as mãos tremendo, volto a ler a entrada e outra com punhais implacáveis golpeando meu coração. Nunca soube.... Nunca soube que se sentia assim...

Como pude havê-la deixado? Eu estava errado, tão fodidamente mal, e, ao fazê-lo, a arruinei. O pedaço de lixo que arruinou tudo para ela.

De pé, deixo que meus pés me levem a sala de Lexi, e em silêncio abro a porta. "All I Need" do Within Temptation se reproduzia pelo alto—falante, ela adorava esta canção. Ouço o coro soar e uma lágrima cai pelo rosto pálido de Lexi. Uma parte de meu coração pula para a vida. Essa foi a primeira reação que teve em todos os dias que estive sentado ao lado de sua cama.

Agarrando o diário no meu peito em silêncio saio da sala, pego uma caneta do balcão da enfermeira, e volto para a sala familiar, procurando uma página em branco, e eu começo a escrever.

Capítulo 27

Lexi

Não podia acreditar que esteja de volta aqui outra vez. Não posso acreditar que esteja de volta nesta sala. As lembranças do passado invadem minha mente... tinha só dezesseis.

Fico olhando o relógio pendurado na parede no pequeno escritório estéril, sentindo três pares de olhos em mim.

Tic—tac, tic—tac, tic—tac...

Não olhei em sua direção. Que sentido tinha? Eles não entenderiam. Ninguém entendia.

Tic—tac, tic—tac, tic—tac...

—Lexi? Está ouvindo o dr. Lund? — Pergunta minha mãe secamente, ou está desolada? Não podia dizer nada. Não lhe importava.

Inspire. Espire. Mantenha a calma. Eles não podem mudar o que você não deixe que eles mudem, a voz me garante, e me sinto relaxar.

Fique forte, Lexington. Você sabe o que é o melhor. São só alguns quilos. Escute-os e eles certamente farão você falhar. Você não deve falhar. Chegou longe. Me sinta. Confie em mim. Confia em quão bem te faço parecer. Sinta-me em sua mente, te levando à perfeição, a voz pressiona e assume o controle.

—Lexi! — Mamãe se rompe.

Movo minha cabeça longe da vista de uma segunda mão em seu hipnotizem círculo, dançando descaradamente contra o plástico branco do relógio em frente em uma parede pintada de branco—neve.

—Lexi, lhe tiramos da escola, aos dezesseis! Tudo, líderes de torcida, as aulas de ginástica, as aulas de dança se acabaram. Sua bolsa de estudos, líder do Estado do Oklahoma foi, revogada e dada a outra pessoa. Tudo despareceu! Está escutando isto? Todos os

seus sonhos. Tudo pelo que trabalhou tão duro, durante anos, desapareceu!

Meus olhos se estreitam em sua explosão emocional exagerada, mas me mantenho em silêncio. Os olhos de minha mãe, entretanto, estão anormalmente grandes enquanto me olha, as lágrimas brilhando. Meu pai, estoico como sempre, segura sua mão firmemente.

—Lexington. Você está inserida. Não está melhorando, apesar de nossos esforços.

Podia ver a boca do dr. Lund movendo-se, os lábios tensos. Curiosamente, as palavras parecem fluir de sua boca e sair pela janela atrás dele. Sorrio enquanto olho às letras de sua frase dançando em cores primárias e escapando para o céu azul brilhante de verão, flutuando suavemente na brisa leve.

—OH, pelo amor de Deus, Lexi! — Meu pai grita, provocando que eu salte. Deixa ir a mão de mamãe e se agacha diante de mim, segurando minhas mãos. Seus dedos começam a acariciar cada centímetro de meus dedos muitos magros e meus ossudos nódulos. Os olhos chorosos de papai piscam até nossas mãos estão unidas. Uma única lágrima salpica os azulejos de cerâmica branca sob meus pés. Por um momento, meu estômago se transforma enquanto olho para papai, tão quebrado, mas a voz em meu cérebro sufoca o solitário gancho de compaixão que luta por ser ouvido.

A voz sussurra: eh—eh—eh, Lexington. Não ceda a suas emoções. Elas te fazem fraca. Lembre-se, está tentando que falhe. Todos eles estão. Não deve deixá-los. Pensa em quão longe chegou. Mantenha-se forte. Só mais alguns quilos e estará perfeita. Juntas, vamos fazer que esteja perfeita... perfeita.

Meus ombros se endireitam desafiantes, e puxo minhas mãos. Papai cai de joelhos em uma miserável derrota.

A voz tinha razão. Todos estão tentando bloquear o caminho para o meu objetivo.

—Lexington, estamos te perdendo. Você não consegue ver isso? — Sussurra, movendo-se de volta para sentar com mamãe, novamente pegando as mãos nas suas. — Por favor... volte conosco, querida. Você é tudo o que temos. É nosso mundo. Todo nosso mundo. Esta... esta... doença tem reprimido você. Lute com ela, querida. Lute com ela com todas as suas forças. — Pede-me, baixando sua cabeça uma vez mais.

O dr. Lund pigarreia.

—Lexington Hart, a anorexia nervosa vai te matar. Esta gravemente desnutrida e tem sido durante muito tempo. Serei franco com você, já que continua se negando a um cumprir com qualquer intervenção e descaradamente está ignorando todos nossos conselhos.

Olho através da janela grande enquanto uma pomba se elevava no céu lá fora, só para descer acentuadamente e retornar

na borda da janela da sala do dr. Lund. Seus olhos negros se lançam através do escritório antes de depositar sua atenção em mim. Sua cabeça se inclina para um lado como se necessitasse informação sobre o que estava errado.

—Se você não parar isso em breve, estamos falando de alguns meses, antes de que seu corpo deixe de funcionar. — O Dr. Lund continua, mas estou focada na pomba. É branca, pura, bonita. Por um instante, desejo ser essa pomba, para poder voar para longe. Voar longe de toda esta... confusão... esta pressão para ser.... perfeita.

—Está em um estado de desordem agora, você está perdendo seu cabelo, seus rins estão falhando, seus dentes estão apodrecendo, seu incessante expurgo desgastou seu esmalte a nada, e seu coração está muito cansado para lidar.

O dr. Lund suspira e se inclina para diante, mas minha pomba e eu mantemos o contato visual. Não queria escutar o que o Dr. Lund tem a dizer. Sei que ele está tentando me assustar.

O médico se inclina para frente e pega a minha mão, me obrigando a olhar seu rosto sério.

—Isto é tudo, Lexi. Isto é tudo a que se resume, é o momento de escolher se vive ou morre, bem aqui, bem agora. Tudo se resume neste minuto, este segundo. Combater isso. Bata isso de uma vez por todas. Por sua família... por você mesma.

Concentro-me de novo no relógio da parede, nos segundos fazendo tic—tac. Sinto uma única lágrima deslizar por minha face, a gota molhada salpica na pele na palma de minha mão, agarrando minha perna. Vejo essa gota brilhar. Então levanto minha cabeça, vejo como a pomba parece endireitar-se em estado de choque com minhas lágrimas.

A compressão então me ilumina. Deixaria a todos que chegassem para mim. Eles se filtraram através de minhas fissuras. Deixei que me afastem de meu objetivo. Essa gota é minha força tentando escapar de meu corpo. Estava resolvido. Não haveria mais lágrimas. Não poderia falhar. Não falharia.

Sacudindo minha cabeça, limpo freneticamente minhas bochechas enquanto minha pomba se agacha, cavando suas plumas e quase parece sacudir sua cabeça. A pomba está decepcionada comigo. Outra a mais para adicionar a minha lista cada vez maior.

Salto quando sinto o sussurro de uma mão muito leve massagear meus ombros, me tranquilizando para relaxar. Caio em seus braços.

Não te dê por vencida agora, Lexington. Não podemos deixá-los ganhar. Nós estamos tão, tão perto, a voz sussurra no ouvido de minha mente, me envolvendo em seu casulo protetor. A voz, meu amigo mais próximo e mais odiado adversário, mantém-me a salvo. Me impede de falhar em meu propósito.

Não me daria por vencida ainda.

São somente alguns quilos a mais até a perfeição.

Minhas paredes emocionais começaram a reconstruir-se, apreciado tijolo por tijolo, bloqueando a culpa, bloqueando suas preocupações.

Muito bem, Lexington. Fez a coisa certo. Sempre estarei aqui, te empurrando para a perfeição. Somos uma equipe, uma equipe inquebrável. Nunca te deixarei, nunca. Juntos, não podemos fazer nada errado.

Um ruído surdo atrai minha atenção, e olho uma vez mais a janela aberta, a ligeira brisa do verão passa através de meu rosto. Minha pomba abre suas asas, virando-se para o mundo exterior, persistindo apenas para me dar um último olhar preocupado uma última vez. Lentamente, quando quebro o meu olhar, voa para longe, subindo no infinito céu azul, dançando para o sol, sendo livre, para não ser vista outra vez, me deixando e à voz a voz que me garante que nunca me falhará.

Não jogue para baixo, o que resta de mim.

Faca do meu coração um lugar melhor.

Enquanto escuto a inquietante letra de outra canção da lista de reprodução que Austin pôs, não posso evitar sentir um pouco de algo em meu peito. Os últimos dias foram um borrão, mas uma coisa que sei é que Austin esteve a meu lado.

Apenas nas pequenas fissuras de minha profunda depressão podia sentir o toque de sua mão, o movimento de seu dedo calejado movendo-se através de minha bochecha.

Não podia entender por que ele estava aqui.

Ainda pode ver o coração em mim?

Toda minha agonia desaparece.

Quando me leva em seus braços.

As letras se filtram em meu cérebro como uma mensagem musical, e antes de que me dê conta, sinto a umidade deslizar por minha bochecha. Sei que estou chorando. Só pensar em Austin pode fazer que se quebrem os muros altos da voz.

Enquanto olho para fora da janela para o sol ardente do inverno, a visão de umas plumas brancas chama minha atenção. Uma pomba voa sobre uma árvore atrás de minha janela e se empoleira no ramo.

É linda.

Lembro-me da tatuagem na garganta de Austin, à pomba que via todos estes anos atrás quando fui internada a primeira vez. Sua visão sempre me acalmou. A pomba: a característica representação de amor e paz.

Ouço o ranger da porta de meu quarto, não me viro, mas logo sinto o cheiro de chuva de verão de Austin, esse gostoso, refrescante aroma que era tão genuíno nele. Austin se senta a meu lado, pega minha mão e toca meu rosto. Mas não diz nada, apenas se senta junto a mim, me querendo.

Mas desta vez é diferente.

O som de algo colocado na bandeja de comida faz que meus ouvidos deem uma espetada, e com um pesado suspiro, escuto a Austin me deixar sozinha.

Enquanto olho para a pomba, virando sua cabeça, quase como me estimulando a olhar para baixo.

Levanto a mão fraca, consigo derrubá-la um pouco de lado e vejo meu diário sobre a bandeja. Está aberto em uma página, mas franzo o cenho quando me dou conta que a letra não é minha.

Olhando para a porta fechada, eu lentamente puxo a bandeja mais perto de mim e começo a ler a intrusa mensagem em meu bem mais precioso...

~~*Querida Lexi,*~~

Querida Pix,

Por onde começar?

Acho que deveria começar com uma desculpa.

Tenho feito muito errado com você. Fodidamente errado.

Eu fui quando mais precisava de mim. Deixei você sozinha com a voz, sabendo que estava sendo cada vez mais difícil para você a cada dia. Pensei que te deixando fora de minha fodida vida, poderia evitar que saísse ferida. Que voltasse a cair em seus poderosos braços. Mas tudo o que fiz foi te esmagar te fazendo sentir indesejada... rejeitada, e isso não pode estar mais longe da verdade.

Meu tempo com você nos últimos meses foram os mais especiais de minha vida. Depois de anos de ocultar a vergonha do que era e de onde vinha, você me aceitou por mim, sem desculpas, só por mim. Sonho com você. Sonho com você todo o tempo. Sonhos que, antes de você, eu nunca teria acreditado possíveis.

E agora está aqui, neste inferno, e eu não posso chegar até você. Não posso leva-la a falar. Por favor, Pix, diga algo. Só uma

única coisa, assim saberei que não desistiu da vida, de seus amigos... de nós.

Necessito-te tanto que não posso respirar. Tudo está errado sem você em minha vida. Conte-me. Volte para mim. Lute contra a voz, por mim. Não direi adeus a você também.

É engraçado. Estava acostumado a olhar as estrelas e me sentir tão pequeno e insignificante. Mas percebi que a única coisa que pode te fazer sentir vivo e importante é a pessoa que te aceita por quem você é.

Uma vez me disse que se perguntava se as estrelas olhavam para nós. Se tinham pena pela escória que somos? Mas agora vejo a verdade. Agora eu me compadeço das estrelas. Porque por mais que os humanos se danifiquem uma e outra vez, também podemos nos apaixonar. Temos a oportunidade de estar com a outra metade de nossa alma, a que nos completa. Tudo o que as estrelas podem fazer é olhar para baixo, desejando estar sentindo está emoção esmagadora mesmo assim liberadora.

Eu preciso de você, Pix.

Preciso tanto que volte para mim... e quando o fizer, tenho duas palavras que finalmente quero tirar de meu peito.

Então quando estiver preparada, olhe para cima. Estou esperando por você, baby. Sempre estarei aí, esperando por você para vir para casa.

Levantando os olhos borrados fora da página, olho para a porta, e ali, encostado no batente da porta como um anjo caído, está Austin, com os braços cruzados sobre o peito e seus olhos escuros fixos em mim.

Incapaz de encontrar a força para levantar minhas mãos para limpar a umidade em meu rosto, deixo que a cascata de lágrimas caia de meus olhos e olho o menino quebrado que amava tão ferozmente engolir e sussurrar com voz rouca:

—Por que a pintura de guerra, Pix?

Minha frequência cardíaca lenta acelera a um ritmo alarmante, e fechando os olhos, empurro para baixo a voz que tinha estado me controlando durante meses e finalmente confesso:

—Porque sou anoréxica. Sou seriamente anoréxica, e tento esconder do mundo.

Austin inclina para trás a cabeça e se morde o canto do lábio inferior. Ele também está chorando.

—Por que as tatuagens, Austin?

Austin fixa seu olhar em mim e responde:

—Porque fazem o fodido, assustado menino perdido do parque de trailers parecer duro. Fazem que se sinta o suficientemente forte para lutar com o espetáculo de merda que ele chama vida.

Inalando pelo nariz, solto um soluço alto e ouço os passos de Austin correr até minha cama, e agarrar minha mão na sua.

—Pix! Porra, Pix. Estou com muito medo. Estou tão fodidamente apavorado de te perder.

Abrindo os olhos olho fixamente aos seu e sussurro:

—Tenho muito medo também. Eu não quero morrer. Não quero perder. Mas eu não sei como ganhar.

Envolvendo-me em seus braços, evitando minhas costas, Austin sobe na cama, com sua camiseta negra e jeans amarrotados de dias de uso. Em frente a mim na cama, os dois quebramos em lágrimas, exorcizando nossos demônios e expondo nosso verdadeiro eu, pela primeira vez em nossas vidas.

—Não temos mais segredos — Me acerto para dizer com um pequeno sorriso quando nos acalmamos, e em completo silêncio.

Levantando-se em seus cotovelos e acariciando o cabelo do meu rosto, Austin diz:

—Não é bem assim, Pix. Há mais uma coisa que tenho que te dizer.

Não sabia se era o tom de sua voz ou o olhar sério em seu rosto, mas os nervos transformaram meu corpo e prendo a respiração em espera.

Austin abaixa a cabeça, seus lábios quase encontrando-se com meus, e confessa:

—Ti amo, Pix. Tantissimo ti amo.

—Você... você me ama? — Pergunto, ainda em choque.

Austin assente.

—Mais do que as estrelas no céu.

Sinto como se fogos de artifício explorassem em meu peito e, encontrando a força para levantar minha mão trêmula, ponho-a sobre sua barba áspera e sussurro:

—Eu também te amo, Austin. Eu também te amo.

Austin aperta seus lábios contra meus e deixa beijos como plumas em minha boca. Puxando para trás, diz:

—Preciso que melhore, Pix. Eu preciso de você e ponto. E estive me fazendo tremer de medo estes últimos dias.

Eu só posso olhar para ele.

—Você é linda, Pix. E acredito que seria muito bom estarmos juntos. Sei que eu estraguei tudo. Mas já foi feito. Agora eu percebo. Axel desapareceu, e juro que vou resgatar Levi dos Heighters mesmo que seja a última coisa que faça.

Levando minha mão em seu rosto, sussurro:

—Esta é sua salvação, Austin. Sua oportunidade de sair... e te amo mais que a minha própria vida.

Lágrimas enchem seus olhos, e diz:

—Tem que começar a comer, Pix.

Eu não respondo, porque não sei se eu poderia prometer.

—Porque eu continuo tendo este sonho. Este maldito sonho que parece muito real para ser só uma ilusão, que é algo que nunca pode ser realidade.

Meu pulso acelera.

—O que... o que acontece nesse sonho?

Austin pressiona beijos em minha mão e diz:

—Estamos você e eu. Estamos em uma praia em alguma parte, perto da água. Você está rindo tão forte, tão livre. Você está saudável. Forte. E temos três meninos, diabos. Todos com cabelo e olhos escuros. Estão correndo espirrando água enquanto eu seguro você em meus braços, observando-os. Sinto que ri contra meu peito, e não a merda falsa que mostra para seus amigos. É uma risada feliz de verdade, a risada de seu coração.

—Austin... — Eu interrompo, vendo o sonho tão vividamente em minha mente, que minhas emoções saltam por todo o lugar.

—Pix, nunca me permiti pensar assim antes. Para ser honesto, nunca pensei que viveria além de minha adolescência. —

Austin pressiona seus lábios contra minha palma... com seu rosto desesperado para que o escute e queira esse sonho também. — Mas me fez querer mais. Da vida. De um Deus que pensei que tinha me abandonado. De mim mesmo. Me fez acreditar que poderia haver mais por aí que simplesmente andar com drogas e armas. Então você não pode morrer, Pix. Porque realmente quero que o maldito sonho se torne realidade. Eu realmente preciso que isso aconteça.

Queria lhe assegurar, dizer a ele que tudo ficaria bem, mas não podia seguir adiante com meu futuro até que conquistasse os demônios de meu passado.

—Baby? — Sussurra Austin. — Eu te amo.

—Austin... minha bolsa está aqui?

Austin franze o cenho com minha pergunta mas olha ao redor da sala procurando minha bolsa. Levantando-se, pega na cômoda e a leva para a cama.

—Abra. — Eu peço. Austin faz e eu digo: — Olhe no compartimento com zíper. — Uma vez mais, ele faz e sei que sentiu a fotografia quando suas sobrancelhas se levantam com interesse.

Austin se senta na borda da cama e pega a velha foto. Pouco a pouco vejo o reconhecimento em seu rosto. Seus olhos se dirigem aos meus.

—Está é você?

Tentando deter meu lábio de tremer, confirmo.

—Tinha dezesseis anos. Foi tirada no campo de líderes de torcida um mês antes de ficar doente. Antes de que a anorexia chegasse em minha vida e começasse a me destruir. —Tomo uma respiração profunda. — Essa era eu antes das pinturas de guerra. Antes de me esconder do mundo.

Austin passa o dedo sobre a velha fotografia enrugada.

—Você é uma loira natural.

—Sim. Era o estereótipo de líder. Loira, bronzeada e cheia de vida. Maquiagem perfeita, estudante de pós-graduação. Falsas aparências.

Austin se inclina e passa a mão pelo cabelo.

—Você estava linda loira, Pix, mas como eu prefiro o preto. Você sabe que eu adoro o look amadurecido.

Com o coração acelerado e o pulso palpitante, pergunto:

—Suponho que acha que essa garota é mais bonita que a que vê agora, né?

Austin pega a fotografia e a põe de novo em minha bolsa, e ao fazê-lo, coloca meu passado sobre a cama. Tomando minha mão na sua, diz—me:

—Agora é aí onde se engana. Sempre será linda para mim, Pix. Nada do que faça vai mudar isso. Baixa, alta, gorda, magra,

loira, morena... desde que seja você, sempre e quando a verdadeira você brilhe.

A felicidade explode em meu peito com suas palavras porque me dou conta de que ele fala sério, e não posso conter minhas lágrimas.

Lágrimas escorrem pelo rosto de Austin também e, pressionando sua testa na minha, diz:

—Pix, eu preciso que comece a comer... por favor. Vai tentar por mim? Eu te peço isso...

—Eu... vou tentar...

—Então isso é tudo o que posso pedir.

Austin se move para baixo para pressionar o mais suave dos beijos em meus lábios...

A voz em minha cabeça fica em completo silêncio.

Capítulo 28

Lexi

—Por que nunca nos disse isso, Lex? — Pergunta Cass, sua personalidade guerreira habitual ficou reduzida a uma menina tímida.

—Eu lutei durante tanto tempo que quando cheguei à universidade, queria fazer amigos que não soubessem a respeito de meu passado.

—Entendemos isso, querida. — Diz Molly e beija a palma de minha mão. — Mas, por que nunca nos falou de Daisy? A respeito de perder e estar em luto por sua melhor amiga?

Encolho os ombros, sob meus olhos e digo:

—Daisy e eu nos conhecemos no hospital. Nós duas tínhamos dezesseis anos. Ela era tão próxima a mim como uma irmã. Inferno, durante anos, ela foi todo o meu mundo. Entendia o que

era viver com este transtorno. Poderíamos fortalecer uma à outra, mas poderíamos também nos romper uma à outra. Nós confiávamos uma na outra para não comer, mesmo nos encorajando a morrer de fome. Quando ela morreu, eu já não sabia como lutar com esta doença sozinha... e não queria aborrece-los, com meu sofrimento. Acho que pensei que voltar com as líderes de torcida novamente, poderia me distrair. Me ajudar... estava errada.

—Sabe que estamos aqui sempre para você, para sempre, certo? — Diz Cass através de sua garganta apertada.

Limpando minha garganta obstruída, digo-lhe:

—Eu sei agora.... Eu sei.

—E como chegou a esse ponto? — Pergunta Ally. — Como chegou a ser.... desta maneira?

Fecho os olhos, simplesmente lembrando daquele dia.

—Eu estava torcendo na universidade, e um cara que eu gostava jogava para a equipe de futebol. Depois do jogo, estávamos todos ao redor e ele se aproximou de mim e disse: "Tem que parar de comer chocolate, Lex. Está começando a engordar". — Abro os olhos e respiro profundamente. — Foi tão simples como isso. Um comentário como esse e mudou toda a minha vida. Fui para casa essa noite mortificada e disse a minha mãe que não me sentia bem e pulei o jantar. Cinco meses depois, estava hospitalizada por anorexia grave nervosa e não me animei outra vez... até o ano

passado. — Suspiro e balanço a cabeça. — Acho que pensava que era mais forte do que realidade era.

Olho para os rostos de apoio de meus melhores amigos e lhes digo:

—Embora eu agisse como se fosse uma garota amante da diversão ao redor de vocês, isso não significava que não confiasse em vocês. O caráter falso, a maquiagem gótica, era sobre como lidar com minha desordem. Era minha máscara, meu escudo. Isto não quer dizer que não os ame. Que não aprecio sua amizade.

—As lágrimas de um palhaço —diz Molly tristemente em resposta. Fecho os olhos. Ela entende exatamente o que eu estou tentando explicar.

—Que merda significa isso? — Diz Cass com sua habitual efervescência.

—Os palhaços pintam as expressões em seus rostos com maquiagem, certo? E todos sabemos que essas expressões não são reais, as lágrimas pintadas, por exemplo. Todos sabemos que não estão realmente chorando, as lágrimas são falsas. Ninguém pode ver o verdadeiro rosto sob a máscara do palhaço. Eles representam seu papel corretamente graças a sua maquiagem: tristeza, felicidade, diversão, e assim por diante. Disfarça sua verdadeira personalidade para o mundo. Sua maquiagem esconde como realmente são..., portanto, as lágrimas de um palhaço.

Os olhos de Cass se enchem de lágrimas e volta sua atenção de novo para mim.

—Então se não é a divertida e alegre boba Lexi que todos conhecemos, se isso era sua máscara de palhaço... quem você é?

—Não... eu não sei. Estive fingindo por muito tempo, acho que ainda estou tentando descobrir isso eu mesma. Mudei muito para ser a Lexi de minha adolescência, e este transtorno me definiu durante tanto tempo que perdi o sentido de meu verdadeiro eu.

Cass balança a cabeça e me dá uma piscada alegre.

—Então vamos ter um monte de diversão arrancado as camadas e descobrindo quem é você. Sexy Lexi!

Pela primeira vez em muito tempo, uma risada livre e genuína sai de minha boca.

—Estamos contentes que você está melhorando. — Ally acrescenta, alegremente balançando a cabeça para Cass enquanto acaricia minha mão.

Cass solta uma leve gargalhada.

—É obvio que ela vai ficar melhor. Ela conseguiu se envolver com Carillo, que está malditamente louco por ela. Esse tipo é pecado em uma vara! Uau!

As quatro nos detivemos e lançamos nossos olhares uma à outra antes de explodir em gargalhadas.

Era bom rir. Sentia-me bem abraçar a vida.

Tinham passado dois dias que Austin havia me trazido de volta para ele, e me sinto um pouco mais forte. Eu reiniciei as minhas sessões com o Dr. Lund, e era de esperar, que poderia conseguir que as coisas funcionassem lentamente, mas seguro de novo.

Estive rezando todas as noites, orando para ter força para leva-lo a cabo.

Eu não quero morrer, suplicava. Quero que o sonho de Austin para ambos se torne realidade.

—Perdemos muito de você, Lex. — Diz Molly, e engole as emoções provocadas.

— Prometa que vai nos dizer se você se sentir assim de novo. Eu quero essa promessa com um pacto de sangue, se for possível — Olho para Cass e tento prometer cruzando meus dedos fracos. As quatro nos sentamos em silencio por um momento, desfrutando de nossa proximidade.

Uma batida na porta soa, e Rome entra, seu rosto está desolado e sua atenção se foca em mim.

—É o momento.

Meu sentimento bom logo desaparece, e imediatamente tento me sentar, mas imediatamente caio de volta.

—O que, garota! O que está fazendo? — Diz Cass com medo, e meus amigos se levantam todos de um salto, tentando colocar de novo na cama.

Estendo-lhes a mão.

—Não! Austin precisa de mim. Não posso deixa-lo fazer isso sozinho.

Molly olhe para Rome, que assente.

—Dê-me um minuto. — Com isso, sai da porta, só para voltar minutos depois com uma cadeira de rodas e uma enfermeira, que imediatamente começa a me desengatar a máquina da intravenosa e fixa a bolsa na parte de trás da cadeira de rodas.

Avançando para mim, Rome pergunta:

—Posso te levantar para te acomodar na cadeira?

Lutando contra o pânico habitual com o fato de alguém me tocar, especialmente minhas costas, rapidamente aceno, e Rome me levanta em seus braços e me coloca na cadeira, contenho a respiração e fecho os olhos.

Isto é por Austin.

Por Levi...

Por Chiara.

Eu só tinha que chegar a Austin.

—Tem certeza que está suficientemente forte para isto, querida? — Pergunta Ally, e concordo enquanto Cass começa a me empurrar pelo corredor para o quarto da mãe de Austin. Parando na porta, aceno para Rome abri-la.

Cass me leva, e imediatamente vejo Levi e Austin em cada lado da cama, ambos angustiados e cada um segurando as mãos sem vida de sua mãe enquanto o médico se situa na cabeceira.

Os olhos de Austin saltam para os meus e seu rosto se contorce pela dor. Ele desliza da cama e corre para mim, de joelhos no chão, coloca sua cabeça em meu colo. Cansadamente levanto minha mão, passado os dedos por seu cabelo escuro desordenado.

—Não acho que posso fazer isto, Pix — Diz através de um espesso nó em sua garganta.

Lutando contra minhas próprias lágrimas, eu digo:

—Sim, pode, querido. Tem que ser forte. — Quando olho para cima, vejo Levi ao lado da estreita cama de sua mãe, olhar perdido ali, sentado completamente sozinho.

Segurando minha mão, sorrio para Levi, quem traga em resposta.

—Vem aqui, querido — Digo.

Levi dá um passo hesitante antes de parar e perguntar:

—Você está... você está bem agora, Lex? Continua morrendo de fome? Você parece tão magra...

Resistindo a risada com suas palavras contundentes, sussurro:

—Eu vou estar, querido. Eu vou estar...

Levi então agarra a minha mão como se fosse sua fonte de força, seus dedos tremem contra os meus.

Austin levanta a cabeça quando o médico limpa a garganta.

—Austin, Levi, a frequência cardíaca de sua mãe está desacelerando agora. É hora de dizer adeus.

Austin me olha, e solto a mão de Levi. Austin se levanta e tomando a mão de Levi aproxima-se da cama.

A mão livre de Austin fica junto a ele, me buscando, e Rome me leva para ele enquanto o resto de nossos amigos está de pé na parede do fundo, silenciosa e respeitosamente.

—Espera! —Austin diz pausadamente e busca no bolso seu iPhone. Confusa, vejo o que estava fazendo. Ao pressionar reproduzir uma canção de sua lista de música, coloca o telefone junto à cabeça de sua mãe.

O "Ave Maria" começa a tocar suavemente através do telefone, e Austin olha com tristeza o rosto sereno de sua mãe.

—Ela nunca dorme bem sem escutar isto. Sempre a faz sorrir... e sempre deve te encontrar com Morfeo sorrindo.

Luto duro para não me quebrar com esse ato devastador.

—Lev, diga adeus a mamãe, menino — Diz Austin bruscamente, tentando ser forte, e Levi se aproximou mais dela e deposita um suave beijo em sua bochecha.

—Benedica ti Dio, Mamma. Ti voglio bene[16].

Levi se move para trás e Austin ocupa seu lugar. Levi está chorando, estendo minha mão e tomo a sua, trazendo-o de volta para mim.

—Mamma... —Austin chora, e o médico dá um passo para frente, pressionando a mão em suas costas.

—Você tem um minuto, filho.

Austin acena e, movendo seu iPhone mais perto, diz:

—Axe não está aqui agora, mamãe. Mas ele quer que te diga que te amava. Tudo o que você foi para nós. Entendo isso agora, embora ele tivesse uma maneira diabolicamente divertida de demonstrar. Espero que algum dia se sinta orgulhosa dele.

Suspira tremulamente quando o monitor cardíaco começa a diminuir a uma velocidade assustadora, uma contagem regressiva angustiosa até o final da vida da Chiara Carillo.

---

[16] Deus te abençoe,mãe. Eu te amo.

"Foi muito boa para esta vida, Mamma. Sempre pertenceu ao céu. Deve estar com os anjos e longe desta vida de merda. — Austin se rompe com um grito de dor, e aperta sua mão na minha e não posso evitar chorar junto com ele.

Inclinando-se para frente, Austin acaricia o cabelo castanho de sua Mamma de novo, assim como Andrea Bocelli alcança um crescendo e no monitor do coração ressoa com um longo e contínuo assobio, dizendo a todos que Chiara Carillo morreu.

À medida que o médico apagava o monitor e o silêncio enche o quarto, Austin dá um beijo em sua cabeça e lhe sussurra uma última vez:

—Buona notte, e dormi bene, mia cara. Ti voglio bene.

Boa noite e dorme bem, querida. Eu te amo.

Capítulo 29

Austin

Ela se tinha ido embora. Mamma tinha ido embora.

Enquanto me levanto do corpo da Mamma, lanço um olhar ao redor da sala e não tenho ideia sobre que porra fazer agora.

Mas logo que olho minha Pix, meu peito se sente um pouco mais leve. Me agachando a sua cadeira, dou-lhe um beijo na cabeça e sussurro:

—Eu amo você.

—Eu também te amo.

—Se quiser esperar na sala de estar do outro lado do corredor, terá tudo para si mesmo. — Informa o Dr. Small.

Balanço a cabeça entorpecido, fico atrás da cadeira de Lexi e começo a tirá-la da sala... e a dirijo diretamente a um maldito pesadelo.

No momento em que entramos no corredor, dois policiais se aproximam de mim, com o reitor.

—É ele, ali mesmo — Diz o reitor, apontando em minha direção.

Os policiais se dirigem para mim, pegando suas algemas.

—Austin Carillo, você está preso por tráfico de drogas e distribuição de narcóticos classe A na universidade. — Eles leram o resto de meus direitos, me batendo contra a parede e algemando meus pulsos.

—Austin —Lexi grita, e a vejo tentando sair de sua cadeira, com seus braços magros que não podem suportar seu peso.

Eu encontro com os olhos de Rome.

—Cuida dela e Lev!

Rome assente, e Molly corre para acalmar Lexi.

Quando os policiais me levam, Rome grita:

—Vou chamar meu advogado! Ele irá encontrá-lo na delegada!

Enquanto me levam pelo corredor, o reitor caminha ao meu lado.

—Era só uma questão de tempo, Carillo. Temos um estudante de primeiro ano que afirma que você lhe vendeu coca. Porter acaba de acordar, e estamos aguardando seu testemunho a qualquer momento. Diga adeus de seus sonhos sobre a NFL. Não é um modelo a seguir para os meninos jovens. Seu lugar é atrás das grades.

O sorriso de orgulho em seu rosto me enlouquece, e rosno:

—É um maldito imbecil, minha mãe acaba de morrer e você vem e faz isso!

O reitor vira para mim, parecendo genuinamente simpático, e diz:

—Minhas condolências, filho. Mas a justiça deve ser feita, e estou certo que sua mãe gostaria que pagasse por seus erros. Os pecadores devem ser punidos e rezar pelo perdão.

—Não tenho feito nada de errado! Nunca vendi nada a ninguém!

O reitor se dirige rapidamente para a porta.

—Bem, isso será decidido por um júri. Um júri e Deus.

Durante doze horas, fui deixado sentado em uma cela de detenção. O advogado de Rome se apresentou cerca de uma hora depois de minha chegada, e estive sentado sozinho desde então.

Tinha a garganta tensa quando pensava na Mamma, Pix, em Levi agarrando a mão de Pix... Porra, porra, porra, porra! O que faço se apresentam acusações contra mim? O que aconteceria com Levi? O que acontece se Pix cai de novo? E se....

—Carillo, está livre para ir. —Um policial chega à porta da cela, com suas chaves estralando na fechadura, e abre a pesada porta de aço e faz um gesto para que saia.

Levanto-me, caminho para o policial e digo:

—Não entendo. Como é que estou livre para ir ?Pensei que seria acusado.

O policial se encolhe de ombros.

—Acontece que alguém fez uma confissão. Ele assumiu a responsabilidade por toda a coisa. Todas as acusações desapareceram.

Minhas sobrancelhas se franzem com confusão, e sigo o policial para a delegacia, onde meu advogado, Rome, JD, e Reece,

todos estavam esperando. Os quatro se levantam e correm para mim.

Olho diretamente para o meu advogado.

—Quem diabos confessou?

O policial olhou a papelada e depois me olhou nos olhos.

—Um homem chamado Axel Carillo.

Meu coração para. Axe? Está de volta? Como...?

Rome se adianta e diz:

—Lev o chamou do hospital, deixou-lhe uma mensagem dizendo o que tinha acontecido. Acontece que o menino tem bolas, oitenta e três. Ele começou xingando no telefone sobre como era sua culpa e que não era justo que fosse assumir a responsabilidade por isso.

—Deixamos Lev com as garotas e viemos aqui para a delegacia, esperando para ver o que estava acontecendo com você, quando Axel entrou pelas portas principais, insolente como o inferno, e confessou tudo. Disse que tinha sido a pessoa que forneceu as drogas no campus por todo o ano e foi quem deu a Porter e ao estudante de primeiro ano. Ambos verificaram a história. — Rome me deu uma palmada nas costas. — A bolsa de estudos e registro acadêmico não será afetado por isso. E ainda pode entrar no draft.

Foda-se.

—Posso vê-lo? — Pergunto ao advogado com voz rouca.

Ele balança a cabeça.

—Não vão deixar você entrar ali. Eu poderia pedir se...

—Cara? —Ouvi atrás de mim, e Axel, algemado, estava sendo levado para uma sala por alguns policiais, o reitor o segue detrás, com a cabeça baixa envergonhado ao passar por a mim.

—Axe! — Grito, ignorando o reitor e corro até meu irmão, envolvendo meus braços ao redor de suas costas. Os policiais se mudam na mesa e entregam uns papéis ao secretário, e, finalmente, solto meu irmão.

—Olá, cara. — Axel tenta sorrir, mas parece malditamente miserável. Cansado mesmo. — Então, Mamma morreu? — Pergunta com seu típico tom chuta traseiros.

—Sim —respondo, contendo as lágrimas. — Foda-se, Axe, tudo foi para o inferno.

Ele nega.

—Não, cara. Foi exatamente como eu sabia que aconteceria

—O que você quer dizer? — Eu perguntei confuso.

—Esta é sua oportunidade, Fratello. Você tem que sair da gangue, da Bama. Leve Levi com você. Use o futebol para começar

de novo. Esse menino me ensinou por telefone sobre o maldito fracasso que eu sou e o malditamente santo que você e sua garota são.

Meu coração incha quando imagino Levi me defendendo.

—Mas, o que acontece com você? — Pergunto-lhe.

—Sempre estive destinado a terminar trancado aqui, cara. Sempre. Está sempre foi minha sorte na vida, mas você tem a oportunidade de sair. Um novo começo.... É o que a Mamma sempre quis. Ela sempre soube que você chegaria longe, superestrela... sempre e quando não se envolva comigo e os Heighters. Tem a oportunidade de tornar seu sonho realidade. Tem a oportunidade de valer a pena todos seus anos de luta para que seja um bom homem.

—Gio não nos vai deixar nem a mim nem Levi sair da gangue, Axe, especialmente porque você está fora. Nós vamos ter que mudar para outro estado ou algo assim, ficar escondidos.

—Gio não será um problema. Tenho certeza disso.

Uma sensação de vazio chega a meu estômago.

—O que você fez?

Axel encolhe os ombros.

—Pedi alguns favores. — Meu duro olhar lhe disse que queria saber mais. Axel suspira e se aproxima mais, certificando-se que já

não estão escutando. — Gio não ia permitir que os dois saíssem. Mataria os dois se tentassem. Ambos estariam em perigo. Então me encarreguei disso.

—Axe, não...

—Pela meia-noite de hoje, Gio já não será um problema. Os Kings tomarão o território dos Heighter, e a gangue terá que reorganizar sua localização com um novo líder. Até então, você vai estar na NFL e longe daqui.

—Foda-se, Axe — Digo com uma voz grave. Meu irmão mais velho, finalmente se decidiu por nós. Traindo seu irmão na gangue, seu melhor amigo. O bastardo nos pôs em primeiro lugar, depois de tudo. — Será que isso permitirá que você retorne a sua vida?

Axel dá de ombros.

—Eu posso me cuidar na cadeia.

Lutando contra minha tristeza, digo:

—Sim, e que diabos vai fazer depois?

Axel solta uma gargalhada.

—Vou cumprir minha pena. Então irei viver com você, superestrela. Você terá uma maldita mansão até lá, certo? Capisci?

Rindo e respondo:

—Capisco.

—Carillo, vamos. —Um policial chegou atrás de mim, e Axel baixa sua boca a minha orelha.

—Sei que não fui o melhor irmão para você, cara. Sei que estraguei tudo mais do que fiz bem, especialmente com Lev. Mas a famiglia sempre foi tudo para mim. E quero que saiba como malditamente orgulhoso que estou de vocês. Tenho orgulho de que você é meu sangue. Você e Lev. Me prometa que estarão bem.

Batendo minha mão na bochecha de Axel, eu o puxo para mim e beijo sua cabeça.

—Cuide de passar desapercebido e não se meta em nenhum problema, e quando sair, vou estar lá para te levar para casa.

Axel sorri amplamente.

—É um acordo? Porque vou me segurar a isso.

—É um acordo. — Eu respondo, quebrando em um sorriso.

Com um gesto brusco, a polícia começa a afastar Axel, quando se vira com lágrimas nos olhos.

—Se foi pacificamente?

Meu coração se parte quando eu percebo que estava falando da Mamma, e tenho que cruzar os braços sobre meu peito para evitar que minhas mãos tremam. Não conseguia falar, então apenas balancei a cabeça.

—Isso é bom, cara. Isso é fodidamente bom. Pelo menos ela finalmente é livre de novo, né?

O policial leva Axel, e viro para me reunir com meus amigos.

Jimmy—Dom coloca o braço ao redor de meu pescoço.

—Você está preparado para voltar para sua Pix e irmão, e começar a viver uma vida correta, moço?

Soltando um longo suspiro, aceno. Começar a viver. Isso é o que vou fazer. Cortar toda a merda com os Heighter e realmente começar a viver.

Mais tarde naquela noite, Giovanni "Gio" Marinho foi baleado a partir de um carro em Westside Heights. Não houve testemunhas do assassinato, e os Kings imediatamente se apoderaram do território dos Heighter.

Capítulo 30

Lexi

Draft da NFL, Segunda Rodada.

Radio City Music Hall, New York.

Dois meses depois...

—E para San Francisco 49ers15... Austin Carillo, do Alabama Crimson Tide!

Os olhos de Austin se encontram com os meus enquanto nos sentamos atrás dos bastidores na Rádio City Hall e, segurando minha mão, Austin a leva até seus lábios. Ela estava tremendo.

—Pix... Porra — Ele fica em silêncio, e me inclino contra seu ombro enquanto seus olhos estão fechados orando.

—Austin! Os 49ers! — Grita Levi e salta de sua cadeira. Austin solta minha mão e se levanta para abraçar seu irmão, os dois se apertam, apenas saboreando a magnitude deste momento.

Austin se afasta, atordoado, e caminha para o funcionário no palco para receber sua camiseta.

Estou assistindo-o na tela da televisão e não posso tirar o sorriso do meu rosto.

—Como se sente querida? — Pergunta Ally com preocupação.

—Estou bem, apenas um pouco cansada, mas bem.

Já passaram dois meses desde a minha recaída, e já ganhei vinte quilos. É um processo lento, mas estava melhorando a cada dia.... com a ajuda de Austin. E ele também estava melhor. Ele arrumou uma casa para Levi, longe de Westside Heights, e nunca ouvi nada da gangue outra vez.

A cadeira de repente afunda ao meu lado, e o rosto sorridente de Levi olha em minha direção

15 São Francisco 49ers: A equipe de futebol americano, chamado assim pelos mineradores da Califórnia em plena febre do ouro

.

—Dá para acreditar, Lexi? Iremos para San Francisco!

Tocando sua mão animada em seu colo, devolvo-lhe o sorriso

—É obvio que sim, querido. Você vai começar novamente, fará algo realmente bom para você na Califórnia.

O sorriso do Levi cai e inclina sua cabeça

—Também virá, certo? Também estará lá com a gente?

Sob meus olhos antes de lançar uma olhada ao redor de meus amigos. Todos tinham decidido vir junto com o draft aqui em NYC. Rome foi o primeiro em ser eleito pelo draft ontem e estava se dirigindo para os Seattle Seahawks. Tínhamos celebrado com eles ontem à noite. Mas hoje era a vez de Austin.

Meus amigos me olhavam com simpatia enquanto luto com a pergunta de Levi. A verdade é que, não tinha certeza de estar bem o suficiente para ir a qualquer lugar fora de Tuscaloosa neste momento. Porra, ele tinha tido que pedir insistentemente ao Dr. Lund para que me permitisse vir aqui durante alguns dias. E além disso, Austin não tinha mencionado que me queria com ele. Depois de ter uma vida normal durante as últimas oito semanas, depois de anos de agitação, não estava certa de que queria levar a sua namorada anoréxica na viagem. Era muita pressão para ele.

—Apenas vamos desfrutar do dia, querido. Podemos ver como andam as coisas mais adiante no caminho.

Os olhos de Levi se enchem com preocupação, mas não dura muito tempo quando Austin reaparece, agarrando sua nova camiseta dos Niners.

Sua expressão é de completa incredulidade, mas sei que ele vai... E estava malditamente segura que sua mãe também estava vendo isto, dançando de felicidade uma vez mais. Ele está sorrindo com orgulho para o homem que se tornou seu filho.

Rome fica de pé e apertando Molly ao seu lado, diz:

—Vamos sair para comemorar?

Austin me olha, sei que está verificando se me sinto bem o suficientemente para ir. Assento:

—Posso lidar com um par de horas mais.

O sorriso em resposta de Austin quase me derruba.

Meu menino quebrado do parque de trailers está recompondo-se lentamente outra vez... tomando meu coração e alma na viagem.

—Sente-se bem, Pix? — Pergunta Austin enquanto entramos em nosso quarto de hotel mais tarde naquela noite, alongando-se e tomando minha mão na sua.

Sorrindo, assento e engulo minha apreensão. Austin e eu passamos todos os dias juntos nos últimos meses, mas ainda tínhamos que fazer amor novamente. Ele foi a cada reunião que tive, ficou comigo no hospital, junto com Levi, até que me deram o alta e me enviaram para a casa dos meus pais, onde apareceu todos os dias e apenas ficava a meu lado, me amando.

Há duas semanas, falei com meus pais para lhes pedir que me deixassem voltar para minha casa da irmandade, mas esta era a primeira vez que estávamos realmente sozinhos.

Pressionando um beijo na parte posterior de minha mão, Austin me deixa ir e começa a dirigir-se para o banho, tirando o casaco enquanto o fazia.

Ele parecia tão belo vestido, todo elegante com seu terno preto, seu cabelo escuro e coloridas tatuagens luzindo pecaminosas contra o corte caro do tecido.

Austin olha para trás, com seu stidda parecendo menos grave em seu rosto.

—Só vou tomar uma ducha. Voltarei logo.

Assim que a porta do banheiro se fecha, caminho lentamente para o espelho e, mantendo meus olhos baixos, conto até três.

Um... dois... três...

Abrindo meus olhos, olho à garota na minha frente e solto um longo e profundo suspiro. Olho seu cabelo escuro, engrossando lentamente depois da grande perda que tinha causado sua recaída. Seus olhos verdes estavam delineados de preto e seus lábios pintados com um vermelho escuro e profundo.

Nunca será magra, Lexington. Você nunca será. Nunca seremos boas o suficientemente para ele, nunca será bonita o suficiente.

Apertando meus olhos fechados, deixei que a voz continue falando. Então os abri novamente, olhei o reflexo e sussurro:

—Sim, você é. É bonita pare ele. Não vai te rejeitar. É linda, e ponto.

A voz cai em meu subconsciente, e de repente sinto o calor em minhas costas e o aroma da chuva enche meu nariz. Olhando no reflexo atrás de mim, Austin está lá, apenas em boxer, parecendo além de perfeito e escuro, havia apenas adoração em seus olhos, e meus medos desaparecem.

Austin levantou sua mão e desliza o dedo por minha bochecha, acariciando o oco de minha bochecha, e beija ao longo de minha pele quente.

Fechando os olhos, chego à parte de trás da sua coxa e o aproximo, sentindo sua dureza contra mim.

—Austin... — Sussurro e sinto uma piscina de calor em meu núcleo.

—Pix... — Diz com voz rouca, e me viro em seus braços. Minha palma plana em seu peito, levanto-me nas pontas dos pés e beijo gentilmente a tatuagem da pomba branca na parte inferior de sua garganta.

Agarrando meu pescoço, Austin rola seus quadris e geme:

—Porra... Pix.... Eu preciso...

Recuando, pego a mão de Austin e o levo até a enorme cama. Austin está me olhando confuso, faço um gesto para que se sente na borda.

Fazendo como eu peço, Austin senta-se em um lado da cama, e passo minha mão por seu cabelo, seus olhos rodam para trás pelo meu toque. Sua reação me enche de coragem.

Quando se move para segurar minha cintura, eu me afasto, Austin inclina sua cabeça.

—Pix? O que acontece?

Incapaz de falar com a intensidade do que estou prestes a fazer, balanço a cabeça e alcanço o fecho de meu vestido. Os olhos de Austin aumentam, e meu olhar não deixa o seu.

Baixando o fecho, fecho meus olhos e com uma respiração profunda, deixo que o tecido negro caia no chão. Pego Austin

respirando dolorosamente, e enquanto abro meus olhos outra vez, está apertando os lençóis em seus punhos, olhando fixamente meu sutiã e calcinha como se não pudesse resistir, seu comprimento duro abaulando no tecido de seu boxer.

Subindo minhas mãos até o fechamento frontal de meu sutiã, meu coração bate em meu peito, lentamente libero meus seios e deixo cair o sutiã no chão. Me sentindo pequena e fraca, quase vacilo em minha ação, até que um gemido frustrado escapa dos lábios de Austin enquanto percorre com fome meu corpo quase nu.

Inalo uma respiração afiada.

Não estou lhe dando nojo.... Estou o excitando...

As mãos tremem com a importância do momento, engancho meus polegares nas laterais de minha calcinha preta e a empurro para baixo por minhas pernas.

Enquanto me endireito, olho para Austin diretamente nos olhos, e as lágrimas enchem seu escuro olhar italiano.

—Pix... — Sussurra, pegando minha mão, me puxando para o seu peito e passa suas mãos por meus seios e estomago. — É tão fodidamente bonita, — diz com voz rouca — Você, assim... perfeita...

A perfeição... a meta que sempre lutei para conseguir.

Quase me derretendo por dentro em suas palavras honestas, respondo:

—Sou bonita... com você...

E então eu percebo: já não tenho medo de Austin. Não tenho medo de descobrir meus medos, todos os meus segredos... minha alma... a mim mesma.

De repente, envolvendo suas mãos ao redor de meu pescoço, Austin me puxa sobre ele e bate sua boca com a minha.

Estava perdida em seu toque.

Minhas mãos se agarram às mechas desordenadas de seu cabelo, e sua língua empurra entre os cantos de minha boca, em duelo com a minha como se quisesse se colocar em minha pele.

Me separando de sua boca, uso as mãos no colchão para me arrastar lentamente por seu corpo, beijando a pele quente de seu estômago, seus músculos tendo espasmos e esticando-se abaixo.

—Pix... Cristo, isso me faz sentir bem... — Murmura e assume meu cabelo.

Ao chegar a cintura de seu boxer, afundo meus dedos e a deslizo por suas coxas e fora de seus tornozelos, me desfazendo dela no chão com minha roupa.

Estamos pele contra pele, e nos detemos, assimilando o que isto significa. Eu conquistei meu maior medo. Estou nua diante de Austin. Finalmente sou completamente eu mesma, com Austin.

É perfeito.

Me fazendo rolar sobre minhas costas, Austin abre minhas pernas e se apoia em minha entrada. Sua língua lambe ao longo da pele quente de minha garganta e seus dedos percorrem meu tronco, todo o caminho até que roçar em meu núcleo. Tremores atormentam meu corpo quando Austin deixa um rastro úmido de beijos sobre meus seios, por meu estômago, e através de meus quadris. Com suas mãos apertadas na parte interior das coxas, e, me olhando, Austin empurra minhas pernas e move seu corpo para baixo na cama até que sua boca bate no vértice de minhas coxas.

—Querida, tenho que te provar. Estive querendo te lamber por muito tempo.

Engolindo meus nervos, Austin abaixa a cabeça e sua língua percorre minhas dobras lentamente. Minha cabeça se inclina para trás e um longo gemido escapa de meus lábios quando Austin rodeia e me chupa com seus lábios e língua quente.

Instintivamente, meus quadris se agitam contra sua boca, e sinto como se estivesse flutuando no ar, alcançando um céu que nunca havia tocado antes.

—Porra, Pix, tem um gosto tão bom. Malditamente bom. — Austin murmura contra minha carne, e calor queima minha pele.

—Austin! — Eu choro quando insere seu dedo dentro de mim, pressionando contra esse lugar perfeito dentro no meu canal. A sensação de queda enche-me e, quando Austin aumenta a

velocidade de sua língua, corro contra sua boca, Austin geme acariciando seu comprimento, enquanto o faz.

Levantando a cabeça, os olhos de Austin estão determinados enquanto se eleva sobre meu ruborizado corpo nu e satisfeito. Enquanto fica ao longo de minha umidade, me esticando. O mesmo acontece com Austin.

—Pix? — Pergunta com voz tensa.

Pega meu rosto em suas mãos.

—Eu quero... —Tomo uma respiração fortificante. — Quero estar... por cima. Tenho que tomar as rédeas de esta noite...

Os olhos de Austin se abrem e o vejo engolir.

—Tem certeza?

Assentindo, levanto meu peito, e Austin nos acomoda, por isso estou escarranchada sobre ele entre suas coxas.

—Camisinha? — Pergunto—lhe bravamente, mas sei que meu rosto está ardendo com meu rubor.

—Na gaveta de acima — Responde, e me inclinando, pego um pacote de papel dourado e o abro com os dentes.

Austin retira a camisinha de minhas mãos, e observo como rola ao longo de seu comprimento. Acariciando minhas panturrilhas, detém-se quando posam em minhas coxas.

—Está pronta, Pix? — Pergunta, e seus olhos estão de repente preocupados.

Me inclinando para frente, encontro seus lábios com meus, degustando a mim mesma em sua língua, e baixando meu corpo, tomo seu comprimento na mão e o guio em meu interior.

Ao empurrar sua dureza dentro de mim até o fim, Austin rompe o beijo com um suspiro, com suas mãos firmes quase deixando marcas em minhas coxas.

Me sentando, grito quando Austin se empurra dentro de mim, me fazendo sentir tão incrivelmente cheia, mas não o suficiente. Queria ser possuída por ele, consumida por ele, e quando olho em seus olhos italianos, posso sentir essa necessidade nele também.

Aquietando meus quadris, o pescoço de Austin se tenciona e seu polegar acaricia com doçura minha coxa.

—O que acontece, baby?

Tomando um suspiro trêmulo, agarrando suas mãos a seguro diante de mim.

—Quero que me toque.

Franzindo o cenho, Austin pergunta:

—Onde, Pix? Onde posso tocar em você? Apenas me diga... só me diga onde.

Quando minhas mãos começam a tremer de nervoso, Austin morde o canto de seu lábio inferior, e eu com cautela guio suas mãos ao redor de minhas costas.

Austin congela e tenta retroceder.

—Pix, não. Não. Não tenho que te tocar lá. Tudo bem. Não quero ativar seu gatilho.

Meu coração salta uma batida diante de sua consideração, e respondo:

—Quero que me toque aqui. Quero ser tua, e quero que seja meu em todos os sentidos, sem obstáculos em nosso caminho. — Sob as pálpebras com vergonha e sussurro:

—É o último de meus muros... e... e...

Os dedos de Austin se entrelaçam com meus, e diz:

—O que, Pix?

—Quero que você seja o único que finalmente quebra esse gatilho. Tudo isto começou com a rejeição de um menino que eu gostava... E quero que termine com a aceitação da pessoa que eu amo.

Suas narinas se abrem e assente de acordo.

Mantendo o olhar fixo nos meus, guio suas mãos nas minhas costas e, fechando os olhos, aliso sobre minha pele.

Em um primeiro momento, as palmas de Austin se sentiam como placas de ferro, e não podia respirar.... Não posso respirar! Está acontecendo outra vez! Eu... eu...

—Shhh, Pix. Está tudo bem —Austin me tranquiliza e começa a mover suas mãos para cima e para baixo em minhas costas com um movimento lento e rítmico. Concentro-me no movimento de suas mãos, e, minutos mais tarde, minha respiração se acalmou e meus olhos se abrem de repente.

Está tocando minhas costas.... Está tocando minhas costas.

—Austin... —murmuro enquanto as lágrimas caem de meus olhos.

Levantando seu torso, nossos estômagos agora carne com carne, Austin esmaga seus lábios com meus, e começa a me balançar sobre ele.

O calor se constrói entre nossos corpos, movemo-nos mais rápido, e com cada carícia da mão de Austin em minhas costas, sinto-me profundamente apaixonada, desfrutando da confiança total que se está edificando, junto com nossa libertação quando agarro seu cabelo escuro e bagunçado.

Ofegando, Austin se separa de meus lábios e deixa escapar um longo gemido, interminável.

—Pix... me vou gozar. Vou gozar com força, querida.

Ofegando sem fôlego, agarro com força o cabelo de Austin e pressionei minha testa à sua.

—Eu também... Vou A.... ah... Austin... Já vou.... Deus... estou...

Fechando meus olhos, luzes explodem, e sinto a Austin esticar-se, suas unhas cavando em minhas costas, e geme alto em meu pescoço.

Ainda unidos, nossos corpos agora escorregadios pelo suor, ficamos juntos enquanto descemos de nosso mútuo êxtase... do momento em que nossas vidas mudaram... de despir nossas almas... de finalmente quebrar meu gatilho.

A respiração quente de Austin contra meu pescoço, e quando olho para cima, vejo o amor puro brilhando através deles.

—Ti amo —sussurra, seus longos cílios como a tinta úmida pela emoção. — Ti amo, Pix.

Acariciando seu rosto, respondo:

—Te amo. Te amo tantíssimo.

O sorriso ao responder a Austin poderia ter obscurecido o sol por ser tão brilhante.

—Puoi Parlare Italiano, Pix? — Você pode falar italiano? Diz Austin entre beijos em meu pescoço.

—Ci sto provando. —Estou tentando, digo em troca.

Soltando uma gargalhada e passando seus lábios sobre a meus seios, Austin se retira, envolvendo minha mão com a sua, e me diz:

—Venha comigo para San Francisco. Venha comigo e Lev. Eu sei que é a nossa família.

Batendo minha mão livre em meu peito, começo a sacudir a cabeça.

—Você não quer isso, Austin. Ainda me estou recuperando desta doença, e não precisa se distrair comigo enquanto tenta abrir caminho no mundo.

—Eu preciso de você. –Diz com firmeza. - Preciso tanto de você. E poderia estar lá para você... para te ajudar.

—O que... acontece se tiver outra recaída? Seria muito...

—Então vou estar lá para te ajudar a passar por isso. Não quero jogar futebol na Califórnia sem voce. Eu preciso de você.... Eu preciso de você pra caralho. Você me salvou de mim mesmo... e salvou Lev também.

Sorrio diante do repentino brilho de uma lembrança.

—O que? — Perguntou Austin, sorrindo também.

—Naquela noite, no parque de trailers quando sua mãe quis falar comigo, disse-me algo semelhante.

Assimilando a profundidade da menção de sua mãe, Austin sussurra:

—Disse?

Assenti e pondo minha mão em seu rosto e digo:

—Ela me disse que costumava pensar que seria você quem salvaria a sua família, com o futebol. Mas depois de me conhecer, soube que seria eu quem te salvaria.

Austin tenta afastar as lágrimas piscando, mas uma escapa e corre para baixo em sua bochecha.

—Disse que minha alma corresponde a sua.

—Ela tinha razão, Pix. — Levanta o olhar rapidamente como orando silenciosamente antes de fixar sua atenção em mim. — Então, o que você diz? Se mudará comigo. Prometo que nunca te deixarei cair de novo.

—Tudo bem. — Digo com um sorriso feliz. — Vou me mudar com você.

Pressionando sua testa na minha, Austin suspira e diz:

—Porra.

Capítulo 31

Austin

Florença, Itália

Um ano depois...

—È tua moglie quella?

É sua esposa? A idosa da confeitaria me pergunta quando estou parado no balcão pagando a conta.

Observo Lexi olhando às pessoas do Firenze entrando na Piazza della Signoria com um sorriso no rosto. Meu peito encolhe com a visão. Seu doce rosto bronzeado pelo forte sol de inverno da Toscana, seus lábios de uma cor rosa escuro devido ao batom ridiculamente caro que constantemente leva, e seus belos olhos

verdes pálidos abertos amplamente com intriga. Ama a Itália. Porra, ela ama a vida de novo.

Meu pequeno duendecillo emo que já não é tão emo. O cabelo de Lexi ainda é negro brilhante até o queixo, negou-se a desprender-se dessa parte, mas já não usa cores escuras como armadura, já não se mela com maquiagem branca e delineador Kohl para ocultar o que era repulsivo, dela mesma.

Observo como um cara atrás do outro a olha descaradamente quando passam por sua mesa. Típico, malditos italianos, penso apreciando sua pequena figura, mas completa, mostrada por seu vestido curto e vermelho de verão. Estranho, mas não me incomoda muito. Eu adorava vê-la assim, livre de seus demônios por um tempo, tomando de volta o controle dia a dia. Ainda tem seus momentos, dias de tropeço, mas sempre estou lá, para trazê-la de volta, e ela sempre está lá para mim, quando meu fodido passado joga com minha mente.

A idosa limpa a garganta, com um sorriso cativante em seu rosto. Abaixando a cabeça com vergonha ao ser descoberto olhando-a fixamente, sorrio e respondo:

—No, é la mia fidenzata.

Não, é minha noiva.

A idosa sorri amplamente e põe a mão em seu peito, olhando por cima de meu ombro para Lexi.

—Ah, giovane amore.

Amor jovem.

Uma mão suave repousa em meu ombro.

—È preziosa, tesoro. Proteggi il suo cuore.

É linda, querido. Protege seu coração.

Assento, acariciando os conselhos da mulher, e respondo:

—Sempre. Sempre. È l'amore della mia vita. —Sempre, sempre. É o amor de minha vida.

Caminho de volta com o Lexi do outro lado do terraço cheio ao ar livre e ponho minha mão em sua nuca. Uns grandes e belos olhos me olham, e sorri.

Ainda me roubava o fôlego.

—Você está pronta, Pix? — Eu pergunto e lhe estendo a mão para que tome. Lexi cobre minha mão com a sua, e me inclino para lhe dar um beijo em seu anel de noivado, um diamante negro de quatro quilates encaixado em ouro negro de dezoito quilates, nada melhor para minha garota gótica. Não era muito grande, nem muito sofisticado, mas com encaixes na borda e é completamente ela.

Corando, levanta-se e envolve seus braços ao redor de meu pescoço. Seu rosto está repentinamente sério.

—Estou preparada, querido. Você tem certeza que está?

Inalo profundamente, dou um beijo nos lábios de Lexi, afastando-me apenas para dizer:

—Eu estou.

Caminhamos de volta para a nossa casa privada em uma impressionante colina em uma vila afastada, agarro-me à mão de Lexi como se pudesse me dar coragem. Não responde nada. Ela sabe que hoje ia ser um dia difícil para mim, e para Levi, mas sempre é meu apoio silencioso. Porra, tem sido assim todo o tempo, certo? Mantendo meus segredos, mantendo os dela.

Lexi se mudou comigo para San Francisco. E no último ano, juntos abrimos um centro de tratamento para jovens com transtornos alimentares. Chamei—o "O sorriso do Daisy", e estava muito orgulhoso dela. Ajudava os outros, mesmo que ainda estava recuperando-se.

Não podia esperar para me casar com ela, tê-la como minha esposa, mas concordamos que o dia chegaria quando se sentisse completamente confortável novamente. Sentir-se como ela mesma de novo. A recuperação de Lexi seria um processo longo, e queria lhe dar algum dia o casamento de seus sonhos, não um nublado por suas inseguranças. Realmente não me importava de esperar. Vejo-a como minha alma gêmea, minha vida, independentemente de um pedaço de papel para nos dizer o que somos legalmente.

Dez minutos mais tarde, depois de um ritmo lento e constante, Lexi e eu entramos através da porta da vila, Lexi estava

sem fôlego pelo excesso de exercício. Ainda está fraca, mas cada vez mais forte com o tempo.

Levi imediatamente nos recebe na porta, ansioso que nos puséssemos em marcha. O menino parecia bem nestes dias. Arrumou-se. Seu cabelo loiro, curto e com estilo, junto com seus olhos cinzas e profundos com acento sulino, tinha às garotas de Califórnia molhando suas calcinhas por seu traseiro da Bama. Conseguimos eliminar sua stidda também. Renascendo novamente. Não precisava das marcas de seu passado sobre ele.

Desde que mudamos para San Francisco, tinha Levi em uma boa escola privada, uma boa escola de futebol e tinha obtido qualificações altas. Estava focado no futebol, e tinha a quase todas as malditas universidades do país querendo que jogasse para eles em um par de anos, ele era receptor com mais talento que já vi.

É obvio, Levi queria jogar para os Tide, a equipe de casa, mas ele não vai voltar para a Tuscaloosa. Não posso permitir isso. Ele deixou a gangue, e não vai aproximar-se do território dos Heighters nunca mais.

Estava malditamente orgulhoso do menino... Mamma também estaria orgulhosa do homem que está se tornando.

—Já vamos? — Pergunta Levi nervoso, e Lexi deixa minha mão e se move para dar-lhe um abraço. Levi envolve seus desajeitados braços e aperta ao redor de suas costas. Percebo o seu sutil estremecimento, mas era Levi, que a adorava. Tornou-se em

uma espécie de mãe para ele, assegurando-se de que não estivesse nunca mais perdendo uma figura parental em sua vida.

Pix tinha um coração de ouro.

—Você vai ficar bem, tudo ficará bem, querido. Estamos aqui para você. — Diz Lexi enquanto se inclina para atrás e esfrega os braços ao Levi.

—Eu sei, Lex. Simplesmente vai ser estranho, sabe? — Levi encolhe os ombros e se move para frente, eu o aperto em meus braços, puxando-o para trás apenas para pôr minhas mãos em suas bochechas.

—Andrà tutto bene, fratellino mio. Te lo guiro.

Tudo vai ficar bem, irmão. Eu juro.

Lexi caminha para nosso quarto, nos dando um momento de privacidade, e minutos mais tarde, reaparece segurando a pequena urna dourada de maneira protetora entre seus braços.

Seu pequeno sorriso encorajador me diz que é o momento.

A Mamma me contou que cresceu em El Ponte Vecchioe que era seu lugar mais precioso na terra, a Ponte do século treze que

passa sobre a porta superior do Fiume Arno, o Rio Arno. Isso simbolizava sua casa, Firenze, suas raízes, e sonhava nos mostrar toda sua beleza um dia.

Nunca teve essa oportunidade.

Quando a Mamma morreu, pulverizar suas cinzas no Alabama não pareceu o correto. Este era seu lar; Itália foi sua alma, seu coração. E já era hora de voltar permanentemente.

Lexi, Levi, e eu caminhamos lentamente ao longo de *El Ponte Vecchio*, com as mãos do Lexi segurando as nossas, nossa rocha neste momento tão intenso.

A simbólica atração turística estava extremamente deserta no inverno, mas hoje era um dia ensolarado. É como se Deus soubesse o que íamos fazer e queria apresentar seus respeitos, nos dando um pouco de privacidade para dizer nosso adeus final a sua filha.

Passamos por uma fileira de casas que se estavam ao lado da antiga ponte e me perguntei qual pertencia à família de mamãe. Sua nonna viveu em uma das históricas casas diminutas até sua morte alguns anos atrás, e Mamma me disse que não havia lugar mais bonito para crescer.

Olho para as casitas, a ponte, com assombro e imagino a minha Mamma correndo aqui quando era menina, brincando com seus amigos, cantando para os moradores em seu perfeito tom de soprano, com seus quadris dançando estendidos contra a brisa.

Esse pensamento me dá paz.

Quando chegamos ao ponto central da ponte, inclino-me sobre o antigo muro de pedra e olho para baixo, o fluxo da água corre debaixo. Sinto a mão de Lexi em minhas costas.

É o momento.

Retrocedo me endireitando, olho para Levi e engancho meu braço ao redor de seu pescoço. Os olhos do Levi se encontram com meus. Seus olhos cheios de lágrimas, mas como um campeão, meu irmão se manteve.

Soltando o braço de Levi, seguro a pequena urna com as duas mãos, mal percebendo às pessoas das casas que circulam ao nos ver dizer nosso adeus.

Ao me aproximar da parede, olho por cima da cidade medieval e sinto uma sensação de paz através de mim. Esta cidade é uma parte de mim. Il Duomo di Firenze, Palazzo Medici Riccardi, tudo isso. Tenho o sangue da Bama correndo por minhas veias, e tenho o orgulho de pertencer a verde, branca e roja[17] também.

—Querido? — Lexi sussurra e apoia sua cabeça em meu ombro. — Quer dizer algumas palavras? Já sabe, para a ocasião?

---

[17] Com estas palavras descreve o sentimento de sentir—se italiano também. Com as cores da bandeira italiana.

Agarrando a urna, apertando-a mais em minha mão, não posso tirar os olhos do dourado que reflete o sol. Viro a cabeça para o lado, pressiono um beijo na cabeça de minha noiva, respiro seu doce perfume e o utilizo para recuperar as forças.

Respirando profundamente, fico olhando a urna, com meus nódulos brancos ao redor dela, falo diretamente de meu coração.

—Mamma, sabia que este dia chegaria logo. Durante um ano planejei isto, trabalho duro para que se sinta orgulhosa... — Olho para Levi, que tinha colocado um braço ao redor de minhas costas, agarrando Lexi com força com sua outra mão, olhei-o nos olhos. — E Lev também.

Minha garganta se obstrui, mas a tosse me liberou e eu consigo seguir adiante.

—Passou um longo tempo desde que nos deixou, Mamma. Fiz seu sonho realidade e agora sou do San Francisco 49er. Sou bom, Mamma. Realmente bom. Chegamos a Superbowl este ano, mas perdemos contra os Seahawks. Contra Rome, Mamma. Eu desejava que pudesse ter visto os dois no jogo.

Deixo escapar um pequeno sorriso ao lembrar Rome me batendo nas costas e dizendo:

—No próximo ano.

—Lev está em uma boa escola e está trabalhando duro nela, e Axe.

Minhas mãos começam a tremer ao pensar em Axel. Ainda estava lá dentro, depois de ter completo um ano de sua condenação de dez por distribuição de drogas de classe A. O visito quando posso e lhe fiz uma promessa, quando ele sair, se mudará com a gente.

Nove anos.

Nove anos até que saia e comece sua nova vida.

—Axe, também está fazendo bem. Está mantendo-se discreto e afastado dos problemas lá dentro. Ele está estudando. Mamãe. Axe vai graduar se em ciências empresariais. Pode acreditar? Vai conseguir ser alguém, isso é certo. Ele vai fazer te sentir muito orgulhosa também.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando uma brisa fresca nos envolve. Parece como se a Mamma me estivesse ouvindo, e me encontro com a fodida realidade de quão difícil é deixa-la ir.

—Querido? Você está fazendo muito bem. Ti amo — Sussurra Lexi e de algum jeito encontro forças para seguir adiante.

—Você foi enganada nesta vida, Mamma. Tinha um coração de ouro e recebeu uma vida difícil. Mas nunca se queixou. Fazia o melhor do pouco que tinha e só amava seus meninos com mais amor do que alguém sonhou ser possível. Sabia que Bama nunca foi sua casa, Mamma, e que sempre quis voltar aqui, correr de volta entre os ciprestes, cantar no centro do palco do Teatro Di Verona, e repartindo o pão com sua família. Mas Deus tinha outros planos

para você. Sabia que tinha dado muito, muito jovem e queria tomar seu lugar de volta com ele no paraíso. Mas de uma típica maneira, antes de que fosse, assegurou-se que estaríamos bem, que íamos estar bem, que ia estar bem. Reconheceu meu milagre quando estava muito cego para vê-lo por mim mesmo.

Ouço uma respiração ao meu lado e olho para baixo para ver minha linda noiva, seu coração está quebrado, mas ainda me incentivou, com um enorme sorriso.

Cristo, a amo.

Levanto a cabeça para o vasto céu azul sem nuvens, imaginei a Mamma olhando para baixo em paz agora que os meninos Carrillo estão fazendo bem, com Lexi a meu lado. Todos estamos fora de problemas, fazendo as coisas direito.

—Cada dia que viva, vou tentar fazer que se sinta orgulhosa. Esteve sozinha sem nenhum homem que cuidasse de você, mas me ensinou o que era ser forte, o que era ser um homem. Amo Pix com tudo o que sou, e um dia se tivermos filhos, vou amá-los tanto quando você nos amou.

Desta vez, não consigo conter as lágrimas, e a água salgada começa a correr por meus olhos e bochechas.

—Que durma bem, Mamma. Espero que esteja cantando aí com um sorriso em seu rosto.

Deixando escapar um soluço, Levi se aconchega em meu peito e balança com a intensidade de sua dor.

Lexi leva a urna de minhas mãos para que possa envolver meu irmão em meus braços.

—Shhh, Lev. Tudo vai ficar bem.

A mão do Levi agarra a parte de trás da minha camisa enquanto se libera da pena de todo o ano:

—É estranho, Austin. Maldita seja é muito estranho. Não posso fazer isto.

—Sei, Lev. Eu sei.

Deixo que desabafe e olho para Lexi, que está lutando com todas as emoções. Agarrei-a pelo braço, e a envolvo, unindo-se a nós, os três lembrando uma das maiores mulheres que existiu.

Quando Levi se calma, o libero de meus braços e olho em seus olhos.

—Você vai dizer algo, menino? À Mamma teria gostado que fizesse.

Os olhos de Levi vão para os de Lexi em busca de apoio, e ela aperta o seu braço.

—Você pode fazer querido. Estamos aqui com você.

Levi assente e pega a urna, a olha fixamente com tristeza, mas consegue endireitar os ombros. Quase quebrei ao vê-lo tão forte.

—Austin? — Pergunta Levi.

Coloco uma mão em suas costas e levanto o queixo.

—Sim?

—Você acha que posso dizer uma oração em seu lugar? Você.... Eu tenho uma que acredito que poderia gostar.

Meu peito se aperta, e sinto Lexi tomar minha mão e apertá-la como apoio.

—Claro que sim, Lev. À Mamma teria adorado isso.

Levi se move à direita da parede e equilibra a urna sobre a antiga pedra. Inclina a cabeça e ouço Lexi ofegar quando os moradores ao redor de nós fazem o mesmo, apresentam seus respeitos a uma mulher que nunca conheceram.

"L'eterno repouso, doa a louro, ou Signore,

e splenda ad essi a luz perpétua,

possano lhe anime dei fedeli defunti,

Attraverso IL recordo dava Deu, risposare in pasta,

Amem."

Levi fala em perfeito italiano, a oração soa mais como uma canção em seus lábios.

Os desejos de que Dio ti benedica da população, Deus te abençoe, faz um eco ao nosso redor, e Lexi se aproxima um pouco mais.

—Isso foi lindo, mas que o que foi que ele disse?

Pondo minha boca em seu ouvido, sussurro:

"Conceda-lhe o eterno descanso, OH Senhor.

E que a luz perpétua brilhe sobre ela.

Que as almas dos fiéis mortos,

Através da memória de Deus, descansem em paz,

Amem".

—OH, Austin. É lindo — Diz Lexi enquanto coloca a cabeça em meu peito e derrama suas lágrimas pela mulher que conheceu tão brevemente, mas que amava tanto...

Coloco um beijo na cabeça do Levi, pressiono minha testa contra a sua e fecho os olhos. Não há palavras que dizer. Sei que estou orgulho dele...

Pego a urna dourada, abro a tampa e como uma unidade, todos nos movemos até a borda da parede para finalmente liberá—la.

Olho Lexi, e digo:

—Ti amo tantissimo.

Ela dá um beijo em meu braço.

—Eu também te amo, baby.

Dando uma olhada em Levi, assento, certificando-me que ele está preparado. Reunindo um pouco de coragem de dentro, meu pequeno irmão de quinze anos, acena como resposta. Ele está pronto.

Outra rajada de vento se filtra através da ponte fechada, e fecho os olhos e suspiro feliz.

Sei que estas aqui, Mamma. Te sinto conosco.

Ao abrir meus olhos, inclino-me para frente, e ao contar até três, deixo cair as cinzas de mamãe para o rio.

Quando a urna está vazia, a deixo cair nas profundidades do Arno e contenho a respiração vendo como Chiara Carillo dança livremente na brisa.

Exalando suavemente, sentindo o amor de Levi e Lexi ao meu lado, sussurro:

—Benvenuta a casa, Mamma. Benvenuta a casa.

Bem-vinda a casa, mamãe, bem-vinda a casa.

Epílogo

Lexi

Honolulu, Hawái

Dois anos mais tarde...

Querida Daisy;

~~Peso: N A~~

~~Calorias: N/A~~

Hoje é o dia de meu casamento.

Dá para acreditar?

Aqui, neste paraíso tropical, é o dia do meu casamento. E eu gostaria mais do que de qualquer coisa que pudesse estar aqui, ao meu lado, juntando-se a felicidade.

Cheguei muito longe no último par de anos. Já não tenho medo, nem apreensão enquanto me sento aqui no assento da janela, de frente para a praia de areia branca.

Sinto-me forte, revivida, mas o mais importante, sinto-me bonita. Nunca pensei que seria possível. Mas eu faço. Sinto-me verdadeiramente bela. Sinto-me bonita com Austin. Sinto-me verdadeiramente bonita com ele... dentro de mim.

A voz está ainda comigo. Sei que nunca me vai me deixar. Mas hoje, tudo o que escuto é o suave arrulho de minha mente e o maravilhoso canto dos pássaros à deriva a partir de fora de meu quarto.

Nunca tive tanta paz.

Minha jornada com você foi dura e longa, e mais do que eu teria gostado, cheia de dor. Mas hoje, rodeada por meus amigos e familiares mais próximos, sinto-me alegre e feliz de que esta seja minha vida.

Agora entendo que se não tiver percorrido por um caminho duro, não pode apreciar o que é verdadeiramente importante. Para mim, isto é, me aceitar, com defeitos e tudo. Mas também é amor. Estando total e perdidamente apaixonada pela pessoa que, apesar de tudo, faz-me sentir como a garota mais bonita na Terra.

Sei que depois de hoje, nunca vou estar sozinha com meus medos. Sei que depois de hoje, meu coração estará completo, unido

eternamente ao único homem que soube me amar da maneira que precisava que ser amada.

Ele me salvou. Eu o salvei.

E ele me fez a mulher mais feliz do mundo.

Uma vez jurei que nunca iria me apaixonar de novo. Mas hoje, apaixono-me voluntariamente.

Estou perdidamente apaixonada pelo bad boy italiano tatuado do lado errado das trilhas. E caio em seus protetores braços abertos com abandono cem por cento.

Esta noite marca oficialmente o início de minha bela vida nova.

Meu imperfeitamente perfeito para sempre.

E esta noite, sob o resplendor laranja ardente do pôr—do—sol do Hawái, na praia de pó branco, e contra os sons do mar azul ondulante, valorizarei a mais doce e bela queda...

Com Austin Carillo, a minha casa.

Próximo Livro

Sweet Hope (Sweet Home #3)

A História de Ally

Sobre a Autora

Tillie Cole e nativa do Tennessee de um pequeno povo do nordeste da Inglaterra. Cresceu em uma fazenda com sua mãe inglesa, pai escocês, uma irmã maia e uma multidão de animais recolhidos. Assim que pôde, Tillie deixou suas raízes rurais pelas brilhantes luzes da cidade grande.

Depois de formar-se na Universidade do Newcastle, Tillie seguiu seu marido jogador do Rugby Profissional ao redor do mundo durante uma década, tornando-se em professora de ciências sociais e gostava de ensinar os estudantes do ensino médio durante sete anos.

Tillie vive atualmente no Calgary, Canadá onde finalmente pode escrever (sem a ameaça de que seu marido seja transferido), entrando em mundos imaginários e as fabulosas mentes de seus personagens.

Tillie escreve comédia Romântica e novelas new adultos e felizmente compartilha seu amor pelos homens—alfa masculinos (principalmente musculosos e tatuados) e personagens femininos fortes com seus leitores.

Quando ela não está escrevendo, Tillie aprecia a pista de dança (preferentemente Lady Gaga), assistir filmes (preferivelmente algo com o Tom Hardy ou Will Ferral, por razões muito diversas!), escutando música ou passar tempo com amigos e familiares.